

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

PAULINA DE LIRA CARNEIRO

**METÁFORAS CONCEPTUAIS DA CORRUPÇÃO NA
CHARGE E NO BLOG JORNALÍSTICO**

João Pessoa/2012

PAULINA DE LIRA CARNEIRO

**METÁFORAS CONCEPTUAIS DA CORRUPÇÃO NA
CHARGE E NO BLOG JORNALÍSTICO**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Lucienne Claudete Espíndola**

João Pessoa/ 2012

C289m Carneiro, Paulina de Lira.

Metáforas conceptuais da corrupção na charge e no blog jornalístico/ Paulina de Lira Carneiro. - - João Pessoa: [s.n.], 2012.
212f. : il.

Orientadora: Lucienne Claudete Espíndola.

Tese(Doutorado) – UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Metáfora conceptual. 3. Moralidade e metáfora. 4. Corrupção e metáfora.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

PAULINA DE LIRA CARNEIRO

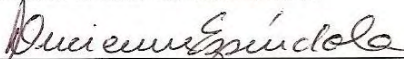
METÁFORAS CONCEPTUAIS DA CORRUPÇÃO NA CHARGE E NO BLOG JORNALÍSTICO

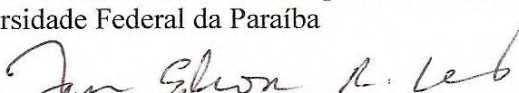
Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

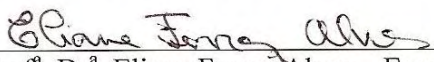
Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

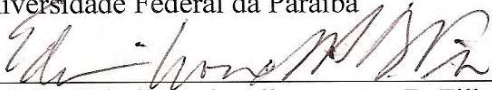
Aprovada em 22 de março de 2012.

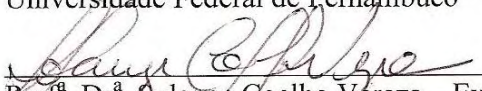
BANCA EXAMINADORA:


Prof.^a. Dr.^a. Lucienne Claudete Espíndola – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba


Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite – Examinador
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a. Dr.^a. Eliane Ferraz Alves – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba


Prof. Dr. Edmilson de Albuquerque B. Filho – Examinador
Universidade Federal de Pernambuco


Prof.^a. Dr.^a. Solange Coelho Vereza – Examinadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento – Suplente
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a. Dr.^a. Joseli Maria da Silva – Suplente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Paraíba

A minha mãe, metáfora maior do amor verdadeiro e infinito, e fonte de minha crença na possibilidade de evolução do ser humano.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força suprema que guiou os meus passos e serenou a minha alma por todo o caminho que tive de percorrer, velando por mim e me inspirando os dons da paciência e da perseverança.

A meus pais, que, com o desvelo amoroso e constante dedicado a mim, deram-me o suporte e o incentivo necessários para perseguir as metas traçadas.

À minha orientadora, professora Lucienne Espíndola, pelo auxílio solícito, competente, responsável e preciso em todas as fases da elaboração deste trabalho, o que me conferiu autonomia e segurança para conduzir a pesquisa. Quero externar-lhe, além disso, minha profunda gratidão pela confiança e paciência a mim votadas.

Ao professor Dr. Jan Edson Rodrigues Leite, pelos valiosos ensinamentos propiciados por suas aulas, que permitiram aprofundar os meus conhecimentos sobre o campo da Linguística Cognitiva. Agradeço-lhe, ainda, bem como à professora Dr^a. Eliane Ferraz Alves, as contribuições significativas prestadas na etapa de qualificação, que concorreram, sobretudo, para o aperfeiçoamento desta tese.

Aos professores Dr. Edmilson Albuquerque B. Filho e Dr^a. Solange Coelho Vereza por me concederem a honra inestimável de aceitar o convite para compor a banca examinadora deste trabalho.

A Aloísio, pela dedicação, carinho e apoio paciente em todos os momentos de dificuldade.

À Universidade Federal de Roraima, em especial, aos meus colegas, professores do curso de Letras, que me facultaram o afastamento das atividades acadêmicas, a fim de viabilizar a minha capacitação.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudos, propiciando, assim, subsídios materiais para a realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em especial, à Prof^a. Dr^a. Regina Celi M. Pereira da Silva e à ex-secretária Vera Lima, que, com solicitude e generosidade, sempre me auxiliaram na resolução de questões acadêmicas.

“The mind is inherently embodied.
Thought is mostly unconscious.
Abstract concepts are largely metaphorical.
These are three major findings of cognitive science.”

(LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3)

RESUMO

O presente trabalho visou investigar o papel da metáfora na conceptualização da corrupção política nos gêneros textuais *blog* jornalístico e charge. Nesse sentido, tencionamos, em particular, identificar, descrever e analisar as metáforas conceptuais (depreendidas através de sua instanciação linguística e/ou visual) utilizadas para conceptualizar a corrupção política nos gêneros textuais em foco. Aventamos como hipótese central a ideia de que a conceptualização da corrupção política no *corpus* em estudo podia ser analisada a partir do conjunto de metáforas postuladas para a **moralidade** por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), na medida em que compreendêssemos a corrupção enquanto prática circunscrita ao domínio correlato da **imoralidade**. O *corpus* da pesquisa consistiu em notícias extraídas de diferentes *blogs* jornalísticos de editoria política, bem como textos de charge, tematizando, ambos os gêneros, a corrupção política no Brasil. Relativamente ao referencial teórico-metodológico, pautamo-nos na noção de metáfora conceptual, desenvolvida por autores como Lakoff e Johnson (1980, 1999, 2003 [1980]), Lakoff (2006) e Kovecses (2002), bem como nos estudos sobre a moralidade, empreendidos, sobretudo, por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), no interior da Teoria da Metáfora Conceptual. Na etapa de análise dos dados, realizada sob um enfoque qualitativo-interpretativo, procedemos ao exame das instanciações linguísticas e visuais de metáforas conceptuais empregadas para conceptualizar a corrupção nos textos selecionados. Tais mapeamentos metafóricos foram depreendidos a partir de três metáforas atinentes ao domínio **moralidade**, quais sejam, **Pureza/Limpeza Moral**, **Saúde Moral** e **Força Moral**. A partir da metáfora da Pureza/Limpeza Moral, investigamos a realização da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, segundo a qual a corrupção foi conceptualizada a partir de elementos destacados do domínio-fonte SUJEIRA, a exemplo de lixo, lama e dejetos, sendo caracterizada como algo potencialmente contaminante e capaz de suscitar reações como o nojo. A metáfora da Saúde Moral facultou-nos estipular o mapeamento CORRUPÇÃO É DOENÇA, a partir do qual a corrupção foi vista como um quadro afeccioso que acometia tanto os seus agentes quanto as entidades por ela afetadas, e cuja periculosidade decorria, sobremaneira, de seu caráter contagioso. Por fim, a partir dos mapeamentos previstos na metáfora complexa da Força Moral, a corrupção foi correlacionada ao domínio da verticalidade, sendo associada a uma posição de inferioridade espacial (PARA BAIXO), além disso, também foi metaforizada a partir das noções de fraqueza e desequilíbrio, sendo representada através de uma trajetória de queda ou declínio.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Moralidade. Corrupção.

ABSTRACT

This research aimed at investigating the role of the metaphor in the political corruption conceptualization in the journalistic blog and cartoon genres. We intended, particularly, to identify, describe and analyze the conceptual metaphors (identified through written and/or visual language) used to conceptualize the political corruption in the text genres considered in the research. The central hypothesis was that the political corruption conceptualization in the *corpus* could be analyzed from a set of metaphors postulated to **morality** by Lakoff and Johnson (1999) and Lakoff (2002), so that we could understand corruption as a practice related to the domain of **immorality**. The research *corpus* consisted of news from different political journalistic blogs and of cartoons, both related to the theme of political corruption in Brazil. The basis of the theoretical framework was the notion of Conceptual Metaphor, developed by authors such as Lakoff and Johnson (1980, 1999, 2003 [1980]), Lakoff (2006) and Kovecses (2002); the studies about morality proposed, particularly, by Lakoff and Johnson (1999) and Lakoff (2002) in the Conceptual Metaphor Theory. At analyzing the data, carried out qualitatively and interpretatively, we examined the linguistic and visual aspects of conceptual metaphors used to conceptualize corruption in the texts. The metaphorical mappings were understood from three metaphors related to the **morality** domain, such as, **Moral Purity/Cleanliness**, **Moral Health** and **Moral Strength**. From the Moral Purity/Cleanliness metaphor, we investigated the occurrence of the metaphor CORRUPTION IS DIRTINESS, in which the corruption was conceptualized from the elements in the DIRTINESS domain, e.g. waste and mud, characterized as potentially contaminating and able to raise reaction as disgust. The Moral Health metaphor allowed us to map it as CORRUPTION IS DISEASE, in which corruption was seen as a disease state that attacked its agents and also the entities affected. Its dangerousness was related, particularly, to its contagious feature. From the foreseen mapping in the complex Moral Strength metaphor, the corruption was related to the verticality domain, being associated to the special inferiority position (DOWN). Besides that, it was also represented from the notions of weakness and unbalance in a way of fall or decline.

Keywords: Conceptual metaphor. Morality. Corruption.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SEÇÃO 1: DA LINGUAGEM AO PENSAMENTO: UMA REVISÃO DA PERSPECTIVA TRADICIONAL DA METÁFORA SOB O ENFOQUE COGNITIVO.....	14
1.1 A concepção de metáfora no modelo retórico: implicações teóricas.....	15
1.2. A Linguística Cognitiva como campo de estudos: a ruptura com o paradigma objetivista e a defesa do experiencialismo.....	18
1.3. A metáfora como processo cognitivo essencial: a teoria cognitiva da metáfora e a noção de metáfora conceptual.....	21
1.3.1. Classificação das metáforas conceptuais.....	26
1.3.2. A teoria cognitiva da metáfora: revisões e aprofundamentos.....	30
1.3.3. A noção de metáfora primária e a Teoria Neural da metáfora.....	33
1.4. A noção de metonímia sob a abordagem cognitiva.....	38
1.4.1. Metáfora e metonímia: diferenças e inter-relações.....	41
1.5. Realizações não linguísticas da metáfora conceptual.....	43
SEÇÃO 2: MORALIDADE E METÁFORA.....	46
2.1. O domínio fonte do BEM-ESTAR.....	47
2.2. O sistema metafórico da moralidade.....	49
2.2.1. A metáfora da Contabilidade Moral.....	50
2.2.2. A metáfora da Força Moral.....	52
2.2.3. A metáfora da Autoridade Moral.....	54
2.2.4. A metáfora da Ordem Moral.....	55
2.2.5. A metáfora dos Limites Morais.....	57
2.2.6. Metáfora da Essência Moral.....	58
2.2.7. Metáfora da Pureza/Limpeza Moral.....	59
2.2.8. Metáfora da Saúde Moral.....	61
2.2.9. Metáfora da Totalidade (Integridade) Moral.....	62
2.2.10. Metáfora da Empatia Moral.....	63
2.2.11. Metáfora do Cuidado Moral.....	64
2.3. O sistema metafórico da moralidade e a moralidade familiar.....	65
2.4. Ciência Cognitiva, moralidade e política.....	70

2.5. (I)moralidade e corrupção.....	71
SEÇÃO 3: BREVES CONSIDERAÇÕES DE ORDEM METODOLÓGICA.....	74
3.1. O <i>corpus</i>	74
3.2. Contextualizando a noção de corrupção política.....	75
3.3. Considerações acerca dos gêneros textuais enfocados na pesquisa.....	78
3.3.1 O blog jornalístico: um gênero digital em ascensão.....	78
3.3.2. A charge: o poder do humor crítico.....	81
3.4. Categorias de análise: breves considerações.....	85
SEÇÃO 4: A CORRUPÇÃO POLÍTICA E SUAS METÁFORAS: UMA ANÁLISE EM DOIS GÊNEROS.....	88
4.1. Corrupção, um ato sujo: a metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA.....	88
4.1.1. Do lixo à lama: as diferentes formas de representação da corrupção/sujeira e suas implicações.....	89
4.1.2. Corrupção: um ato que imprime marcas e gera asco.....	99
4.1.3. Medidas de combate à corrupção: a correlação entre limpeza física e purificação moral.....	108
4.2. Corrupção, uma prática contagiosa: a metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA.....	115
4.2.1. Os pacientes vitimados pela doença: o corpo como sede da corrupção.....	117
4.2.2. Corrupção política: que mal é esse?.....	123
4.2.3. Uma terapêutica para uma enfermidade: profilaxia e tratamento para a corrupção....	131
4.3. Corrupção, uma fonte de desequilíbrio: a metáfora da FORÇA MORAL.....	136
4.3.1. Força, (i)moralidade e orientação espacial: o aspecto da verticalidade na representação metafórica da corrupção.....	137
4.3.2. A imoralidade como força desestabilizante: corrupção, uma trajetória descendente	142
4.3.3. Metáfora da Força Moral e corrupção política: alguns mapeamentos possíveis.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS	157
ANEXOS.....	163
ANEXO A – <i>Corpus 1</i> : Recortes textuais do gênero <i>blog</i>	164
ANEXO B – <i>Corpus 2</i> : Textos de charge.....	188

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a metáfora remontam à tradição retórica clássica, representada, notadamente, por Aristóteles. A Retórica relegou um papel marginal à metáfora, elencando-a entre as figuras ou tropos (figuras de palavras), e concebendo-a, então, como um ornamento linguístico que visava tão somente ao “embelezamento” do discurso, com fins estéticos ou persuasivos. No modelo retórico, portanto, a metáfora estava restrita a formas “especiais” de expressão (*e.g.* o registro literário), constituindo, assim, um “desvio” das formas usuais ou cotidianas de linguagem.

A partir dos anos 70 do século passado, com os estudos empreendidos pela Psicologia e Linguística Cognitiva, capitaneados sobretudo por George Lakoff e Mark Johnson, as teses supracitadas, esposadas pela Retórica, foram refutadas e a metáfora foi alçada a uma posição proeminente nos estudos sobre a linguagem e a cognição.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a linguagem cotidiana (e não apenas a poética) está eivada de metáforas, de uso normalmente inconsciente para os falantes, o que constitui um indício de que nosso sistema básico de conceitos é de ordem metafórica. A teoria cognitiva da metáfora ou **Teoria da Metáfora Conceptual** sustenta, portanto, o postulado central de que a metáfora não é apenas um mero fenômeno de linguagem, mas antes consiste em uma atividade estruturante de nosso sistema conceptual, e intervém, por conseguinte, em nosso pensamento e nossas ações.

Nas fases mais recentes da teoria, o aprofundamento das teses aventadas por Lakoff e Johnson (1980) permitiu avançar hipóteses sobre a presença da metáfora na conceptualização de nossas ideias mais elementares, a exemplo das noções de eventos, tempo, causação e moralidade.

Para Lakoff e Johnson (1999), nossos conceitos básicos de ordem moral, a exemplo das noções de virtude ou justiça, são estruturados metaforicamente e a estes subjaz todo um conjunto de metáforas conceptuais, que compõem um verdadeiro **sistema metafórico da moralidade**. A postulação desse construto teórico fornece subsídios que nos facultam rastrear a conceptualização metafórica das mais diversas noções subsumidas à esfera da (i)moralidade. Tal é o caso, com efeito, da noção de corrupção, e mais especificamente corrupção política, que propomos investigar com este trabalho.

Diariamente testemunhamos, em nosso país, a publicização de uma sucessão de casos de corrupção perpetrados por agentes políticos – Atos Secretos do Senado, farra das passagens aéreas no Congresso Nacional, mensalão do DEM, só para citar alguns mais

recentes, noticiados em 2009. Prefeitos, governadores, deputados, senadores, ministros, e mesmo presidentes, protagonizam práticas corruptivas de malversação do dinheiro público que escandalizam a sociedade, igualmente perplexa por constatar que tais episódios culminam, o mais das vezes, com a impunidade e o esquecimento. Recentemente, assistimos a protestos capitaneados por diferentes setores da sociedade, em diversas cidades brasileiras, clamando pela luta contra a corrupção política. Nesses eventos, frequentemente, vassouras assomam enquanto figuração metafórica do combate à corrupção e da necessidade de se empreender uma “limpeza” ética no cenário político.

A corrupção assume, pois, uma dimensão cognitivamente real, por assim dizer, enquanto fenômeno do domínio político que intervém em nossa vida cotidiana, e as categorias empregadas para conceptualizá-la são destacadas de nosso sistema conceptual ordinário. Uma das evidências ou reflexos da premência e relevância cognitiva desse fenômeno torna-se patente através do fato de que a corrupção política constitui uma temática privilegiada e bastante recorrente em gêneros midiáticos de caráter opinativo, a exemplo do *blog* jornalístico e da charge.

Diante do contexto supradelineado, buscaremos, então, neste estudo, aduzir respostas para algumas questões centrais, tais como: a) que metáforas conceptuais são empregadas para conceptualizar a corrupção política em gêneros textuais como o *blog* jornalístico e a charge, marcadamente opinativos? b) quais recursos (linguísticos e/ou visuais) atualizam tais metáforas nos textos em causa? c) de que modo as metáforas estipuladas para a **moralidade** (LAKOFF; JOHNSON, 1999; LAKOFF, 2002) intervêm na conceptualização de práticas de corrupção nos textos sob análise?

Assim, sob o aspecto geral, tencionamos empreender, com esta pesquisa¹, uma investigação sobre a presença da metáfora conceptual em dois gêneros textuais diversos, a saber, o *blog* jornalístico de editoria política e a charge. Mais particularmente, interessa-nos identificar, descrever e analisar as metáforas conceptuais (manifestas textualmente através de sua realização linguística e/ou visual) utilizadas para conceptualizar a corrupção política nos gêneros textuais em causa. Para tanto, aventamos como hipótese central a ideia de que a conceptualização da corrupção política no *corpus* em estudo pode ser investigada a partir das metáforas postuladas para a **moralidade** por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002). Tal

¹ Vale ressaltar, a propósito, que nosso estudo vincula-se ao projeto **Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação** (MGDA), desenvolvido no âmbito do **Laboratório Semântico-Pragmático de Textos** (LASPRAT), sob a coordenação da professora Dra. Lucienne C. Espíndola.

enfoque implicará, como veremos, na circunscrição das práticas corruptas ao domínio da **imoralidade**.

No que concerne ao referencial teórico-metodológico adotado para a realização desta pesquisa, pautar-nos-emos na noção de metáfora conceptual, introduzida por Lakoff e Johnson (1980) e desenvolvida, posteriormente, por autores como Lakoff e Johnson (1999, 2003 [1980]), Lakoff (2006) e Kovecses (2002), bem como nos estudos sobre a moralidade, empreendidos, sobretudo, por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), no interior da Teoria da Metáfora Conceptual.

Selecionamos como *corpus*, para este estudo, notícias extraídas de diferentes *blogs* jornalísticos de editoria política, mantidos por portais de informações ou colunistas independentes, como também textos de charge, disponibilizados em *websites* especializados na *internet*. Adotamos como critério para a seleção dos textos constitutivos do *corpus* a vinculação dessas produções textuais a uma temática específica, a saber, a corrupção política no Brasil. Além disso, é mister acrescentar que as produções escritas selecionadas, relativas a ambos os gêneros textuais, foram publicadas em 2009. Vale ressaltar ainda que nosso estudo não se constitui como uma abordagem de natureza quantitativa e/ou estatística, de forma que a análise dos dados será empreendida segundo um enfoque analítico-interpretativo.

A realização de um estudo tematizando um fenômeno político como a corrupção sob o enfoque da Linguística Cognitiva é justificável, dado que uma das tarefas essenciais desse paradigma linguístico, segundo Lakoff (2002), consiste em “estudar como conceptualizamos nossas vidas cotidianas e como pensamos e falamos sobre elas” (id., *ibid.*, p. 3, tradução nossa). Logo, se compreendermos, com Lakoff (*ibid.*), o domínio da política como um dos aspectos que integram a nossa vida ordinária, o suporte teórico-metodológico da Linguística Cognitiva avulta como uma promissora ferramenta analítica.

Por outro lado, nosso trabalho assume particular relevância, haja vista que os estudos focalizando a metáfora conceptual em gêneros textuais eminentemente não verbais, a exemplo da charge, são ainda pouco numerosos (EL REFAIE, 2003; FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009). Consequentemente, desenvolver uma pesquisa sobre esse objeto de estudo permitirá avançar hipóteses sobre as especificidades do funcionamento da metáfora no domínio de gêneros não exclusivamente verbais. Em última análise, julgamos, na esteira de Forceville e Urios-Aparisi (2009), que as pesquisas em torno de evidências não linguísticas da existência da metáfora conceptual reforçam a tese do caráter cognitivo da metáfora, esposada por Lakoff e Johnson.

Relativamente à estrutura textual desta tese, convém notar que a mesma se compõe de quatro seções, cujo conteúdo passamos a descrever. A **seção I** é dedicada à exposição dos pressupostos teóricos que sedimentaram a Teoria da Metáfora Conceptual, enfatizando o redimensionamento da noção de metáfora, representado pela perspectiva cognitiva face à teoria clássica, fundada na Retórica. Nessa seção enfocaremos, em detalhe, tópicos como a noção de metáfora conceptual, as diferentes tipologias propostas para a classificação desse fenómeno cognitivo, as fases que marcaram a evolução dos estudos no interior da Teoria da Metáfora Conceptual, bem como o enfoque cognitivo sobre a metonímia e a existência de realizações da metáfora conceptual que excedem o código linguístico ou verbal. Na **seção II**, abordaremos os estudos sobre a noção de moralidade, empreendidos sob o viés da teoria cognitiva da metáfora. Nessa seção, examinaremos um conjunto de metáforas para a moralidade, postulado por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), que integram o denominado **sistema metafórico da moralidade**. Especularemos ainda sobre a possível interface existente entre o campo da Ciência Cognitiva e os domínios da moralidade e da política, bem como entre as noções de (i)moralidade e corrupção. A **seção III** discorre, sucintamente, sobre alguns aspectos de ordem metodológica, a exemplo da composição do *corpus*, contextualização acerca da noção de corrupção política, descrição dos gêneros textuais enfocados na pesquisa e discriminação de algumas categorias a serem observadas quando da etapa de análise. Por último, na **seção IV**, apresentamos a análise dos dados, cujos resultados são compilados e discutidos na seção subsequente, intitulada **Considerações finais**.

Constam ainda, ao final, as referências bibliográficas relativas a obras e *sites* consultados na consecução da pesquisa, e um corpo de anexos (ANEXOS A e B) em que figuram os dados constitutivos do *corpus* empregado no trabalho.

SEÇÃO 1: DA LINGUAGEM AO PENSAMENTO: UMA REVISÃO DA PERSPECTIVA TRADICIONAL DA METÁFORA SOB O ENFOQUE COGNITIVO

A concepção tradicional de metáfora remonta a especulações empreendidas no campo da Retórica, de sorte que a teoria clássica sobre a metáfora foi sendo sedimentada já a partir dos escritos de Aristóteles. Contudo, à definição consagrada pelo modelo retórico subjaz um conjunto de pressupostos ou ideias apriorísticas, profundamente arraigadas e reproduzidas por séculos, que, somente com o influxo das pesquisas em Linguística Cognitiva, foram problematizadas, promovendo, assim, um redimensionamento da natureza da metáfora e de seu papel na linguagem e no pensamento.

Nesta exposição, aludiremos, inicialmente, ao tratamento dispensado à metáfora pela Retórica (item 1.1.), que constitui, simultaneamente, o ponto de referência e o lugar de onde emanam as teses a serem refutadas e superadas pela abordagem cognitiva da metáfora (noção de desvio, oposição literal/figurado, teoria da comparação, dentre outras).

No momento subsequente, focalizaremos propriamente os estudos sobre a denominada metáfora conceptual (ou Teoria Cognitiva da Metáfora), desenvolvidos nos domínios da Linguística Cognitiva, sobretudo por Lakoff e Johnson (1999, 2002 [1980], 2003 [1980]), Lakoff (2006) e Kovecses (2002), que compreendem a metáfora não apenas como fenômeno linguístico, mas também como processo cognitivo essencial.

A fim de caracterizar a abordagem cognitiva da metáfora, apresentaremos, inicialmente (1.2.), o contexto de surgimento da Linguística Cognitiva, campo de estudos heterogêneo em que as pesquisas sobre a metáfora ocupam um espaço de destaque, bem como discutiremos alguns de seus pressupostos teóricos básicos, centrando-nos, sobretudo, na defesa do experiencialismo e nas consequências teóricas advindas da noção de mente corporificada.

A seguir, passaremos propriamente a abordar (subseção 1.3.) a denominada Teoria Cognitiva da Metáfora (ou ainda, Teoria da Metáfora Conceptual), examinando a noção de metáfora conceptual, no contraponto com a visão clássica do fenômeno, e as tipologias propostas inicialmente para classificar as diferentes espécies de metáforas conceptuais (1.3.1.). Em tópico à parte (1.3.2.), discorreremos sobre os diferentes estágios de desenvolvimento por que passou a Teoria Cognitiva da Metáfora, destacando os estudos mais expressivos relativos, sobretudo, à segunda fase da teoria, bem como enfocando os aspectos desta que foram alvo de revisão ao longo do tempo. Concederemos especial atenção, nesse

passo, às contribuições representadas pela noção de metáfora primária de Grady e à Teoria Neural da Metáfora de Narayanan (subseção 1.3.3.).

No tópico posterior, deter-nos-emos sobre a noção de metonímia sob o enfoque cognitivo (1.4.), buscando evidenciar sua natureza conceptual em contraposição à sua conceituação clássica de ordem figurativa. Em subtópico específico (1.4.1.), tangenciaremos brevemente ainda as relações limítrofes existentes entre a metáfora e a metonímia.

Por último, empreenderemos uma rápida reflexão sobre a possibilidade de atualização da metáfora conceptual através de outras modalidades além da expressão linguística, discutindo como o estudo da metáfora não verbal e multimodal se ajusta aos pressupostos teóricos da Teoria da Metáfora Conceptual.

1.1. A concepção de metáfora no modelo retórico: implicações teóricas

Em suas origens na Grécia, a Retórica surgiu como uma arte ou técnica para desenvolver a eloquência cuja finalidade precípua era a persuasão, visando, desse modo, ao domínio da palavra em seus usos públicos, como na assembleia ou tribunal. Com efeito, a palavra era então vislumbrada como verdadeira arma capaz de munir o cidadão do poder de influenciar pelo discurso.

A arte do “bem falar” era, pois, definida como a “técnica fundada no conhecimento das causas que geram os efeitos da persuasão” e que, como tal, “confere um poder formidável a quem a domine perfeitamente” (RICOUER, 2000, p. 19-20).

Para Tringali (1988), não se pode propriamente falar de Retórica, no singular, mas de retóricas, no plural, haja vista a pluralidade de modelos existentes – Retórica Antiga, Retórica Geral, Retórica Semiótica, Nova Retórica ou Retórica Lógica – que comportam orientações e objetivos diversos. Em razão dos propósitos deste trabalho, procederemos a uma alusão breve e limitada apenas ao conceito de metáfora na Retórica aristotélica e na denominada Retórica das Figuras.

Segundo Ricouer (2000), a Retórica de Aristóteles estava intimamente articulada à Filosofia, e constituía uma disciplina abrangente que incorporava três partes diversas, a saber, uma teoria da argumentação, uma teoria da elocução e uma teoria da composição do discurso.

A definição apresentada por Aristóteles para a metáfora, que figura tanto na sua **Retórica** como em sua **Poética**, irá marcar decisivamente a compreensão da natureza desse fenômeno pela tradição linguístico-literária posterior. A teoria clássica da metáfora, encetada

a partir de Aristóteles, será incorporada de tal modo ao senso comum que assumirá mesmo um caráter definicional, de verdade quase inquestionável (LAKOFF, 2006, p. 185).

Segundo Aristóteles, a metáfora consiste na “transferência dum nome alheio do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, duma espécie para outra, ou por via de analogia.” (ARISTÓTELES, 1997, p. 42).

Como podemos entrever na definição supracitada, os traços constitutivos da metáfora arrolados por Aristóteles já a confinam à esfera da palavra ou do **nome** (e não da frase ou proposição, ou mesmo do discurso), indexando-a entre as figuras de palavras. Por outro lado, ao concebê-la em termos de movimento (*phora*), ou seja, como **deslocamento** ou **transposição** de termos, já a alinha entre os usos que se afastam da linguagem corrente ou ordinária. Com efeito, na acepção de Aristóteles, a palavra metafórica é qualificada como um nome “estranho” ou “alheio” (*allotrios*), que é tomado de empréstimo a outro domínio e designa originariamente (em seu sentido próprio) outra coisa, implicando, assim, na ideia de um *desvio* dos usos ordinários da linguagem. Vale salientar, nesse sentido, que a própria palavra “metáfora” também é metafórica, dado que consiste em um vocábulo cujo significado é oriundo da noção física de movimento.

Os tratados retóricos modernos sucessivamente operaram uma restrição do campo retórico, limitando-o apenas a uma das partes esboçadas no modelo aristotélico, a teoria da elocução, e por fim, esta se viu reduzida à teoria dos tropos ou figuras. No âmbito da tropologia, agora, o ideal taxionômico passa a ser a preocupação central, e a Retórica, seguindo uma trajetória de declínio, “é entregue ao jogo de distinções e ordenações”, convertendo-se, por assim dizer, em “uma simples botânica das figuras” (RICOUER, 2000, p. 22).

Os traços definicionais já delineados em Aristóteles para a metáfora serão reafirmados nesses tratados modernos (*e.g.* Fontannier e Dumarsais), que a enquadram entre os tropos ou “figuras de significação de uma única palavra” e, mais particularmente, catalogam-na como “tropo de semelhança”. É mister, contudo, notar que a noção aristotélica de metáfora tinha um escopo mais abrangente, de modo que a retórica tropológica denominará de metáfora apenas uma das figuras previstas na definição de Aristóteles, qual seja, a espécie baseada na semelhança ou analogia.

Ao refletir sobre a abordagem da metáfora no interior da teoria dos tropos, Ricouer, didaticamente, sintetiza, em um conjunto de postulados, o que qualifica como a “cadeia de pressuposições implicada em um tratamento puramente retórico da metáfora” (*ibid.*, p. 81). Dentre os aspectos elencados pelo autor, vale examinar os mais relevantes, que serão alvo de

revisão no âmbito da abordagem cognitiva da metáfora, sobre que discorreremos na subseção a seguir.

Sob a suposição de que certos nomes pertencem originariamente a seus *designata*, a Retórica institui a oposição entre sentidos próprios, naturais ou primitivos das palavras e sentidos impróprios, figurados ou derivados, dos quais a metáfora (assim como as demais figuras) constitui exemplo (**postulado do próprio e do impróprio ou figurado**). Os significados ditos primitivos, por extensão, acabam também por ser identificados ao significado **literal** das palavras, a que se oporia o sentido **espiritual, desviado ou figurado**.

Os empregos metafóricos dos termos exibem, por conseguinte, um caráter anômalo, configurando-se como um “desvio” face às formas ordinárias ou correntes da linguagem (**postulado do desvio**). A própria noção de figura, aliás, se sustenta sobre esse princípio basilar do desvio, dado que os usos figurados se caracterizam como aqueles que se distanciam da linguagem ordinária (RICOUER, 2000).

Por outro lado, para o modelo retórico, a metáfora atende ao propósito de preencher uma lacuna semântica, posto que o termo metafórico (impróprio) supre a ausência de um termo próprio correspondente (*e.g.* a catacrese), ou ocupa a posição de um termo próprio disponível na língua, mas que, por razões estilísticas, deixa-se de empregar (**postulado da lacuna semântica**). Disso decorre, portanto, que a metáfora está fundada em um mecanismo de substituição, já que uma dada palavra está no lugar de outra, inexistente ou preterida pelo falante (**axioma da substituição**).

Duas implicações significativas resultam do supracitado axioma da substituição. Primeiro, sob o viés retórico, compreender a metáfora consistiria simplesmente em repor, através de paráfrase, o termo próprio que se preteriu com o uso da metáfora (**postulado da paráfrase exaustiva**). Segundo, o emprego figurado das palavras (e da metáfora, por extensão) não encerraria, conseqüentemente, nenhuma informação nova, ou seja, teria um valor cognitivamente nulo (**postulado da informação nula**). Logo, a metáfora, assim como os tropos em geral, revestir-se-ia de uma função meramente decorativa, “ornamental”. Conforme Ricouer (2000), à luz do modelo retórico, somos levados a crer que “a metáfora nada ensine e não sirva senão para ornar o discurso” (RICOUER, *ibid.*, p. 81).

Um outro legado retórico para a teoria da metáfora que foi alvo de objeções críticas ao longo dos séculos é a sua descrição como uma espécie de comparação abreviada.

A teoria comparativa da metáfora, da qual o modelo retórico constitui exemplo, parte da suposição de que um enunciado metafórico é uma comparação ou símile literal abreviado, ou seja, que teve a expressão comparativa elidida (assim, *Sam é um gorila* equivaleria

semanticamente a *Sam é como um gorila*). Além disso, e, por conseguinte, tal perspectiva sustenta a tese de que na metáfora há dois objetos sendo efetivamente comparados por um traço de semelhança a especificar.

A crítica mais óbvia imputada a tal teoria é a de que, sendo equivalente à comparação, a metáfora não demandaria nenhum mecanismo especial de compreensão além daqueles acionados para interpretar um símile literal.

A ideia-chave propugnada pelas teorias de base comparativa é o fato de que a metáfora assenta-se, por definição, sobre um princípio de semelhança, isto é, a suposição de que a similaridade constituiria a base inalienável da metáfora. Segundo a visão tradicional, com efeito, a metáfora repousaria essencialmente sobre semelhanças objetivas pré-existentes entre os termos implicados na relação metafórica.

Contudo, esta ideia será desconstruída e refutada pelo enfoque cognitivo da metáfora, cujos pressupostos teóricos e desenvolvimentos passaremos a examinar nas próximas subseções.

1.2. A Linguística Cognitiva como campo de estudos: a ruptura com o paradigma objetivista e a defesa do experiencialismo

A Linguística Cognitiva (LC) surgiu ao final dos anos 70 e início dos 80 do último século, constituindo-se como uma vertente de estudos que se contrapôs ao paradigma gerativista então dominante no quadro dos estudos linguísticos². A despeito de não constituir uma corrente teórica homogênea e claramente delimitada, a LC possui uma agenda de pesquisa organizada em torno de alguns pressupostos teóricos comuns.

Dentre as principais áreas de pesquisa desenvolvidas no campo da LC, Geeraerts (1995, 2006) aponta os estudos sobre a categorização linguística (incluindo a teoria dos protótipos), os modelos mentais, a gramática cognitiva, a gramática das construções, a imagética mental, a teoria dos espaços mentais e a pesquisa sobre a metáfora.

Em contraposição à perspectiva gerativista, a Linguística Cognitiva rejeita a ideia da centralidade da sintaxe, postulando, ao contrário, a primazia da significação nos estudos da

² Ferrari (2011) adverte, contudo, que a designação de *linguística cognitiva* é bem anterior à formação desse campo de estudos, e a perspectiva esposada pelo próprio Chomsky já fora denominada de *cognitivista* (ou Cognitivismo de Primeira Geração, como veremos a seguir). Por outro lado, o grupo de estudiosos que estiveram à frente desse novo paradigma teórico, a exemplo de George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Gilles Fauconnier e Charles Fillmore, desenvolvia pesquisas filiadas à Semântica Gerativa, contra a qual manifestaram, posteriormente, insatisfação, sobretudo no tocante ao tratamento dispensado à semântica pela teoria gerativa.

linguagem. Tal enfoque teórico também se opõe à visão modularista da linguagem, uma vez que defende o caráter enciclopédico e não-autônomo da significação.

Assim, sob esta concepção cognitivista, o significado linguístico não é algo estanque e separado de nossas outras formas de conhecimento do mundo, mas é antes integrado a nossas outras capacidades cognitivas. Por conseguinte, as formas linguísticas são concebidas não como entidades autônomas, mas “como reflexos da organização conceptual geral, princípios de categorização, mecanismos processuais e influências experienciais e ambientais” (GEERAERTS, 1995, p. 111, tradução nossa).

No quadro das teses esposadas pela LC, avultam, ainda, a rejeição ao objetivismo epistemológico, e a defesa do experiencialismo. Com efeito, Lakoff (1987) se contrapõe à denominada visão objetivista³ sobre a linguagem que postula, dentre outras teses, que a razão consiste meramente em um processo abstrato de manipulação de símbolos, ao modo de um sistema lógico-formal, tendo, portanto, um caráter transcendental, ou seja, independente de qualquer estrutura particular dos seres. Tal concepção filosófica sobre a razão humana caracterizou, segundo Lakoff e Johnson (1999), a denominada Primeira Geração da Ciência Cognitiva (ou cognitivismo clássico) que floresceu nos anos 50 e 60 do último século, cujas bases remontam à tradição filosófica anglo-americana.

Influenciados pelas ideias de computação simbólica, hauridas dos paradigmas dominantes à época, a exemplo dos estudos da Inteligência Artificial, os cognitivistas da primeira geração defendiam, pois, que o pensamento era **descorporificado**. Instituíam-se, assim, uma separação estanque entre corpo e mente, ao modo do dualismo cartesiano. Adotando uma metáfora computacional, poder-se-ia afirmar que a mente corresponderia a um programa ou “software” que empregaria o cérebro apenas como hardware para poder “rodar”, sem que este desempenhasse qualquer papel significativo na caracterização daquele. Sob a ótica dessa “filosofia sem carne”, portanto, “as peculiaridades do corpo e do cérebro não contribuiriam em nada para a natureza dos conceitos e razão humanos” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 76, tradução nossa).

Além disso, essa visão traz ainda em seu bojo um compromisso representacionista, ou seja, a ideia de que a linguagem constitui uma representação direta, à maneira especular,

³ Lakoff e Johnson (2002 [1980]) consideram que a visão objetivista consiste antes em uma postura epistemológica predominante no pensamento ocidental que subjaz a diferentes correntes filosóficas, desde o platonismo até os diversos representantes da tradição empirista e racionalista (Descartes, Hobbes, Locke). Refletem ainda que tal perspectiva é também partilhada por alguns cientistas cognitivos (a exemplo de Chomsky).

da realidade externa do mundo. Como decorrência imediata, assevera-se, ainda, que a razão concerne, exclusivamente, à ordem do literal.

Adotando uma nova perspectiva, e inaugurando a Segunda Geração das Ciências Cognitivas, designada como realismo experiencial (ou experiencialismo), Lakoff sustentará, em contrapartida, que a mente é antes **corporificada**, isto é, modelada pelas contingências biológicas do organismo pensante, emergindo, em última análise, das experiências vivenciadas por este e de sua interação com o ambiente físico e social. Isto implica dizer que nossos conceitos e categorias dependem diretamente da conformação de nossos corpos e cérebros, de capacidades corporais, tais como a percepção e o movimento. Logo, sob a ótica experiencialista, “nossa estrutura conceptual surge a partir de nossa experiência sensório-motora e das estruturas neurais que dão origem a ela” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77, tradução nossa).

Para os autores, o ato de categorizar as entidades no mundo é um processo inescapável, automático e, em sua maior parte, inconsciente. Todos os seres vivos, desde os mais elementares, necessariamente categorizam, e o fazem a partir de seu aparato biológico, suas habilidades corporais, da forma como se movem ou manipulam objetos, em suma, de seu modo de interação com o mundo, ou seja, “a categorização é uma consequência de como nós somos corporificados.” (id., *ibid.*, p. 18, tradução nossa). Lakoff e Johnson (1999) ponderam, nesse sentido, que “não apenas nossos corpos e cérebros determinam **o que** nós iremos categorizar; eles também determinam que tipos de categorias teremos e qual será sua estrutura.” (id., *ibid.*, tradução nossa, grifo dos autores).

Dentre as evidências empíricas de como nosso corpo e cérebro modelam a razão, isto é, de como nossos conceitos são corporificados, Lakoff e Johnson (*ibid.*) arrolam o caso dos conceitos de relações espaciais.

As relações espaciais consistem em conceitos complexos que variam de uma língua para outra. Contudo, elas não existem enquanto realidades objetivas do mundo externo, sendo antes elaboradas a partir de nossos sistemas perceptual e conceptual. Uma noção espacial como “dentro de”, frequentemente expressa pela preposição portuguesa “em” (*Sam está no jardim*), envolve, para sua conceptualização, a projeção, por parte do sujeito, de uma estrutura imagética instituindo uma região delimitada por **fronteiras**, que demarcam, dessa forma, uma face como **interior** e outra como **exterior** (esquema imagético de recipiente ou container).

Outro exemplo igualmente elucidativo citado pelos autores é o caso das noções espaciais expressas pelo par “em frente de” / “atrás de”. Nós somente descrevemos espacialmente algo como “atrás” ou “à frente” graças a uma projeção de nossa estrutura

corporal sobre os objetos no mundo. Isto é, pelo fato de, inerentemente, possuímos “frente” e “costas”, de nossa visão situar-se na parte frontal de nosso corpo, e, por conseguinte, nos movermos para frente e interagirmos com objetos e pessoas nessa direção, projetamos essas contigências corporais sobre os objetos em nosso ambiente circundante. Noções como “atrás” ou “à frente”, portanto, não existiriam nem fariam sentido “se não tivéssemos os tipos de corpos que temos” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 36, tradução nossa).

Lakoff e Johnson concluem, nesse sentido, que “nossos corpos definem um conjunto de orientações espaciais fundamentais que usamos não apenas para nos orientar, mas também para perceber as relações dos objetos uns com os outros.” (id., *ibid.*, p. 34, tradução nossa).

A concepção experiencialista da razão desmistificará, além disso, o primado absoluto do objetivo e do literal, ao enfatizar o caráter **imaginativo** do pensamento, descortinando, assim, a importância de processos como a metáfora, a metonímia e a imagética mental. Com efeito, uma das teses mais caras aos cognitivistas da segunda geração corresponde à ideia de que “a razão não é puramente literal, mas, em grande parte, metafórica e imaginativa” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 4, tradução nossa).

A pesquisa sobre a metáfora nos domínios da Linguística Cognitiva revelará que a maior parte de nossos conceitos abstratos são estruturados metaforicamente, e a metáfora será, por conseguinte, alçada ao *status* de processo cognitivo essencial. Nesse contexto, a metáfora não mais será descrita apenas como uma questão de linguagem, mas, sobretudo, de pensamento, recebendo daí a denominação de “metáfora conceptual”, noção que abordaremos na próxima subseção.

1.3. A metáfora como processo cognitivo essencial: a teoria cognitiva da metáfora e a noção de metáfora conceptual

A partir da década de 1970, a teoria da metáfora recebe novos influxos com os estudos empreendidos nos domínios da Linguística Cognitiva, que promoverão, por assim dizer, uma verdadeira “virada paradigmática” no que tange à compreensão da natureza e importância da metáfora. Com efeito, as teses defendidas por Lakoff e Johnson (1980), a partir de sua obra **Metaphors we live by**, representarão uma ruptura profunda com a visão clássica sobre a metáfora, ao pôr em xeque postulados sedimentados desde o modelo retórico de Aristóteles, a exemplo da concepção da linguagem figurada como desvio.

Como vimos acima (*vide* 1.1.), os usos metafóricos eram categorizados como desviantes, dado que as expressões metafóricas eram empregadas fora de seu sentido

convencional (ou próprio). A metáfora mantinha, assim, uma relação de exclusão mútua face ao domínio da linguagem ordinária ou cotidiana. Ou seja, a visão clássica sustentava que “a linguagem cotidiana não continha metáfora e a metáfora empregava mecanismos estranhos ao domínio da linguagem cotidiana convencional.” (LAKOFF, 2006, p. 185, tradução nossa).

Em contraposição à abordagem retórica, Lakoff e Johnson (1980) defenderão que a metáfora permeia a linguagem **cotidiana**, não sendo, portanto, um fenômeno marginal ou periférico, circunscrito a tipos **especiais** de linguagem, como a retórica ou poética, mas estando presente, inclusive, na linguagem científica.

Para os autores, o nosso sistema conceptual é essencialmente metafórico, o que implica dizer que a metáfora não é um mero **recurso de linguagem**, mas antes desempenha um papel crucial na estruturação de nosso pensamento. Ou seja, segundo o enfoque cognitivo, a metáfora é um **fenômeno de ordem conceptual**, haja vista que “**os processos do pensamento** são em grande parte metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48, grifo dos autores). Tal perspectiva reabilita, dessa forma, o valor cognitivo da metáfora, obliterado pela visão clássica, que atribuiu a esta uma função meramente ornamental ou decorativa.

Lakoff (2006) lembra que a onipresença da metáfora na linguagem cotidiana já fora apontada por Michael J. Reddy em seu clássico ensaio sobre a metáfora do canal (*the conduit metaphor*), originariamente publicado em 1979. Nesse estudo, Reddy identificou um conjunto de metáforas subjacentes às expressões que tematizavam o processo de comunicação, empregadas na língua inglesa. O fio condutor que articulava tais metáforas consistia na ideia de que a linguagem humana funciona como um canal que permite a um indivíduo transferir a outrem o conteúdo (ideias, significados, emoções) armazenado em sua mente. Reddy destacou, nesse sentido, um vasto repertório de expressões empregadas na linguagem cotidianamente que atualizavam metáforas tais como IDEIAS OU SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS (*Eu lhe dei aquela ideia*), PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUISTICAS SÃO RECIPIENTES (*É muito difícil colocar este conceito em palavras*), COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR (*É difícil passar aquela ideia para ele*).

Para Lakoff (2006), o trabalho de Reddy culminou por demonstrar, através de uma análise acurada de um vasto *corpus* do inglês, que “a metáfora é parte central e indispensável de nosso modo convencional, ordinário, de conceptualizar o mundo, e que nosso comportamento cotidiano reflete nossa compreensão metafórica da experiência.” (LAKOFF, 2006, p. 186, tradução nossa). Portanto, segundo Lakoff (ibid.), Reddy foi um precursor da

abordagem cognitiva da metáfora, que só posteriormente teve seu desenvolvimento como um verdadeiro nicho de pesquisas no domínio da Linguística Cognitiva.

Aprofundando ideias já insinuadas no ensaio seminal de Reddy, em **Metaphors we live by**, Lakoff e Johnson (1980) advogam em favor do *status* conceptual da metáfora, e buscam nas expressões linguísticas as evidências que comprovam o caráter metafórico de nossa rede conceptual. A título de exemplo, os autores demonstram que as expressões linguísticas usualmente empregadas para se falar de um conceito como **discussão** revelam um conceito metafórico subjacente, a saber, DISCUSSÃO É GUERRA.

Os autores fazem notar que comumente concebemos uma discussão a partir do conceito de guerra, o que implica na percepção de movimentos de ataque e defesa de uma posição, em vencedores e perdedores, táticas ou estratégias etc. Isso se evidencia claramente nas expressões linguísticas que usamos para referirmos ordinariamente a uma discussão. Senão, vejamos: *Seus argumentos são indefensáveis / Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação / Jamais **ganhei** uma discussão com ele*. Assim, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), em nossa cultura,

DISCUSSÃO é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA. O conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada. (Id., *ibid.*, p. 48)

Logo, a matéria-prima essencial da metáfora são *conceitos*, e estamos, agora, diante de uma concepção de metáfora de base cognitiva, que destoa essencialmente da visão figurativa tradicional arrolada acima, que estipulava a palavra como *locus* da metáfora. A metáfora passa a ser concebida, então, nesse enfoque, como uma **operação cognitiva** que consiste em “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 47-48).

Em um estudo posterior, Lakoff (2006) formula uma definição mais elaborada e precisa da metáfora, descrevendo-a como uma espécie de **mapeamento** transdomínio. A metáfora passa a ser compreendida, então, como “um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio-fonte [...] a um domínio-alvo” (LAKOFF, 2006, p. 190, tradução nossa), de modo que podemos traçar correspondências sistemáticas entre entidades de um domínio e do outro. Um conceito metafórico ou **metáfora conceptual** inter-relaciona, assim, dois domínios

de conhecimento⁴ diversos, de modo que um (DOMÍNIO-ALVO) passa a ser conceptualizado a partir do outro (DOMÍNIO-FONTE).

Considere-se o mapeamento⁵ metafórico O AMOR É UMA VIAGEM, atualizado em expressões linguísticas tais como:

Acho que essa relação não vai dar em lugar nenhum.

Estamos parados.

Estamos em uma encruzilhada.

Veja a que ponto chegamos.

Teremos que seguir caminhos separados

Constatamos que tais expressões, empregadas na linguagem ordinária (e não em usos poéticos) para descrever uma relação amorosa, indiciam que esta é conceptualizada em termos de outro domínio da experiência, o das viagens. Podemos, a partir daí, entrever correspondências ontológicas entre os domínios conceptuais constitutivos do mapeamento: os **amantes** são **viajantes**, as **metas comuns de vida** são **destinos** a serem alcançados, a própria **relação amorosa** corresponde ao **veículo** e **dificuldades no relacionamento** são **impedimentos ou obstáculos à viagem**. Esse mapeamento permite-nos, pois, projetar o conhecimento que temos sobre a ontologia das viagens (domínio-fonte) sobre um domínio bastante diverso e mais abstrato da experiência, a ontologia do amor (domínio-alvo).

Cumprе advertir, contudo, que o mapeamento instituído pela metáfora é sempre parcial, não havendo uma identificação total entre os conceitos relacionados por uma metáfora conceptual (A=B). Isto implica dizer que os conceitos metafóricos focalizam determinados aspectos de um conceito, ao passo que encobrem outros, inconsistentes com a metáfora. Na metáfora já citada DISCUSSÃO É GUERRA, por exemplo, excluem-se os possíveis aspectos colaborativos de uma discussão em detrimento dos aspectos bélicos selecionados pela metáfora⁶.

A noção de metáfora conceptual lançará por terra a ideia difundida pela visão clássica da metáfora segundo a qual esta necessariamente estaria fundada numa relação de similaridade (*vide* em 1.1. que a metáfora foi descrita pela Retórica como um tropo de semelhança). Com efeito, segundo o modelo retórico, a base da metáfora consiste na existência de similaridades objetivas ou reais preexistentes entre as entidades comparadas

⁴ Kovecses (2002) define a noção de **domínio conceptual** como “qualquer organização coerente da experiência” (KOVECSES, *ibid.*, p. 4).

⁵ A forma pela qual a metáfora conceptual pode ser descrita foi alvo de reformulações no interior da Teoria Cognitiva da Metáfora, até que se firmasse a sua representação como um *mapeamento*, perspectiva que adotamos neste trabalho. Reproduzimos sucintamente essa discussão na subseção 1.3.2. .

⁶ Retomaremos esse aspecto em maior detalhe mais adiante na subseção 1.3.2.

numa relação metafórica. Tomando de empréstimo um exemplo de Kovecses (2002, p. 68), somente poderíamos falar de “as **rosas** em suas faces” para referirmos ao tom rosáceo das bochechas de alguém porque teríamos aqui uma semelhança preexistente à metáfora, no mundo real, entre os dois objetos comparados, a saber, a cor das rosas (vermelho ou rosa, nesse caso) e o tom da pele das maçãs do rosto. A ausência dessa similaridade explicaria, em contrapartida, porque aparentemente nos seria vedado, nesse mesmo caso, o emprego de outra expressão tal como “o **céu** em suas faces”, uma vez que a cor azul, própria do céu, não guarda semelhanças com o tom da pele humana⁷.

Contudo, ao confrontarmos tal perspectiva com a supraexaminada metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, verificamos que não podemos identificar, nesse caso, uma relação de similaridade preexistente entre os conceitos de **viagem** e **amor** inter-relacionados pela metáfora conceptual em causa (KOVECSES, 2002, p. 68-9), o que demonstra que a similaridade não é condição necessária para a existência da metáfora.

Por outro lado, a noção de metáfora conceptual também levará ao colapso o eixo central da teoria clássica sobre a metáfora, a saber, a oposição literal-figurado. Uma vez que assume que nossa linguagem cotidiana convencional é eminentemente metafórica, a visão cognitiva da metáfora irá conferir uma acepção diversa à noção de literalidade. Assim, serão considerados literais agora apenas “aqueles conceitos que não são compreendidos via metáfora conceptual” (LAKOFF, 2006, 188, tradução nossa).

Por convenção, a metáfora conceptual é representada por maiúsculas ou versalete, conforme a notação DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE (acima, DISCUSSÃO É GUERRA, O AMOR É UMA VIAGEM) ou, ainda, DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE. Vale igualmente notar que a metáfora conceptual não coincide com o nome do mapeamento, mas antes compreende todo o conjunto de correspondências previsto por este.

Lakoff (2006) adverte para a necessidade de se operar uma distinção entre **metáfora conceptual** e **expressão linguística metafórica**. Uma vez que, na teoria cognitiva da metáfora, a linguagem é divisada como o reflexo de um amplo sistema conceptual metafórico subjacente, as **expressões linguísticas metafóricas** constituem, portanto, atualizações particulares ou instanciações daqueles conceitos metafóricos, dos quais normalmente sequer temos consciência. Uma única metáfora conceptual pode, assim, se tornar manifesta por inúmeras expressões linguísticas (*vide* os enunciados elencados acima para a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM). Isso ratifica a tese lakoffiana de que a metáfora é, de fato, um

⁷ Excetue-se, nesse caso, o tom cianótico que caracteriza a pele humana em estágio de cadáver.

fenômeno conceptual, pois, caso fosse um fenômeno de ordem meramente linguística, cada uma das expressões listadas acima equivaleria a uma metáfora diferente, o que não procede, como observamos. Logo, a metáfora, sob o prisma cognitivo, “não é uma mera questão de palavras, mas antes de pensamento e razão” (LAKOFF, *ibid.*, p. 192, tradução nossa).

A descrição da metáfora como mapeamento conceptual alça, assim, esse fenômeno à condição de princípio responsável por traçar generalizações de ordem linguística – pois provê uma explicação para o emprego polissêmico de um conjunto de expressões (*e.g.*, por que palavras empregadas para descrever viagens são usadas para se falar de uma relação amorosa) – e inferencial, uma vez que inter-relaciona padrões de inferência atinentes a domínios de conhecimento com estruturas diversas.

Para Lakoff (2006), o conjunto de milhares de mapeamentos como o supraexaminado constitui um amplo subsistema metafórico que integra nosso sistema convencional do pensamento. Ainda segundo o autor, os usos literários da metáfora não consistem senão em extensões do sistema metafórico convencional, sendo compreendidos somente a partir deste (*vide* Lakoff e Turner (1989)). Por conseguinte, reafirma-se, uma vez mais, que a realização linguística da metáfora é secundária ante sua faceta conceptual.

1.3.1. Classificação das metáforas conceptuais

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) distinguem três diferentes categorias de metáforas conceptuais, a saber, as orientacionais, as ontológicas, e as estruturais.

As metáforas **orientacionais** se caracterizam por “organizar todo um conjunto de conceitos em relação a outro” (*ibid.*, p. 59), geralmente conferindo-lhe uma orientação espacial (para cima – para baixo, frente – trás, dentro – fora etc.). Assim, em expressões como *Meu astral subiu* ou *Eu caí em depressão*, os conceitos de felicidade e tristeza estariam conformados a uma orientação espacial, expressa a partir das metáforas conceptuais FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, respectivamente. Segundo os autores, as metáforas orientacionais (ou de espacialização) estão fundadas em uma base experiencial física e cultural, podendo variar de uma cultura para outra.

As metáforas **ontológicas**, por sua vez, baseiam-se em nossa experiência com substâncias e objetos físicos, correspondendo a “formas de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias” (*ibid.*, p. 75). Elas nos permitem tratar como entidades discretas realidades abstratas, atendendo a diferentes propósitos como referir-se (*A honra de nosso país está em jogo nessa guerra*), quantificar (*Há tanto ódio nesse*

mundo), identificar aspectos (*A brutalidade da guerra desumaniza todos nós*), atribuir causas (*Ele fez aquilo de raiva*) e motivar ações (*É preciso combater a inflação*). Para Lakoff e Johnson, a **personificação** constitui a subespécie mais comum de metáfora ontológica, na qual “objetos físicos são concebidos como pessoas” (ibid., p. 87).

Analisando a recorrência da metáfora ontológica em textos publicitários, Espíndola (2007) opera uma distinção precisa, a partir de suas pesquisas, entre dois processos de atualização da personificação, não discriminados por Lakoff e Johnson. O primeiro tipo descrito, designado **animação**, corresponde a casos em que “uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada” (Espíndola, 2007, p. 50), sendo-lhe atribuídas características próprias de um ser vivo. Já a segunda modalidade apontada, ou **humanização**, coincidiria com a personificação propriamente dita, em que a experiência em causa é figurada como um ser efetivamente humano, uma pessoa.

Assim, para a autora, em *A inflação está devorando nossos lucros*, estaríamos diante de um caso de animação, ao passo que a metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, atualizada por expressões como *A inflação ludibriou as melhores mentes econômicas de nosso país*, revelaria um processo de humanização.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) sublinham a importância do terceiro tipo de metáforas, as **estruturais**, visto que estas envolvem domínios conceptuais dotados de uma complexa estrutura de conhecimentos, o que confere uma maior riqueza de elaboração às relações metafóricas. A metáfora estrutural se define basicamente por estruturar um conceito em termos de outro, o que nos faculta usar expressões de um dado domínio para referirmos a conceitos correspondentes de outro domínio, definido metaforicamente. É o caso das metáforas já citadas DISCUSSÃO É GUERRA, O AMOR É UMA VIAGEM, além de numerosas outras abordadas pelos autores, a exemplo de TEMPO É DINHEIRO, IDEIAS SÃO ALIMENTOS, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, A MENTE É UMA MÁQUINA.

Pautando-se, sobretudo, em Lakoff e Turner (1989) e Lakoff e Johnson (1980), Kovecses (2002) discorre sobre os diferentes tipos de metáforas conceptuais, e estipula didaticamente critérios para a sua classificação. Segundo o autor, as metáforas variam conforme o **grau de convencionalidade**, a **função cognitiva**, a **natureza** e o **nível de generalidade**.

Kovecses adverte que, no enfoque cognitivo da metáfora, o termo *convencional* tem uma acepção diversa daquela que assume na Linguística ou na Filosofia da Linguagem, em que equivale a “arbitrário” (vide a noção de signo linguístico). Diz-se antes que uma metáfora ou expressão metafórica é **convencional** ou **convencionalizada** quando esta se acha

profundamente arraigada no uso de uma comunidade linguística, sendo empregada naturalmente e sem esforço por falantes ordinários para seus propósitos cotidianos (KOVECSES, *ibid.*, p. 29). Segundo esse primeiro critério, as metáforas poderiam, então, ser mais ou menos convencionais.

Numa escala virtual de convencionalidade, teríamos, assim, num extremo, metáforas que revelam formas profundamente arraigadas, ou mesmo clichêizadas, de se raciocinar sobre certos conceitos – a exemplo das já citadas DISCUSSÃO É GUERRA e O AMOR É UMA VIAGEM) – e, no extremo oposto, metáforas novas ou altamente não convencionais, ou seja, que articulam domínios conceptuais de uma maneira não usual, inovadora (Kovecses alude aqui à metáfora O AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, já apontada por Lakoff e Johnson (1980)). As metáforas convencionais podem ainda ser atualizadas de modo inusitado por expressões linguísticas não convencionalizadas.

As metáforas de alto grau de convencionalidade exibiriam um caráter, por assim dizer, “natural”, e seu uso seria praticamente inconsciente por parte dos falantes nativos, ao passo que as metáforas conceptuais e expressões linguísticas metafóricas não convencionais seriam o produto do esforço criativo, não só de profissionais do domínio estrito das artes (*e.g.* literatos), mas também de jornalistas, cientistas, políticos, usuários de gírias etc.

O segundo critério formulado por Kovecses, qual seja, a **função cognitiva** desempenhada pela metáfora, irá convergir para a classificação já sistematizada por Lakoff e Johnson (1980). Com efeito, nesse ponto, Kovecses retoma os autores e reproduz a tipologia que institui os três tipos de metáforas citados há pouco: estruturais, ontológicas e orientacionais.

Já o terceiro critério arrolado por Kovecses diz respeito à **natureza da metáfora**. Sob esse aspecto, as metáforas podem ser baseadas em conhecimento ou imagem. O primeiro tipo corresponde aos casos em que o mapeamento metafórico se dá entre elementos estruturais de dois domínios efetivos de conhecimento, a exemplo da supracitada metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, em que se articulam os domínios conceptuais das **viagens** e do **amor** (fonte e alvo, respectivamente). Às metáforas baseadas em conhecimento se contrapõem as denominadas **metáforas de esquema imagético**, nas quais “não são elementos conceptuais do conhecimento (como viajante, destino, obstáculos etc. no caso de VIAGEM) que são mapeados de uma fonte a um alvo, mas elementos conceptuais de esquemas imagéticos.” (KOVECSES, 2002, p. 36, tradução nossa). Nesse caso, a fonte não seria representada propriamente por um conceito, mas antes por uma estrutura esquemática, como os esquemas imagéticos de orientações espaciais ou ainda de recipientes. É o que podemos visualizar no

exemplo *O elevador está **fora de serviço***, em que um estado relativo à ausência de funcionalidade é metaforicamente expresso a partir da relação espacial **dentro-fora**, associada ao esquema imagético de RECIPIENTE. Nesse gênero de metáforas, portanto, poucos elementos são mapeados da fonte para o alvo, em função do caráter esquemático e relativamente pobre em detalhes inerente àquela.

Por último, conforme o **nível de generalidade** (quarto critério), as metáforas podem ser classificadas em metáforas de nível genérico ou de nível específico. As metáforas de nível genérico são aquelas constituídas por conceitos tipicamente genéricos, cuja estrutura é de caráter extremamente esquemático, com poucos detalhes ou propriedades definicionais. A título de ilustração, veja-se a metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES, cujos domínios fonte e alvo coincidem ambos com noções genéricas – um **evento**, por exemplo, pode ser definido simplesmente como qualquer mudança experienciada por uma entidade, ocasionada por alguma força externa (KOVECSES, *ibid.*, p. 39). De um modo geral, esses conceitos genéricos são hierarquicamente superiores ou superordenados e incluem várias instâncias específicas (*vide* os diferentes tipos de eventos possíveis: morrer, queimar, amar etc.). As metáforas de nível específico, em contrapartida, são formadas por conceitos específicos, que, ao contrário dos conceitos genéricos, exibem uma estrutura rica em detalhes. Tal é o caso do conceito de **viagem** na metáfora já aludida acima O AMOR É UMA VIAGEM.

Lakoff e Johnson (1999, 2003 [1980]) abandonarão a classificação tripartite outrora esboçada em razão de sua própria inconsistência e superficialidade. Segundo os autores tal classificação se revela inadequada, uma vez que:

Todas as metáforas são estruturais (no sentido de que consistem em mapeamentos de uma estrutura para outra); todas são ontológicas (na medida em que criam entidades domínio-alvo); e muitas são orientacionais (dado que mapeiam esquemas imagéticos orientacionais). (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 264, tradução nossa)

A teoria cognitiva da metáfora será alvo, assim, de sucessivas revisões e incorporará novos desenvolvimentos desde as bases lançadas em **Metaphors we live by**, a exemplo da noção de metáfora primária de Joseph Grady e da Teoria Neural de Srini Narayanan.

Julgamos pertinente registrar, nesse passo, que neste trabalho não nos pautaremos na classificação proposta por Lakoff e Johnson (1980) para as metáforas conceptuais, correspondente à primeira versão da teoria, mas antes esposaremos a perspectiva teórica de Lakoff e Johnson (1999), que contempla os seus desenvolvimentos mais recentes, e é ratificada pelos autores em posfácio incluso na edição de 2003 de **Metaphors we live by**.

1.3.2. A teoria cognitiva da metáfora: revisões e aprofundamentos

No posfácio da edição de **Metaphors we live by** publicada em 2003, Lakoff e Johnson compilam uma reavaliação de vários aspectos da teoria cognitiva da metáfora, traçando um panorama amplo dos estudos sobre a metáfora na perspectiva cognitiva e de sua repercussão nas mais diversas áreas do conhecimento.

Uma das questões que é alvo de revisão concerne à própria definição de metáfora conceptual adotada ao longo do tempo, ou, mais particularmente, às imagens metafóricas recrutadas para a descrição desse fenômeno.

A metáfora matemática do **mapeamento** entre domínios, empregada inicialmente para descrever a metáfora conceptual revelou-se eficaz, dado que permitia ilustrar as correspondências instituídas entre elementos constitutivos dos domínios fonte e alvo. Segundo os autores, contudo, ela demonstrou-se inadequada uma vez que não expressava um aspecto crucial da metáfora conceptual, qual seja, o seu carácter criativo.

Com efeito, através de uma metáfora conceptual, o domínio alvo, a ser compreendido via metáfora, é enriquecido a partir da incorporação de elementos conceptuais do domínio fonte, de modo a criar uma nova compreensão deste alvo. Esta particularidade não era, entretanto, passível de ser expressa pela ideia do mapeamento, razão por que os autores precisaram recorrer, adicionalmente, a uma outra metáfora, a saber, a da **projeção**.

De acordo com a metáfora da projeção, o mecanismo da metáfora conceptual se assemelharia ao de um retroprojektor sobre o qual se depositasse um primeiro *slide*, correspondente ao domínio alvo, e ao qual se sobrepusesse, a seguir, um segundo *slide*, que coincidiria com o domínio fonte. Desse modo, a estrutura do domínio fonte se inscreveria na do domínio alvo, sugerindo, dessa forma, a ideia pretendida de que “as metáforas acrescentam entidades e relações extras ao domínio alvo.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 253, tradução nossa).

A metáfora da projeção, porém, implicava em inconvenientes, sendo o problema mais sério a presunção de que toda a estrutura do domínio fonte é projetada sobre o alvo em uma metáfora conceptual. Conforme já assinalamos acima, a correlação metafórica tem, ao contrário, sempre um carácter parcial, e certos elementos da fonte não são mapeados para o alvo. Veja-se, a título de exemplo, a metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, citada pelos autores, em que alguns aspectos de uma edificação, como sua fundação (*Demonstraremos que a sua teoria não tem base*), são contemplados pelo mapeamento, ao passo que isto não ocorre com outros elementos, tais como a pintura ou a instalação elétrica.

A metáfora do mapeamento será então priorizada, uma vez que permite representar a ideia de mapeamentos parciais entre fonte e alvo, em conformidade, assim, com a natureza intrínseca da metáfora conceptual. Dessa forma, a metáfora da projeção será abandonada em 1997, e a descrição da metáfora como mapeamento será retomada, agora, sob novas bases teóricas, como detalharemos a seguir.

No supramencionado posfácio, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) também distinguem brevemente dois estágios sucessivos por que passou o desenvolvimento da teoria cognitiva da metáfora do ponto de vista cronológico. Segundo os autores, os estudos empreendidos nos anos 80 do último século estavam centrados, sobretudo, na investigação do modo pelo qual as metáforas conceptuais estavam embasadas em nossa experiência corporal. Com o advento dos anos 1990, a teoria passou por modificações e sofreu um aprofundamento, inaugurando um novo nível de análise, denominado de “análise profunda”.

Nesse segundo momento, a importância da metáfora como mecanismo cognitivo é sublinhada ao se desvelar a ubiquidade e o papel essencial desse fenômeno na conceptualização de nossas ideias mais elementares, a exemplo de noções como a de tempo, eventos, causação ou moralidade.

Lakoff (2006) irá demonstrar, nesse sentido, que grande parte dos conceitos básicos centrais que intervêm em uma gramática, a exemplo das noções de tempo, quantidade, ação, estado, mudança, finalidade, meios, modalidade e categoria, exibe um caráter metafórico. O autor reunirá, desse modo, argumentos para a contestação da ideia (subjacente à visão tradicional da metáfora) de que todas as definições do léxico e os conceitos integrantes da gramática de uma língua são exclusivamente literais.

Nesse estudo, Lakoff (ibid.) atestará que conceitos abstratos básicos como estados, mudanças, processos, ações, causas, fins e meios são conceptualizados metaforicamente, a partir de noções como espaço, movimento e força. O conjunto desses mapeamentos integra uma metáfora complexa denominada de “estrutura de eventos” (*event structure*). Essa metáfora é também detalhadamente descrita em Lakoff e Johnson (1999), em capítulo específico dedicado a eventos e causas. Nesse complexo metafórico, dentre outras correspondências, **estados** são metaforizados como **localizações** delimitadas no espaço, com um interior e um exterior (*Maria está em uma depressão profunda / Estamos fora de perigo agora / Ela está próximo da loucura*), **mudanças** são **movimentos** para dentro ou fora de lugares (*Fábio saiu do coma / Maria foi à loucura / Pedro entrou em depressão*), **causas** são **forças** que ocasionam mudanças de um estado para outro (*Aquela experiência a empurrou*

para o abismo / Seu discurso mobilizou a multidão para a revolta / As últimas notícias lançaram os países europeus em uma crise sem precedentes), **fins** são **destinos** a serem alcançados (*Nós chegamos ao fim da tarefa / Nós agora temos somente um pequeno caminho a percorrer*), **meios** são **caminhos** para se atingir destinos (*Ela fez isso usando outro caminho*), **ações** são **movimentos auto-impulsionados** em direção a destinos.

A compreensão metafórica do conceito de tempo é particularmente rica e complexa. Segundo Lakoff (2006), o domínio abstrato do tempo é mapeado a partir de um domínio mais concreto, o do espaço, conforme dois subsistemas distintos. No primeiro, um observador estático é tomado como centro dêitico, e o tempo é conceptualizado como uma entidade em movimento em relação a este observador. Esta situação é expressa através da metáfora O TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, que subjaz ao uso de expressões como: *O tempo voa / A semana que vêm já está se aproximando / O Natal está chegando / Já havia passado muito tempo quando...* .

Vale notar, nesse caso, que, uma vez conceptualizado como um objeto, o tempo recebe uma orientação frente-trás, tendo sua frente voltada para a direção do movimento (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 101). Isso justifica nossa percepção do futuro como algo que se situa adiante de nós, movendo-se em nossa direção, em oposição ao tempo passado, situado atrás de nós.

No segundo sistema aludido, em contrapartida, o tempo é agora conceptualizado como localizações fixas, e o observador é que se move através dele, na direção do futuro. Tal situação é representada pela metáfora A PASSAGEM DO TEMPO É UM MOVIMENTO ATRAVÉS DE UMA PAISAGEM, observável em expressões linguísticas como as seguintes: *Ele permaneceu lá por dez anos / Nós estamos chegando perto do Natal / Ele chegou na hora / Eu passei o tempo ...* .

Diante de tais evidências, somos, pois, autorizados a concluir, com Lakoff (2006), que a metáfora é um componente inalienável da gramática e ocupa uma posição central na semântica de uma língua natural.

Os estudos empreendidos na segunda fase da teoria descortinarão a importância do pensamento metafórico, evidenciando que o interesse no estudo da metáfora extrapola os limites estritos da Linguística ou dos Estudos Literários, e seu alcance se estende às mais diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Filosofia, o Direito, a Religião, a Política, ou mesmo a Matemática.

Para Lakoff e Johnson (2003 [1980]), a metáfora condiciona nosso modo de pensar e agir, determinando, assim, inúmeros aspectos de nossa vida pública e privada, uma vez que o “o pensamento metafórico é normal e ubíquo em nossa vida mental, tanto consciente quanto inconsciente.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 244, tradução nossa).

No quadro de pesquisas que atestam essa onipresença da metáfora conceptual em nossa vida cotidiana, destacam-se, sobretudo, os estudos de Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002) acerca da noção de moralidade. Os autores demonstraram que, a exemplo dos demais conceitos abstratos, nossos conceitos morais, que compreendem ideais como justiça, virtude, liberdade, compaixão, dentre outros, também são estruturados metaforicamente, e as metáforas conceptuais subjacentes a estes compõem um verdadeiro sistema metafórico. Esse complexo metafórico, segundo os autores, funda-se em uma base experiencial identificável, qual seja, as nossas experiências fundamentais relativas ao bem-estar (*vide* exposição detalhada sobre esse tópico na seção 2). As metáforas conceptuais que integram o sistema metafórico da moralidade intervêm de modo crucial na conceptualização de ideias de ordem política, a exemplo das noções do conservadorismo e liberalismo no cenário político norte-americano (LAKOFF, 2002). Os estudos sobre a moralidade nos fornecerão, ainda, subsídios teóricos para a compreensão das metáforas empregadas para conceptualizar a noção de **corrupção política**, objeto de análise desta pesquisa.

Outras contribuições importantes incorporadas à teoria cognitiva da metáfora nessa segunda fase correspondem às investigações de Joseph Grady (1997) sobre a metáfora primária, e à descrição da metáfora sob a ótica da Teoria Neural, proposta por Srinivas Narayanan. Grady (1997) identificou que as metáforas descritas por Lakoff e Johnson eram, na verdade, em sua maioria, complexas, isto é, decomponíveis em unidades menores ou mais essenciais, denominadas de **metáforas primárias**. Estas consistem em mapeamentos que exibem uma relação direta com uma base experiencial, através dos quais julgamentos e experiências subjetivas são conceptualizados a partir de elementos de domínios sensório-motores. Por outro lado, as pesquisas de Narayanan irão vislumbrar a metáfora como uma espécie de mapa de conexões neurais, ou seja, como uma entidade com existência propriamente física.

1.3.3. A noção de metáfora primária e a Teoria Neural da metáfora

Lakoff e Johnson (1980) tangenciaram a questão da base experiencial da metáfora ao descrever algumas metáforas ditas orientacionais ou de espacialização, a exemplo da metáfora

MAIS É PARA CIMA (*Os preços subiram muito este ano*). Nesse mapeamento, constatamos que um domínio conceptual subjetivo (quantidade) é conceptualizado a partir de um domínio de carácter sensório-motor (verticalidade). A associação metafórica entre alvo e fonte (quantidade e verticalidade, respectivamente) se pauta, segundo os autores, em uma correlação direta com uma experiência corporal, a saber, o fato de que, ao empilharmos objetos, vemos uma elevação de nível correspondente no plano vertical.

Grady (1997) aprofundou a tese acerca da base experiencial da metáfora ao demonstrar que nossos julgamentos subjetivos (avaliações sobre aspectos como importância, dificuldade ou similaridade) ou experiências de ordem subjetiva (afeição, desejo, dentre outras) são frequentemente conceptualizados a partir de nossas experiências de base sensório-motora. Os mapeamentos metafóricos construídos a partir de tais associações foram denominados por Grady de **metáforas primárias**. Um exemplo dessa correlação é a metáfora DIFICULDADE É PESO, atualizada por uma expressão linguística como *Estou muito sobrecarregada de trabalho este semestre*, em que a capacidade subjetiva para avaliar a possibilidade de se realizar algo (domínio alvo DIFICULDADE) é conceptualizada, via metáfora, a partir de nossas experiências sensório-motoras relativas ao ato de levantar e/ou mover objetos (domínio fonte PESO).

Em seu estudo, Grady identificou um vasto número de metáforas primárias, dentre as quais: SIMILARIDADE É PROXIMIDADE, IMPORTANTE É GRANDE, AFEIÇÃO É CALOR, DIFICULDADE É DUREZA, DESEJO É FOME, ACEITAR É ENGOLIR, CONHECER É VER, COMPREENDER É PEGAR, ANALISAR É CORTAR, TEMPO É MOVIMENTO, PROPÓSITOS SÃO DESTINOS, ESTADOS SÃO LUGARES, MUDANÇA É MOVIMENTO, CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS.

Segundo a hipótese de Grady, cada metáfora primária “é um componente atômico da estrutura molecular das metáforas complexas.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 49, tradução nossa). As metáforas primárias se agregariam, desse modo, para formar metáforas complexas através do processo de *blending* conceptual⁸, detalhadamente estudado em Fauconnier e Turner (2002). Uma metáfora como A VIDA É UMA VIAGEM, por exemplo, será

⁸ *Blending* ou “integração conceptual” designa uma operação cognitiva que desempenha papel central na estruturação do pensamento. O processo típico de *blending* prevê um mapeamento entre quatro estruturas conceptuais (espaços mentais), dos quais “dois espaços de *input* (que, em um caso metafórico, são associados com a fonte e o alvo da TMC), mais um espaço ‘genérico’, representando a estrutura conceptual que é partilhada por ambos os espaços de *input*, e um espaço ‘mescla’, no qual o material oriundo dos espaços de *input* é combinado e interage” (GRADY; OAKLEY; COULSON, 1997, tradução nossa). Segundo Evans (2007), a Teoria do Blending (ou Teoria da Integração Conceptual) foi desenvolvida para dar conta de aspectos não suportados pela Teoria da Metáfora Conceptual e descrever, sobremaneira, aspectos criativos envolvidos na construção do significado, a exemplo do que ocorre com as denominadas metáforas “novas”.

considerada por Grady como complexa, podendo ser desmembrada em diferentes metáforas primárias, tais como PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS.

A teoria da metáfora primária de Grady encontra-se, por outro lado, ancorada nos estudos de Christopher Johnson, que postula uma hipótese sobre o modo de aquisição das metáforas primárias, denominada de Teoria da Fusão (ou “Teoria da Conflation”).

Ao investigar como se dá a aquisição de metáforas comuns por crianças, Christopher Johnson constatou que o surgimento das metáforas primárias ocorre em dois estágios distintos e sucessivos. Segundo o autor, haveria uma primeira fase, designada “conflation”, que corresponderia aos primeiros anos da infância, em que as experiências subjetivas e sensório-motoras estariam superpostas ou imbricadas (*conflated*) tão intimamente que a criança as conceberia como uma experiência única, indiferenciada. Assim, durante esse estágio inicial, haveria uma ativação simultânea dos domínios conceptuais subjetivos e dos domínios sensório-motores, de modo a promover uma associação entre estes.

Numa etapa posterior, denominada “diferenciação”, haveria uma separação entre os domínios anteriormente percebidos como indistintos, e a criança seria agora capaz de distinguir entre os domínios conceptuais de ordem diversa (subjetiva e sensório-motora). Mesmo após o período de diferenciação, contudo, associações remanescentes da fase de *conflation* persistiriam, explicando, assim, a existência das metáforas primárias. Assim, em uma expressão como *Ele deu um sorriso caloroso*, podemos entrever uma metáfora primária subjacente, a saber, AFEIÇÃO É CALOR, em que uma experiência de um domínio subjetivo (afeição) é conceptualizada a partir de uma experiência de caráter sensório-motor (sensação térmica). Isso se justifica, segundo o autor, graças ao fato de que esses domínios foram, outrora, coativados durante o período de *conflation*, em que a criança associava, como uma mesma experiência, o ato de ser abraçada afetuosamente ao calor produzido por essa mesma ação.

Christopher Johnson investigou, particularmente, o mecanismo de aquisição da metáfora primária CONHECER É VER (KNOWING IS SEEING), adotando como *corpus* um conjunto de sentenças produzidas por um garoto (Shem), gravadas ao longo de seu processo de desenvolvimento da linguagem. Em suas pesquisas, ele observou que, em uma etapa anterior à aquisição da metáfora em causa, registravam-se usos do verbo *ver* (*Vamos ver o que temos na caixa*) em contextos em que equivaliam tanto a sua acepção literal, propriamente sensorial, quanto ao seu correlato metafórico (*conhecer*), indiciando, assim, a existência da fase de *conflation*. Os usos efetivamente metafóricos (*Eu estou vendo o que você*

está querendo dizer / I see what you mean), por seu turno, só ocorriam posteriormente, segundo a hipótese de Johnson.

Ao desenvolver estudos sobre modelagem neural, no âmbito da Neurociência Computacional, Srinu Narayanan avançou hipóteses em direção à tese da corporificação do pensamento e propôs uma explicação, sob uma perspectiva neural, para os mecanismos de funcionamento e aquisição das metáforas primárias. A Teoria Neural de Narayanan, ao lado das sistematizações de Joseph Grady e Christopher Johnson, bem como da Teoria do Blending Conceptual de Gilles Fauconnier e Mark Turner, irá compor o que Lakoff e Johnson (1999) denominam de Teoria Integrada da Metáfora Primária.

Sob a perspectiva neural, os domínios conceptuais passam agora a ser compreendidos como **redes neurais**, isto é, “conjuntos neurais altamente estruturados em diferentes regiões do cérebro” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 256, tradução nossa). Os mapeamentos que caracterizam a metáfora conceptual consistirão, por sua vez, em **conexões neurais** entre tais domínios, isto é, ligações propriamente físicas empreendidas através de sinapses neurais.

A Teoria Neural de Narayanan irá redimensionar a hipótese aventada por Joseph Grady e Christopher Johnson para a aquisição das metáforas primárias. Uma metáfora primária, a exemplo da já citada QUANTIDADE É VERTICALIDADE (MAIS É PARA CIMA), resultaria de uma ativação simultânea de redes neurais no cérebro responsáveis, de um lado, pela experiência sensório-motora (a percepção do grau de verticalidade, nesse caso específico) e, de outro, pela experiência e julgamento subjetivos (o julgamento relativo à quantidade, na metáfora sob exame). A coativação reiterada e regular dessas regiões cerebrais, que ocorreria a partir das experiências cotidianas vivenciadas já nos primeiros anos da infância (na fase denominada de “conflation” por Christopher Johnson), produziria, por conseguinte, conexões neurais permanentes entre essas redes (domínios) conceptuais, caracterizando a emergência das metáforas primárias.

O processo através do qual as conexões permanentes entre domínios são estabelecidas assumiria o caráter de uma **seleção neural** (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 57), em que as conexões neurais entre domínios (fonte e alvo) seriam inicialmente aleatórias ou randômicas e, em face da maior recorrência e regularidade em sua coativação, certas conexões se fixariam de modo definitivo, culminando, assim, por configurar nosso sistema conceptual metafórico.

Retomando sumariamente a exposição acima, podemos afirmar que, sob a abordagem neural, as metáforas primárias não são senão “conexões neurais aprendidas por coativação” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, tradução nossa). A compreensão da metáfora sob tal perspectiva irá acarretar algumas implicações teóricas, que passamos a examinar.

Uma vez que decorrem de um processo de “aprendizagem neural”, as metáforas primárias constituem um fenômeno atinente à esfera do inconsciente cognitivo e, por conseguinte, o pensamento metafórico é uma realidade inescapável, sobre a qual não temos consciência ou mesmo escolha. Com efeito, para Lakoff e Johnson (1999):

Apenas por funcionarmos normalmente no mundo, nós automática e inconscientemente adquirimos e usamos um vasto número de tais metáforas. Elas são realizadas em nossos cérebros **fisicamente** e estão em sua maior parte além de nosso controle. Elas são uma consequência da natureza de nossos cérebros, nossos corpos e do mundo em que habitamos. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 59, tradução nossa, grifo do autor).

A postulação de uma base neural para a metáfora também explica o caráter universal da maior parte das metáforas primárias. Isso se deve ao fato de que as experiências que originam as metáforas primárias são universais, uma vez que, como lembram Lakoff e Johnson (2003 [1980]), “basicamente todos nós temos os mesmos tipos de corpos e cérebros e vivemos basicamente nos mesmos tipos de ambientes.” (*id.*, *ibid.*, p. 257, tradução nossa). Desse modo, segundo o raciocínio apresentado por Lakoff e Johnson (1999), “experiências iniciais universais levariam a *conflations* universais, que então se desenvolveriam em metáforas conceptuais universais (ou difundidas).” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 46, tradução nossa).

Conceber a metáfora como um processo instanciado neuralmente implica, por outro lado, na recusa da compreensão da metáfora como processo multifásico de interpretação, visão esposada por diferentes paradigmas linguísticos.

Com efeito, segundo Lakoff (2006), o mapeamento metafórico não deve ser compreendido como um processo algorítmico, que recebe um sentido literal como *input* e retorna um sentido metafórico como *output*. Dada uma sentença metafórica não haveria, assim, uma etapa prévia em que se atribuiria uma interpretação literal, e uma etapa posterior, em que aquela sofreria uma conversão, resultando na interpretação metafórica. Barcelona (2003a) acrescenta, nesse sentido, que, uma vez concebida como um tipo de modelo cognitivo (LAKOFF, 1987), a metáfora passa a integrar nosso “equipamento cognitivo”, por assim dizer, e como tal, as metáforas seriam “**diretamente** ativadas no processo de compreensão e produção de linguagem”. (BARCELONA, 2003a, p. 6, tradução e grifo nossos). Particularmente no caso das metáforas primárias, para Lakoff e Johnson (1999), teríamos aqui “uma questão de mapeamento conceptual **imediato** estabelecido via conexões neurais”. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 57, tradução e grifo nossos).

Nesse ponto, julgamos oportuno remeter brevemente à discussão sobre qual é o lugar da metáfora nos estudos linguísticos. Relativamente a este aspecto, Lakoff (2006) rejeita a perspectiva de John Searle (como também a de Paul Grice), segundo a qual a metáfora concerne à esfera da Pragmática e excede os limites da linguística sincrônica. Segundo Lakoff (ibid., p. 235), tais autores mantêm a oposição literal/figurado (e as assunções equivocadas vinculadas a esta), à medida que concebem o significado metafórico como algo derivado de um significado literal, a partir de princípios pragmáticos da linguagem em uso. Tal abordagem revela-se, pois, incompatível com a teoria cognitiva da metáfora, dado que, para este último paradigma, o significado metafórico é irreduzível ao significado literal.

1.4. A noção de metonímia sob a abordagem cognitiva

O enfoque cognitivo também lançou luzes sobre outro fenômeno tradicionalmente descrito como mera figura de linguagem, a saber, a metonímia. Na metonímia, tipicamente, empregamos uma entidade para nos referirmos a outra, relacionada, de algum modo, à primeira. A título de ilustração, vejamos as sentenças abaixo:

Eu estou lendo Machado de Assis.

Precisamos de sangue novo na empresa.

Nos exemplos acima, a expressão *Machado de Assis* refere-se, efetivamente, a *obras escritas por Machado de Assis*, ao passo que *sangue novo* remete a *pessoas novas* que possam vir a integrar o quadro de funcionários da empresa em causa. Na primeira sentença, a metonímia estaria fundada numa relação do tipo PRODUTOR PELO PRODUTO, já o segundo exemplo ilustraria uma relação do tipo PARTE PELO TODO.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) sustentam que a metonímia não consiste meramente numa operação substitutiva entre nomes de coisas, mas é, antes, um fenômeno conceptual e, por conseguinte, de modo análogo à metáfora, “não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem”. (LAKOFF; JOHNSON, ibid., p. 93).

A relevância cognitiva da metonímia é sublinhada por Lakoff e Johnson (ibid.) ao refletirem que muitos conceitos metonímicos subjazem a nosso sistema conceptual e se inscrevem de modo significativo em nossas relações culturais. Exemplo ilustrativo desse fato, segundo os autores, consiste na prática cultural da representação de pessoas através de retratos de seu rosto, que revelam, em última análise, uma materialização da relação metonímica do tipo ROSTO PELA PESSOA (subtipo da metonímia PARTE PELO TODO).

Os autores insistem ainda que a relação metonímica não é um mero expediente referencial, dado que os conceitos metonímicos são atravessados por valores e modos de pensar relativos a uma dada cultura. No célebre exemplo *O sanduíche de presunto quer sua conta* citado pelos autores, em que se atualiza uma relação metonímica do tipo PRODUTO PELO CONSUMIDOR, teríamos uma metonímia desumanizadora, por assim dizer, possivelmente pautada na lógica capitalista, uma vez que se focaliza apenas a relação comercial. Logo, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente a linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 97).

Radden e Kovecses (1999) enfatizam, de igual modo, que, a despeito de, tradicionalmente, a metonímia ser definida como uma relação de substituição, o que se explicita na notação empregada para descrever relações metonímicas, qual seja, X POR Y, na verdade, “a metonímia não substitui simplesmente uma entidade por outra, mas antes as inter-relaciona para formar um significado novo, complexo” (RADDEN; KOVECSSES, 1999, p. 19, tradução nossa).

Com efeito, em um enunciado como *Pedro comprou uma Ferrari*, em que se evidencia uma relação metonímica do tipo PRODUTOR PELO PRODUTO, a virtual interpretação literal (algo equivalente a *Pedro comprou um carro*) não expressa precisamente, contudo, o significado previsto pela relação metonímica. Isso porque a metonímia não exerce apenas um papel referencial, como adverte Lakoff e Johnson (2002 [1980]), mas focaliza aspectos específicos da entidade a que desejamos nos referir. No exemplo ora em tela, não temos, pois, uma relação meramente substitutiva, dado que não desejamos apenas nos referir a um objeto no mundo (*carro* - PRODUTO), mas também evocar todo o *status* de luxo e refinamento associado à marca de automóveis em causa (*Ferrari* - PRODUTOR).

Por outro lado, a noção de contiguidade, normalmente arrolada como traço essencial que articula as entidades constitutivas de uma relação metonímica também será revista sob a abordagem cognitiva. Segundo a concepção tradicional, os elementos relacionados por metonímia estão próximos um do outro, isto é, mantêm uma relação de contiguidade na dimensão espaço-temporal. Nos exemplos citados há pouco, diríamos que produtor e produto estão simultaneamente *in presentia*, dado que o primeiro é responsável pela criação do segundo, e, de igual modo, o rosto/parte integra o corpo/todo.

Contudo, sob o viés cognitivo, essa relação de “proximidade” será redimensionada e alçada ao nível conceptual. Para Kovecses (2002), isso implica dizer, que as entidades relacionadas pela metonímia estão próximas porque pertencem a um mesmo domínio

conceptual ou **modelo cognitivo idealizado** (MCI)⁹. Produtor e produto comporiam, dessa forma, um mesmo MCI, o MCI da Produção, ao passo que rosto e pessoa integrariam, por sua vez, o MCI do Todo e suas Partes.

Retomando sumariamente a questão, com Radden e Kovecses (1999), podemos dizer, portanto, que “as abordagens tradicionais situam a relação de contiguidade no mundo real, enquanto as abordagens cognitivas a localizam no nível conceptual.” (RADDEN; KOVECSSES, 1999, p. 19, tradução nossa).

Kovecses (2002) irá propor uma definição para a metonímia que contempla sua natureza cognitiva. Para o autor, com efeito, a metonímia consiste em

um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo domínio, ou modelo cognitivo idealizado (MCI). (KOVECSSES, 2002, p. 145, tradução nossa).

Assim, nas sentenças já referidas, *Machado de Assis* e *sangue novo* desempenhariam o papel de entidades-veículo que propiciam o acesso mental ou cognitivo às entidades-alvo *obras escritas por Machado de Assis* e *pessoas novas*, respectivamente.

Kovecses acrescenta ainda que a escolha das entidades-veículo na relação metonímica atende a um critério de saliência, dado que habitualmente as entidades que atuam como veículo são mais concretas ou salientes. Em um estudo mais detalhado, Radden e Kovecses (1999) apresentam um conjunto de princípios cognitivos e comunicativos que, segundo os autores, determinam a seleção do veículo metonímico.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) consideram que a metonímia não é um fenômeno fortuito ou aleatório, mas antes exhibe um caráter sistemático, sendo possível discriminar as principais relações subjacentes às entidades relacionadas pela metonímia. Nesse sentido, Kovecses (2002) e Radden e Kovecses (1999) apresentam um quadro minucioso das numerosas relações passíveis de existir entre entidades-veículo e entidades-alvo, bem como dos MCIs mais comuns a que estas se vinculam. Reproduzimos abaixo apenas um breve

⁹ A noção de modelo cognitivo idealizado (MCI) consiste um construto teórico elaborado por Lakoff que designa “uma representação mental relativamente estável que representa uma ‘teoria’ sobre algum aspecto do mundo, a partir da qual palavras e outras unidades linguísticas podem ser relativizadas” (EVANS, 2007, p. 104, tradução nossa). Assim, um conceito lexical como “solteirão” adquire sua significação somente em relação ao MCI CASAMENTO, socioculturalmente determinado, e que prevê, dentre outros aspectos, uma idade núbil ideal. Tais modelos são idealizados porque exibem caráter esquemático e condensam uma gama de experiências, abstraindo instâncias específicas de um dado fenômeno. Dentre os princípios estruturantes dos MCIs, Lakoff elenca os esquemas imagéticos, a metáfora e a metonímia.

elenco de algumas dessas relações, ao lado de ocorrências linguísticas atualizadoras das mesmas.

PARTE PELO TODO

*A **vela** desapareceu no mar revolto.*

*Precisamos de boas **cabeças** nesse projeto.*

TUDO PELA PARTE

*A **América** é um país poderoso. (por Estados Unidos)*

PRODUTOR PELO PRODUTO

*Ela gosta de ouvir **Mozart**.*

*Maria comprou um **Ford**.*

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS

*O **Senado** votou o Projeto Ficha Limpa.*

*A **UFPB** vai discutir a aceitação do ENEM como critério para substituir o vestibular.*

O LUGAR PELA INSTITUIÇÃO

***Washington** está negociando com **Moscou**.*

CONTROLADOR PELO CONTROLADO

***Napoleão** perdeu em Waterloo.*

CATEGORIA PELO MEMBRO DE UMA CATEGORIA

*Ela faz uso da **pílula** há muito tempo. (por pílula anticoncepcional)*

1.4.1. **Metáfora e metonímia: diferenças e inter-relações**

Metáfora e metonímia se inter-relacionam de maneira complexa e os limites entre os dois fenômenos são bastante fluidos, de modo que, por vezes, “não é fácil dizer com certeza se um dado mapeamento deve ser considerado como metafórico ou metonímico”. (BARCELONA, 2003a, p. 8, tradução nossa).

Embora intimamente associadas, metáfora e metonímia exibem, no entanto, algumas diferenças, discutidas em Kovecses (2002). Um dos aspectos elencados pelo autor concerne à função cognitiva desempenhada por cada um desses fenômenos. Enquanto a metáfora se presta precipuamente à compreensão de um conceito a partir de outro, a metonímia exerce, como vimos, a função de permitir o acesso mental, ou ainda, nos termos de Kovecses (ibid.), dirigir a atenção para uma entidade (alvo), através da menção a outra (veículo), normalmente mais saliente ou acessível.

Outra característica que assume papel crucial para a distinção entre os dois fenômenos corresponde ao fato de que, na relação metafórica, temos um mapeamento entre dois domínios distantes em nosso sistema conceptual (a exemplo dos conceitos de **amor** e **viagem** na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM), ao passo que, na metonímia, as entidades veículo e alvo estão intimamente relacionados, pois pertencem a um mesmo domínio. Em uma palavra, com Kovecses (2002): “os elementos em uma relação metonímica formam um único domínio. Em contraste, a metáfora usa dois domínios ou MCIs distintos e distantes”. (KOVECSES, ibid., p. 147, tradução nossa).

Kovecses (ibid.) reflete ainda sobre os diferentes modos através dos quais metáfora e metonímia interagem e considera que muitas metáforas conceptuais são derivadas de metonímias. Um dos exemplos apontados por Kovecses é a metáfora RAIVA É CALOR. Segundo o autor, essa metáfora possui uma base ou motivação metonímica, na medida em que podemos entrever uma relação de causalidade entre fonte e alvo, de modo que vislumbramos o domínio fonte (CALOR) como um efeito produzido pelo domínio alvo (RAIVA). Com efeito, de acordo com a teoria popular das emoções (KOVECSES, 2002), as emoções produziram certos efeitos fisiológicos, a exemplo do aumento da temperatura corporal, no caso específico da raiva. Dessa forma, Kovecses conclui que, subjacente à metáfora conceptual RAIVA É CALOR existe uma relação metonímica do tipo EFEITO PELA CAUSA, vinculada ao MCI de Causação.

Dentre outros exemplos de metáforas baseadas em metonímia explorados pelo autor, destacam-se as metáforas integrantes da metáfora de estrutura de eventos, a que já aludimos nessa exposição (*vide* 1.2.3.). Nesse caso, uma metáfora como AÇÃO É MOVIMENTO, por exemplo, seria motivada por uma relação metonímica do tipo MEMBRO DE UMA CATEGORIA PELA CATEGORIA (subespécie da metonímia PARTE PELO TODO), já que o domínio fonte (MOVIMENTO) consiste numa subcategoria do domínio alvo (AÇÃO), ou seja, **ação** é uma categoria superordenada, da qual **movimento** constitui uma espécie ou

tipo. São ainda exemplos de metáforas motivadas igualmente pela mesma metonímia: EVENTOS SÃO AÇÕES, MUDANÇA É MOVIMENTO, CAUSAS SÃO FORÇAS etc.

Assim, no que concerne à postulação de uma possível base metonímica para a metáfora, Kovecses culmina por concluir que “se uma relação metonímica pode ser descoberta entre uma fonte e um alvo metafórico, então se pode dizer que a metáfora é motivada por e deriva da metonímia em questão.” (KOVECSES, 2002, p. 157, tradução nossa). Relativamente a esse aspecto, Barcelona (2003b), por sua vez, chega mesmo a desenvolver a hipótese de que “**todo** mapeamento metafórico pressupõe um mapeamento metonímico conceptualmente anterior”. (BARCELONA, *ibid.*, p. 31, tradução e grifo nossos).

Por fim, ao investigar a interação entre a metáfora e a metonímia, Radden (2003) irá propor a existência de um *continuum* entre os dois fenômenos. Assim, para o autor, ao pensarmos na relação entre estes:

Em vez de sempre separar os dois, nós podemos antes pensar em um *continuum* metonímia-metáfora com casos obscuros ou difusos entre eles. A metonímia e a metáfora devem ser vistas como categorias prototípicas nas extremidades deste *continuum*. As metáforas baseadas em metonímia ocupam muito da zona intermediária imprecisa do *continuum*. Elas podem estar mais próximas ou da extremidade metonímica ou da extremidade metafórica no *continuum* metonímia-metáfora. (RADDEEN, *ibid.*, p. 93, tradução nossa).

1.5. Realizações não linguísticas da metáfora conceptual

Forceville e Urios-Aparisi (2009) ponderam que o caráter multimodal dos textos na comunicação de massa é hoje uma realidade inescapável. Com efeito, os textos midiáticos frequentemente recorrem a outros sistemas significantes além da informação verbal, a exemplo das representações pictóricas, sons, música, gestos etc. É o que presenciamos cotidianamente no apelo da publicidade, na televisão ou mesmo na *internet*.

A pesquisa acadêmica recente nas ciências humanas, por sua vez, tem ecoado essa tendência contemporânea à multimodalidade e, segundo os autores, “começa a mudar de um foco exclusivamente sobre o texto verbal para discursos em que a linguagem é apenas um – embora ainda altamente importante – modo comunicativo” (FORCEVILLE; URIOS-APARISI, *ibid.*, p. 3, tradução nossa).

Articulando tais reflexões às pesquisas empreendidas no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual, Forceville e Urios-Aparisi (*ibid.*) relembram que, segundo a tese postulada por Lakoff e Johnson (1980), o *locus* da metáfora é o pensamento, ou seja, ela é antes uma

realidade conceptual que linguística. Logo, a rigor, a linguagem verbal é apenas uma das formas de manifestação possíveis da metáfora conceptual, sendo esta potencialmente atualizável em outras modalidades, a exemplo de imagens, músicas, sons e gestos. Aliás, acrescentam os autores, a pesquisa sobre a metáfora em suas formas não exclusivamente verbais torna-se um imperativo para os adeptos da perspectiva cognitiva a fim de garantir a própria validade teórica da hipótese da natureza conceptual da metáfora. Forceville (2009) sustenta, igualmente, que “a visão de que as metáforas podem assumir a aparência não verbal e multimodal pode e deve orientar a investigação de uma nova geração de estudiosos da metáfora.” (FORCEVILLE, *ibid.*, p. 22, tradução nossa).

Vale salientar, nesse sentido, que uma das principais críticas, de cunho metodológico, imputadas ao estudo da metáfora conceptual, advém do campo da Linguística Aplicada e diz respeito à exemplificação adotada na pesquisa. O problema apontado concerne, justamente, à natureza da evidência apresentada pelos teóricos para sustentar a tese da presença da metáfora no pensamento. Segundo Gibbs (2006), esta evidência não deve ser exclusivamente linguística, sob pena de se instaurar um círculo vicioso linguagem – pensamento – linguagem, no sentido de que as metáforas conceptuais são inferidas a partir de dados linguísticos, e, a fim de comprovar a existência de tais metáforas no pensamento, o analista se vale novamente de exemplos linguísticos.

Lakoff e Johnson (1999, 2003 [1980]) já advertem para a necessidade de ampliar o leque das evidências empregadas para comprovar a existência do sistema conceptual metafórico, elencando o caso de pesquisas empreendidas em áreas como a Psicologia Cognitiva ou a língua americana de sinais (ASL). Lakoff (2006) e Kovecses (2002), por seu turno, também aludem à possibilidade de atualização da metáfora conceptual através de manifestações não linguísticas. Os autores arrolam como formas de realização não linguística da metáfora conceptual os rituais, a interpretação dos sonhos, a estruturação dos mitos, os símbolos, bem como certas práticas sociais ou o discurso governamental sobre a política externa. A despeito de listarem dentre essas formas gêneros como cartuns, filmes e propagandas (os dois últimos citados apenas por Kovecses (2002)), evidencia-se que o foco dos referidos autores é antes sobre “áreas da experiência humana” (KOVECSES, 2002), e não propriamente sobre gêneros textuais específicos.

Forceville e Urios-Aparisi (2009) consideram, assim, que ainda há uma clara ênfase unilateral, por parte dos pesquisadores, sobre as manifestações verbais da metáfora conceptual, e que os estudos enfocando as metáforas não verbais e multimodais ainda são escassos. Os autores admitem que ainda há uma grande heterogeneidade entre os estudos

focalizando a metáfora multimodal, o que impede a formulação de definições consensuais. Em **Multimodal metaphor**, obra publicada em 2009, os autores compilaram um conjunto de artigos centrados no estudo de gêneros textuais em que a metáfora multimodal se faz presente, a saber, a propaganda, as charges políticas, os filmes e animações, além da linguagem gestual.

Forceville (2009) opera uma distinção entre metáfora monomodal e multimodal. As metáforas do primeiro tipo são “aquelas cujo alvo e fonte são exclusivamente ou predominantemente representadas em um único modo” (Id., *ibid.*, p. 23, tradução nossa). Em contrapartida, as metáforas do segundo tipo (multimodais) são definidas como metáforas “cujo alvo e fonte são cada um representados exclusivamente ou predominantemente em diferentes modos” (Id., *ibid.*, p. 24, tradução nossa). Dentre os possíveis modos ou modalidades, Forceville destaca os seguintes: 1) signos pictóricos; 2) signos escritos; 3) signos falados; 4) gestos; 5) sons; 6) música; 7) cheiros; 8) gostos e 9) toque.

O exemplo prototípico de metáfora monomodal é a metáfora linguística ou verbal, sobre cuja especificidade há toda uma tradição secular de estudos. Por outro lado, o cinema revela-se propício à construção de metáforas de caráter multimodal. Particularmente no que condiz à charge, um dos gêneros textuais em estudo nesta pesquisa, as metáforas nela inscritas podem ser tanto monomodais como multimodais, dado que podem ser representadas exclusivamente por signos pictóricos ou visuais, ou se realizar, acessoriamente, também por meio da expressão linguística.

A fim de empreender a análise pretendida com esta pesquisa sobre a conceptualização da corrupção nos gêneros textuais *blog* jornalístico e charge, além de perscrutarmos a noção de metáfora conceptual, objetivo que perseguimos nesta seção, faz-se mister, adicionalmente, examinarmos como a noção de moralidade foi investigada no âmbito da Teoria Cognitiva da Metáfora, tópico que passaremos a abordar na próxima seção.

SEÇÃO 2: MORALIDADE E METÁFORA

Conforme expusemos na seção anterior (*vide* 1.3.2), dentre os tópicos que assumiram relevância nas pesquisas empreendidas na segunda fase da Teoria da Metáfora Conceptual, destacam-se, sobretudo, os estudos relativos à noção de moralidade, representados, notadamente, pelos trabalhos de Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (2002) e Johnson (1993).

Johnson (1993) sublinha o caráter imaginativo do pensamento moral, ao postular a tese central de que “a compreensão moral humana é fundamentalmente imaginativa” (JOHNSON, *ibid.*, p. 33, tradução nossa). O autor considera, nesse sentido, que o nosso raciocínio moral depende, efetivamente, de vários mecanismos conceptuais imaginativos, tais como as metáforas e os esquemas imagéticos.

A descoberta, advinda do aporte teórico da Linguística Cognitiva, de que nosso sistema conceptual é eminentemente estruturado por metáforas ensejou também uma compreensão nova e ricamente elaborada do conceito de moralidade. De fato, assim como subjazem a nossos conceitos mais elementares (*vide*, a propósito, as noções de tempo, ação, estado e mudança, em 1.3.2), as metáforas desempenham, como veremos a seguir, igualmente um papel crucial na conceptualização de nossos conceitos de ordem moral, a exemplo das noções de justiça, igualdade, virtude, retidão etc.

Lakoff e Johnson (1999) procedem a uma análise abrangente e acurada de nossos conceitos morais, demonstrando que a maioria expressiva destes é construída a partir de metáforas. Os autores ponderam, nesse sentido, que

nosso inconsciente cognitivo é povoado com um extenso sistema de mapeamentos metafóricos para conceptualizar, raciocinar sobre, e comunicar nossas ideias morais. Praticamente todos os nossos conceitos morais abstratos são estruturados metaforicamente. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 290, tradução nossa).

As metáforas subjacentes aos nossos conceitos morais irão compor, assim, um verdadeiro **sistema metafórico da moralidade**. Esses mapeamentos metafóricos não são, contudo, arbitrários e estão fundados em uma base experiencial determinável, aspecto sobre o qual passaremos a discorrer na subseção seguinte.

2.1. O domínio-fonte BEM-ESTAR

Segundo Lakoff e Johnson (1999), as metáforas para a moralidade podem ser sistematicamente descritas, dado que são pouco numerosas (não excedem mais que duas dúzias) e estão organizadas em um sistema coerente, dotado de uma lógica interna própria. Além disso, tais mapeamentos se fundam em aspectos não metafóricos, uma vez que estão circunscritos a um domínio-fonte de caráter mais experiencial ou concreto.

Corroborando a tese experiencialista do cognitivismo da segunda geração (*vide 1.2.*), Lakoff e Johnson (1999) sustentam, assim, que também as ditas “metáforas morais” “estão baseadas na natureza de nossos corpos e nossas interações sociais” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 290, tradução nossa). Com efeito, para os autores, o conjunto de metáforas para a moralidade que integram nosso inconsciente cognitivo baseia-se em nossas experiências de **bem-estar**, sobretudo físico.

A fim de discutir o que está compreendido nessa base experiencial, Lakoff e Johnson ponderam que, ao longo da história e ao redor do mundo, as pessoas avaliam uma série de experiências fundamentais como promotoras do seu bem-estar. Dentre essas formas experienciais básicas de bem-estar, os autores sinteticamente elencam, por exemplo, que é melhor estar **saudável** do que doente, dispor de alimentos, água e ar **puros** do que contaminados, ser **forte** do que ser fraco, estar no **controle** do que ser dominado por outros, ter **riqueza** suficiente para viver confortavelmente do que ser pobre, ser **cuidado e protegido** do que ser ignorado e estar vulnerável, ser capaz de funcionar na **claridade** do que estar sujeito ao medo do escuro, ser **reto e equilibrado** do que estar desequilibrado e incapaz de se manter de pé (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 291).

Assim, segundo os autores, a noção de bem-estar se construiu histórica e culturalmente a partir dessas teorias populares, e todo o sistema de metáforas para a moralidade estrutura-se sobre tais suposições. Dessa forma, conforme exemplifica Lakoff (2002):

Uma vez que é melhor ser rico do que ser pobre, a moralidade é conceptualizada em termos de **riqueza**. Como é melhor ser forte do que ser fraco, nós esperamos ver a moralidade conceptualizada como **força**. Porque é melhor ser saudável do que doente, não surpreende ver a moralidade conceptualizada em termos de **saúde** e de conceitos relacionados como **limpeza** e **pureza**. (*id.*, *ibid.*, p.42-43, tradução e grifos nossos).

Em última análise, isso implica dizer que os domínios-fonte empregados para conceptualizar o domínio-alvo da moralidade consistem, na verdade, em uma “simples lista

de aspectos elementares do bem-estar humano – saúde, riqueza, força, equilíbrio, proteção, cuidado, e assim por diante.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 292, tradução nossa).

Vale notar, nesse ponto, que uma teoria moral pautada sobre tais bases se contrapõe frontalmente ao que postula a tradição filosófica (a exemplo da ética racionalista de Kant) sobre a natureza dos conceitos morais.

Segundo Lakoff e Johnson (ibid.), a teoria moral tradicional está assentada em ideias tais como a premissa de que nossos conceitos morais são “puros”, ou seja, definidos em seus próprios termos, levando-nos, por conseguinte, a admitir a existência de um domínio ético independente e uma razão moral “pura”, por assim dizer. Além disso, tal visão sustenta que nossos conceitos morais são literais, e, portanto, a metáfora não desempenha papel essencial em sua estruturação, sendo apenas uma ferramenta acessória para a sua compreensão.

A pesquisa empírica empreendida pela ciência cognitiva irá evidenciar a falta de pertinência da visão tradicional no que concerne à concepção da moralidade. Ao demonstrar que nossos conceitos morais são estruturados por metáforas, que, por sua vez, estão embasadas em nossas experiências físicas de bem-estar, Lakoff e Johnson lançam por terra a ideia de uma moralidade compartimentalizada, fundada em um domínio puramente ético.

Com efeito, conforme asseveram Lakoff e Johnson (1999):

Não há um conjunto de conceitos morais puros que possam ser compreendidos ‘em si mesmos’ ou ‘em seus próprios termos’. Ao contrário, compreendemos a moralidade através de mapeamentos de estruturas oriundas de outros aspectos e domínios de nossa experiência: riqueza, equilíbrio, ordem, limites, claro/escuro, beleza, força, e assim por diante. (LAKOFF; JOHNSON, ibid., p. 328, tradução nossa)

Evidencia-se, portanto, que a conceptualização de nossas ideias éticas requer a intervenção de outros domínios de conhecimento que habitualmente não são alinhados como atinentes à esfera ética, a exemplo da noção de bem-estar, ou de noções subsumidas a esta, como saúde ou riqueza. De igual modo, não cabe, pois, falar de uma razão “pura”, dado que, uma vez estruturado a partir da metáfora, o nosso raciocínio moral opera com os padrões de inferência oriundos dos domínios-fonte das metáforas existentes para a moralidade.

Ao especular sobre o alcance de nossas metáforas morais e sua possível evidência empírica, Lakoff e Johnson (1999) refletem que elas assumem uma dimensão transcultural, ou seja, são generalizadas ao redor do mundo e, mesmo, “definem uma grande parte da tradição moral ocidental” (LAKOFF; JOHNSON, ibid., p. 311, tradução nossa).

Esse caráter relativamente estável e essa tendência à universalidade são imputáveis, sobretudo, ao fato de que a base experiencial de tal sistema coincide com a noção de bem-estar. Dessa forma, “uma vez que nossa noção do que constitui o bem-estar é amplamente partilhada, nosso conjunto de metáforas para a moralidade é também amplamente partilhado”. (LAKOFF, 2002, p. 43, tradução nossa).

A fim de exemplificar a ampla difusão desse sistema metafórico da moralidade, Lakoff (2002) aponta a existência, em diversas culturas, de rituais de purificação, indiciando, sob a ótica do autor, a conceptualização da moralidade como pureza. De modo análogo, é igualmente difundida a associação entre **mal** e escuridão, bem como entre **bem** e claridade.

Em contrapartida, Lakoff e Johnson (1999) advertem, contudo, que a pesquisa empírica para determinar quais dessas metáforas são verdadeiramente universais ainda está em andamento. Ainda relativizando a tese da universalidade desse sistema metafórico, os autores enfatizam que uma mesma metáfora pode assumir nuances particulares em função da variação cultural, dado que, “o modo pelo qual cada metáfora se desenvolve em um contexto particular pode variar amplamente de cultura para cultura” (Id., *ibid.*, p. 325, tradução nossa). A título de ilustração, os autores mencionam a metáfora do Equilíbrio Moral, pontuando que, embora a noção de equilíbrio integre, de um modo geral, a nossa ideia de bem-estar, ela se reveste de um significado particular nas culturais orientais, a exemplo da japonesa, que escapa à percepção da mesma que vigora no Ocidente.

Adotando, como referencial teórico, os estudos de Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), passaremos a examinar em detalhe, na próxima subseção, as metáforas para a moralidade mais relevantes arroladas pelos autores.

2.2. O sistema metafórico da moralidade

Uma vez que delimitamos que o domínio do BEM-ESTAR, através de suas diferentes formas de manifestação supraelencadas, estrutura nossas metáforas morais, a moralidade, enquanto domínio-alvo, será compreendida a partir de um conjunto de metáforas conceptuais em que figurarão, como domínios-fonte, noções subsumidas pela esfera do bem-estar, tais como riqueza, força, ordem, pureza, saúde, cuidado etc. Nas subseções a seguir, passamos, pois, a discorrer sobre cada uma dessas metáforas que integram o sistema metafórico da moralidade, segundo Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002).

2.2.1. A metáfora da Contabilidade Moral

Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002) refletem que a concepção do bem-estar como riqueza ocupa uma posição proeminente no nosso sistema conceptual, constituindo-se num mapeamento metafórico (BEM-ESTAR É RIQUEZA) de elevado grau de convencionalidade. Isso implica dizer que essa metáfora se revela tão ubíqua que, por vezes, sequer a identificamos em nossa linguagem cotidiana.

Tal metáfora é instanciada linguisticamente, por exemplo, quando qualificamos uma dada experiência como “válida” ou “proveitosa”, em expressões como “investir em sua felicidade”, “desperdiçar nossas vidas”, bem como ao concebermos a felicidade como uma mercadoria valiosa, que alguém pode “merecer”, “ganhar” ou “perder”.

Uma vez que, como expusemos acima, a moralidade é conceptualizada a partir das diferentes formas experienciais de bem-estar, e, dentre estas, figura a riqueza, ora cumpre examinarmos, particularmente, a metáfora conceptual MORALIDADE É RIQUEZA, ou ainda, MORALIDADE COMO RIQUEZA.

Nesse mapeamento metafórico, a ação moral é conceptualizada a partir da lógica das transações financeiras, levando-nos a falar de uma Contabilidade Moral. Segundo o padrão de inferência dessa verdadeira “moral aritmética”, quando agimos de modo a ajudar alguém, estamos propiciando-lhe um “ganho” ou um aumento do seu bem-estar, ao passo que, se, ao contrário, com nossa ação, prejudicamos a outrem, infligimos a este uma “perda”, ou ainda, geramos um “custo”.

Para Lakoff (2002), a metáfora da Contabilidade Moral basicamente aplica o raciocínio quantitativo do domínio financeiro ao domínio qualitativo da moralidade, ao operar a transposição de expressões linguísticas e formas de raciocínio próprias do primeiro para o segundo.

Assim como no domínio financeiro há o imperativo de se pagar as dívidas monetárias, sob pena de se gerar débito e um consequente desequilíbrio econômico na contabilidade (ou nos livros contábeis, literalmente), a necessidade de equilíbrio também se impõe no domínio moral (ou nos “livros morais”, metaforicamente), uma vez que “a contabilidade moral é vital para o funcionamento social” (LAKOFF, *ibid.*, p. 46, tradução nossa).

As correlações com o domínio financeiro autorizam-nos a referirmos, ainda, a noções como “débito” ou “crédito moral”, como asseveram Lakoff e Johnson (1999):

Aumentar o bem-estar dos outros dá a você um crédito moral; causar-lhes prejuízo cria um débito moral para com os mesmos, isto é, você **deve** a eles um aumento no seu bem-estar como riqueza. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 293, tradução nossa, grifo do autor).

A metáfora da Contabilidade Moral se torna manifesta, segundo Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999), através de alguns esquemas morais básicos, dentre os quais se destacam a **reciprocidade**, a **retribuição** e a **vingança**, a **restituição** e o **altruísmo**.

A reciprocidade esquematicamente corresponde aos casos em que **A** faz algo positivo a **B**, donde **B** passa a “dever” ou “estar em débito” com **A**. Nesse esquema, **B** equilibra os livros morais ao “pagar” a **A**, fazendo-lhe algo igualmente positivo. Tal esquema pode ser atualizado linguisticamente através de expressões tais como *Eu devo-lhe um favor por essa sua boa ação / Você salvou minha vida! Como eu poderia pagá-lo?*¹⁰

O esquema da retribuição, por sua vez, trata de casos em que uma ação negativa, ou que provoca prejuízo (ou “perda”), é praticada por **A** contra **B**. Vale ressaltar que, por analogia aos esquemas contábeis, dar algo de valor negativo a **B** equivale aqui a retirar-lhe algo positivo. **B**, então, paga o débito moral a **A**, infligindo-lhe também uma ação prejudicial ou negativa. São exemplos de atualização linguística desse esquema metafórico: *Eu lhe darei o troco pelo que você me fez / Você terá o que merece por isto*.

A vingança se insere nesse mesmo esquema moral, diferenciando-se da retribuição apenas pelo fato de que esta é perpetrada por uma autoridade legitimada (*e.g.* o juiz condena um assassino à pena de morte), ao passo que aquela não o é (*e.g.* alguém decide fazer justiça com as próprias mãos e mata o assassino de seu irmão).

A restituição ocorre tipicamente num contexto em que **A**, ao fazer algo prejudicial a **B**, dá a este algo de valor negativo, e, por conseguinte, tira-lhe algo de valor positivo, pela lógica da aritmética moral. O ato de restituição consiste, então, em **A** pagar a **B**, dando-lhe algo de igual valor positivo, de modo a compensar-lhe pela perda. Essa tentativa de compensação torna-se patente em expressões como *Você me deve desculpas pela sua grosseria / Como posso pagar-lhe pelos danos que causei à relação?*

Finalmente, o altruísmo compreende as situações em que **A** faz algo de bom, ou seja, dá algo de valor positivo a **B**, sem esperar, no entanto, que este lhe pague o “débito” consequente. Isto é, **A** “cancela”, por assim dizer, o débito, ao não esperar nada em retorno, o

¹⁰ A fim de ilustrar os supracitados esquemas morais, utilizamos, nesse passo, os exemplos apresentados em Johnson (1993).

que lhe confere, por conseguinte, um crédito moral. É a esse esquema que nos reportamos ao dizermos: *Ela é uma santa; nunca espera nada pelo que faz.*

2.2.2. A metáfora da Força Moral

No plano experiencial, a força constitui um dos aspectos que concorrem para o bem-estar humano, conforme a teoria popular do bem-estar aludida anteriormente (*É melhor ser forte do que fraco*). De fato, segundo Lakoff e Johnson (1999), é a força física que “nos capacita a atingir nossas metas e superar os obstáculos” (id., *ibid.*, p. 291).

Analogamente, no plano metafórico, a força de vontade se revela uma “condição essencial para a ação moral” (id., *ibid.*, p. 298) e a “fraqueza moral” é qualificada como uma forma de imoralidade. Cumpre, portanto, explicitar quais as relações estabelecidas entre o domínio-alvo da moralidade e o domínio-fonte da força a partir da metáfora conceptual MORALIDADE É FORÇA.

Para Lakoff (2002), a metáfora da **Força Moral** ocupa posição central no sistema metafórico da moralidade, e constitui, na verdade, uma metáfora complexa que abrange um conjunto de submapeamentos.

A Força Moral corresponde, basicamente, ao esforço para manter uma postura moral reta (*upright*) e equilibrada, bem como à força necessária para enfrentar as forças do mal (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299). Vale salientar, nesse sentido, que o aspecto metafórico da retidão moral (*uprightness*¹¹) está fundado, no plano experiencial, na posição propriamente corporal ou física de verticalidade (estar “para cima” ou ereto). Ou seja, nos termos de Lakoff e Johnson (1999), “a retidão **moral** é compreendida metaforicamente em termos de retidão física: Ser Moral É Ser Reto; Ser Imoral É Ser Baixo.” (id., *ibid.*, p. 299, tradução nossa, grifo do autor). Desse modo, a metáfora da Força Moral inclui um outro mapeamento, a saber, MORALIDADE É RETIDÃO, cuja atualização linguística se dá precisamente através de expressões que envolvem tal oposição espacial, como podemos observar em: *Ele é um homem de espírito elevado, Ela é uma pessoa de alto nível, Aquilo foi um golpe baixo, Eu nunca me rebaixaria a tal ponto.*

¹¹ Vale ressaltar aqui que a palavra inglesa *uprightness*, que designa igualmente tanto uma propriedade física ou concreta dos objetos (posição de verticalidade), como a característica metafórica correlata (retidão moral ou de caráter), encerra a ideia de verticalidade já no próprio morfema prefixal (*up*) constitutivo da estrutura do lexema, o que não se verifica com o vocábulo português “retidão”.

Convém notar que as correlações metafóricas supramencionadas correspondem, parcialmente a algumas das metáforas orientacionais¹² já descritas por Lakoff e Johnson (2002), a exemplo de BOM É PARA CIMA/MAU É PARA BAIXO, VIRTUDE É PARA CIMA/DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO. Os autores já enfatizavam, em **Metaphors we live by**, que tais metáforas remontam, particularmente, a uma base experiencial de ordem física e cultural, que coincide com a ideia de que, quando estamos saudáveis, exibimos uma postura corporal ereta ou elevada.

Na metáfora da Força Moral, o mal é conceptualizado, por sua vez, como uma força (externa ou interna) que age de modo a desestabilizar o indivíduo, tornando-o propenso a cair. Por conseguinte, segundo o padrão de inferências sancionado por essa metáfora, fazer o mal, ou seja, cometer atos imorais equivale a descrever um movimento de queda ou declínio (FAZER O MAL É CAIR), isto é, passar de uma posição elevada ou corporalmente ereta (para cima) para uma posição espacialmente inferior (para baixo). Tal cosmovisão encontra-se plasmada, por exemplo, no imaginário cristão ocidental, segundo o qual as forças do mal podem nos levar a “**cair** em tentação”, fazendo-nos, assim, incorrer em pecados, que não são senão faltas morais¹³.

Assim, conforme o conjunto de correspondências instituídas por tal metáfora entre o domínio físico e moral, é preciso ter força moral para resistir (no plano físico, permanecer de pé ou ereto, literalmente) ao mal, e a incapacidade em empreender tal tarefa revela a **fraqueza moral**, que é “em si mesma, uma forma de imoralidade” (LAKOFF, 2002, p. 72, tradução nossa).

Podemos ainda identificar, no bojo dessa metáfora, uma correlação necessária entre força e equilíbrio (MORALIDADE É EQUILÍBRIO), haja vista que para **resistir** à força desestabilizante do mal, é mister para o indivíduo se manter equilibrado. Dessa forma, assim como o equilíbrio é condição indispensável para alguém se manter fisicamente ereto ou de pé, a fim de fazer face a forças como a gravitacional, que impele os corpos para baixo, também no plano moral o equilíbrio é requerido, uma vez que “alguém que não pode controlar a si mesmo o suficiente para se manter equilibrado é passível de cair, isto é, de cometer atos imorais a qualquer momento” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299, tradução nossa). A

¹² Como sabemos (*vide*, a propósito, o item 1.3.1. desse trabalho), esse tipo de metáfora se caracteriza por organizar conceitos a partir de noções de ordem espacial (daí a denominação de metáforas de espacialização).

¹³ Podemos apontar ainda como formas de atualização da metáfora da **Força Moral** a separação instituída pela moral cristã entre **céu** (topologicamente situado em uma posição de superioridade) e **inferno** (espacialmente situado em posição de inferioridade), bem como a postulação de categorias como **ascensão** e **queda**.

metáfora da Força Moral acarreta, pois, um outro submapeamento, a saber, SER BOM É SER EQUILIBRADO.

Por último, a força moral, assim como a força física, precisa ser desenvolvida; nascemos “moralmente fracos” e propensos à imoralidade e, somente através da auto-disciplina e da auto-negação, construímos a força moral necessária para evitar que nos tornemos imorais.

Podemos elencar esquematicamente no quadro abaixo as diferentes partes ou submapeamentos compreendidos pela metáfora da Força Moral, segundo Lakoff (2002):

Metáfora da Força Moral	
MORALIDADE É RETIDÃO	SER BOM É SER RETO SER MAU É SER BAIXO
MORALIDADE É FORÇA	O MAL É UMA FORÇA DESESTABILIZANTE FAZER O MAL É CAIR MORALIDADE É FORÇA (DE RESISTÊNCIA)
MORALIDADE É EQUILÍBRIO	SER BOM É SER EQUILIBRADO

QUADRO 1: A metáfora da Força Moral

2.2.3. A metáfora da Autoridade Moral

No âmbito da família, a autoridade paterna está fundada, em princípio, na própria relação de dominância física do pai sobre os filhos. Essa dominância é metaforicamente projetada para a esfera moral, e igualmente modela o conceito de autoridade moral.

Segundo Lakoff (2002), o exercício da autoridade constitui um comportamento moral por parte da figura paterna, sendo imoral falhar em seu cumprimento. Investido do papel de autoridade moral, o pai, que sabe o que é melhor para o bem-estar de seus filhos, e age em função dos interesses destes, é, assim, a figura responsável por definir os padrões morais de comportamento dentro da família, bem como reforçá-los através de recompensas e punições. Por outro lado, o comportamento moral por parte dos filhos é a obediência à autoridade paterna.

Lakoff e Johnson (1999) arrolam duas versões distintas de autoridade paterna, a saber, a **autoridade legítima** e a **autoridade absoluta**. A primeira modalidade se verifica quando o pai efetivamente desempenha o seu papel de cuidar, proteger e educar os filhos, oferecendo o exemplo do seu próprio comportamento moral. O cumprimento pleno desse dever concorrerá, dessa forma, para a obtenção do respeito e da obediência merecida por parte dos filhos.

O segundo tipo de autoridade (**absoluta**), por seu turno, é aquela que decorre meramente dos laços de parentesco existentes entre pais e filhos. Nesse caso, então, “as crianças têm a obrigação moral de obedecer a seus pais e lhes mostrar respeito, simplesmente porque eles são seus pais, não importando como sejam ou o que façam.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 302, tradução nossa).

Através de um expediente de generalização, o conceito de autoridade paterna no interior da família será empregado como fonte metafórica para conceptualização da autoridade moral como um todo. Desse modo, a metáfora da Autoridade Moral parte do mapeamento central AUTORIDADE MORAL É AUTORIDADE PATERNA. Essa metáfora autoriza ainda, dentre outros, os seguintes submapeamentos:

UMA FIGURA DE AUTORIDADE É UM PAI

A PESSOA SUJEITA À AUTORIDADE MORAL É UMA CRIANÇA

Cumprе ressaltar que a posição relativa à autoridade moral (ou **o pai**) nessa metáfora pode ser preenchida, segundo Lakoff e Johnson (ibid.), por diversas possibilidades, desde deuses, santos ou profetas, no âmbito de doutrinas religiosas, a instituições com propósito moralizante (*e.g.* igrejas), ou mesmo pessoas de destaque na sociedade, tais como líderes espirituais.

2.2.4. A metáfora da Ordem Moral

Essa metáfora está intrinsecamente relacionada à da Autoridade Moral, dado que fornece o embasamento para justificar o *status* das pessoas investidas de autoridade moral.

A metáfora da Ordem Moral está fundada, segundo Lakoff e Johnson (1999), na Teoria Popular da Ordem Natural, que prevê uma hierarquia natural de poder virtualmente existente no mundo exterior. Segundo tal teoria, com efeito, na natureza haveria uma ordem de dominância, ao modo da tese darwinista, em que os mais fortes e bem-dotados subjugam naturalmente os mais fracos. Disso decorre, portanto, que Deus ocuparia o topo da hierarquia, por ser mais poderoso que as pessoas, estas, por sua vez, seriam superiores a animais e plantas. Sob o mesmo argumento, os adultos exibiriam superioridade face às crianças, e os homens seriam considerados naturalmente mais poderosos que as mulheres¹⁴.

¹⁴ É importante esclarecer que esse ponto de vista não é partilhado por Lakoff, nem tampouco pela autora deste trabalho. Como veremos a seguir, essa metáfora integra um sistema de moralidade, típico do modelo de família tradicional, que subjaz à cosmovisão característica do conservadorismo político. Lakoff (2002) lembra-nos, a propósito, que a tarefa da Ciência Cognitiva é de ordem descritiva e não prescritiva e, por conseguinte, relativamente à questão da moralidade, seu objeto de estudo consiste “**não no que a moralidade deveria ser**, mas em como nossas noções do que é moral são construídas em nossos sistemas conceituais inconscientes.” (LAKOFF, ibid., p. 37, tradução e grifo nossos).

Essa ordem natural de dominância atinente, em princípio, à esfera física será mapeada, através de um processo metafórico, para o domínio moral, convertendo-se, assim, em ordem moral. Disso resultará o mapeamento: A ORDEM MORAL É A ORDEM NATURAL.

Lakoff (2002) adverte, portanto, para o fato de que a metáfora da Ordem Moral “transforma a hierarquia popular das relações de poder ‘naturais’ em uma hierarquia de autoridade moral” (LAKOFF, 2002, p. 81, tradução nossa). Isto é, tal metáfora culmina por instituir e sancionar, agora, escalas de **superioridade moral**, como estipula Lakoff (2002):

- Deus tem autoridade moral sobre as pessoas;
- As pessoas têm autoridade moral sobre a natureza (animais, plantas, objetos);
- Os adultos têm autoridade moral sobre as crianças;
- Os homens têm autoridade moral sobre as mulheres.

Lakoff e Johnson (1999), bem como Lakoff (2002), refletem sobre as possíveis consequências advindas da aplicação irrestrita da lógica dessa metáfora. Uma vez que confere legitimidade a determinadas relações de poder existentes, encaradas não apenas como “naturais”, mas, sobretudo, morais, a metáfora da Ordem Moral irá desautorizar, ou pôr sob suspeição, em razão de seu suposto caráter “antinatural”, movimentos tais como o feminista e o ambientalista. Aquele seria visto como afronta à ordem moral, segundo a qual os homens são moralmente superiores às mulheres. Este último, por seu turno, ignoraria a premissa de que a natureza é, segundo a ordem moral, meramente uma fonte de recursos para os homens, estando, pois, sujeita a sua vontade, e não possuindo um valor inerente.

Em última análise, para os autores, tal metáfora poderia dar guarida a visões distorcidas e moralmente questionáveis (ou mesmo temerárias), ao atribuir uma superioridade intrínseca a alguns grupos em detrimento de outros. Assim, por exemplo, os ricos seriam considerados moralmente superiores aos pobres, os brancos aos negros, os cristãos aos não-cristãos, e assim por diante.

Lakoff (2009) é igualmente incisivo quanto aos riscos da cosmovisão implícita à metáfora da Ordem Moral, ressaltando que

Ela tem sido a base para a discriminação, e mesmo o assassinato em massa, quando aqueles mais baixos na hierarquia são vistos como seres menores ou mesmo não-humanos. Hoje ela é a base para o racismo, o sexismo, a homofobia, o antisemitismo, o genocídio, a limpeza étnica e a caça de espécies em extinção. (LAKOFF, *ibid.*, p. 99, tradução nossa).

2.2.5. A metáfora dos Limites Morais

A metáfora dos Limites Morais está ancorada em outros dois mapeamentos inscritos na denominada metáfora da Estrutura de Evento (*vide* 1.3.2.), quais sejam, AÇÃO É MOVIMENTO AUTO-IMPULSIONADO e PROPÓSITOS SÃO DESTINOS.

Uma vez conceptualizada como movimento, a ação, agora sob o aspecto moral, é compreendida como um movimento dentro de uma região delimitada, instituindo, dessa forma, uma lógica espacial que define áreas e caminhos permitidos.

Por conseguinte, a ação imoral será conceptualizada, nessa metáfora, como qualquer “movimento para fora do domínio permitido, que desvia de um caminho prescrito ou transgredir os limites prescritos” (LAKOFF, 2002, p. 84, tradução nossa).

Evidencia-se, assim, que o comportamento imoral é caracterizado essencialmente como “desviante”, dado que tem lugar em áreas não sancionadas socialmente, e instaura percursos e persegue metas (destinos) não avalizados pelas normas aceitas convencionalmente pela sociedade.

Ao refletir sobre as consequências da conduta imoral ou desviante, Lakoff e Johnson (1999) ponderam que esta se revela lesiva não apenas ao indivíduo, mas à sociedade como um todo. Isso porque, quando alguém se desvia dos caminhos prescritos ao praticar atos imorais, culmina por “criar” um novo caminho, que visa destinos igualmente não sancionados, o que implica na aceitação da ideia de que os caminhos morais não são os únicos possíveis, ou seja, na relativização da moralidade socialmente instituída. Logo, ao violar os limites morais, trilhando um novo caminho não autorizado, o indivíduo estaria, em última análise, para Lakoff e Johnson (1999), “rejeitando os propósitos, as metas e o próprio modo de vida da sociedade em que vive”. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 304-305, tradução nossa).

Nesse sentido, Lakoff (2002) enfatiza igualmente a importância da noção de desvio no interior dessa metáfora, ao considerar que o comportamento desviante constitui mesmo um risco ou ameaça à ordem moral estabelecida. Com efeito, para Lakoff (*ibid.*), pessoas desviantes “põem em questão valores morais tradicionais e modos tradicionais de conduzir uma vida moral e elas podem fazer o caminho ‘desviante’ parecer seguro, normal, e atrativo”. (LAKOFF, 2002, p. 85, tradução nossa). Uma pessoa desviante exerce, assim, uma influência deletéria sobre a sociedade, posto que pode ocasionar um efeito cascata, levando outros membros também a se desviar.

Desse modo, sob a lógica dessa metáfora, a transgressão dos limites morais não deve ser tolerada, e os indivíduos desviantes, por representarem uma ameaça à comunidade, precisam, por seu turno, ser isolados ou proscritos, a fim de protegê-la¹⁵.

2.2.6. Metáfora da Essência Moral

A metáfora da Essência Moral assume particular relevância no interior do sistema metafórico da moralidade, uma vez que nosso conceito ordinário de **caráter** é definido em termos dela.

A noção de essência moral se encontra pautada em uma relação analógica entre a constituição dos objetos físicos e a disposição moral dos indivíduos. Segundo tal correlação, assim como os objetos físicos são feitos de dadas substâncias, cuja natureza é definida por um conjunto de propriedades que determinam o seu comportamento (*e.g.* a madeira é inflamável, logo queima em contato com uma fonte ígnea), cada pessoa, de igual modo, possui uma essência moral que determina o seu modo de agir. A essência moral do indivíduo equivale, segundo Lakoff e Johnson (1999), ao que denominamos de **caráter**, e compreende o “conjunto de virtudes e vícios atribuídos à pessoa” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306, tradução nossa).

A estrutura da metáfora da Essência Moral encerra, portanto, dois submapeamentos, elencados por Lakoff (2002), a saber:

UMA PESSOA É UM OBJETO

A ESSÊNCIA DA PESSOA É A SUBSTÂNCIA DE QUE O OBJETO É FEITO

Sustentar uma concepção de caráter sobre tais bases implica em admitir que este é formado por traços morais inerentes, ao modo das propriedades essenciais das substâncias. As propriedades morais corresponderiam, assim, às **virtudes**, ao passo que as propriedades imorais coincidiriam com os **vícios**. Ainda segundo a lógica dessa metáfora, uma vez formado, o caráter da pessoa se revelaria praticamente imutável. Nos termos de Lakoff e Johnson (1999): “as pessoas nascem com, ou desenvolvem logo no início da vida, propriedades e hábitos morais essenciais que permanecem com elas por toda a vida” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 306, tradução nossa).

¹⁵ É a lógica da metáfora dos Limites Morais que subjaz à moral cristã no que concerne a questões como a homossexualidade, por exemplo.

Nesse sentido, Lakoff (2002) atenta para as consequências dessa noção de essência moral, refletindo que ela conduz à aceitação da ideia de que existiriam pessoas, por exemplo, inerentemente “teimosas” ou “confiáveis”. Por extensão, tal metáfora sanciona uma visão determinista do ser humano, pois, ao atribuir qualidades essenciais que nos permitem prever o comportamento moral ou imoral de alguém, rotula algumas pessoas como tendo uma propensão inerente à imoralidade, e, mais do que isso, como sendo irremediavelmente imorais, isto é, sem qualquer perspectiva de reabilitação moral. Existiriam pessoas, por assim dizer, “podres até o carço”, em contraposição a outras “com um coração de ouro”.

A fim de ilustrar como essa metáfora se materializa empiricamente na cultura americana, Lakoff e Johnson (1999) mencionam, por exemplo, o caso de medidas governamentais que propõem retirar os filhos ilegítimos de mães adolescentes pobres a fim de abrigá-los em orfanatos ou casas de adoção. Sob essa iniciativa, estaria implícita a premissa, segundo os autores, de que tais mães seriam imorais, e, uma vez que seu caráter já estaria praticamente formado, ao manter seus filhos junto de si, tais crianças desenvolveriam também um caráter igualmente imoral.

Lakoff e Johnson (1999, *ibid.*) resumiam do seguinte modo os principais acarretamentos da metáfora da Essência Moral:

- Se você sabe como uma pessoa agiu, você sabe qual o caráter daquela pessoa;
- Se você conhece o caráter da pessoa, você sabe como aquela pessoa agirá;
- O caráter básico da pessoa está formado quando ela atinge a idade adulta (ou talvez um pouco antes).

A metáfora da essência moral intervém, ainda, de maneira fundamental na compreensão de outras metáforas da moralidade, a exemplo das metáforas da Pureza/Limpeza Moral, Saúde Moral e Integridade Moral, que passaremos a abordar nos tópicos seguintes.

2.2.7. Metáfora da Pureza/Limpeza Moral

Conforme assinalamos acima (*vide 2.1.*), as metáforas constitutivas do sistema da moralidade se baseiam em experiências atinentes ao bem-estar físico humano. Nesse sistema, a moralidade pode ser conceptualizada, por exemplo, a partir da noção de pureza. Lakoff e Johnson (1999, p. 307) refletem, nesse sentido, que, no plano meramente físico, uma substância é pura quando não exhibe nenhuma mistura e, por outro lado, o tipo mais comum de impureza é a sujeira, o que evidencia uma correlação estreita entre pureza e limpeza

(PUREZA É LIMPEZA). Com efeito, ainda segundo essa teoria popular, substâncias puras são, habitualmente, limpas, bem como é notório que substâncias que exibem algum grau de sujeira são consideradas impuras.

No plano metafórico, por decorrência, “a moralidade é, então, conceptualizada como pureza e a imoralidade como impureza, como algo asqueroso ou sujo.” (LAKOFF, 2002, p. 92, tradução nossa). Assim, no interior da metáfora da Pureza Moral, identificamos as seguintes metáforas:

MORALIDADE É PUREZA / LIMPEZA

IMORALIDADE É IMPUREZA / SUJEIRA

Lakoff e Johnson (1999) arrolam alguns exemplos de instanciação linguística dessa metáfora: *Ele é um homem **sujo** / Aquilo foi uma coisa **repugnante** de se fazer / Ó Senhor, criei um coração **puro** dentro de mim / Se eleito, **limparei** esta cidade.*

Os autores sublinham ainda que o corpo, enquanto sede dos desejos, emoções e paixões, está popularmente associado à noção de impureza, e, em contrapartida, a razão é identificada como um *locus* de pureza, donde ser puro equivale, sob essa ótica, a ser racional. Nesse sentido, diríamos, sumariamente, que “a vontade ou o coração são puros quando estão sob o comando da razão e não sob a influência do corpo” (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 308, tradução nossa).

Segundo a doutrina do pecado original, emanada do ideário religioso cristão, a essência do homem, desde o episódio protagonizado por Adão e Eva no Paraíso, é inerentemente impura e, por conseguinte, somos todos propensos a agir imoralmente, quando entregues apenas a nossa própria natureza.

A ideia de corrupção assume relevância no interior dessa metáfora, dado que, de um modo geral, quando algo é corrompido tem, por conseguinte, a sua pureza essencial violada, tornando-se, por vezes, imprestável – Lakoff (2002) lembra aqui o caso de amostras de sangue, ou mesmo de dados corrompidos. Por extensão, conclui Lakoff (2002): “metaforicamente, alguém que é ‘corrupto’ tem uma essência impura, o que, pela Pureza Moral e Essência Moral, torna-o inerentemente imoral.” (LAKOFF, *ibid.*, p. 93).

Relativamente aos acarretamentos da metáfora da Pureza Moral, enfatiza-se, por conseguinte, a necessidade de se combater a fonte de impureza ou imoralidade, removendo ou segregando pessoas corruptas do seio da sociedade, a fim de neutralizar seu efeito corruptor. Com efeito, segundo Lakoff e Johnson (1999),

Assim como impurezas físicas podem arruinar uma substância, impurezas morais podem **destruir** uma pessoa ou sociedade. Assim como substâncias podem ser purgadas de impurezas, também pessoas e sociedades devem ser **purgadas** de elementos, indivíduos ou práticas corruptas. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 308, tradução e grifos nossos).

2.2.8. Metáfora da Saúde Moral

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a saúde é habitualmente vista, sob a ótica popular, como uma pré-condição para uma vida feliz, isto é, constitui um dos aspectos que integram o nosso conceito ordinário de bem-estar. Uma vez que a conceptualização da moralidade repousa, como vimos, sobre o domínio-fonte do BEM-ESTAR, instaura-se, assim, uma associação entre moralidade e saúde, de modo a gerar a metáfora da Saúde Moral.

Consequentemente, através dessa metáfora, atos ou comportamentos imorais são vistos como doença, e pessoas que adotam tais práticas como doentes. Isso implica dizer que a metáfora da Saúde Moral compreende, em verdade, os seguintes mapeamentos:

MORALIDADE É SAÚDE

IMORALIDADE É DOENÇA

O risco de “contágio moral” é um traço relevante, segundo Lakoff e Johnson (*ibid.*) na conceptualização da moralidade como saúde. Nesse sentido, um dos acarretamentos dessa metáfora coincide com a ideia de que, assim como doenças podem se propagar através do contato, o mesmo pode ocorrer na esfera moral, isto é, pessoas imorais podem eventualmente “infectar” indivíduos “sãos”, tornando-os igualmente imorais.

Com efeito, segundo a lógica dessa metáfora, “a imoralidade, como doença moral, é uma praga que, se deixada fora de controle, pode se espalhar através da sociedade, infectando a todos.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309, tradução nossa). Lakoff (2002) alude mesmo à expressão “epidemia de imoralidade”, para denotar uma verdadeira difusão em larga escala de um comportamento imoral.

Diante dessa ameaça premente, faz-se necessário, portanto, a adoção de medidas profiláticas (ou de “higiene moral”) a fim de evitar o “contágio”. Segundo Lakoff e Johnson (*ibid.*), tal metáfora preceitua a adoção de procedimentos como a “quarentena”, a fim de garantir o isolamento dos agentes imorais, evitando, dessa forma, a contaminação das pessoas morais.

Por fim, Lakoff e Johnson atentam para a existência de uma conexão entre os conceitos de Pureza Moral e Saúde Moral, posto que normalmente a impureza (ou sujeira) é apontada como causa de doenças.

2.2.9. Metáfora da Totalidade (Integridade) Moral

Lakoff (2002) descreve também a conceptualização da moralidade a partir da noção de totalidade (ou, literalmente, inteireza), atinente, no plano experiencial, à natureza dos objetos em geral. A totalidade, no plano físico, corresponderia, virtualmente, à propriedade característica dos objetos de se apresentar numa forma íntegra (completa), sólida, uniforme, sem exhibir falhas ou lacunas em sua estrutura.

O conceito de totalidade implica, por conseguinte, segundo Lakoff (ibid.), em dois outros traços essenciais concernentes aos objetos, quais sejam, a **homogeneidade** e a **unidade** de forma. Assim, substâncias extremamente heterogêneas não são capazes de se unir de modo a constituir um todo e, por outro lado, somente a unidade de forma do objeto lhe confere a força necessária para resistir a pressões. O caráter íntegro do objeto é, dessa forma, responsável por sua funcionalidade, que se vê comprometida quando este sofre um processo de fragmentação, ruptura ou deterioração – é o que se dá, por exemplo, quando uma construção desmorona, um tecido é rasgado, um organismo entra em decadência, ou mesmo uma pedra é estilhaçada.

No plano metafórico, em contrapartida, a “totalidade” moral interage, segundo Lakoff (ibid.), com a metáfora da essência moral, resultando agora na **virtude** da integridade. Conforme o autor, esta corresponde à “virtude de ser moralmente inteiro” (LAKOFF, 2002, p. 91, tradução nossa). A totalidade moral seria, por assim dizer, o equivalente metafórico da totalidade física.

A metáfora da Integridade Moral prevê, portanto, os seguintes mapeamentos:

MORALIDADE É INTEGRIDADE

IMORALIDADE É DEGENERAÇÃO

De modo correlato aos objetos físicos, a integridade moral dotará a pessoa de **consistência** de princípios, e **força** para resistir a pressões, sejam de ordem social ou política. Nos termos de Lakoff (2002): “Uma pessoa com integridade tem princípios morais consistentes, o equivalente moral da homogeneidade física, e partes que formam um todo unificado”. (LAKOFF, 2002, p. 91, tradução nossa).

A atualização linguística da metáfora da Integridade Moral pode ser vislumbrada em expressões cotidianas como *peças degeneradas*, *decadência moral*, *ruptura do tecido moral*, *ruína das fundações morais*, ou ainda *dissolução dos costumes* e *desgaste moral*.

Dentre os acarretamentos previstos por essa metáfora, Lakoff (ibid.) sublinha o perigo iminente representado pela decadência moral. Segundo a lógica de tal metáfora, com efeito, é

preciso estar constantemente atento aos mínimos sinais de decadência moral, a fim de interrompê-los imediatamente, sob pena de a imoralidade vir a florescer no seio da sociedade de modo irreparável.

2.2.10. Metáfora da Empatia Moral

Uma vez que a ação moral visa, idealmente, o aumento do bem-estar, sobretudo dos outros, constatamos que a concepção de moralidade é pautada fundamentalmente na noção de empatia.

A empatia é de *per se* um conceito metafórico, segundo Lakoff e Johnson (1999), e consiste na “capacidade de projetar a sua consciência sobre outras pessoas de modo que você possa sentir o que elas sentem” (LAKOFF, 2002, p. 114, tradução nossa). É ao conceito de empatia que nos reportamos quando empregamos enunciados linguísticos tais como *Eu sei como você se sente* ou *Eu sei como é estar em sua pele*.

A conceptualização da moralidade como empatia, instituída a partir da metáfora da Empatia Moral, repousa sob a seguinte lógica, nos termos de Lakoff e Johnson (1999):

Se você sente o que a outra pessoa sente, e se você quer experimentar a sensação de bem-estar, logo, você vai querer que a pessoa também experimente a sensação de bem-estar. Então você agirá para promover o bem-estar daquela pessoa. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 309, tradução nossa).

Para Lakoff (2002), a empatia em seu sentido mais forte implica não apenas na observância da célebre regra de ouro “Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você”, pois tal máxima negligencia o fato de que as outras pessoas podem eventualmente ter valores divergentes dos nossos.

Dessa forma, faz-se mister, na verdade, operar uma distinção entre dois tipos de empatia, a saber, a **empatia absoluta** e a **empatia egocêntrica**. A primeira (**absoluta**) prevê a identificação com os sentimentos da outra pessoa, sem impor nenhuma restrição, isto é, adotando como referência os seus valores, o que gera um princípio um tanto diferente da supracitada regra de ouro, qual seja, “Faça aos outros o que eles gostariam que lhes fizessem”. Em contraposição, a segunda modalidade de empatia (**egocêntrica**) preconiza a projeção de nossa consciência sobre o sentimento alheio (sentir o que o outro sente), mas com a exigência de mantermos nosso próprio sistema de valores.

A aplicação estrita da empatia absoluta, conforme Lakoff e Johnson (1999), revela-se, muitas vezes, impraticável, posto que as outras pessoas podem eventualmente esposar valores imorais ou inadequados. Logo, o que verificamos é uma predominância da empatia egocêntrica, uma vez que, geralmente, “nós projetamos sobre as outras pessoas não apenas a nossa capacidade de sentir como elas sentem, mas também nosso sistema de valores.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309-310, tradução nossa).

2.2.11. **Metáfora do Cuidado Moral**

Essa metáfora está ancorada, em princípio, na ideia do cuidado que deve existir no âmbito familiar, isto é, a proteção que os pais devem dispensar aos filhos para que estes se tornem adultos normais. Com efeito, uma vez que crianças são seres indefesos, é dever e responsabilidade dos pais lhes prover, dentre outras coisas, alimentação, abrigo, proteção, educação e carinho, e não oferecer tal gama de cuidados aos filhos é mesmo visto como um ato imoral. Essa postura cuidadosa dos pais pressupõe necessariamente, por outro lado, a empatia, que lhes permitirá, ao se projetar na condição da criança (“sentir o que ela sente”), conhecer suas necessidades.

Uma vez que constitui um dos fatores que intervêm na concepção de bem-estar, o **cuidado** (*É melhor ser cuidado e protegido do que ignorado*) irá, também, atuar como domínio-fonte para a conceptualização da noção de moralidade.

Dessa forma, a experiência prática do cuidado, vivenciada no âmbito familiar, é mapeada, no plano metafórico, sobre a responsabilidade moral de cuidar de outras pessoas de nosso convívio social. Em resumo, “ao conceber a moralidade como cuidado, a noção de moralidade baseada na noção de família é projetada sobre a sociedade em geral.” (LAKOFF, 2002, p. 117, tradução nossa).

A metáfora complexa do Cuidado Moral institui, assim, um conjunto de correlações ontológicas entre família e sociedade (ou comunidade), e compreende, conforme Lakoff (ibid.), os seguintes mapeamentos:

A COMUNIDADE É UMA FAMÍLIA

AGENTES MORAIS SÃO PAIS CUIDADOSOS

PESSOAS QUE PRECISAM DE AJUDA SÃO CRIANÇAS

AÇÃO MORAL É CUIDADO

Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999) salientam ainda a importância de outro aspecto no interior dessa metáfora, a saber, a noção de auto-cuidado. De fato, os autores

ponderam que o auto-cuidado consiste numa pré-condição para o cuidado moral, já que alguém só pode cuidar adequadamente dos outros se dispensar minimamente cuidados a si mesmo. O auto-cuidado, sob tal perspectiva, converte-se numa obrigação moral.

A metáfora do Cuidado Moral apresenta, segundo Lakoff e Johnson (1999), uma segunda forma ou versão que concerne especificamente às relações sociais. Essa segunda modalidade estabelece que o cuidado moral deve se estender aos laços sociais, responsáveis pela união das pessoas em comunidades. A moralidade passa a ser conceptualizada, sob tal ótica, como cuidado social e, em decorrência, a metáfora do Cuidado Moral incorpora adicionalmente, conforme Lakoff (2002), os seguintes mapeamentos:

OS LAÇOS SOCIAIS SÃO CRIANÇAS QUE PRECISAM DE CUIDADO
AÇÃO MORAL É CUIDADO COM OS LAÇOS SOCIAIS

2.3. O sistema metafórico da moralidade e a moralidade familiar

Com fins didáticos, podemos ilustrar o conjunto das metáforas supraexaminadas na subseção anterior através do quadro sumarizante abaixo, adaptado de Lakoff (2009) e reformulado a partir de Lakoff e Johnson (1999), Lakoff (2002) e Ferraz (2007). Neste, cada uma das metáforas para a moralidade é definida por meio da fórmula MORALIDADE É X, a motivação experiencial subjacente ao mapeamento metafórico, que corresponde às suposições relativas ao conceito de bem-estar, assume a forma de uma proposição genérica tal qual “Você está melhor se você pode X”, e algumas expressões linguísticas atualizadoras são arroladas para exemplificar cada metáfora.

Moralidade é...	Você está melhor se...	Exemplos linguísticos
MORALIDADE É RIQUEZA	Você está melhor se você tem riqueza do que é empobrecido	<i>Lula se queixa de que o seu aliado teria sido escolhido para pagar pelos escândalos no Senado / É injusto debitar a responsabilidade pela totalidade da crise ao senador José Sarney.</i>
MORALIDADE É FORÇA, donde, MORALIDADE É RETIDÃO (<i>uprightness</i>) e MORALIDADE É EQUILÍBRIO	Você está melhor se é forte do que é fraco; Você está melhor se está reto e equilibrado do que incapaz de se manter de pé.	<i>É preciso resistir às tentações cotidianas. Ele cultiva altos ideais morais. A crise que se instalou em Brasília balançou as mais importantes instituições da República.</i>

MORALIDADE AUTORIDADE	É	Você está melhor se estiver no controle do que se estiver sob o domínio de outros	É preciso respeitar as leis nesse país. Ele é culpado por insubordinação
MORALIDADE É ORDEM		Você está melhor se obedece à hierarquia natural de poder a que está sujeito	A sociedade vive hoje em um verdadeiro estado de caos .
MORALIDADE É LIMITE		Você está melhor se segue um caminho sancionado por sua comunidade	Sua atitude transgrediu os padrões de comportamento da sociedade. Os desvios de verba foram descobertos pelo TCU.
MORALIDADE É ESSÊNCIA		Você está melhor se sua essência é composta por virtudes do que por vícios	Ele tem um coração de ouro . Ele é um caso perdido. É podre até o carço .
MORALIDADE INTEGRIDADE	É	Você está melhor se está inteiro/integro do que fragmentado ou tem alguma deficiência	Os sucessivos escândalos desgastam a imagem do Congresso. Seus princípios ruíram ante a cobiça e a facilidade de enriquecimento ilícito.
MORALIDADE PUREZA/LIMPEZA	É	Você está melhor se dispõe de ar e alimentos puros do que contaminados / Você está melhor se está limpo do que sujo	É preciso varrer a corrupção do país. A imagem do legislativo foi manchada pelos escândalos no Senado.
MORALIDADE É SAÚDE		Você está melhor se está com saúde do que doente	O criminoso agiu segundo sua mente doentia . A corrupção no Brasil converteu-se em uma epidemia que se dissemina por todos os órgãos públicos.
MORALIDADE É EMPATIA		Você está melhor se tem empatia pelos outros do que indiferença	Devemos sempre nos solidarizar com o sofrimento alheio
MORALIDADE É CUIDADO		Você está melhor se é cuidado e protegido do que descuidado e ignorado	É dever dos pais proteger os seus filhos das más influências.

QUADRO 2: Sistema metafórico da moralidade

Cumprir advertir, contudo, que o quadro acima nos permite divisar apenas um retrato parcial do sistema metafórico da moralidade, uma vez que, segundo sustenta Lakoff (2009), “como existem muitas formas de bem-estar e mal-estar que normalmente experienciamos, existem correspondentemente muitas metáforas para a moralidade” (LAKOFF, 2009, p. 96, tradução nossa).

Lakoff e Johnson (1999) reiteram, de igual modo, que essa lista de metáforas para a moralidade não é exaustiva, podendo ser virtualmente ampliada por outros mapeamentos tais como MORALIDADE É LUZ/CLARIDADE / IMORALIDADE É ESCURIDÃO, MORALIDADE É BELEZA, dentre outros. Lakoff (2002), por seu turno, acresce ainda a esse rol MORALIDADE É FELICIDADE, MORALIDADE É CUIDADO SOCIAL, bem como a denominada metáfora do Crescimento Moral.

Relativamente ao fato de como essas metáforas morais se articulam em um sistema coerente, Lakoff e Johnson (ibid.), pautando-se no estudo de Lakoff (2002), aventam a hipótese de que elas se baseiam, na verdade, em modelos essenciais de família, e nas correspondentes formas de moralidade atreladas a cada um desses modelos. Desse modo, segundo os autores, “são modelos de família que ordenam nossas metáforas para a moralidade em perspectivas éticas relativamente coerentes por meio das quais vivemos nossas vidas.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 313, tradução nossa). Cumpre, pois, ainda que sucintamente, aludirmos à análise da noção de moralidade, sistematizada por Lakoff (2002) em sua obra **Moral Politics**.

Lakoff (2002) empreendeu, sob os pressupostos da Ciência Cognitiva, uma análise minudente dos principais sistemas políticos em embate no cenário da política americana, a saber, o conservadorismo (habitualmente associado aos grupos de orientação republicana) e o liberalismo (típico dos grupos denominados de progressistas ou democratas). O autor demonstrou que a cosmovisão e comportamentos característicos do primeiro sistema político estão embasados em um modelo de família denominado de **Família do Pai Severo**, ao passo que os posicionamentos político-ideológicos atinentes ao segundo estão fundados em um modelo familiar diverso, intitulado de **Família do Pai Cuidadoso**. Cada um desses modelos organiza, ainda, o conjunto das metáforas morais de maneira diversa, atribuindo-lhes diferentes prioridades, o que culmina por formatar dois sistemas morais distintos.

Mas em que efetivamente consistem os dois modelos fundamentais de família¹⁶ a que se refere Lakoff (2002)?

A Família do Pai Severo corresponde basicamente ao modelo de família tradicional, em que o pai ocupa a posição central. A autoridade paterna assume aqui grande relevância, uma vez que o pai é a figura que estabelece os princípios morais e normas rigorosas de comportamento a serem obedecidas no interior da família. A obediência a tais normas por

¹⁶ Lakoff (2002), bem como Lakoff e Johnson (1999) enfatizam que esses modelos são, na verdade, apenas idealizações, e não existem em sua forma pura, logo, o que encontramos em nossa experiência real são antes versões particulares ou mesmo mesclas (*blendings*) desses dois tipos de família.

parte dos filhos é reforçada a partir de um sistema de recompensas e punições, ao modo de um behaviorismo popular (LAKOFF, 2002). Espera-se que, através da obediência e do respeito à autoridade, os filhos desenvolvam a auto-disciplina, a auto-confiança, e um caráter moralmente forte que os habilitará a enfrentar um mundo duro e competitivo, eivado de males e ameaças. Finalmente, nesse modelo, a mãe é responsável apenas pelas funções de cuidar dos filhos e dar sustentação à autoridade paterna. O amor e o cuidado têm alguma importância, contudo, não devem sobrepujar a autoridade paterna.

O sistema de moralidade vazado a partir desse modelo familiar, ou **Moralidade do Pai Severo**, por conseguinte, atribui o nível mais alto de prioridade às metáforas da Autoridade Moral, Força Moral e Ordem Moral, estando as metáforas do Cuidado Moral e da Empatia Moral, por sua vez, subjugadas a estas. Intimamente associadas a esse sistema moral estão ainda, sob a perspectiva de Lakoff (2002), as metáforas da Essência Moral, Pureza Moral, Saúde Moral, Limites Morais e Totalidade Moral.

Na Família do Pai Cuidadoso, em contrapartida, a ênfase incide sobre o amor, a empatia, o cuidado e a proteção. A obediência dos filhos deriva antes do seu amor e respeito pelos pais que do receio de punição. A auto-disciplina e a auto-confiança são desenvolvidas através das experiências de receber cuidado e de cuidar de outras pessoas, quer da família, quer da comunidade. A comunicação entre pais e filhos é, ainda, aberta, mútua e respeitosa, e as decisões dos pais são justificadas claramente. A meta última visada pelo cuidado paterno nesse tipo de família é a felicidade e realização plena dos filhos. Espera-se, sobretudo, que estes desenvolvam a empatia pelos outros e as capacidades do cuidado e da cooperação.

A **Moralidade do Pai Cuidadoso**, conseqüentemente, exhibe uma ordem de prioridade para as metáforas da moralidade diversa daquela examinada há pouco. Nesse sistema moral, as metáforas do Cuidado Moral e da Empatia Moral assumem agora a posição mais elevada, sendo a Autoridade Moral secundária face a estas. A metáfora da Ordem Moral, analogamente, também tem pouca importância.

Através de uma análise acurada, Lakoff (2002) deslinda de que modo os valores familiares, subjacentes a esses dois sistemas de moralidade, motivam posições políticas conflitantes por parte de conservadores e liberais. Com base nas metáforas inscritas nos dois sistemas morais, o autor especifica, assim, por que a defesa da pena de morte, a oposição ao aborto, a programas de assistência social, aos direitos de gays e mulheres, à intervenção de ambientalistas, dentre outros temas, integram a visão programática de conservadores, ao passo que os liberais defendem justamente as posições ideológicas inversamente contrárias.

Lakoff e Johnson (1999) operam, por seu turno, uma generalização da tese proposta em Lakoff (2002), refletindo que, independentemente do modelo familiar adotado, a moralidade humana é “definitivamente baseada em alguma concepção de família e moralidade familiar.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 317, tradução nossa).

A conceptualização da moralidade em geral a partir do caso específico da moralidade familiar é viabilizada, segundo os autores, graças à denominada **Metáfora da Família do Homem**. Por promover a transposição da moralidade familiar para a moralidade universal, tal metáfora implica na percepção de toda a humanidade como integrante de uma enorme família. Senão vejamos o conjunto de mapeamentos inscritos nessa metáfora, segundo Lakoff e Johnson (ibid.):

Metáfora da Família do Homem

A HUMANIDADE É UMA FAMÍLIA

CADA SER HUMANO É CADA CRIANÇA

CADA UM DOS OUTROS SERES HUMANOS SÃO OUTRAS CRIANÇAS

RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS SÃO RELAÇÕES MORAIS FAMILIARES

AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL É AUTORIDADE MORAL FAMILIAR

MORALIDADE UNIVERSAL É MORALIDADE FAMILIAR

CUIDADO MORAL UNIVERSAL É CUIDADO FAMILIAR

Por meio dessa metáfora, as obrigações morais previstas no esquema moral familiar são projetadas para o espectro da moral universal, de modo que todos os seres humanos são equiparados aos membros de uma mesma família. Com efeito, segundo Lakoff e Johnson (1999):

Assim como cada criança na família está sujeita à mesma autoridade moral e leis morais, de igual modo cada pessoa no mundo está sujeita à mesma autoridade moral e leis morais. Assim como cada membro da família é responsável por cuidar de todos os demais membros da família, cada pessoa, igualmente, é obrigada a cuidar de todas as outras. (LAKOFF; JOHNSON, ibid., p. 317, tradução nossa).

Lakoff e Johnson refletem ainda que o papel relativo ao **pai** universal nessa metáfora pode eventualmente vir a ser desempenhado por diferentes entidades, tais como Deus, a Razão Universal, ou mesmo a própria Sociedade como um todo.

2.4. Ciência Cognitiva, moralidade e política

Se compreendermos, a partir de Lakoff (2002), que uma das tarefas precípuas da Linguística Cognitiva é “estudar como conceptualizamos nossas vidas cotidianas e como pensamos e falamos sobre elas” (id., *ibid.*, p. 3), e divisarmos, por outro lado, o domínio da política como um dos aspectos que integra nossa vida ordinária, somos autorizados a crer, conforme o autor, que o estudo dos conceitos e discurso políticos constitui um campo prolífico para a pesquisa de base cognitiva, embora os trabalhos nesse sentido ainda sejam relativamente raros.

Lakoff (2002) vislumbra, assim, a existência de uma relação indissociável entre a Ciência Cognitiva, enquanto área de pesquisas que estuda a mente humana, e o domínio da política¹⁷:

A mesma mente que estudamos por razões científicas cria sistemas de pensamento de ordem moral e política e os usa todos os dias. Por essa razão, as descobertas da pesquisa sobre os sistemas conceptuais eventualmente virão a ter mais e mais importância na compreensão da vida moral e política. (LAKOFF, *ibid.*, p. 17, tradução nossa)

Em **Moral Politics**, como expusemos há pouco, Lakoff (2002) comprova a pertinência do enfoque cognitivo enquanto ferramenta analítica para o estudo do discurso político. Avulta de sua abrangente análise sobre o discurso de conservadores e liberais a conclusão de que, assim como ocorre com a conceptualização de nosso pensamento ordinário, nossas ideias políticas (a que subjazem todo um sistema de conceitos morais) também são eminentemente estruturadas por meio de metáforas, ratificando, desse modo, a tese da onipresença da metáfora no pensamento e na linguagem humanos.

A Ciência Cognitiva, por outro lado, lança luzes sobre a questão da moralidade humana, facultando-nos uma compreensão mais aprofundada desta. Para Lakoff e Johnson (1999), “os julgamentos morais estão implícitos em praticamente todos os aspectos de nossa cultura.” (id., *ibid.*, p. 334, tradução nossa). Faz-se mister, nesse sentido, segundo os autores, ser capaz de identificar de que formas subreptícias nosso sistema moral intervém em tais áreas vitais de nossa cultura, dentre as quais arrolam a política e a religião.

De modo particular, cumpre, pois, ao pesquisador analisar nossos julgamentos morais, a fim de “saber que metáforas morais particulares você e outros estão usando, bem como o

¹⁷ Convém ressaltar que essa é mesmo uma das ideias-chave do pensamento lakoffiano, e que o autor dedica, inclusive, obras específicas à discussão de tal temática, a exemplo de **Don't think of an elephant!**, **The political mind**, além do próprio **Moral Politics**, já citado.

papel que cada metáfora desempenha nas conclusões morais obtidas.” (id., *ibid.*, p. 334, tradução nossa).

A temática que constitui o objeto de estudo de nossa pesquisa, a saber, a corrupção política, situa-se, pois, no entrecruzamento inextricável dos dois domínios supramencionados, o da moralidade e o da política. Aliás, é conveniente reiterar, nesse sentido, que segundo Lakoff e Johnson (1999), sob o prisma da Ciência Cognitiva, não há uma ética pura ou compartimentalizada e, por conseguinte, a rigor, “a moralidade não é um domínio separado da política” (Id., *ibid.*, p. 333, tradução nossa).

2.5. (I)moralidade e corrupção

Analisar o fenômeno político da corrupção a partir do sistema metafórico supradescrito implica em circunscrevê-lo ao domínio da (i)moralidade. Não podemos descurar, contudo, que a corrupção pode ser divisada sob sua faceta jurídico-legal, constituindo, como tal, uma infração criminal ou ilicitude (*vide* item 3.2. na seção a seguir). Assim, partiremos da assunção de que a corrupção política exhibe um caráter ambivalente, dado que se inscreve simultaneamente no âmbito da ilegalidade e da imoralidade.

Sob o aspecto da codificação legal, a corrupção é atravessada pelo aspecto institucional, e, por conseguinte, o que se enquadra como prática corrupta irá variar conforme o Estado, a época histórica e a respectiva legislação vigente. Assim é que o financiamento privado de campanha eleitoral é restrito no Brasil e a denominada prática do caixa dois configura crime de corrupção¹⁸, ao passo que em outros países, como a Itália, Alemanha e Canadá, não há praticamente limite para doações de recursos privados aos partidos. De igual modo, as práticas patrimonialistas de enriquecimento pessoal que vigoraram por todo o período colonial brasileiro não podem, senão numa perspectiva anacrônica, serem categorizadas, a rigor, como uma forma de corrupção (SOARES, 2008). De fato, consoante pontua Soares (*ibid.*): “São as leis que definem os crimes. Eles deixam de existir quando as leis que os identificam são suprimidas. Passam a existir quando elas são promulgadas.” (SOARES, 2008, p. 410).

¹⁸ Segundo Marengo (2008), o financiamento privado de campanhas eleitorais consiste numa fonte potencial de corrupção nas instituições públicas, uma vez que pode virtualmente “converter-se em tratamento privilegiado no acesso a fundos públicos, contratos e serviços após as eleições” (MARENCO, 2008, p. 382-383). Ainda segundo o autor, no Brasil, a legislação eleitoral (Lei 9.504/97) estipula, para contribuições eleitorais, “um limite de 10% da renda para pessoas físicas e 2% do faturamento das empresas” (Id., *ibid.*, p.385).

Por outro lado, uma vez que consiste em um conjunto de atos que visam ao favorecimento próprio em detrimento do interesse público ou social, a corrupção configura-se enquanto uma prática lesiva ao bem-estar da coletividade, e, portanto, uma conduta contrária à moralidade. Segundo Freitag (1992), a questão da moralidade funda-se sobre uma indagação norteadora central, a saber, “como devo agir?”. Estão circunscritos, assim, à esfera da moralidade, assevera a autora, a ação de um sujeito consciente na interação com os outros, a avaliação ou julgamento de sua ação e os critérios, princípios ou valores a partir dos quais a conduta do sujeito é julgada. Sob a ótica moral, a corrupção representaria, agora, uma infração ao que é considerado bom, certo, justo ou virtuoso, segundo o conjunto de valores partilhados por uma dada sociedade ou cultura, um fenômeno que tangencia, portanto, os aspectos compreendidos habitualmente pelo campo ético.

Embora advogue veementemente em favor do enquadramento da corrupção enquanto manifestação do crime organizado, Soares (2008) admite que a percepção dominante no imaginário popular acerca da corrupção, e que subjaz à repulsa social diante de tal prática, é um juízo eminentemente de ordem moral. A avaliação popular da **corrupção** sob o prisma moral, conforme o autor, vincula esta categoria ao sentido de **degradação**, semanticamente associado ao vocábulo, e a corrupção passa a ser vista como uma verdadeira expressão do “mal”. Assim, em sua dimensão estritamente moral,

o contrário da corrupção não é o rigor no cumprimento das determinações legais, não é o respeito aos procedimentos, às regras, às instituições; não é, por assim dizer, o amor à legalidade, o zelo pela forma. O avesso da corrupção é a **pureza**, significado que aponta para o que é externo a toda forma, independente de qualquer regra. (SOARES, *ibid.*, p. 406-407, grifo nosso)

Diante do quadro supradelineado, julgamos pertinente, pois, a inserção do fenômeno da corrupção como uma subcategoria do domínio da imoralidade. A adoção de tal perspectiva permitir-nos-á investigar a conceptualização da corrupção a partir do conjunto de metáforas estipuladas por Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999) para a moralidade. A análise dos dados selecionados ensejará, como veremos, a confirmação empírica da validade dessa alternativa teórica para a consecução dos objetivos propostos com este trabalho.

É mister acrescentar que, ao procedermos à análise de nosso *corpus*, pautar-nos-emos, basicamente, no conceito teórico-metodológico de **ação imoral**, previsto no bojo do sistema metafórico da moralidade. Lakoff (2002) define a ação imoral como aquela que ocasiona prejuízo ou privação ao bem-estar de alguém, ou seja, qualquer ação que prive alguém de uma

ou mais das formas popularmente compreendidas na noção de bem-estar, quais sejam, riqueza, força, saúde, pureza, limpeza etc. Logo, ações ou comportamentos que infringem preceitos morais, a exemplo de atos de corrupção, que serão alvo de análise neste trabalho, podem ser compreendidos a partir das formas opostas às experiências de bem-estar listadas acima, isto é, a partir dos conceitos correlatos de doença, sujeira, fraqueza, pobreza, desequilíbrio etc.

Na seção a seguir, antes de empreendermos propriamente a análise do *corpus* da pesquisa, efetuiremos uma exposição sucinta sobre alguns aspectos de ordem metodológica, que compreenderá basicamente uma descrição da composição do *corpus*, uma caracterização das especificidades dos gêneros textuais enfocados na pesquisa, uma contextualização sobre a temática adotada para a seleção dos textos sob análise (corrupção), além de algumas considerações sobre as categorias de análise.

SEÇÃO 3: BREVES CONSIDERAÇÕES DE ORDEM METODOLÓGICA

3.1. O *corpus*

Os textos que elegemos para compor o *corpus* de nossa pesquisa pertencem a dois gêneros textuais distintos, a saber, o *blog* jornalístico de editoria política e a charge, e foram publicados no ano de 2009.

Os dados relativos ao gênero *blog* foram coletados em diferentes *blogs* de editoria política. Seleccionamos textos extraídos, nomeadamente, de dois *blogs* jornalísticos, quais sejam *Blog* do Josias de Souza e *Blog* de Ricardo Noblat, disponíveis, respectivamente, no portal do **Universo On Line** (UOL), e na versão *on-line* do jornal **O Globo**. Utilizamos ainda, de modo mais esparsa, textos oriundos de *blogs* hospedados em *sites* de revistas, jornais ou portais de notícias, assinados por jornalistas especificamente dedicados ao comentário político, a exemplo dos *blogs* de Reinaldo Azevedo (**Veja**), Luccia Hippolito (**O Globo**), Cristiana Lobo (**G1**), João Bosco (**O Estadão**), e do *blog* Coisas da Política (**JB Online**). A prioridade conferida, na seleção do *corpus*, aos dois *blogs* supracitados justifica-se em razão da atualização de textos (postagem) mais frequente, característica dos mesmos, em relação aos demais *blogs* consultados, bem como da recorrência mais expressiva nestes do uso de expressões linguísticas metafóricas atualizadoras das metáforas conceptuais em foco neste estudo.

As charges selecionadas para o *corpus*, por seu turno, foram obtidas, em sua maioria, junto a um *website* especializado (www.acharge.com.br), de atualização dinâmica, que disponibiliza aos usuários da rede mundial produções de chargistas publicadas em jornais de diferentes estados brasileiros, bem como charges produzidas *ad hoc* para o próprio *site*. Coletamos ainda textos de charge junto a *blogs* pessoais de alguns chargistas, tais como Nani, Ique, Jean, Gilmar, Son Salvador, Pelicano, Lute, dentre outros.

É mister salientar que se adotou como critério, para se proceder ao levantamento dos textos selecionados de ambos os gêneros, a circunscrição dessas produções escritas a uma temática particular, qual seja, a da corrupção política no Brasil. Nesse sentido, cumpre, pois, delimitar, ainda que brevemente, a acepção pela qual essa noção será compreendida neste trabalho.

3.2. Contextualizando a noção de corrupção política

A palavra **corrupção** advém do verbo latino *corrumpo* que designa, em sentido amplo, o ato de estragar, destruir ou deteriorar algo fisicamente. Em sentido estrito, o vocábulo assume uma conotação moral, passando a referenciar, agora, o ato ou prática que visa seduzir a lealdade de alguém através de suborno ou outros meios. No âmbito da esfera público-administrativa, a corrupção passa a ser divisada, sob o viés jurídico-legal, enquanto uma infração a leis que versam sobre a moralidade pública¹⁹, sendo passível de ser qualificada, por conseguinte, como um crime, previsto até mesmo no código penal brasileiro²⁰. É, sobretudo, a essa última acepção elencada que nos reportaremos, portanto, ao tentar empreender uma delimitação e uma contextualização da noção de corrupção política nesta subseção.

Embora possa ocorrer no setor privado, isto é, fora dos limites de organizações governamentais, a corrupção caracteriza-se, tipicamente, pelo envolvimento de um **agente público** que **ab(usa)** de seu cargo ou função para auferir **vantagens ilegais**. É, pois, esse conjunto de práticas abusivas por parte de uma autoridade pública que define o comportamento corrupto, segundo Amundsen (2000):

A corrupção ocorre quando um funcionário público, burocrata ou político (qualquer um eleito ou nomeado para uma posição de uma autoridade pública, com competência para atribuir (escassos) recursos públicos em nome do Estado ou do governo) está abusando de sua posição oficial para ganhos pessoais ou de grupos. (AMUNDSEN, *ibid.*, p. 5-6, tradução nossa).

Dentre as principais formas de corrupção, Amundsen (*ibid.*) arrola práticas como o suborno (ou propina), a fraude, o peculato (desvio ou apropriação indevida de fundos públicos), a extorsão e o clientelismo (ou favoritismo), decorrente de uma visão patrimonialista dos bens públicos, do qual constitui subespécie o nepotismo.

Amundsen (2000) distingue ainda, particularmente, dentro da noção de corrupção, a manifestação desse fenômeno na esfera política. Para o autor, a corrupção política corresponde, nesse sentido, à situação em que

¹⁹ *Vide*, nesse sentido, a Lei 8.429/92, comumente denominada de **lei da improbidade administrativa**, que versa sobre as sanções aplicáveis a agentes públicos, no exercício de cargo, mandato ou função na administração pública, em caso de conduta desonesta que ocasione enriquecimento ilícito, prejuízo ao erário público, ou mesmo infração aos princípios da administração pública.

²⁰ O Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei n. 2.848, de 07 de dezembro de 1940) prevê em seu bojo (e estipula as correspondentes penalidades) os crimes de **corrupção passiva** (Art. 317) e **corrupção ativa** (Art. 333), bem como outros crimes de semelhante teor, tais como **peculato** (Art. 312), **concussão** (Art. 316), **emprego irregular de verbas ou rendas públicas** (Art. 315).

os políticos e decisores políticos, que têm o direito de formular, definir e implementar as leis em nome do povo, são eles próprios corruptos. A corrupção política é quando os decisores políticos usam o poder político com o qual são investidos, para sustentar seu poder, *status* e riqueza. (AMUNDSEN, *ibid.*, p. 7, tradução nossa).

Assim, neste trabalho, ao investigar a conceptualização da corrupção política através da metáfora conceptual, pautar-nos-emos em ambas as definições esposadas por Amundsen (2000). Em primeiro lugar, por que estas não são excludentes, mas antes complementares, além disso, pelo fato de que constitui nosso propósito, na análise dos textos do *corpus*, focalizar toda sorte de **malversação de recursos públicos**, perpetrada por agentes públicos específicos, a saber, **autoridades políticas investidas de cargos eletivos**.

Cingindo, agora, o enfoque sobre a corrupção particularmente à realidade brasileira, constatamos que ela permeou os diferentes períodos de nossa História, desde o passado colonial até as diferentes fases por que atravessou a República.

Costuma-se apontar que as raízes da corrupção no Brasil remontam à fase de sua colonização. Com efeito, foi nesse período que se assentaram as bases do patrimonialismo e clientelismo, práticas que ainda hoje perduram, e marcam o trato com a coisa pública no Brasil. Dado o caráter predatório de nossa colonização, segundo Figueiredo (2008), a corrupção era prática corrente, tolerada e mesmo implicitamente estimulada, sendo natural a recepção de “ganhos complementares” por parte de servidores régios. Cumpria aproveitar as oportunidades na colônia e amealhar o máximo possível. Além disso, os cargos públicos eram vistos como patrimônio pessoal do governante, não havendo, assim, uma distinção clara entre o público e o privado.

Também no período republicano, as denúncias de corrupção perpassaram igualmente a Velha e Nova República. O governo de Getúlio Vargas foi caracterizado como verdadeiro “mar de lama”, em razão da corrupção generalizada que nele grassava. Foi, justamente, uma campanha anticorrupção, cujo símbolo era a vassoura, que conduziu Jânio Quadros ao poder em 1960, após o governo Juscelino Kubitschek. A ditadura militar instaurada com o golpe de 1964 usou, por sua vez, segundo Motta (2008), a necessidade de combate à subversão e à corrupção como um dos argumentos para depor o governo de João Goulart. Não obstante, esquemas de corrupção também foram descobertos nos governos militares.

Mesmo já no período da redemocratização, o primeiro presidente eleito democraticamente, Fernando Collor de Melo, eleito em 1989 empunhando em sua campanha a bandeira da caça aos privilégios, foi afastado por processo de *impeachment* em decorrência de escândalos de corrupção. Os dois mandatos consecutivos do governo de Fernando

Henrique Cardoso (1995-1998/1999-2002) foram também marcados por numerosos episódios de corrupção, dentre os quais: escândalos em órgãos estatais como SUDENE, SUDAM, DNOCS e DNER, desvio de verbas no caso da construção do TRT paulista, denúncias de recebimento de propina no processo de privatização de estatais como a Vale do Rio Doce e empresas de telecomunicações (as teles), compra de votos de parlamentares para aprovar a emenda da reeleição. Seguiu-se a era Lula, e novos casos de corrupção se notabilizaram, dentre os quais o mais ruidoso ficou conhecido como escândalo do mensalão, vindo a lume em 2005.

A conjuntura atual não revela grandes mudanças, e o elevado volume de notícias e charges tematizando casos de corrupção no cenário político em 2009, que coletamos como *corpus* desta pesquisa, dá-nos uma amostragem, ainda que restrita, da dimensão do problema da corrupção em nosso país.

A corrupção sempre impõe altos custos à sociedade, uma vez que as diferentes práticas corruptas promovem a dilapidação do erário, desviando, assim, recursos do Estado que poderiam ser virtualmente empregados em investimentos em políticas públicas que visam à melhoria da população. As consequências da corrupção convertem-se, pois, numa alta fatura, debitada a todos nós brasileiros, e se materializam, de modo visível, em nossa realidade cotidiana, através do péssimo estado de conservação de estradas, do sucateamento de escolas e hospitais, do colapso na segurança pública etc.

Segundo dados divulgados pela FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e reproduzidos pela revista **Veja**, o montante de recursos desviados com a corrupção por ano no Brasil, desde 1990, atinge a cifra de 41,5 bilhões de reais. Tais valores, se aplicados em políticas públicas, poderiam, por exemplo, “duplicar o número de leitos do Sistema Único de Saúde (SUS) ou elevar pela metade o número de alunos da rede pública matriculados no ensino fundamental” (SAKATE; BARRUCHO, 2010).

Segundo Carvalho (2008), se, por um lado, percebemos um aumento na corrupção, motivado, dentre outros fatores, pela impunidade e ineficiência de nosso sistema judiciário, assistimos, em contrapartida, a uma maior reação da sociedade face à corrupção, empreendida, sobretudo, por setores da classe média. Poderíamos apontar, nesse sentido, a recente iniciativa representada pela denominada Lei da Ficha Limpa. Tal lei estipula critérios de elegibilidade, vedando a candidatura política de pessoas condenadas por crimes em sua vida pregressa, dentre os quais crimes eleitorais como a compra de votos ou uso eleitoreiro da

máquina administrativa. É importante sublinhar, nesse contexto, que ela foi o resultado de um projeto de iniciativa popular²¹.

Não é descabido registrar também as numerosas manifestações populares (marchas, protestos etc.) contra a corrupção e a favor da ética na política a que assistimos recentemente e que têm como palco várias cidades brasileiras, movimentos organizados, muitas vezes, através das redes sociais. Tal mobilização popular constitui indício de que a corrupção é uma preocupação premente para a sociedade, e prenuncia a formação de uma consciência cidadã, ainda que incipiente, acerca do problema. Nesse sentido, conforme pondera Carvalho (ibid.), “o fortalecimento da consciência do cidadão e do contribuinte reforça a exigência de transparência no uso de dinheiros que não são do Estado, mas de quem paga impostos” (Id., ibid., p. 242).

Por outro lado, relativamente aos espaços institucionais acionados no combate à corrupção, a atuação efetiva de órgãos de controle e fiscalização dos gastos públicos, tais como o Tribunal de Contas da União (TCU), a Controladoria Geral da União (CGU) e o Ministério Público, dentre outros, assoma como uma das vias possíveis para a reversão do quadro supradescrito.

3.3. Considerações acerca dos gêneros textuais enfocados na pesquisa

3.3.1. O *blog* jornalístico: um gênero digital em ascensão

O termo *blog* provém originariamente da palavra “weblog” (em seu sentido literal, “arquivo na rede”), da qual é uma abreviação ou corruptela, e designa um tipo específico de *site* que se constituiu como uma ferramenta de publicação de textos, surgida ao final dos anos 90 do último século. Atribui-se a Jorn Barger, em 1997, a criação do primeiro *blog*, que, contudo, à época, não apresentava, ainda, os traços característicos do gênero atualmente (*vide* abaixo), sendo antes compreendido como um *site* que promovia a indicação, ao modo de um guia, de um conjunto de links interessantes a serem visitados na web.

O surgimento dos *blogs* tornou-se possível graças ao advento de sistemas específicos de manutenção de *sites* na *internet*, a exemplo do Blogger, lançado em 1999. A partir da

²¹ O Projeto Ficha Limpa, do qual resultou a referida lei, contou com o apoio de diversos setores sociais, congregando centrais sindicais, entidades religiosas, OAB, Ministério Público etc. e, através de maciça mobilização em todo o país e divulgação nos órgãos midiáticos, procedeu à coleta de mais de um milhão de assinaturas, sendo entregue ao Congresso Nacional em 29/09/2009.

manipulação de tais ferramentas, que não requerem conhecimentos especializados de informática por parte do usuário, os *blogs* rapidamente se popularizaram, em razão da facilidade para sua criação e uso, exibindo uma vultosa proliferação em pouco mais de uma década desde seu surgimento. Segundo estimativas reproduzidas em Lemos (2009), ao final de 2007, a blogosfera²² já contava com o total de 112 milhões de *blogs*, sendo 175 mil novos endereços criados a cada dia. Desse modo, os *blogs* constituem hoje, “junto com os games, os chats e os softwares sociais, um dos fenômenos mais populares da cibercultura” (LE MOS, *ibid.*, p. 8).

A despeito de serem apontados como “herdeiros modernos” do gênero tradicional diário e de partilharem características com outros tipos de *sites* da *internet*, os *blogs* exibem traços formais e funcionais que definem a sua especificidade enquanto gênero autônomo. Com Marcuschi (2004), os *blogs* “têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero” (MARCUSCHI, 2004, p. 60).

Os *blogs* se caracterizam fundamentalmente como uma ferramenta de publicação *on-line* com um formato diferenciado. Dentre as características estruturais recorrentes nas definições de *blog*, cumpre destacar alguns aspectos. A unidade textual mínima do *blog* é o *post* e os textos publicados em um *blog* estão dispostos segundo uma **ordem cronológica inversa**, de modo que o topo da página exibe o sempre o *post* mais recente, isto é, disponibilizado por último no *blog*. De um modo geral, os *blogs* apresentam uma **atualização frequente** de seus textos, sendo registrados automaticamente nos *posts* data, hora e autor. Os textos postados podem ser não apenas verbais, mas também incluir imagens, arquivos de áudio e/ou vídeo, bem como uma seleção de links para outros *sites*. Outro recurso normalmente presente nos *blogs* é a possibilidade de inserção de **comentários** sobre as postagens, enviados por leitores.

Embora a presença da ferramenta para publicação de comentários não seja considerada um atributo essencial para a caracterização desse gênero textual, segundo Amaral, Recuero e Montardo (2009), os *blogs* podem ser também definidos, sob uma perspectiva funcional, justamente por seu caráter interacional. Sob tal prisma, para além de seus traços formais, os *blogs* desempenham uma função primária de comunicação, constituindo-se em verdadeiros “espaços de socialização” *on-line*. Assim, “o *blog* é mais do que uma ferramenta de publicação caracterizada pelo seu formato: é uma ferramenta de comunicação, que é utilizada

²² O termo **blogosfera** designa o universo virtual que compreende o conjunto de todos os *blogs* presentes na *internet*.

como forma de publicar informações para uma audiência” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 31).

Enquanto gênero midiático digital, os *blogs* foram utilizados, inicialmente, sobretudo como diários virtuais ou eletrônicos, sendo rotulados como uma prática de “escrita sobre si” (KOMESU, 2004), empreendida por adolescentes. Nessa acepção os *blogs* coincidiam, portanto, apenas com “espaços de expressão pessoal, publicação de relatos, experiências e pensamentos do autor” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 29).

Conquanto a sua utilização como diário pessoal ainda seja frequente, as finalidades de uso dos *blogs* se diversificaram e estes se profissionalizaram, por assim dizer. Assim, demonstrando a versatilidade desse gênero textual, temos *blogs* temáticos voltados para as mais diversas áreas, tais como, cinema, literatura, música, educação, esportes, entretenimento, moda, política etc.

Dentre a miríade de usos possíveis a que se prestam os *blogs*, sobreleva-se na atualidade, notadamente, a apropriação jornalística desse gênero textual. Com efeito, os *blogs* de caráter jornalístico ganharam expressão na rede mundial, e muitas empresas de comunicação consolidadas (jornais como **O Globo**, **Folha de São Paulo** e **Jornal do Brasil**, atendo-nos especificamente ao Brasil) e jornalistas experientes e prestigiados (Ricardo Noblat, Fernando Rodrigues e José Roberto Torero, só para citar alguns) integraram-se a esse novo espaço digital. Hospedados nas versões *on-line* de jornais ou em portais da web (e.g. **UOL**, **Terra**, **G1**, **R7**), os *blogs* jornalísticos, dessa forma, “passaram a frequentar, diariamente, o espaço nobre das principais páginas eletrônicas da rede” (BORGES, 2007, p. 46).

A fim de demonstrar como o *blog* vem se constituindo em uma categoria autônoma no âmbito do webjornalismo, Escobar (2009) discute as especificidades do *blog* jornalístico, avaliando os avanços e contribuições que esse gênero textual agregou à prática do jornalismo profissional.

Destoando das visões alarmistas que vislumbram a escalada do jornalismo digital como um prenúncio da inevitável extinção do jornalismo impresso tradicional²³, Escobar (ibid.) julga que o surgimento do *blog* como gênero textual permite, antes, potencializar, graças aos recursos das tecnologias digitais, o exercício do jornalismo já praticado em suportes tracionais como a televisão, o rádio e o jornal.

²³ Para uma visão mais ampla sobre essa discussão, vide Borges (2009).

Ao refletir sobre quais os requisitos necessários para se classificar um *blog* como jornalístico, Escobar (ibid.) pondera que este deve apresentar um caráter eminentemente noticioso, bem como exibir os atributos intrínsecos à prática do jornalismo em qualquer formato, dentre estes a atualidade e a veracidade. Assim, segundo a autora, *blogs* jornalísticos

são aqueles cujos endereços são públicos, estando acessíveis a qualquer pessoa com acesso à internet; que se destinem, na totalidade ou na maior parte do tempo, a **divulgar acontecimentos reais dotados de atualidade, novidade, universalidade e interesse**; (ESCOBAR, 2009, p. 225, grifo nosso).

Dentre as inovações facultadas pelo advento desse gênero textual, a autora sublinha a ruptura do *blog* com o formato convencional de apresentação das notícias. O jornalismo, impresso ou midiático, pauta-se na hierarquização da informação segundo o critério de sua importância. Desse modo, por exemplo, a posição de uma notícia na página é significativa, e o jornal é habitualmente organizado em chamadas ou manchetes e matérias. Em contrapartida, uma vez que a disposição das postagens no *blog* obedece a uma ordem cronológica inversa, o aspecto temporal passa a ser o único critério de organização das notícias no *blog*, e o último *post* publicado é alçado ao *status* de “capa” do *blog*.

Segundo Escobar, tal mudança pressupõe um leitor mais amadurecido, familiarizado com o universo digital, “alguém capaz de desempenhar o papel de webeditor que, por si só, seleciona por onde navegar e como encontrar, no mar de informações e dados disponíveis na *www*, aquilo que atende às suas necessidades.” (ESCOBAR, 2009, p. 229).

Por outro lado, conforme enfatiza Escobar, a facilidade e agilidade na divulgação de conteúdos características do *blog* culminaram por auxiliar o jornalista na sua constante tentativa de “vencer o tempo”, uma vez que, através de sua atualização dinâmica, permitem imprimir “cada vez mais velocidade à produção das notícias a fim de diminuir o intervalo entre a ocorrência de um fato e sua divulgação” (Id., ibid., p. 233).

3.3.2. A charge: o poder do humor crítico

O surgimento da charge enquanto gênero textual remonta historicamente ao século XIX, com a introdução da ilustração gráfica na imprensa. Inicialmente, os jornais não exibiam ilustrações, mas antes se compunham, exclusivamente, de textos verbais. Foi só graças ao aperfeiçoamento de técnicas específicas de reprodução de desenhos, a exemplo da litografia,

que estes foram integrados ao corpo do jornal, e gêneros textuais como a caricatura e a charge se popularizaram.

Uma vez que frequentemente a charge é confundida com a **caricatura** e o **cartum**, sendo, por vezes, tais termos empregados pelas pessoas de modo intercambiável para designá-la, cumpre, inicialmente, realçarmos algumas especificidades desta modalidade textual face aos demais gêneros visuais humorísticos em questão.

A palavra “caricatura” provém originariamente do verbo italiano “caricare”, cujo sentido primeiro corresponde a “carregar, impor um grande peso sobre alguma coisa, pessoa, ou animal” (MIANI, 2001, p. 3), donde, por extensão, “acentuar” ou “exagerar”. Segundo Romualdo (2000), o termo **caricatura** pode ser empregado em duas acepções distintas.

Pautado em definições de Rabaça e Barbosa (1978), Romualdo (ibid.) considera que, em sentido estrito, a **caricatura** equivale a um tipo particular de texto gráfico que consiste numa “representação da fisionomia humana com características humorísticas grotescas ou cômicas” (p. 20), sendo, habitualmente, identificada com uma espécie de “retrato” no qual se exageram (“carregam”) certos traços do rosto de uma pessoa.

Por outro lado, empregada em sua acepção lata, tal palavra denomina genericamente uma “forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc., e cuja finalidade é o humor” (ROMUALDO, 2000, p. 19-20). Neste último sentido, pois, a caricatura abrange, agora, diversos gêneros visuais humorísticos, dentre os quais a charge e o cartum.

Ainda que tênue, a distinção entre cartum e charge é passível de ser estabelecida. Enquanto gênero gráfico de humor, o cartum seleciona como foco o amplo espectro do comportamento humano, flagrando, de modo satírico, hábitos, fraquezas e costumes do ser humano. Em função do caráter mais genérico (ou universal) de seu enfoque humorístico, o cartum pode ser compreendido, portanto, como “todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes” (ROMUALDO, ibid., p. 21).

Por seu turno, a matéria-prima da charge é, prioritariamente, o universo da política, e tal gênero textual pode ser definido como um “texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico” (Id., ibid., p. 21). Dentre os traços distintivos comumente apontados entre esses dois gêneros de texto, ressalta-se, sobretudo, a dependência do contexto situacional e, por conseguinte, a **temporalidade**, características da charge, face à **atemporalidade** do humor veiculado pelo cartum, aspecto ao qual retornaremos posteriormente nesta exposição.

Sob o aspecto formal, a charge é, normalmente, apresentada em apenas um quadro, podendo excepcionalmente o artista gráfico dispô-la em dois ou mais quadrinhos. O texto chargístico pode, outrossim, ser composto apenas de elementos não verbais, mas estes se fazem acompanhar amiúde da expressão verbal ou linguística, disposta em títulos, legendas ou balões, que reproduzem as falas e sons emitidos pelas personagens. Relativamente à interação entre os códigos visual e verbal na charge, Romualdo (2000) ressalta que estes “se auxiliam, se completam ou se contrapõem na busca do sentido pretendido” (ROMUALDO, *ibid.*, p. 28).

No que concerne, ainda, às relações entre a charge e a caricatura (tomada em sua acepção específica), vale acrescentar que tais gêneros textuais não são mutuamente excludentes, mas, ao contrário, esta frequentemente figura como elemento constitutivo daquela. Isso ocorre, pois, à medida que a charge focaliza os fatos políticos contemporâneos, figuras do cenário político, a exemplo de presidentes, parlamentares, ministros etc., são caricaturadas, isto é, representadas com traços exacerbados, de modo a sugerir ou acentuar, através do ridículo, seus defeitos ou vícios.

Atendo-nos, a partir de agora, especificamente à charge, constatamos na definição supracitada que um traço marcante desse gênero textual é o seu teor eminentemente crítico. Com efeito, segundo Oliveira e Almeida (2006), a charge pode ser alinhada entre os gêneros jornalísticos de opinião, exibindo um caráter marcadamente opinativo, dado que “discute e opina sobre acontecimentos noticiosos, usando para tal uma outra linguagem, a do desenho” (OLIVEIRA; ALMEIDA, *ibid.*, p. 81). Nesse sentido, Maringoni (1996) reflete que a charge assume mesmo o papel de um “editorial gráfico”, e “não é a toa que está sempre colocada na página de editoriais, a página nobre” (MARINGONI, *ibid.*, p. 86).

O texto chágico reveste-se, pois, de um caráter inerentemente argumentativo, uma vez que, através de sua representação pictórica, o chargista veicula um posicionamento crítico ou uma releitura da realidade factual tematizada pela charge, que pode ou não coincidir com a orientação político-ideológica do veículo de publicação ao qual está vinculado.

A eficácia da charge como instrumento de persuasão do leitor é sublinhada por MELO (1994), para quem esse gênero imagético humorístico é capaz de “influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura atenta dos gêneros opinativos convencionais: editorial, artigo, crônica, etc” (MELO, *ibid.*, p. 162).

Desse modo, a charge revela-se, portanto, um gênero textual apenas aparentemente ingênuo e despretenso: o humor, que promove o riso e angaria, assim, a adesão do leitor, acentua, em verdade, seu caráter questionador e seu poder derrisório. Assim, torna-se patente

que tal gênero preenche, de fato, uma função social relevante. Como sintetiza Agostinho (1993 apud. MIANI, 2001), a charge “não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (AGOSTINHO, 1993, p. 229, apud. MIANI, 2001, p. 4).

Ainda sobre a função social do humor corrosivo veiculado através da charge, Oliveira e Almeida (2006) asseveram que

A charge expõe atitudes políticas, julgando-as. Expõe ainda a própria pessoa do político, mostrando suas qualidades e, sobretudo, seus defeitos. Assim, a imagem de político todo-poderoso é substituída pela imagem que provoca riso, que faz dele uma piada (o que ocorre tanto na charge como na caricatura). (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 83)

Por outro lado, é justamente em razão da matéria-prima de sua sátira mordaz consistir em acontecimentos, cenários e personalidades contemporâneos que decorre uma outra característica da charge, a saber, a sua temporalidade ou efemeridade, a que aludimos acima.

A charge caracteriza-se por uma forte dependência do contexto situacional e histórico imediato. Nesse sentido, Espíndola (2001) considera que, além de fatores de ordem textual, uma série de fatores pragmáticos intervém na construção dos sentidos de textos chargísticos. Assim, segundo a autora, para a compreensão da charge, além do exame dos elementos linguísticos (quando presentes), faz-se mister que o leitor empreenda a recuperação de um conjunto de informações de ordem pragmática, a exemplo dos acontecimentos e personalidades nela retratados, do contexto sócio-histórico e/ou político, bem como das intenções do chargista (ESPÍNDOLA, *ibid.*, p. 110-111).

Em função de seu caráter efêmero, a charge constitui-se, portanto, em um texto “datado”, isto é, temporalmente limitado, que geralmente é esquecido “quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social” (MIANI, 2001, p. 3).

Para alcançar seu objetivo, a charge precisa, ademais, segundo Maringoni (1996), estabelecer uma relação de cumplicidade, criar um código comum entre chargista e leitor que habilite este último a recuperar sentidos implícitos no texto chágico. Assentado em uma base cultural e emocional, é tal código que instaura o riso diante uma piada de português, entre nós brasileiros, por exemplo, bem como permite ao leitor, em face do contexto sócio-histórico-político, empreender a articulação entre fatos aparentemente desconexos presentes na charge.

Maringoni (*ibid.*) lembra ainda que a charge teve uma presença marcante na história política do Brasil, citando, por exemplo, o período da ditadura militar, em que se destacaram artistas renomados como Ziraldo, Jaguar e Henfil. Na atualidade, acrescenta o autor, esse

gênero textual já garantiu um espaço consolidado, uma vez que a maioria expressiva dos jornais publica charges, alguns, inclusive, em sua capa.

Ao final desse breve percurso teórico enfocando os traços característicos do gênero charge, cumpre admitir que este exerce um papel de destacada relevância no âmbito da imprensa jornalística e, muitas vezes, presta-se mesmo a ecoar a indignação pública face aos fatos políticos que são objeto de sua crítica humorística. Trata-se, pois, de um gênero que, em última análise, alimenta-se, precisamente, da força contestadora do riso. Como no adágio latino, *Ridendo castigat mores...*

3.4. Categorias de análise: breves considerações

Cumpre notar, em primeiro lugar, que a análise que empreenderemos dos dados coletados para esta pesquisa assume um caráter eminentemente qualitativo, não constituindo nossa preocupação submeter a tratamento estatístico os textos integrantes do *corpus*.

Não obstante tenhamos elencado uma série numerosa de metáforas morais, quando da exposição acerca do sistema metafórico da moralidade (cf. seção 2), para efeito do estudo proposto neste trabalho, fez-se necessário operar um recorte desse conjunto amplo de metáforas. Dessa forma, ao investigar o modo pelo qual a corrupção é conceptualizada através das metáforas para a moralidade, em textos de *blog* e charges, tencionamos estudar, especificamente, três metáforas destacadas a partir da sistematização proposta por Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999).

As metáforas da moralidade a partir das quais estudaremos a figurativização metafórica da corrupção são, portanto, as metáforas seguintes: 1) **Pureza/Limpeza Moral**; 2) **Saúde Moral** e 3) **Força Moral**. Tal seleção justifica-se, sobremaneira, em razão de essas metáforas exibirem, face às demais, uma maior representatividade nos dados coletados.

Vale acrescentar que as metáforas supracitadas, alinhadas ao eixo da MORALIDADE, permitem a depreensão de metáforas correlatas, circunscritas ao domínio da IMORALIDADE, que compreendem, por sua vez, um feixe de outras metáforas em que o domínio CORRUPÇÃO figura potencialmente como alvo.

Desse modo, por exemplo, as metáforas MORALIDADE É PUREZA/LIMPEZA e MORALIDADE É SAÚDE, destacadas do sistema metafórico da moralidade, autorizam-nos a estipular, respectivamente, as metáforas correlatas IMORALIDADE É SUJEIRA e IMORALIDADE É DOENÇA, e, por extensão, os mapeamentos CORRUPÇÃO É SUJEIRA e CORRUPÇÃO É DOENÇA. A metáfora da Força Moral, em contrapartida, em virtude de

suas especificidades, não permitirá a apreensão de uma metáfora única, central, para conceptualizar a corrupção, mas antes facultará a identificação de um conjunto de mapeamentos articulados, alinhados a partir do eixo da imoralidade²⁴.

Relativamente aos procedimentos adotados para efetuar o levantamento de dados concernentes a cada uma das metáforas em questão, cumpre informar que recorreremos, basicamente, à leitura exaustiva dos textos a fim de identificar expressões linguísticas e/ou representações pictóricas (no caso do gênero charge) que consistiam em atualizações das referidas metáforas. Além dessa técnica de coleta, por assim dizer, “intuitiva”, ou baseada na introspecção, utilizamo-nos também, no caso específico do gênero *blog*, de ferramentas de busca, disponibilizadas nos próprios *sites* consultados, quando estas se mostravam viáveis²⁵. O emprego desse expediente consistia em digitar como entradas para pesquisa expressões linguísticas recortadas do domínio-alvo (CORRUPÇÃO) e, sobretudo, dos domínios-fontes das metáforas a serem estudadas. A título de ilustração, para a pesquisa de ocorrências relativas à metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, além da palavra “corrupção” ou de alguns seus sinônimos, lançávamos como item de pesquisa expressões linguísticas atinentes ao domínio-fonte SUJEIRA, a exemplo de “lama”, ‘lixo’, ‘sujeira’, “sujo”, dentre outras. Os textos retornados pela ferramenta eram, então, submetidos a uma leitura atenta a fim de identificar se os termos filtrados na busca achavam-se empregados, de fato, em sentido metafórico. Nesse passo, estivemos ancorados em procedimento metodológico adotado por Ferraz (2007) em sua pesquisa sobre a moralidade.

As ocorrências textuais do gênero *blog* que compõem o *corpus* consistem em **recortes** extraídos de notícias publicadas nos *blogs* consultados. Optamos, pois, por selecionar dos textos de *blog* especificamente os excertos em que localizamos as expressões linguísticas metafóricas ilustrativas das metáforas sob exame.

Relativamente ao número de textos catalogados para a pesquisa, o *corpus* conta com um total de 239 recortes (*vide* anexo A), referentes às três metáforas sob exame, extraídos a partir de 149 notícias de *blog*. As charges coletadas para as metáforas em causa, por sua vez, perfazem um total de 68 textos (*vide* anexo B). Saliente-se que uma parcela das notícias, bem como algumas charges, prestam-se a ilustrar simultaneamente mais de uma das metáforas estudadas. É mister registrar ainda que, por ocasião da análise de dados, a ser empreendida na

²⁴ As razões para este comportamento particular da metáfora da Força Moral serão explicitadas a seguir, na subseção 4.3..

²⁵ Empregamos essa técnica, sobretudo, na busca de dados empreendida no **Blog do Noblat**, em que ela se revelou produtiva, não ocorrendo o mesmo, por exemplo, no **Blog do Josias de Souza**, pois o volume e a desorganização dos dados retornados pela ferramenta de busca, nesse caso, inviabilizavam a coleta de textos específicos abordando o tema corrupção.

seção 4 deste trabalho, destacaremos do *corpus* apenas uma amostra de recortes/charges mais representativos dos aspectos analisados a propósito de cada metáfora.

Para fins remissivos, na próxima seção, dedicada à análise, cada recorte textual é acompanhado da designação abreviada do título do *blog* do qual foi extraído (por exemplo, **Blog do Josias**, **Blog do Noblat**, ou **Blog de Lucia Hippolito**), acrescentando a essa informação a data de postagem do texto pelo autor do *blog*²⁶. Além disso, cada recorte é seguido ainda do título da notícia da qual foi extraído, a fim de facilitar a contextualização do assunto focado em cada excerto.

No que concerne à forma de identificação dos dados do *corpus* – recortes textuais de *blog* e charges – julgamos pertinente a adoção de uma convenção, que passamos a descrever. Cada recorte de *blog* ou charge, apresentados com fins de ilustração ao longo da análise, encontra-se indexado por meio de um código identificador, visando permitir a consulta do leitor à íntegra dos dados (recortes e charges) constitutivos do *corpus*, catalogados, em sua totalidade, em exemplário anexo.

Nesse código, indicam-se, respectivamente, para o gênero *blog*: a) gênero textual (abreviado pela letra **B**); b) metáfora da qual o recorte constitui exemplo; c) número do recorte de *blog* (em algarismo arábico) no exemplário anexo. Para o gênero charge, empregou-se uma sequência similar, a saber: a) gênero textual (indicado pela letra **C**); b) metáfora da qual a respectiva charge constitui exemplo e c) número do texto de charge catalogado em exemplário anexo, precedido da letra **T**. Para ambos os gêneros textuais, procedeu-se a uma abreviação da denominação das metáforas conforme explicitamos a seguir. Para as metáforas CORRUPÇÃO É SUJEIRA e CORRUPÇÃO É DOENÇA – decorrentes, respectivamente, das metáforas da **Pureza/Limpeza Moral** e **Saúde Moral** – utilizamos a letra inicial do domínio-fonte de cada metáfora, as letras **S** e **D**, portanto. Por outro lado, no tocante à metáfora da **Força Moral**, adotou-se como convenção a letra **F**.

Assim, a título de ilustração, um recorte indexado como **B.S.15**, constitui exemplo do gênero *blog*, ilustrativo da metáfora **CORRUPÇÃO É SUJEIRA**, listado em anexo como exemplo de número 15. Analogamente, o texto identificado com o código **C.D.T2** corresponde a uma *charge*, que constitui exemplo da metáfora **CORRUPÇÃO É DOENÇA** e encontra-se relacionada no exemplário anexo sob o número 2. Por último, as notações **B.F.17** e **C.F.T1** referenciam, respectivamente, um excerto de *blog* e uma charge, ambos ilustrativos da metáfora da **Força Moral**.

²⁶ A referência completa dos blogs consultados consta no final do trabalho, na seção **Referências**.

SEÇÃO 4: A CORRUPÇÃO POLÍTICA E SUAS METÁFORAS: UMA ANÁLISE EM DOIS GÊNEROS

4.1. Corrupção, um ato sujo: a metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA

Compreendendo a corrupção como um conjunto de práticas circunscritas à esfera da ação imoral, e nos pautando, por outro lado, na conceptualização metafórica da moralidade postulada por Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999), que a compreendem a partir do domínio-fonte **bem-estar** (MORALIDADE É BEM-ESTAR), munimo-nos de um instrumento analítico para investigar o modo pelo qual a corrupção é conceptualizada em dois diferentes gêneros textuais, a saber, o *blog* jornalístico de editoria política e a charge.

Nesse contexto, a corrupção pode ser vislumbrada, pois, através de um conjunto de metáforas depreensíveis a partir do sistema metafórico descrito pelos suprarreferidos autores para o domínio da moralidade (*vide* 2.2.). Subsumida ao domínio da IMORALIDADE, isto é, categorizada enquanto **ação imoral**²⁷, a corrupção será definida, via mapeamentos metafóricos, como um fator que interfere negativamente no bem-estar dos indivíduos, licenciando um conjunto de metáforas conceptuais em que figuram como domínios-fonte aspectos que concorrem para a diminuição ou falta de bem-estar, a exemplo de elementos experienciais como sujeira, doença, fraqueza, escuridão, desequilíbrio etc.

Nessa subseção, particularmente, tencionamos descrever como a corrupção é conceptualizada nos dois gêneros textuais sob análise a partir da metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA. Interessa-nos, sobretudo, identificar que recursos linguísticos e/ou pictóricos atualizam tal metáfora nos textos constitutivos do *corpus*. A fim de proceder à análise dos dados, empreenderemos um exame detalhado dos elementos ontológicos²⁸ do domínio-fonte SUJEIRA que são mapeados sobre o domínio-alvo, avaliando a repercussão desse movimento metafórico para a conceptualização da noção de corrupção. Por razões de ordem didática, organizaremos tal rastreamento em três momentos.

²⁷ Vale lembrar que, conforme apontamos na seção 2 (*vide* item 2.5.), para Lakoff (2002), a **ação imoral** corresponde àquela que ocasiona prejuízo ou privação ao bem-estar de alguém, ou seja, qualquer ação que prive alguém de uma ou mais das formas popularmente compreendidas na noção de bem-estar, quais sejam, riqueza, força, saúde, pureza, limpeza etc.

²⁸ É importante frisar que, ao longo dessa seção, não empregaremos o termo “ontológico” como designativo de uma das espécies de metáfora estipulada na classificação tripartite proposta por Lakoff e Johnson (1980), mas antes para nos referir ao conjunto de entidades e conhecimentos relativos a um dado domínio conceitual, conforme definição de metáfora conceptual esposada por Lakoff (2006), que a descreve como um conjunto de correspondências ontológicas entre dois domínios (fonte e alvo).

Inicialmente, dedicar-nos-emos a investigar **o que** é tipificado caracteristicamente como elemento experiencial indicativo de **sujeira** na conceptualização metafórica da corrupção. Aqui enfocaremos que elementos particulares denotam o domínio-fonte SUJEIRA, isto é, as representações linguísticas e/ou visuais mobilizadas para referenciar as entidades experienciais circunscritas a tal domínio, como lixo, lama, dejetos, dentre outros.

Num segundo passo, envidaremos esforços na tentativa de rastrear a **percepção subjetiva** da corrupção, isto é, de que modo blogueiros e chargistas, sob o viés da perspectiva sócio-político-ideológica dos órgãos midiáticos a que se vinculam, elaboram uma avaliação acerca dos atos de corrupção e respectivos agentes corruptores. Em outras palavras, pretendemos focalizar as formas de representação, empreendidas por tais gêneros, do modo pelo qual a corrupção afeta os indivíduos. A corrupção será divisada, via metáfora, nessa etapa, como algo que gera marcas visíveis (mancha, por exemplo), bem como ocasiona sensações de desconforto físico e psicológico, representadas, notadamente, pelo sentimento de aversão ou nojo.

Por último, examinaremos como são conceptualizadas, sob o prisma da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, as medidas para se combater, ou mesmo evitar a corrupção. Como veremos, tais medidas serão metaforizadas sob a forma de procedimentos de higiene ou assepsia, sendo o domínio experiencial LIMPEZA, enquanto aspecto interveniente na noção metafórica de moralidade, frequentemente recrutado.

4.1.1. **Do lixo à lama: as diferentes formas de representação da corrupção/sujeira e suas implicações**

Para compreendermos a metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA, é mister convir que as especificidades desse mapeamento devem ser buscadas junto à metáfora da Pureza/Limpeza Moral (*vide* 2.2.7.), a que irá diametralmente se opor.

Como expusemos na seção 2, o sistema metafórico da moralidade prevê uma relação entre pureza e moralidade, e concebe, por outro lado, a sujeira como exemplo prototípico de impureza. Decorre daí, portanto, que a moralidade é metaforicamente definida a partir do domínio-fonte **limpeza** – MORALIDADE É LIMPEZA – autorizando, em contrapartida, a metáfora correlata IMORALIDADE É SUJEIRA.

Ancorando-nos sobre o princípio lakoffiano (LAKOFF, 2006) de que as categorias constitutivas dos mapeamentos metafóricos (domínio-fonte e domínio-alvo) se encontram

cognitivamente no nível superordenado, o que permite a depreensão de várias categorias de nível básico, hierarquicamente subordinadas àquela instância superior²⁹, aventaremos a hipótese de que a metáfora ora em tela, CORRUPÇÃO É SUJEIRA, subordina-se à metáfora IMORALIDADE É SUJEIRA, uma vez que podemos conceber a **corrupção** como uma subespécie da **imoralidade**, enquanto categoria superordenada.

Assim, uma vez que a metáfora da Pureza/Limpeza Moral autoriza o submapeamento SER MORAL É SER LIMPO, analogamente, a metáfora correlata (IMORALIDADE É SUJEIRA) inclui o submapeamento SER IMORAL É SER SUJO, donde decorre, por extensão, SER CORRUPTO É SER SUJO.

Dessa forma, reportando-nos agora aos textos selecionados para o *corpus* desta pesquisa, podemos observar que a prática de atos de corrupção será metaforizada a partir de elementos circunscritos ao domínio experiencial **SUJEIRA** – lixo, dejetos, ou ainda, lama – e a ação de corromper (se) será, por sua vez, equiparada, via metáfora, ao ato de **sujar** (se). Nesta subseção, importa-nos identificar, precisamente, que elementos são mapeados do domínio-fonte SUJEIRA, e como estes são verbal e/ou visualmente representados nos textos de *blog* e charge sob análise.

A atualização da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA exhibe uma recorrência bastante expressiva no *corpus* coletado. Por vezes, tal mapeamento é linguisticamente instanciado pelo próprio vocábulo “sujeira”, como podemos visualizar no excerto de *blog* transcrito a seguir:

(B.S.43) Por outro lado, tenho a impressão de que a gente se cansa de, o tempo inteiro, discutir os mesmos escândalos, a mesma corrupção, a mesma falta de moral e princípios éticos, a mesma **sujeira** na política, com os mesmos protagonistas de sempre. (*Necessidade e luxo*, BLOG DO NOBLAT, 24/08/09)

Nesse fragmento, evidencia-se que o domínio experiencial SUJEIRA é claramente mapeado, através da metáfora, sobre um domínio de ordem moral, dado que o vocábulo **sujeira**, atuando textualmente como uma expressão sumarizadora, referencia, agora, uma série de condutas imorais (escândalos, corrupção, falta de moral e princípios éticos), exibidas na esfera pública e levadas a efeito por agentes políticos.

²⁹ Lakoff (2006) exemplifica tal propriedade a partir da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM. Segundo a lógica desse mapeamento, a relação amorosa corresponde ao veículo no interior do qual os amantes empreendem sua viagem. Na formulação de tal mapeamento, o autor postula que a categoria superordenada **veículo** é que integra a metáfora no nível conceptual e não categorias de nível básico como carro, barco ou avião, subsumidas hierarquicamente àquela. De igual modo, a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM permite o desdobramento em outras metáforas cujos domínios-alvos estão hierarquizados a partir do domínio VIDA, a exemplo de UMA CARREIRA É UMA VIAGEM, O AMOR É UMA VIAGEM etc.

Examinando o *corpus* de forma mais detida, podemos observar que o elemento **sujeira**, mapeado metaforicamente sobre o domínio-alvo CORRUPÇÃO, assume contornos mais precisos sendo, por exemplo, conceptualizado como **lixo**, isto é, acúmulo ou deposição de resíduos de composição variada, geralmente decorrentes do descarte humano de subprodutos inutilizáveis (salvo reciclados, em alguns casos). Senão vejamos os recortes textuais abaixo extraídos de *blogs* jornalísticos:

(B.S.117) Mais do que qualquer coisa, o **monturo** dos atos secretos escancara a debilidade individual e partidária de quem vive o autêntico outono do patriarca. (*O outono do patriarca*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 17/06/09)

(B.S.9) Dentro do prédio, um grupo de técnicos levou ao **monturo de lixo tóxico** que infesta o Senado um novo e vistoso **detrito**. Os técnicos foram escalados para esquadrihar com lupa um lote de 34 contratos assinados com empresas fornecedoras de mão-de-obra. Por meio deles, empregaram-se no Senado 3.516 servidores. São chamados de “terceirizados”. Custam à Viúva R\$ 155 milhões por ano. Constatou-se, segundo apurou o *blog*, que há nesse valor um sobrepreço de pelo menos R\$ 46 milhões. Coisa de 30%. (*Senado detecta sobrepreço de R\$ 46 mi em contratos*, BLOG DO JOSIAS, 05/07/09)

(B.S.7) O que mais incomoda na gestão do **lixo** é a sensação de que o Senado faz por pressão aquilo que deixou de fazer por obrigação. (*Senado decide unificar ‘contas’ geridas sem controle*, BLOG DO JOSIAS, 06/07/09)

(B.S.6) Nesta segunda (6), o primeiro-secretário Heráclito Fortes, escalado para o papel de **lixeiro**, informou que a trinca de contas será unificada numa só. Disse que conselho de fiscalização será “reativado”. Terá 11 integrantes. São providências complementares a uma outra, anunciada no domingo (5). Indicado por Heráclito, o novo diretor-geral do Senado, Haroldo Tajra, prometera contratar uma auditoria externa saber o que Agaciél fez com as tais contas. (*Senado decide unificar ‘contas’ geridas sem controle*, BLOG DO JOSIAS, 06/07/09)

(B.S.82) Como se sabe, o Senado empurrou para baixo de um tapete metafórico os **detritos** que se acumularam defronte da porta do seu presidente. (...) Mas a **sujidade**, por abundante, continua vazando pelas bordas. Em sua edição desta quinta (17), a *Folha* veicula novos **detritos**. (*Grampo derruba a versão de Sarney sobre fundação*, BLOG DO JOSIAS, 17/10/2009)

(B.S.52) Eduardo Suplicy (PT-SP) é um deles. Nesta terça (25), o petista levou à tribuna, de novo, o **lixo** que escapa pelas bordas do tapete. Empilhou as denúncias que enodoam a biografia de Sarney e que o Conselho de (a)Ética esquivou-se de apurar. (*Suplicy afirma que Sarney merece o cartão vermelho*, BLOG DO JOSIAS, 25/08/2009)

O ano de 2009 foi particularmente marcado pela publicização de uma série de escândalos de corrupção envolvendo parlamentares do Congresso Nacional. Nesse contexto, sobrelevou-se, notadamente, os atos de corrupção engendrados no Senado Federal e protagonizados, dentre outros, pela figura de seu próprio presidente, o senador do PMDB pelo Amapá, José Sarney.

Nos fragmentos textuais acima, esses atos de corrupção são categorizados como **lixo** através da metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA. De fato, constatamos que os numerosos casos de corrupção envolvendo o Senado são genericamente referidos como **monturo de lixo tóxico** ((B.S.9)), **detritos** ((B.S.82)), ou propriamente como **lixo** ((B.S.7), (B.S.52)), que demanda ser administrado, e cujo descarte deve ficar a cargo de um **lixeiro** ((B.S.6)). De modo mais específico, o ruidoso caso dos Atos secretos³⁰ e o superfaturamento de contratos, com o consequente desvio de verbas do erário, são metaforizados linguisticamente por **monturo** ((B.S.117)) e **detrito** ((B.S.9)), respectivamente.

Outro aspecto que avulta do exame das ocorrências supraelencadas é a percepção da corrupção como algo de caráter potencialmente perigoso e contaminante, e que, como tal, pode fugir ao controle dos indivíduos. É o que podemos entrever na expressão linguística **monturo de lixo tóxico** ((B.S.9)), bem como no emprego de verbos como **infestar** ((B.S.9)), **vazar** ((B.S.82)) e **escapar** ((B.S.52)), que indiciam o risco de avanço iminente da corrupção/sujeira. Esse traço será, sobretudo, visível, quando da análise da conceptualização da corrupção como lama, que empreenderemos posteriormente.

Conforme expusemos por ocasião da seção 1 deste trabalho, sob a perspectiva cognitiva, a metáfora consiste basicamente em “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 p. 47-48) e, além disso, por meio da metáfora conceptual instituem-se correlações sistemáticas entre as entidades constitutivas do domínio-fonte e do domínio-alvo, de forma a nos permitir elaborar uma nova compreensão da entidade-alvo. Desse modo, a conceptualização da corrupção a partir da noção de **sujeira** e, mais particularmente de **lixo**, autoriza-nos a fazer algumas ilações depreensíveis a partir das correspondências licenciadas por esse mapeamento.

Como sabemos, o lixo (físico) representa uma forma de poluição, um produto de descarte cujo acúmulo revela-se indesejado, incômodo, e até insalubre para o ser humano, dado que favorece a infestação de insetos, parasitas e microorganismos patogênicos³¹. De forma análoga, metaforizada a partir do domínio-fonte SUJEIRA, a corrupção,

³⁰ Os chamados **Atos secretos** caracterizaram-se como um dos escândalos de corrupção de grande repercussão nacional envolvendo o Senado em 2009. Tais atos consistiam em boletins administrativos não publicados oficialmente, por meio dos quais se autorizavam a criação de cargos, reajustes salariais, a nomeação (inclusive de parentes e amigos de senadores), exoneração ou transferência de funcionários do Senado, dentre outras medidas. Esta prática irregular foi descoberta em maio de 2009 e, inicialmente, foram contabilizados 663 atos secretos.

³¹ Cumpre notar que não estamos descartando a possibilidade de que, em um contexto diverso, o elemento ontológico **lixo** venha a receber eventualmente uma orientação positiva, dado que pode ser alvo de processos de reciclagem, e mesmo constituir-se em uma fonte de renda, por exemplo. Arelada à conceptualização metafórica do domínio CORRUPÇÃO, sua orientação é, contudo, eminentemente negativa.

correspondente, agora, ao produto resultante de ações de caráter imoral perpetrada por agentes políticos, revela-se igualmente indesejável e contaminante. Tanto mais atos ilícitos são cometidos quanto mais potencialmente ameaçador configura-se para a sociedade o risco de contaminação moral.

Vale também salientar que, por consistir em um subproduto ou material de segunda ordem, o lixo recebe uma avaliação eminentemente depreciativa, graças ao fato de evocar o domínio da inferioridade ou baixeza, sendo mesmo o habitat natural de seres inferiores na hierarquia da cadeia alimentar, tais como insetos e organismos responsáveis pela decomposição da matéria. Nesse ponto, julgamos que o mapeamento metafórico irá selecionar tal característica ontológica atribuída ao lixo, de modo a evidenciar, agora, no domínio-alvo, a inferioridade moral dos agentes responsáveis pela corrupção. Em última instância, segundo a lógica dessa metáfora, os corruptores se revestiriam do papel de “parasitas morais” da sociedade.

A “sujeira”, decorrente da prática de corrupção, é caracterizada de modo ainda mais explicitamente pejorativo nas ocorrências em que esse descarte é metaforicamente identificado com excrementos ou dejetos, quer humanos ou não. É o que podemos observar nos fragmentos textuais seguintes:

(B.S.87) Nos dias recentes, porém, choveu **esterco** sobre Sarney. Novas denúncias indicam que ele manteria uma conta bancária no exterior, atualmente com 870 mil dólares, aberta e gerenciada por seu amigo pessoal, Edemar Cid Ferreira. (*Pior é roubar galinha*, BLOG POLIS, 14/07/09)

(B.S.88) Mais **esterco**: a Fundação José Sarney – entidade privada instituída por ele no Maranhão para manter um museu com o acervo do período em que foi presidente da República – teria desviado para empresas do clã Sarney dinheiro repassado pela Petrobrás a título de patrocínio para um projeto cultural que nunca saiu do papel. (*Pior é roubar galinha*, BLOG POLIS, 14/07/09)

(B.S.2) É forte, muito forte, fortíssimo o cheiro de **estrume** que exala do Conselho de (a)Ética de um Senado que, por inqualificável, é cada vez mais fácil de qualificar. (*Miliciano de Renan virou chefe do clube de (a)Ética*, BLOG DO JOSIAS, 15/07/09)

(B.S.104) As distorções começam na elaboração do Orçamento, permanecem na sua aprovação e atingem o auge na hora da liberação dos recursos e quando o dinheiro, que deveria ir para obras prioritárias nos municípios, escorre pelos **esgotos** da corrupção e dos desvios, muitas vezes com a participação dos ordenadores de despesas do Poder Executivo, indicados pelos partidos. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

Verificamos nos excertos transcritos acima que atos ilícitos como o desvio de verbas públicas para fins privados, levados a efeito por um agente político (o presidente do Senado José Sarney) são metaforizados pelo blogueiro através da expressão linguística **esterco**

((B.S.87), (B.S. 88)). De igual modo, o termo **estrume** ((B.S.2)) referencia, via metáfora, o conjunto das denúncias que pesavam sobre o Senado Federal à época, para cuja investigação designou-se o senador Paulo Duque para o cargo de presidente do Conselho de Ética³². Por último, em longo discurso dirigido ao plenário do Senado (reproduzido pelo *blog* de Ricardo Noblat), em que discute as causas da corrupção política no Brasil e propõe medidas para combatê-la, o senador Jarbas Vasconcelos qualifica como **esgotos** ((B.S.104)) os mecanismos da corrupção, que comprometem o investimento em políticas públicas visando à melhoria de vida da população.

A correlação deflagrada a partir da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA entre atos de corrupção e excrementos, à medida que aqueles são equiparados a uma matéria de caráter degradante e repulsivo (*vide* subseção a seguir), a saber, o produto de excreções humanas (**esgotos**) ou animais (**esterco**, **estrume**), sugere a inferioridade ou baixa moral dos agentes responsáveis pela corrupção. Esse mapeamento metafórico reveste-se, assim, de um caráter extremamente depreciativo, uma vez que culmina por operar uma redução do homem a seus instintos primários (representados aqui pela função de excreção), evocando, desse modo, a irracionalidade, que nos torna indistintos dos animais. Estaríamos, dessa forma, diante de um processo de “animalização”, por assim dizer, dos agentes corruptores, instaurado a partir das expressões metafóricas em causa.

No *corpus* de charges coletado para a nossa pesquisa, os atos de improbidade imputados a parlamentares do Congresso Nacional também são visualmente figurativizados através do elemento **dejetos**, selecionado do domínio-fonte SUJEIRA. Veja-se, por exemplo, a charge a seguir.

(C.S.T4)



SPONHOLZ, CHARGE ONLINE, 18/04/09. Disponível em: < <http://www.acharge.com.br/>>.

³² Tal indicação já sinalizava, à época, que as acusações não seriam devidamente apuradas, e teriam como destino o seu arquivamento, o que acabou se confirmando posteriormente.

Na charge suprarreproduzida intitulada **Vazamentos**, funcionários de uma empresa encarregada pela limpeza de dejetos demonstram perplexidade face ao aspecto sujo do prédio-símbolo do Congresso Nacional, coberto por excrementos em nível tal que beira ao transbordamento. Na representação pictórica podemos ainda distinguir que a matéria fecal exala forte odor e atrai insetos (moscas). A sede do poder legislativo é, assim, metaforicamente caracterizada, neste texto gráfico, como uma verdadeira “privada” gigante, por assim dizer.

Constatamos, portanto, que, uma vez mais, o domínio-fonte SUJEIRA, através do elemento **dejetos**, é mapeado aqui para denotar atos de corrupção praticados por parlamentares. Na charge sob exame, os dejetos-corrupção são visualmente metaforizados por manchas e por um líquido escuro que impregnam o prédio do Congresso Nacional e, por outro lado, são evocados linguisticamente pela expressão **limpa-fossa**, bem como por expressão designativa de excrementos humanos (**M...**), abreviada no texto com reticências, dado que consiste em termo de baixo calão, sendo, pois, cercado por tabu linguístico. A conceptualização da corrupção (em particular, o caso do denominado “mensalão do DEM”) enquanto dejetos e a alusão à utilização de um mecanismo **limpa-fossa** como alternativa para promover sua eliminação recorrerá ainda em outro texto chágico constante de nosso *corpus*, qual seja, a charge **C.S.T27** (vide ANEXO B).

Por fim, a metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA é atualizada de modo mais contundente quando seleciona o elemento **lama** do domínio experiencial SUJEIRA. Passemos, pois, ao exame de recortes de *blog* em que se evidencia essa manifestação da metáfora em causa:

(**B.S.34**) Por cumplicidade, conivência, omissão ou mesmo descaso, todos o senadores e senadoras estão envolvidos na **lama** que escorre por todos os poros do Senado Federal. (*No Senado não há inocentes*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(**B.S.86**) Não é surpresa nem novidade a crise em que afundou o Senado brasileiro. Escândalos, ali, são parte do cenário, e se sucedem há anos. A novidade é o formato que tomou o episódio atual, dos atos secretos. Quanto mais se revolve a **lama**, mais sujeira aparece, e envolve mais e mais senadores. (*Chantagem no Senado*, BLOG POLIS, 23/06/09)

(**B.S.90**) Jornais e telejornais têm se tornado mais e mais chatos e cansativos para o eleitor. Não fossem os humoristas – para quem as crises são iguarias sempre deliciosas – ninguém mais agüentaria de tanta **lama**, sujeira e enganação. (*A vida só é filme em Brasília*, BLOG POLIS, 19/08/09)

(**B.S.35**) Nunca antes na história deste país um Congresso **chafurdou** tão fundo na **lama**. O crescimento, ali, do número de bandidos tem a ver diretamente com a crescente influência do dinheiro no resultado das eleições. (*Um cara feliz*, BLOG DO NOBLAT, 20/04/09)

(B.S.33) À medida em que se ilumina os porões do Senado mais **lama** se encontra ali acumulada. Lembram do mar de lama que os adversários do presidente Getúlio Vargas apontavam como prestes a engolir o governo dele? Não passava de um tímido brejal se comparado com o **mar de lama** que ameaça engolir o Senado. (*O mar de lama que ameaça tragar o Senado*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(B.S.110) A leitura dos três volumes e dos três apensos do inquérito sobre o mensalão do DEM é um mergulho de perder o fôlego em um denso **mar de lama**. Está exposto ali em detalhes, e amparado em farta quantidade de provas, o funcionamento da organização criminosa que ascendeu ao poder no Distrito Federal em janeiro de 2007. Espanta pela simplicidade. (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.113) Instado a comentar o **mar de lama** que envolve o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), Lula desconversara, afirmando que “as imagens não falam por si só”. Pegou mal. (*A culpa não é do sistema*, BLOG COISAS DA POLÍTICA, 06/12/09)

(B.S.30) Na verdade, Lula só quer ser deixado livre para tentar salvar o aliado. Pouco se lhe dá que Sarney esteja **coberto de lama** da cabeça aos pés. E que caso sobreviva passe a funcionar como um pato manco na presidência do Senado. (*Sarney perdeu*, BLOG DO NOBLAT, 03/08/09)

(B.S.112) No momento, há uma Brasília indignada e outra à beira de um ataque de nervos. A indignada quer ver Arruda no chão. Como ele seguirá governando **enlameado** da cabeça aos pés? (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.37) Cada vez que se divulga algum fato que deixa mal um senador, a maioria dos outros corre atrás do atingido para implorar pelo amor de Deus que desista de qualquer reação capaz de fazer transbordar mais **lama**. (*Crise no Senado - Tião permanece na berlinda*, BLOG DO NOBLAT, 19/03/09)

Nos excertos supracitados, observamos que a referência à corrupção como **lama** promove uma intensificação da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, por assim dizer, que concorre para acentuar a gravidade dos fatos reportados pelos blogueiros.

É mister destacar que a figurativização da corrupção como “lama” tem suas raízes na história política do Brasil e remonta ao menos ao período da denominada Era Vargas. Com efeito, segundo Motta (2008), a expressão “mar de lama” foi cunhada para designar os numerosos escândalos de corrupção que já então rondavam o Palácio do Catete, durante o governo do ex-presidente Getúlio Vargas.

Por outro lado, convém atentar que, assim como **lixo**, segundo o imaginário popular, o termo **lama** está fortemente associado à degradação moral, à esfera dos vícios de caráter. De fato, quando qualificamos alguém como oriundo da “lama”, habitualmente queremos referir-nos à baixa extração ou ao caráter eminentemente imoral daquela pessoa.

Relativamente à metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, constatamos que é, sobretudo, o elemento **lama** que é figurativizado visualmente nos textos de charge. É o que podemos visualizar na charge seguinte:

(C.S.T1)



BESSINHA, CHARGE ON LINE, 27/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Nesse texto, a corrupção é pictoricamente representada como um líquido escuro e denso que avança sob os pés de dois transeuntes que, sentados em um banco de praça, observam espantados. A associação entre lama e corrupção é explicitamente marcada, posto que um dos personagens, ao indagar sobre a origem da “lama” que ameaça inundar a praça, obtém como resposta de seu interlocutor que esta provém de “vazamento” do Congresso.

Evidencia-se no texto reproduzido acima o risco de contaminação da sociedade ou o caráter incontível da corrupção a que aludimos há pouco. Nesse sentido, verbos como “vazar”, presente na charge sob exame, bem como **escorrer** ((B.S.34)) e **transbordar** ((B.S.37)), identificados nos recortes dos *blogs*, caracterizam a corrupção como uma substância que tende a extrapolar os limites do espaço de seus virtuais containeres (metaforicamente, pessoas como Sarney ou instituições como o Congresso), intensificando, dessa forma, a percepção de seu caráter potencialmente deletério.

Nesse contexto, assume particular relevância a metaforização da corrupção através da expressão **mar de lama** ((B.S.33), (B.S.110), (B.S.113)), dado que esta promove de modo ainda mais contundente a intensificação da periculosidade associada à corrupção. Com efeito, tal sintagma, que praticamente tem o *status* de lexia complexa no português, sugere justamente, a partir dos sentidos de amplitude e infinitude, evocados pela palavra “mar”, a extensão ou o amplo espectro do problema representado pela corrupção.

Nesse sentido, julgamos que a expressão **mar de lama** atualizaria ainda, num segundo plano, uma outra metáfora conceptual, a saber, IMPORTANTE É GRANDE. Tal metáfora é categorizada como primária por Grady (1997), que estipula como sua base experiencial “a correlação entre o tamanho/volume dos objetos e o valor, **ameaça**, **dificuldade**, etc. que estes

representam quando interagimos com eles” (GRADY, *ibid.*, p. 291, tradução e grifos nossos). Assim, um elemento de ordem perceptual, o **tamanho** exacerbado do objeto (**mar**) selecionado para figurativizar a corrupção é empregado como fonte para metaforizar uma avaliação (negativa, nesse caso) ou preocupação (*vide*, a propósito, “ameaça” na citação acima) que este desencadeia no sujeito da cognição, a fim de sugerir, em última análise, a dimensão do problema que representa o avanço da corrupção sobre as instituições sociais.

Em última instância, o avanço da lama (corrupção) assume contornos drásticos, dado que esta entidade, destacada da ontologia do domínio SUJEIRA, revela-se capaz de engolfar e fazer submergir o agente corruptor, conduzindo-o a um processo de despersonalização, por assim dizer, em que ele é reificado ao se tornar inseparável ou parte integrante da própria sujeira. Nos textos de *blog*, esse aspecto metafórico é linguisticamente materializado através de verbos empregados pelos blogueiros, a saber, **envolver**, **engolir**, **tragar**, (*mergulho de*) **perder o fôlego**, bem como da predicação atribuída a políticos envolvidos em escândalos de corrupção, tais como José Sarney (**coberto de lama da cabeça aos pés**) ou José Roberto Arruda (**enlameado da cabeça aos pés**). No *corpus* de charges, o texto a seguir ilustra precisamente esse traço motivado pela metáfora:

(C.S.T10)



LUTE, *BLOG DO LUTE*, 10/12/09. . Disponível em: < <http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

Na charge acima, com efeito, vemos o governador do Distrito Federal José Roberto Arruda – acusado de estar à frente do escândalo de corrupção conhecido como “Mensalão do DEM” e alvo de processo que culminou com a cassação de seu mandato – submergir gradativamente. Nesse texto verbo-visual, o domínio-fonte é linguisticamente expresso

através do sintagma “todo esse **mar de lama**”, enunciado pelo personagem caricaturado na charge, José Arruda, além de ser visualmente representado por meio do líquido escuro circundante (mar de lama) em que este acaba por afundar. A representação metafórica da corrupção através do elemento **lama** pode ser ainda vislumbrada em outras charges constitutivas do *corpus*, notadamente os textos **C.S.T3** e **C.S.T9** (*vide* ANEXO B).

4.1.2. **Corrupção: um ato que imprime marcas e gera asco**

A metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA pode também ser vislumbrada sob o prisma da percepção subjetiva elaborada por blogueiros e chargistas acerca da prática de atos corruptos. Partimos, em princípio, da hipótese de que blogueiros e chargistas, uma vez que são ambos responsáveis por gêneros textuais de caráter opinativo e de marcada função social, empreendem uma representação indireta da opinião pública, ainda que matizada pela orientação sócio-político-ideológica dos órgãos midiáticos a que se vinculam. Sob tal suposição, tencionamos, pois, rastrear a percepção, inscrita na charge e no *blog*, do fenômeno da corrupção e de seus responsáveis, ou seja, de que formas, sob a ótica de blogueiros e chargistas, a corrupção afeta as pessoas. Em resumo, interessa-nos perscrutar, nesse passo, que avaliação desta conduta imoral emerge a partir da representação metafórica.

Como veremos, essa percepção é corporificada, via metáfora conceptual, à medida que seleciona a ontologia do domínio experiencial SUJEIRA, ganhando, por conseguinte, uma dimensão propriamente sensorial. Metaforizada como sujeira, a corrupção exhibe, agora, um apelo visual e olfativo, ou seja, é visualmente identificável através de índices visíveis, como manchas que impregnam o corpo e objetos circundantes dos agentes corruptores, bem como exala odores característicos. Assim, sob tal perspectiva, a corrupção é algo que tem cor, cheiro e é capaz de deflagrar sensações físicas e psicológicas naqueles que a presenciam, a exemplo do nojo.

A prática da corrupção, em suas variadas formas, é conceptualizada como uma ação que gera sujeira, e os produtos resultantes, bem como os agentes responsáveis por tais condutas são caracteristicamente representados como **sujos**. É o que podemos visualizar no conjunto de excertos de *blog* transcritos a seguir:

(**B.S.46**) O que é o caixa dois? Dinheiro **porco**. Sai **emporcalhado** das arcas da empresa que dá, entra **imundo** na escrituração do candidato que recebe...
...E desce **sujo** ao bolso do marqueteiro e outros prestadores de serviços de campanha. (*No Brasil, as leis só alcançam o caixa dois do camelô*, BLOG DO JOSIAS, 29/03/09)

(B.S.67) Assim como fizera o Lula do mensalão, o FHC do “camargão” serve-se de uma velha artimanha. Truque tosco, manjado. Funciona assim: Como o dinheiro **sujo** é telhado de vidro comum a todas as legendas, a punição de uma arrastaria as demais. (*No Brasil, as leis só alcançam o caixa dois do camelô*, BLOG DO JOSIAS, 29/03/09)

(B.S.106) O diabo é que surge, nesta terça (1º) um elo que liga as arcas apodrecidas de Arruda ao diretório do PSDB no Distrito Federal. Deve-se a novidade aos repórteres Hudson Corrêa e Fernanda Odilla. A dupla levou às páginas da *Folha* notícia que informa o seguinte: 1. Durval Barbosa, o ex-secretário de Arruda que se tornou delator do ex-chefe, envolveu um tucano no esquema de coleta de verbas **sujas**. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrença do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.S.111) Segunda descoberta: os meios exaustivamente empregados para desviar recursos públicos, fraudar licitações e obter dinheiro **sujo** em nada distinguem as duas administrações. São primitivos, toscos, amadores, mas eficientes. (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.78) O deputado José Genoino (PT-SP), réu no processo do mensalão que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), subiu à tribuna nesta quarta-feira para criticar o projeto de iniciativa popular que tenta barrar a candidatura dos que respondem a processos na Justiça, os chamados **fichas-sujas**. (*Genoino defende candidatura dos 'fichas-sujas'*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.115) A culpa da corrupção no Brasil não é do sistema eleitoral. Está na cultura política. Está em algumas regras, que precisam ser aperfeiçoadas, como a criação de barreiras aos **fichas-sujas**, proposta que está no Congresso. (*A culpa não é do sistema*, BLOG COISAS DA POLÍTICA, 06/12/09)

(B.S.81) A Câmara não cassa o mandato de mensaleiros confessos, sanguessugas, aloprados e corruptos de todos os matizes e existentes em todos os partidos. Estes, os partidos políticos, por sua vez, não negam legenda a candidatos com prontuário no lugar do currículo. Fichas **suíçssimas** beneficiam-se dos votos de candidatos honestos. (*O mundo nos ombros do eleitor*, BLOG DE LÚCIA HIPOLITO, 21/11/09)

(B.S.54) No seu discurso, Jucá questionou os vocábulos que permeiam o noticiário sobre a remodelagem da Infraero. “O termo usado é faxina, limpeza na Infraero. O Jobim tem obrigação de dizer os nomes...”

“Quem está limpando e faxinando sem dizer quem está **sujando** comete atos que geram levandades”. (*Jucá: ‘O Jobim precisa informar quem suja Infraero’*, BLOG DO JOSIAS, 12/05/2009)

As expressões em grifo arroladas acima referenciam atos de corrupção como algo sujo. O dinheiro resultante da prática conhecida como caixa dois, isto é, o financiamento de campanha eleitoral por recursos de origem privada não declarados, expediente que dá margem ao favorecimento ilícito posterior de tais doadores quando do exercício do cargo público, é caracterizado como **sujo, imundo, porco, emporcalhado** ((B.S.46) e (B.S.67)). Igualmente qualificada é a verba oriunda de propina (**verbas sujas** em (B.S.106)) ou de apropriação indébita do dinheiro público (**dinheiro sujo** em (B.S.111)). Candidatos a cargos públicos eletivos que cometeram crimes (dentre os quais, a corrupção) em sua vida pregressa são

denominados, por sua vez, de **fichas-suja**s ((B.S.78) e (B.S.115)), ou, de modo superlativo, fichas **sujíssimas** ((B.S.81)). Realizar atos de corrupção equivale, de igual modo, a “sujar” ((B.S.54)), como observamos no discurso inflamado do líder do governo no Senado, Romero Jucá (parcialmente reproduzido pelo *blog* de Josias de Souza), em que se discutem os desdobramentos de denúncias de nepotismo na Infraero³³.

A representação da corrupção como algo que imprime marcas visíveis de sujeira torna-se, sobremaneira, explícita, graças ao suporte da modalidade não verbal, nos textos de charge coletados. Com efeito, nessas produções, os agentes da corrupção exibem corpo e aspecto sujos. Senão vejamos:

(C.S.T5)



SON SALVADOR, CHARGES DO SON, 14/07/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>.

Na charge acima, o presidente do Senado José Sarney é pictoricamente representado como um personagem exibindo sujeira, sob a forma de manchas negras, ao redor de todo o corpo. Além disso, o episódio dos denominados “atos secretos” é figurativizado como uma pilha de roupa suja que é conduzida a uma lavanderia pelo senador a fim de ser lavada³⁴.

Similarmente, na produção do chargista Sponholz abaixo, as numerosas denúncias de corrupção envolvendo o Senado Federal e seu presidente são também evocadas visualmente como “roupa suja”, que é literalmente lavada (e estendida) por parlamentares no espaço do Congresso Nacional, cuja desorganização culmina por evocar a imagem de um “cortiço”. Linguisticamente, o domínio-fonte SUJEIRA e a correlação metafórica são ativados, por sua vez, a partir do provérbio que intitula a charge, a saber, *Roupa suja se lava em casa*.

³³ A propósito, o próprio irmão do senador Romero Jucá ocupava cargo na instituição à época.

³⁴ Para um maior detalhamento sobre a correlação metafórica entre medidas de combate à corrupção e limpeza física *vide* a subseção 4.1.3 a seguir.

(C.S.T6)



SPONHOLZ, CHARGE ONLINE, 18/04/09. Disponível em: < <http://www.acharge.com.br/>>.

Vale reiterar aqui, que, segundo o sistema metafórico da moralidade, a metáfora da Pureza Moral prevê que uma substância pura é aquela que não exhibe nenhuma mistura, sendo a sujeira o principal tipo de impureza. Por conseguinte, a pureza é sempre “contrastada com o que é sujo, contaminado, **manchado ou com nódoa**” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 308, tradução e grifo nossos).

Relativamente a esse aspecto é importante notar que no *corpus* de nossa pesquisa a corrupção é mesmo figurativizada como algo capaz de imprimir marcas indelévels, isto é, “manchar” a essência de algo ou alguém, constituindo muitas vezes uma espécie de estigma que identifica o corruptor ou os seus “malfeitos”. Nos textos de charge, esse traço é bastante recorrente, como podemos constatar abaixo:

(C.S.T12)

Parlamentar chegando em sua casa, depois de um produtivo dia de trabalho...



RONALDO, CHARGE ONLINE, 23/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Note-se que, na charge suprarreproduzida, o parlamentar, severamente advertido pela esposa por trazer “trabalho” para casa, carrega consigo um índice visual saliente, correspondente a manchas negras que impregnam seu corpo e emanam deste através de pegadas escuras que acabam por manchar o chão de sua casa quando de sua passagem.

De modo similar, na charge (C.S.T7) em anexo (*vide* ANEXO B), atos de corrupção são visualmente representados através de manchas escuras que aderem à cadeira ocupada por um senador cassado, e que uma faxineira tenta a custo remover. O humor é precisamente instaurado nessa charge quando o suplente “ficha-suja”, designado para substituir o parlamentar, tenta demonstrar a inutilidade do ato da faxineira e dispensa a limpeza, argumentando, com naturalidade, que a cadeira será suja novamente (com sua posse).

É mister salientar que a “mancha” indicativa de pessoas ou atos corruptos habitualmente exhibe uma coloração escura, na maior parte das vezes negra. Por essa razão, julgamos que essa representação da corrupção atualiza ainda uma outra metáfora depreensível a partir do sistema metafórico da moralidade, a saber, MORALIDADE É LUZ/CLARIDADE/IMORALIDADE É ESCURIDÃO. Segundo tal mapeamento, a luz ou claridade está associada metaforicamente ao bem, ao passo que o mal e seus afiliados circunscritos à esfera da imoralidade são metaforizados pelo domínio da escuridão ou das trevas³⁵.

A conceptualização metafórica da corrupção como algo que gera marcas que aderem inexoravelmente à identidade daqueles que a praticam também se evidencia linguisticamente nos textos de *blog*, sobretudo, por meio da seleção dos verbos empregados (em grifo):

(B.S.95) O líder do DEM, José Agripino Maia (RN), afirmou que o arquivamento dos processos pelos governistas **mancha** a postura ética da Casa. (*Oposição culpa Lula por arquivamento de ações contra Sarney e estuda recorrer*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 19/08/09)

(B.S.96) “O Senado não pode ser confundido com os que **mancham** o seu nome. Precisa ser preservado, pois é o pilar do equilíbrio federativo. Diante, porém, do que assistimos, a sociedade já impôs à presente representação o recall moral”. (*OAB defende renúncia coletiva de senadores como solução para a crise*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 07/08/09)

(B.S.85) A corrupção é vista como uma epidemia que **macula** os três Poderes. As leis processuais favorecem os que dispõem de dinheiro para pagar bons advogados, servindo-se do cipoal de recursos que elas oferecem. (*Cruzada de Jarbas pauta 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/03/09)

(B.S.38) Ele, que pretendia com o atual mandato, que diz ser o último, coroar sua vitoriosa biografia, corre agora o risco de **borrá-la**, em meio a denúncias de favorecimentos

³⁵ Dado o escopo dessa seção, não detalharemos, contudo, tal aspecto. Para uma abordagem mais ampla sobre a relação entre moralidade e claridade, remetemos o leitor a Ferraz (2007).

fisiológicos, que não poupam sua filha e herdeira política, Roseana Sarney (PMDB-MA). (*Crise estimula discurso moralista*, BLOG DO NOBLAT, 21/03/09)

(**B.S.52**) Eduardo Suplicy (PT-SP) é um deles. Nesta terça (25), o petista levou à tribuna, de novo, o lixo que escapa pelas bordas do tapete. Empilhou as denúncias que **enodoam** a biografia de Sarney e que o Conselho de (a)Ética esquivou-se de apurar. (*Suplicy afirma que Sarney merece o cartão vermelho*, BLOG DO JOSIAS, 25/08/2009)

(**B.S.11**) Para livrar sua “presidência” das aspas que a **conspurcam**, Sarney tramou uma ressurreição “nos braços do PT”. (*História secreta da simulação da renúncia de Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 04/07/09)

Verificamos que todos os verbos sublinhados nos excertos arrolados (**manchar**, **macular**, **borrar**, **enodoar**, **conspurcar**) remetem à ação de imprimir uma marca sobre algo, que, em consequência, passa da condição de puro ou limpo a manchado. Sob a lógica dessa metáfora, portanto, a corrupção, revela-se como um agente capaz de marcar indelevelmente a essência de algo, comprometendo-a. O objeto ou alvo dessa ação coincide, nos exemplos sob exame, com instituições (o Senado em (**B.S.95**) e (**B.S.96**), os três Poderes em (**B.S.85**)) ou entidades abstratas (a biografia de Sarney, em (**B.S.38**) e (**B.S.52**), ou ainda, a presidência do Senado em (**B.S.11**)).

Nesse sentido, convém lembrar que, segundo Lakoff (2002), existe uma relação intrínseca entre Pureza Moral e Essência Moral, dado que algo que é corrompido perde necessariamente a sua pureza essencial. Disso podemos deduzir, conforme Lakoff (ibid), que “metaforicamente, alguém que é ‘**corrupto**’ tem uma **essência impura**, o que pela Pureza Moral e Essência Moral, torna-o inerentemente imoral.” (LAKOFF, ibid., p. 93, tradução e grifos nossos).

Gostaríamos, finalmente, de destacar um último aspecto relacionado ao modo pelo qual a percepção subjetiva dos atos de corrupção é representada nos textos de *blog* e charge.

A imoralidade é metaforicamente concebida, de acordo com a metáfora da Pureza Moral como algo repulsivo, que gera aversão ou nojo. De fato, segundo Lakoff e Johnson (1999), a pureza moral é, sempre, “contrastada com a impureza (isto é, imoralidade) e com **tudo que é repugnante**” (LAKOFF; JOHNSON, ibid., p. 308, tradução e grifo nossos). Assim, nos textos sob análise, em que rastreamos a metaforização da corrupção como sujeira, avulta a percepção daquela como algo que desencadeia asco nos indivíduos. Pessoas e atos corruptos têm, desse modo, caráter repulsivo e/ou exalam odores nauseantes.

Atentemos, inicialmente, para o modo pelo qual esse aspecto da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA se presentifica nas ocorrências registradas no gênero *blog*:

(B.S.109) As cenas que o Brasil acompanha há dias pela TV, ora um estoca dinheiro nas meias, ora outro estufa as cuecas, merecem o repúdio da cidadania, prega Lewandowski [...] O ministro se diz **enojado**. (*Uma "tomada da Bastilha" à brasileira*, BLOG DO NOBLAT, 05/12/09)

(B.S.99) Talvez seja impossível, no curso de uma geração, fazer com que práticas fisiológicas e coronelistas seculares passem a ser vistas com o estranhamento mental e a **repulsa** moral necessários à boa política. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.S.55) No Senado dos dias que correm, a cafajestice tem cara de cafajestice. O **repugnante** tem cara de **repugnante**. A imundície tem cara de lama. Diante de um cenário assim, tão claramente sujo, só há duas alternativas: ou o senador empunha o frasco de detergente ou se associa à convivência. (*Virgílio para Sarney: 'V. Exa. não precisa sobreviver'*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.S.40) O Congresso **cheira mal**. Mas direita e esquerda, governo e oposição, só se preocupam em reduzir os estragos provocados pelos escândalos que pipocam a cada dia. (*Vamos assumir: a culpa é nossa!*, BLOG DO NOBLAT, 20/03/09)

(B.S.3) Sarney respondeu à **aparência malcheirosa** da gestão de sua fundação do mesmo modo como vem reagindo a todas as más notícias que o assediam. Virou o nariz. Disse, em nota e em rápida manifestação no plenário, que não participa da administração da fundação. (*Firma varejista dá 'aula de arte' na Fundação Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 12/07/09)

(B.S.56) Deve-se a revelação da malfeitoria aos repórteres Leandro Cólón e Rosa Costa. O **odor** chamou a atenção do representante do Ministério Público no TCU. Chama-se Marinus Marsico. Nos próximos dias, o procurador Marsico endereçará à presidência do Senado ofício requisitando os papéis secretos já desencavados. (*Agaciel mentiu a senadores sobre os 'atos secretos'*, BLOG DO JOSIAS, 11/06/09)

Sobressai do exame desses fragmentos que a corrupção agora não é apenas “vista” como algo sujo, mas provoca efetivamente uma reação física e psicológica nas pessoas, direta ou indiretamente atingidas por tal comportamento imoral, dado que exhibe um caráter asqueroso. O caso do mensalão do DEM, fartamente documentado por provas audiovisuais, é capaz de **enojar** ((**B.S.109**)) o ministro do STF Ricardo Lewandowsky, e o Senado Federal, diante das numerosas denúncias de corrupção e da necessidade premente de se adotar medidas moralizadoras face a tais escândalos, é descrito como um cenário **repugnante** ((**B.S.55**)).

Nos três últimos excertos ((**B.S.40**), (**B.S.3**) e (**B.S.56**)), analogamente, atos de improbidade administrativa envolvendo a esfera legislativa, a exemplo do desvio irregular de verbas imputado a José Sarney, para uma fundação privada que leva seu nome, bem como o caso dos Atos secretos são caracterizados metaforicamente como uma matéria que exala odor desagradável (*vide* **aparência malcheirosa** em (**B.S.3**) e **odor** em (**B.S.56**), respectivamente). Dada a avalanche de denúncias que pesam sobre o Congresso Nacional, esse passa a emanar um mau cheiro característico, que indicia a corrupção (*vide* **cheira mal** em (**B.S.40**)).

A referência a atos ou pessoas corruptas como algo que exala mau cheiro e que produz, como consequência, o sentimento de nojo é, sobretudo, recorrente nos textos do gênero charge. A título de ilustração, veja-se abaixo:

(C.S.T23)



LILA, JORNAL DA PARAÍBA, 07/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

No texto supra-apresentado, duas mulheres conversam diante do prédio-símbolo do Congresso Nacional, uma delas portando uma máscara cirúrgica. A mulher ao lado da personagem com máscara indaga se o uso de tal artefato é motivado pelo risco de contaminação com o vírus da gripe suína (elevada ao *status* de pandemia mundial, quando da publicação da charge), ao que esta retruca, em tom de reprovação, que ela precisa se proteger de tal forma em razão do odor putrefato emanado do Congresso, para o qual aponta com o indicador.

Na charge sob análise, percebemos, pois, um claro índice olfativo, visualmente recuperável pelo emprego de máscara pela personagem. O mau cheiro, que extrapola os limites dos muros do Congresso e enoja a personagem, metaforiza, em verdade, os atos de corrupção protagonizados por parlamentares. Essa relação metafórica é expressa linguisticamente, por sua vez, através dos vocábulos **nojo**, **fedor** e **podridão**.

Faz-se necessário aqui observar dois aspectos suscitados pelo texto ora em questão. Primeiramente, cumpre notar que a atualização da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA é empreendida, nesse caso, de modo indireto, a partir de uma relação metonímica do tipo EFEITO PELA CAUSA, dado que o mau cheiro pode ser visto como um dos efeitos resultantes da sujeira (O CHEIRO PELA SUJEIRA).

Em segundo lugar, o vocábulo **podridão**, numa primeira instância, reveste-se de um significado propriamente referente ao âmbito do olfato, isto é, odor desagradável emanado de uma substância putrefata, mas também pode, alternativamente, evocar o próprio processo de

decomposição, através do qual a essência de algo se degenera ou perde sua integridade. A corrupção passaria a ser vista, então, a partir de um outro mapeamento atinente ao sistema metafórico da moralidade, a saber, IMORALIDADE É DEGENERAÇÃO, previsto pela metáfora da Integridade Moral (*vide* a propósito 2.2.9 neste trabalho).

A caracterização de atos e pessoas corruptas como portadores de um odor peculiar é atualizada ainda em outros textos chargísticos constitutivos do *corpus*. O espaço em que coabitam os agentes da corrupção é conceptualizado, através de metonímia (O LUGAR PELAS PESSOAS), como um lugar que exala odor repulsivo. Vejam-se, a propósito, os textos (C.S.T24) e (C.S.T28) (em anexo), em que se alude ao “**cheiro** do Senado”, e mais particularmente, ao “**mau-cheiro** do gabinete de Sarney”, respectivamente. Escândalos de corrupção, a exemplo do caso dos atos secretos e o denominado “mensalão do DEM”, são metaforizados, de igual modo, como uma matéria capaz de produzir odor nauseante ou desagradável (*vide* charges (C.S.T29) e (C.S.T27), respectivamente, em anexo). Políticos acusados de corrupção são, analogamente, identificados pelo forte odor que emanam (*vide* “cheiro de Arruda” em (C.S.T25), em anexo).

A figurativização da corrupção como algo que inspira o sentimento de nojo nas pessoas expostas a tal prática é, por vezes, apresentada de modo bastante explícito. Senão vejamos a charge do artista gráfico Duke logo a seguir:

(C.S.T22)



DUKE, O TEMPO (MG), 15/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

No texto acima, disposto em dois quadros, um cidadão comum senta-se em uma poltrona a fim de assistir televisão. Embora o cenário em que figura a personagem seja idêntico em ambos os quadros, constatamos que estes ilustram duas situações marcadamente distintas. O humor é precisamente gerado pelo chargista ao contrapor uma atividade de

entretenimento, de caráter intrinsecamente prazeroso, evocado no primeiro quadro pelos itens **filme**, saquinho de **pipoca**, que integram o *frame sessão de cinema*, a uma programação (agora, no segundo quadro) avaliada pelo personagem (a julgar por sua expressão facial) como extremamente desagradável e nauseante, a saber, o noticiário político que veicula os sucessivos casos de corrupção protagonizados por senadores.

Nessa charge, atualiza-se, pois, a representação metafórica da corrupção como algo que desencadeia nojo no cidadão comum, materializado particularmente aqui através da ânsia de vômito anunciada na fala proferida pelo personagem no segundo quadro (*Querida vai começar o noticiário do Senado. Traga o saquinho de vômito*).

É válido acrescentar, nesse passo, que a relação entre o nojo (*disgust*), enquanto reação física, e a repulsa de ordem moral já foi investigada no âmbito da Psicologia Cognitiva. Chapman et al. (2009) consideram, nesse sentido, que a repulsa moral origina-se a partir da mesma emoção que motiva a repulsa oral, que experimentamos, por exemplo, ao rejeitarmos alimentos estragados ou tóxicos. Ao conduzir uma série de experimentos, os autores comprovaram que a percepção de transgressões morais (a exemplo de comportamentos considerados injustos) desencadeia como reação em espectadores o movimento dos mesmos grupos de músculos faciais envolvidos na percepção do nojo físico. Este último era simulado na pesquisa através da aversão experimentada ao se provar alimentos desagradáveis, ou ao se observar imagens ilustrativas de sujeira e contaminação, tais como fezes ou vetores causadores de doenças (insetos). Para os autores, pois, é a relação metafórica entre nojo e imoralidade que motivaria a percepção ordinária, popularmente corrente, de que atos imorais “deixam um gosto ruim na boca”.

4.1.3. Medidas de combate à corrupção: a correlação entre limpeza física e purificação moral

Conforme expusemos a propósito da seção 2 (*vide 2.2.7.*), relativamente ao efeito deletério da corrupção e à necessidade de se combater tais práticas, Lakoff e Johnson (1999) ponderam que um dos acarretamentos da metáfora da PUREZA MORAL é a ideia de que

Assim como impurezas físicas podem arruinar uma substância, impurezas morais podem **destruir** uma pessoa ou sociedade. Assim como substâncias podem ser purgadas de impurezas, também pessoas e sociedades devem ser **purgadas** de elementos, indivíduos ou práticas corruptas. (LAKOFF; JOHNSON, *ibid.*, p. 308, tradução e grifos nossos).

Nesse sentido, observamos que, nos textos dos dois gêneros estudados nesta pesquisa, medidas moralizadoras de combate à corrupção são apresentadas como procedimentos de assepsia, ou seja, tentativas de eliminar (purgar) a “sujeira” resultante de atos de corrupção. Isto implica dizer que, uma vez que a moralidade é concebida metaforicamente a partir do domínio-fonte LIMPEZA, nos textos que tematizam o combate à corrupção verificamos uma recorrência expressiva de elementos concernentes a tal domínio. Examinemos, em primeiro lugar, o seguinte conjunto de excertos de *blog*:

(B.S.91) Agora chegou a vez da **faxina** na Infraero, a estatal que, no governo Lula, se transformou na meca da corrupção em Brasília, merecendo uma CPI no Congresso e uma série de investigações da Polícia Federal e do Ministério Público. A ordem para a **faxina** partiu do ministro da Defesa, Nelson Jobim. (*Faxina na infraero*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 09/05/09)

(B.S.48) Heráclito explicou que a **limpeza** terá sequência. Bom, muito bom, ótimo. Sobreviveram aos cortes 131 diretores. Ainda um acinte. (*Senado destitui 50 diretores e economiza R\$ 400 mil*, BLOG DO JOSIAS, 20/03/2009)

(B.S.19) Que os otimistas me desculpem, mas até agora a única boa nova para a **lavagem geral** das entranhas do Senado da república é a solicitação de auditoria externa a ser executada pelo Tribunal de Contas da União (TCU). (*Auditoria no Senado é pouco*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.S.45) Ganharemos todos se a **lavagem pública de roupa** livrar o Senado de parte da sujeira que se acumula ali. Perderemos se firmarem qualquer pacto de silêncio para salvar reputações. Ainda não terminou a eleição para presidência do Senado travada entre Sarney e Tião, e ganha pelo primeiro. (*O segundo turno da eleição para presidente do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 18/03/09)

(B.S.49) Líder de Lula no Senado, Jucá subiu à tribuna para comentar o **expurgo** dos parentes de políticos que se alojavam na estatal que gere os aeroportos. (*Jucá: ‘O Jobim precisa informar quem suja Infraero’*, BLOG DO JOSIAS, 12/05/2009)

(B.S.12) A PF informou ontem que está realizando um **pente fino** nos contratos com as instituições financeiras que operavam o crédito consignado do Senado para verificar indícios de crimes e estabelecer a cadeia de responsabilidades. (*Sarney e neto vão depor à PF sobre crédito consignado*, BLOG DO REINALDO AZEVEDO, 01/07/09)

Nos fragmentos textuais supraelencados, destacam-se, sobretudo, substantivos (em grifo) que designam a ação de eliminar ou livrar algo de sujidade, referenciando metaforicamente, agora, tentativas de restituir a moralidade aviltada por práticas corruptas.

Com efeito, em (B.S.91), a expressão linguística **faxina** denomina um conjunto de medidas visando a eliminação de uma forma de corrupção, o nepotismo, no âmbito da estatal Infraero, a exemplo do que ocorre com o item linguístico **expurgo** em (B.S.49). O domínio experiencial LIMPEZA é também evocado a partir do vocábulo **lavagem**, em (B.S.19) e

(B.S.45), que remete, em ambos os casos, à premência de investigação e punição dos responsáveis pelos casos de corrupção no Senado. O próprio vocábulo **limpeza** ((B.S.48)) é empregado para descrever o corte de parte das 181 diretorias do Senado (muitas das quais existentes apenas de fachada), um dos casos flagrantes de malversação do dinheiro público que vieram a lume no primeiro semestre de 2009. Por último, em (B.S.12), a expressão **pente fino**, de *per se* já metafórica, é utilizada para designar uma ação da Polícia Federal com o intuito de investigar operações ilícitas envolvendo empréstimo consignado gerido por funcionários do Senado.

Analogamente, a seleção de verbos empreendida pelos blogueiros referenciam ações características do domínio experiencial **LIMPEZA**:

(B.S.116) Brasília é hoje uma cidade à deriva, a espera de ajuda para **varrer** a corrupção das instituições. Se ninguém ajudá-la, ainda resta uma esperança que poderá vir das urnas no próximo ano. (*Brasília pede socorro*, BLOG DO NOBLAT, 10/12/09)

(B.S.14) Não haverá limpeza no Senado se os podres ficarem escondidos. Por outro lado, a quem cobramos que **limpe** o Senado? Aos mais enlameados? . (*Renan ameaça acusar Virgílio de quebra de decoro*, BLOG DO NOBLAT, 28/07/09)

(B.S.47) A reforma administrativa encomendada pelo presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), à Fundação Getúlio Vargas (FGV) traz a expectativa de a instituição **se passar a limpo**, diante dos escândalos em série protagonizados nos últimos dois meses. (*Senado se divide entre o ceticismo e a mudança*, BLOG DO NOBLAT, 12/4/2009)

(B.S.22) Fechar a casa em nada contribui para **higienizá-la**, mas sim para que o pó e o mofo se acumulem, nela mesmo e nos demais poderes que ao Congresso incumbe fiscalizar. (*Ditadura por plebiscito*, BLOG DO NOBLAT, 09/04/09)

(B.S.97) Nesses dois casos [Jader Barbalho, Renan Calheiros], vendeu-se a falsa impressão de que com a partida dos indivíduos **purgavam-se** os pecados de todos e, como corolário dela, vingou a ideia de que, tendo a Casa chegado ao fundo do poço da ética, seria inevitável que dali em diante as coisas comesçassem a melhorar. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

Constatamos nas ocorrências acima a recorrência de verbos que metaforizam a corrupção como algo passível de eliminação mediante procedimentos de assepsia. A corrupção ganha, pois, uma materialidade física, ao ser conceptualizada como algo que se pode **varrer** ((B.S.116)). De igual modo, diante dos sucessivos escândalos que “sujaram” a imagem do Senado, tornam-se cabíveis as ações de **limpar** ou de **se passar a limpo** ((B.S.14) e (B.S.47), respectivamente) tal instituição. A proposta de se fechar peremptoriamente o Congresso Nacional, cogitada no auge da crise ética de 2009, é descartada como medida de “higienização” (*vide higienizar* em (B.S.22)), por radical e inócua. Finalmente, argumenta-se

em (B.S.97) que a restituição da pureza moral do Senado não será obtida somente por meio da depuração (*vide purgar*) de apenas algumas das figuras responsáveis pela crise (seus presidentes).

A correlação entre pureza física e pureza moral foi investigada por estudos no âmbito da Psicologia Cognitiva, a exemplo das pesquisas empreendidas por Chen-Bo Zhong e Katie Liljenquist. Os autores lembram, de início, que rituais de purificação, que consistem em procedimentos de limpeza simbólica do corpo visando à purificação da alma ou consciência, são práticas comuns em diversas religiões, como é o caso do batismo entre os cristãos ou de rituais similares entre hindus e mulçumanos.

A fim de verificar como a metáfora MORALIDADE É LIMPEZA se configura como uma realidade cognitiva e de que maneira ela afeta o comportamento das pessoas, os autores empreenderam uma série de experimentos que culminaram por demonstrar que pureza física e pureza moral estão intrinsecamente associadas e que a limpeza física funciona psicologicamente como um substitutivo da purificação moral³⁶.

Em um de seus experimentos, Zhong e Liljenquist (2006) solicitavam a estudantes que relembassem histórias de seu passado em que exibiram comportamentos éticos ou antiéticos. Após essa etapa, pedia-se que os mesmos procedessem ao preenchimento de um teste do tipo *close* em que figuravam sequências como W - S H e S - - P. Os resultados demonstraram que os informantes que lembraram de um episódio antiético completaram o teste com palavras como **wash** e **soap** (e não **wish** ou **step**, por exemplo, prevalente entre os que recordaram fatos éticos). Os autores concluíram a partir de tais dados, portanto, que “o comportamento antiético aumenta a acessibilidade de conceitos relacionados à limpeza” (ZHONG; LILJENQUIST, 2006, p. 1451, tradução nossa).

Nos demais experimentos, a exposição a histórias de cunho antiético (relatadas ou escritas pelos informantes) aumentava a desejabilidade por produtos de limpeza (nível elevado de preferência por sabonetes, pasta de dentes, desinfetantes, em detrimento de produtos de outra natureza), bem como a probabilidade de os participantes escolherem tais itens como um brinde (face a outras opções de presente). Comprova-se, pois, com esses estudos, que “ameaças à pureza moral ativam a necessidade de limpeza física, que, por sua vez, pode atenuar emoções morais e reduzir comportamentos compensatórios diretos” (Id.,

³⁶ Esse fenômeno é denominado pelos autores de **efeito Macbeth**, numa alusão à cena I do quinto ato da tragédia homônima de Shakespeare, em que Lady Macbeth, enlouquecida, após participar da conspiração tramada com seu esposo, que culminou com o assassinato do rei da Escócia (Duncan), tenta remover uma mancha de sangue imaginária de suas mãos, simulando obsessivamente o gesto de lavá-las, enquanto profere a frase: “Sai, mancha maldita!...” (SHAKESPEARE, 1989, p. 518).

ibid., p. 1452, tradução nossa). Confirma-se, de resto, a hipótese da associação psicológica existente entre limpeza física e pureza moral aventada pelos autores.

Essa correlação entre limpeza física e pureza moral é frequentemente visível na representação pictórica da metáfora conceptual CORRUPÇÃO É SUJEIRA levada a efeito pelos textos chargísticos constitutivos do *corpus* deste trabalho. Por vezes, tal relação é mesmo expressa quase que “literalmente”, por assim dizer. Senão observe-se a charge a seguir:

(C.S.T13)



BRUNO, VALE PARAIBANO, 29/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Nesse texto, um personagem caracterizado como operário empreende uma lavagem vigorosa de suas mãos, empregando, para tanto, uma quantidade excessiva de sabão e água. Diante do ar desesperado do personagem, em sua tentativa de eliminar a sujeira de seu corpo, uma espectadora reage com espanto, indagando do trabalhador se ele cumprimentara alguém infectado pela gripe suína. O homem, por seu turno, retruca informando que ocorrera algo pior, a saber, ele fora cumprimentado por um político corrupto.

Reitera-se nesta charge a conceptualização da corrupção como algo que contamina ou macula a essência de algo e, em contrapartida, medidas visando sua eliminação são identificadas, via metáfora, a procedimentos de limpeza ou tentativas de eliminação da sujeira (lavar as mãos, nesse caso específico). O domínio-alvo CORRUPÇÃO é explicitamente designado por meio de expressão linguística (“político corrupto”) presente na fala do personagem central, ao passo que o domínio-fonte SUJEIRA é depreendido, indiretamente, a partir de elementos visuais (água, sabão, lavanderia) indicativos do domínio correlato LIMPEZA, e das ações e atitudes empreendidas pela personagem masculina representada na charge. Convém acrescentar ainda que a charge em foco atualiza adicionalmente a metáfora

CORRUPÇÃO É DOENÇA (abordada na subseção 4.2., a seguir), à medida que conceptualiza a corrupção como uma afecção passível de contágio, tal qual a gripe suína, mencionada no texto pela personagem feminina.

A ideia de purificação de uma conduta imoral, a exemplo da corrupção, por meio da limpeza física, recorrente no *corpus* de textos do gênero charge, reveste-se, em alguns casos, de um tom irônico, indiciando uma avaliação negativa dos agentes corruptores por parte do chargista. Veja-se, a propósito, o texto a seguir:

(C.S.T16)



TACHO, JORNAL NH (RS), 24/03/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Na charge reproduzida acima, identificamos a instanciamento linguística e visual da metáfora MORALIDADE É LIMPEZA, e sua correlata aqui examinada (CORRUPÇÃO É SUJEIRA). Nesse texto, dois faxineiros do Senado, munidos de material de limpeza (vassoura, balde, água), conversam. Um deles inquirir o outro sobre como proceder a uma limpeza no Senado de modo a atender a solicitação de seu presidente (José Sarney) para resolver o problema dos diretores, ao que o interlocutor retruca que se deve lançá-los para “debaixo dos tapetes”. O contexto subjacente à publicação dessa charge coincide, portanto, com o escândalo das 181 diretorias do Senado, a que aludimos há pouco.

Já a partir do próprio título da charge, **Limpeza no Senado**, constatamos que o vocábulo **limpeza** não referencia apenas um procedimento de eliminação de detritos, levada a cabo por faxineiros, mas antes remete à tentativa de sanear (ou quem sabe apenas dissimular) atos moralmente condenáveis do poder legislativo.

De igual modo, a expressão cristalizada “pôr debaixo do tapete”, proferida por um dos personagens da charge, também corrobora a conceptualização da corrupção através do domínio-fonte SUJEIRA, dado que seleciona deste domínio experiencial a ação de varrer a

sujeira (física) para debaixo do tapete, com o fim de escondê-la. Por efeito do mapeamento metafórico, no domínio-alvo abstrato CORRUPÇÃO, a sujeira em causa corresponde, agora, a um ato corruptivo, qual seja, o mau uso do dinheiro público, configurado no empreguismo viabilizado pelo excesso de diretorias do Senado. O ato de varrer para debaixo do tapete metaforiza, por extensão, uma limpeza insuficiente, ou apenas aparente, da corrupção/sujeira. Logo, via metáfora, implícita-se com essa charge que a tentativa do Senado de promover auditorias internas e cortes para solucionar o problema consistem, na verdade, em medidas inócuas.

Vale registrar, nesse sentido, que, tanto no *corpus* de *blog* quanto no de charge, identificamos algumas ocorrências da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, em que procedimentos de limpeza referenciam não propriamente formas de eliminar a corrupção, mas antes tentativas de dissimulação da prática de atos corruptos perpetrada pelos agentes corruptores. Assim é que identificamos nas ocorrências de *blog* uma série de expressões tais como “empurrar para baixo do tapete” (cf. (B.S.82), já citado), ou ainda, “lavagem de dinheiro” (*vide*, em anexo, (B.S.15), (B.S.16), (B.S.68), (B.S.71), (B.S.72), (B.S.75), (B.S.77), dentre outros). De igual teor é a representação visual, empreendida em algumas charges, de ações como varrer (*vide* (C.S.T18) e (C.S.T19), em anexo) ou lavar (cf. (C.S.T20), em anexo). Julgamos, em princípio, que tais expressões linguísticas e representações pictóricas são ironicamente empregadas por blogueiros e chargistas de modo a promover uma espécie de inversão da metáfora MORALIDADE É LIMPEZA, por assim dizer.

4.2. **Corrupção, uma prática contagiosa: a metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA**

Segundo Lakoff e Johnson (1999) uma das metáforas integrantes do nosso sistema de conceitos morais é o mapeamento MORALIDADE É SAÚDE, através do qual a moralidade é conceptualizada a partir de um domínio-fonte específico atinente ao nosso bem-estar físico, qual seja, SAÚDE. Em contrapartida, podemos vislumbrar que a conceptualização da IMORALIDADE, a que está circunscrita a noção de **corrupção**, sob exame neste trabalho, será empreendida a partir do domínio correlato DOENÇA. Dessa forma, segundo a metáfora da **Saúde Moral**, atos ou comportamentos imorais são vistos como **doença**, e pessoas que adotam tais práticas como **doentes**.

Nesta subseção, tencionamos descrever, especificamente, como a corrupção é conceptualizada nos dois gêneros textuais em foco a partir da metáfora conceptual CORRUPÇÃO É DOENÇA.

Para empreender a análise dos dados faz-se mister, assim, examinar as correspondências ontológicas instituídas a partir do mapeamento do domínio-fonte DOENÇA sobre o domínio-alvo CORRUPÇÃO, avaliando de que modo os elementos advindos daquele repercutem na compreensão metafórica deste. Nesse processo cognitivo de metaforização da corrupção, intervirão, de maneira decisiva, nossas experiências do que é estar saudável e sua contraparte, do que significa estar doente.

Cumprе ressaltar, nesse sentido, que os conceitos de saúde e doença constituem um campo contencioso e divergentes concepções acerca dessa temática firmaram-se ao longo da história. Acerca da relatividade inerente aos conceitos de saúde e doença pontua Scliar (2007):

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito. (SCLIAR, 2007, p.30).

Em 1948, a Organização Mundial de Saúde (OMS) propôs uma definição de saúde que se caracteriza por sua amplitude, visto que a descreve “não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social” (SEGRE; FERRAZ, 1997, p.539). Muitas inadequações, contudo, foram assinaladas no conceito de saúde da OMS, destacando-se, sobretudo, o seu caráter excessivamente utópico (ao estipular

a “perfeição” como meta), bem como a separação estanque instituída entre aspectos inextricavelmente associados (físico, mental e social). Com efeito, o apelo a categorias eminentemente subjetivas como “perfeição” ou “bem-estar” comprometem a viabilidade desse conceito como base para a elaboração de ações efetivas no âmbito da saúde pública. Por outro lado, consoante refletem Segre e Ferraz (1997), desde o advento da Psicanálise, consolidou-se uma relação inalienável de continuidade entre aspectos físicos (somáticos) e mentais (psíquicos), de sorte que o sujeito passou a ser necessariamente visto como uma unidade (corpo-mente), sobre a qual atuam as determinantes sociais.

Analogamente, também a doença pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas, que vão desde a concepção mágico-religiosa, que a vislumbra como uma maldição ou castigo divino, até abordagens que a divisam como uma construção cultural que motiva profundas transformações de ordem sócio-histórica³⁷.

Sem negligenciar a multiplicidade de enfoques atinentes à temática saúde-doença, nem os diversos fatores intervenientes neste binômio, é imperativo, contudo, eleger um conceito de doença metodologicamente viável para os fins da análise que visamos empreender. Atendendo a esse propósito, esposaremos, pois, uma visão mais estrita ou menos “subjetivista”, por assim dizer, do conceito de doença.

Dessa forma, ao longo da análise do *corpus*, a noção de **doença** será compreendida enquanto um estado afeccioso caracterizado, grosso modo, por um desequilíbrio orgânico, manifesto por meio de um quadro de sinais e sintomas clínicos, e que geralmente envolve uma disfunção ou comprometimento de órgãos ou sistemas, podendo mesmo levar à morte do corpo físico.

A delimitação prévia da acepção do conceito de doença permite-nos entrever os elementos a ser virtualmente mapeados do domínio experiencial DOENÇA no processo de metaforização da corrupção. A conceptualização da corrupção como doença agora implicará, portanto, dentre outros aspectos, na percepção de um conjunto de **sintomas** que acometem um **paciente** e corroboram um **diagnóstico** do suposto mal, na identificação de um **agente etiológico** ou causal para o quadro afeccioso, em formas de **transmissão ou contágio** da patologia, e na instituição de um **tratamento**, ou ainda, de **medidas profiláticas** a fim de combater ou evitar, respectivamente, tal enfermidade.

³⁷ Aludimos aqui aos estudos alinhados à denominada Nova História, que alçará a doença ao *status* de objeto histórico. Para maior detalhamento sobre o tema, remetemos o leitor aos ensaios compilados em Le Goff (1985) e ao artigo de Revel e Peter (1995).

Nas subseções a seguir, empreenderemos um rastreamento visando identificar como a corrupção é metaforicamente caracterizada, através de recursos lingüísticos e/ou visuais, a partir desses elementos experienciais decalcados da ontologia do domínio DOENÇA. Passemos, pois, à análise dos recortes textuais de *blog* e charges a fim de identificar como a metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA é atualizada nos textos constitutivos do *corpus* da pesquisa.

4.2.1. Os pacientes vitimados pela doença: o corpo como sede da corrupção

Conceptualizar metaforicamente a corrupção como uma doença implica, antes de mais nada, na percepção das entidades afetadas por esta como **organismos vivos**, passíveis, por conseguinte, de serem vitimadas por um processo afeccioso. Assim, graças ao mapeamento metafórico, não apenas os agentes da corrupção (i.e. corruptos), mas também seus virtuais alvos (instituições como o Senado, partidos políticos, e mesmo entidades abstratas como a ética ou a própria política) ganham uma dimensão ontológica particular ao ser alçados à condição de **pacientes** de um processo patológico, e, como tal, são dotados de estruturas orgânicas próprias de seres vivos. A doença/corrupção pressupõe, assim, um **corpo**, um hospedeiro ou *locus* que a sedia, a partir do qual irá se desenvolver e por meio do qual se externalizarão os efeitos deletérios de sua ação.

Como sublinhamos acima, segundo a metáfora da Saúde Moral, tomar parte em um processo de corrupção equivale a **adoecer**, de modo que aqueles que exibem tal comportamento ou as entidades afetadas por sua ação podem ser caracteristicamente descritos como **doentes**. Esse aspecto da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA é evidenciada nos excertos de *blog* seguintes:

(B.D.4) O Senado, tal como está organizado hoje, é uma instituição política, jurídica e administrativamente **doente**. Não pode ser curada à base de receitas simplórias. (*A receita de Lula para acabar com a crise do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.D.52) No ano passado, Garibaldi Alves estava na presidência do Senado quando disse que a Casa **estava "na UTI"**. Ou seja, era **doente terminal**. "Ninguém no mundo político percebe que esse desapareço pelo Poder Legislativo está minando suas bases de sustentação e que a qualquer hora poderá haver um momento de maior tensão, de crise entre os Poderes." (*Honra ao demérito*, BLOG DO NOBLAT, 07/07/09)

(B.D.22) A verdade é que Sarney está comprometido até o talo com as irregularidades administrativas ora descobertas. Seu jogo será o de ganhar tempo até que a imprensa enjoje do tema. É a tendência predominante, já que não interessa ao governo a **morte política** de Sarney. Ruim com ele, pior sem ele. (*A crise não comove a sociedade*, BLOG DO NOBLAT, 25/06/09)

Nos recortes elencados, verificamos que não apenas pessoas (políticos como Sarney em (B.D.22)), mas também instituições (o Senado em (B.D.4) e (B.D.52)) podem ser “acometidos” pela corrupção e ocupar o virtual papel de pacientes (*i.e.* doentes) no mapeamento metafórico em causa. Além disso, a doença moral, configurada na prática da corrupção, ao modo de uma doença física de alto nível de gravidade, segue um curso que implica na debilitação progressiva do organismo vitimado. Assim, a exemplo do que ocorre com o processo de morbididade no domínio físico, a corrupção enquanto doença moral pode evoluir para um quadro de agravamento severo (*vide* “estar na UTI” e **doente terminal** em (B.D.52)) e culminar, por fim, com a morte do paciente, esta agora de ordem simbólica, no plano moral (*vide* **morte política** em (B.D.22)).

A representação, via metáfora conceptual, de entidades abstratas alvo da corrupção como seres dotados de uma conformação anatômica característica de um organismo vivo e, portanto, aptos a sediar a corrupção/doença, é passível de ser observada, de modo mais específico, nos recortes de *blog* transcritos a seguir:

(B.D.19) A corrupção é um câncer que se impregnou no **corpo** da política e precisa ser extirpado. Não dá para extirpar de uma vez, mas é preciso começar a encarar o problema. (*GRANDE JARBAS!*, Blog de Lucia Hippolito, 14/02/2009)

(B.D.41) A corrupção no Brasil é um problema **sistêmico**. Ela se alicerça em avatares muito profundos da nossa cultura, o que explica a recorrência dos escândalos e a nossa incapacidade histórica em lidar institucionalmente com eles. Isso está vinculado a uma autointerpretação do brasileiro de que nós somos um povo corrupto, de que a corrupção está na constituição do nosso **corpo político e social**. (*Imaginário popular tem 'sangue corrupto', diz psicóloga*, BLOG DO NOBLAT, 02/12/09)

(B.D.14) Somente diante de um quadro de pressão insuportável, como o atual, os parlamentares se dispõem a mudanças. A tendência natural é a acomodação. Há, porém, a clara percepção, entre as lideranças mais influentes, de que jamais as **vísceras** da instituição estiveram tão **expostas**. (*Reforma política volta à pauta*, BLOG DO NOBLAT, 25/04/09)

(B.D.50) O morubixaba José Sarney não tem nada a ver com a crise que carcome as **entranhas** do Senado. A crise, como Sarney já esclareceu, não é dele. A crise é do Senado. (*Alto lá, Sarney não tem nada a ver com José Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 11/07/2009)

(B.D.26) Assim, o DEM, que **sangra** ao lado do cadáver político de Arruda desde a última sexta (27), mantém-se nas proximidades do esquife por pelo menos mais dez dias. (*DEM opta por sangrar ao lado de Arruda por dez dias*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

A partir do exame dos itens linguísticos destacados nos excertos acima, constatamos que os potenciais alvos da corrupção (instituições, partidos políticos, ou mesmo a sociedade e a própria política) são conceptualizados como organismos vivos e exibem, por conseguinte, um **corpo** anatomicamente estruturado em órgãos e sistemas. Instituições como o Congresso

Nacional ((B.D.14)) ou o Senado Federal ((B.D.50)) são, assim, dotados de órgãos internos (**vísceras** e **entranhas**, respectivamente). Partidos políticos, a exemplo do DEM, por seu turno, apresentam um sistema circulatório e perdem, em decorrência de escândalos de corrupção (aqui, em particular, o caso do denominado “mensalão do DEM”), **sangue** (*vide* (B.D.26)), líquido responsável pela manutenção de funções vitais como a nutrição e respiração em organismos animais ou humanos.

No *corpus* de charges ilustrativas da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, a atribuição de um corpo físico ao paciente ou sede do processo de corrupção/doença se dá, por vezes, através da **personificação** propriamente dita (ESPÍNDOLA, 2007). Senão, vejamos:

(C.D.T24)



JACOBSEN, A CHARGE ONLINE, 27/08/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Na charge supra-apresentada, a própria **ética**, entidade abstrata, é personificada como um atleta duramente agredido por seu oponente (o senador José Sarney) em um lance desleal que produz uma lesão física grave (fratura óssea exposta) e acarreta uma punição do agressor com cartão vermelho pelo juiz do certame (o também senador Eduardo Suplicy). Em verdade, esse texto verbo-visual empreende uma alusão jocosa a um episódio real que teve lugar no plenário do Senado Federal no auge da crise ética, em 2009. Durante discurso veemente, proferido no Senado, em que exortava os parlamentares a emitirem um posicionamento efetivo sobre as numerosas denúncias de corrupção imputadas ao então presidente da Casa, José Sarney, o senador Eduardo Suplicy literalmente brandiu um cartão vermelho diante da mesa da presidência a fim de sugerir a sua desaprovação face às irregularidades atribuídas a Sarney.

Além de atualizar a metáfora conceptual POLÍTICA É JOGO (já descrita em Kovecses (2002)), ao conceptualizar eventos políticos como uma modalidade esportiva, a

charge acima empreende, de modo mais contundente, uma instancição da metáfora ora em tela, CORRUPÇÃO É DOENÇA.

Metaforizada como um **paciente**, consoante as correspondências autorizadas pelo mapeamento aqui em estudo, a ética, entidade abstrata do domínio moral, exhibe agora um **corpo**, que é dilacerado, a ponto de expor **ossos** e **sangue**, e experimenta uma **dor** excruciante, motivada pelo golpe desferido por seu agressor, um agente político corrupto (José Sarney). O quadro afeccioso que aflige a ética e compromete a sua “saúde física” referencia, no plano metafórico, os sucessivos escândalos de corrupção (nepotismo, desvio de verbas), em que a moralidade é aviltada em favor do enriquecimento ilícito de parlamentares como Sarney. Através de um processo metonímico, a corrupção é visualmente representada na charge por meio de seu agente (José Sarney), que desfere o golpe contra o corpo da ética, de forma a ocasionar-lhe uma lesão (doença).

A fim de figurativizar o político corrupto na condição de paciente acometido pela corrupção/doença, os chargistas irão recorrer, por vezes, a outro expediente metafórico, a saber, o processo de **animalização**. É o que podemos vislumbrar na charge a seguir:

(C.D.T15)



J BOSCO, LÁPIS DE MEMÓRIA, 30/06/09. Disponível em < <http://jboscocartuns.blogspot.com/>>.

No texto acima, o chargista representa, metaforicamente, parlamentares prestando depoimento ao Conselho de Ética (instância responsável pela apuração, julgamento e punição de irregularidades cometidas por parlamentares) através da figura de porcos expelindo uma secreção nasal. Além disso, os membros constituintes do Conselho de Ética portam uma máscara cirúrgica a fim de evitar uma possível contaminação.

Logo, os porcos visualmente representados na charge são, em verdade, pacientes de um quadro patológico, dado que exibem um sintoma característico da denominada gripe suína

ou H1N1, alçada ao *status* de pandemia mundial à época da publicação da charge. Desse modo, a partir da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, uma série de correspondências serão instituídas, tais como, políticos corruptos são doentes, a corrupção é uma “enfermidade” similarmente grave à temida gripe H1N1 e, como tal, requer igualmente medidas profiláticas a fim de evitar sua disseminação³⁸.

De resto, a metaforização do político através da imagem de suínos empreende a atualização da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, que culmina, em última análise, por evocar a inferioridade moral dos seres representados, a saber, os parlamentares. Com efeito, segundo Kovecses (2002), tal mapeamento normalmente se presta a focalizar a censurabilidade ou indejesabilidade de comportamentos humanos, equiparados, via metáfora, ao comportamento animal, e autoriza, por conseguinte, a aplicação de outras metáforas conceptuais, tais como COMPORTAMENTO HUMANO REPROVÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL e PESSOAS REPROVÁVEIS SÃO ANIMAIS. Se pensarmos, além disso, que a figura do porco, no imaginário popular, está geralmente associada à sujeira ou impureza, a seleção desse animal em particular para metaforizar parlamentares assume uma forte conotação pejorativa, licenciando, em um segundo plano, metáforas tais como CORRUPÇÃO É SUJEIRA e POLÍTICOS CORRUPTOS SÃO SUJOS, já examinadas na subseção precedente (*vide* 4.1.).

A representação visual de políticos corruptos através da figura de porcos recorrerá no *corpus* coletado, evidenciando-se igualmente em outros textos de charges, a exemplo de (C.D.T11) e (C.D.T22), compilados em anexo (*vide* ANEXO B).

Conceptualizado como sede do processo de corrupção/doença, o corpo do paciente exterioriza sua condição mórbida através de um conjunto de **sintomas**, que concorrem para a atribuição de um **diagnóstico** à patologia manifesta. A atualização desse aspecto da metáfora é visível, por exemplo, através dos itens linguísticos em grifo nos recortes de *blog* abaixo relacionados:

(B.D.21) Eleito em fevereiro passado para ser uma espécie de superpresidente do Congresso, a reboque da biografia de ex-presidente da República (1985-1989), o senador José Sarney (PMDB-AP) chegou ao final da semana passada na condição de um chefe com poder pela metade. O **sintoma** mais claro da desidratação política, mesmo dizendo que não se afastará do cargo, é que o senador já não age como presidente de fato do Senado. (*Sarney partilha poder e briga para salvar cargo*, BLOG DO NOBLAT, 28/06/09)

³⁸ Por razões didáticas, abordaremos os aspectos relativos à metaforização das formas de tratamento e profilaxia da corrupção na subseção 4.2.3., a seguir.

(B.D.48) O senador trocou, nesta quinta (19), a atmosfera conspurcada de Brasília pelo ambiente festivo do Amapá. Na capital federal, Sarney é açoitado pela **crise** que carcome as entranhas do Senado desde que foi eleito presidente da Casa, em fevereiro. (*Fustigado em Brasília, Sarney vira um ‘rei’ no Amapá*, BLOG DO JOSIAS, 20/03/2009)

(B.D.13) Não se pense que o que ocorre no Legislativo federal é uma anomalia localizada. Nada disso. Se a investigação se estender aos legislativos estaduais e municipais e aos outros poderes, Judiciário e Executivo, o quadro não será diferente. O **diagnóstico** é de metástase generalizada. (*A tradição dos escândalos*, BLOG DO NOBLAT, 20/06/09)

Ao ser caracterizada metaforicamente como doença, a ação da corrupção é descrita como algo que produz sintomas (*vide* (B.D.21)), que podem se agudizar em formas de surtos (atente-se para o vocábulo **crise**, oriundo do universo médico, presente em (B.D.48)) e corroborar a formulação de um diagnóstico (*e.g.* (B.D.13)).

A representação metafórica da corrupção como um quadro patológico caracterizado por um conjunto particular de sintomas também recorre no *corpus* de charges da pesquisa, como podemos visualizar abaixo:

(C.D.T14)



BRUNO, CHARGES BRUNO, 29/06/09. . Disponível em < <http://chargesbruno.blogspot.com>.>.

Na charge suprarreproduzida, um personagem caracterizado como médico procede ao exame clínico de um paciente, arrolando os sintomas identificados e formulando um diagnóstico para o quadro observado. O *frame* consulta médica (médico, paciente, consultório, exame clínico) não produziria nenhum estranhamento, nem tampouco conferiria um caráter humorístico ao texto não fora alguns aspectos figurativizados metaforicamente pelo chargista, a saber, o estatuto particular do paciente e a natureza dos sintomas e da doença que o aflige.

Com efeito, na charge, o paciente está caracterizado como um parlamentar, hipótese reforçada pela imagem do prédio-símbolo do Congresso Nacional, visível da janela do consultório. Já a partir de seu título, o texto antecipa que se abordará um quadro infeccioso pela menção a seu agente etiológico (**vírus**), elemento decalcado do domínio-fonte DOENÇA. Os sintomas elencados pelo médico (**safadeza, falta de vergonha na cara, certeza de impunidade**) e o diagnóstico apontado (**corrupção**) indiciam, contudo, que elementos ontológicos atinentes a um domínio físico (DOENÇA) estão sendo mapeados sobre um domínio de ordem moral. O paciente em causa é um corrupto e, por conseguinte, um doente.

Vale acrescentar ainda que o comportamento do paciente/corrupto revela um outro sintoma, associado ao quadro da corrupção/doença, segundo o chargista, a saber, a compulsividade. Observe-se, nesse sentido, que o parlamentar/paciente/corrupto representado na charge não se contém e subtrai furtivamente até mesmo o dinheiro do jaleco do médico durante a consulta. Implícita-se, desse modo, que, uma vez contraída, a corrupção é de difícil tratamento (eliminação), e condiciona as atitudes do “contaminado”, ao modo de um vício.

Mas, se a corrupção é definida via metáfora conceptual como uma doença, cumpre examinar, em detalhe, as características dessa patologia específica. É essa a questão que tentaremos investigar na próxima subseção ao rastreamos as diferentes enfermidades a que a corrupção é metaforicamente equiparada ao longo do *corpus*.

4.2.2. **Corrupção política: que mal é esse?**

Como afirmamos anteriormente, a partir de Lakoff (2002) e Lakoff e Johnson (1999), a corrupção é conceptualizada através de um processo cognitivo de metaforização enquanto uma espécie de doença. Mas, cabe aqui a indagação: que doença é essa?

Dessa forma, interessa-nos examinar, nesse passo, as diferentes expressões designativas de processos de morbididade empregadas por blogueiros e chargistas para conceptualizar a corrupção, em outras palavras, a que enfermidades ela é metaforicamente comparada no *corpus* em exame. Tal rastreamento fará emergir, como veremos, alguns traços atribuídos à corrupção enquanto doença, a exemplo de seu caráter contagioso.

Constatamos que a corrupção é referida metaforicamente no *corpus* ora através de formas de designação genérica de um estado patológico, ora por meio de sua identificação precisa a enfermidades ou moléstias particulares.

Podemos visualizar, inicialmente, nos excertos de *blog* infrarrelacionados, que os itens linguísticos **doença** e **patologia** são empregados para denominar, de modo genérico, condutas circunscritas à esfera da corrupção.

(B.D.44) Se o presidente do Senado, José Sarney, cometeu no mínimo um erro de julgamento ao tentar jogar sobre a instituição o peso da crise, peca por exagero quem creditar todos os problemas às indiscutíveis práticas de nepotismo e aos desvios patrimonialistas do clã maranhense. Há fatos concretos que relacionam o senador a essas duas das mais deletérias **doenças** da vida pública brasileira. (*Além do limite*, BLOG DO NOBLAT, 27/06/09)

(B.D.54) Tais documentos sigilosos dizem respeito a nomeações, exonerações, pagamentos de horas extras, pagamentos de planos de saúde odontológicos e clínicos para familiares de ex-parlamentares, entre outras aberrações inadmissíveis num estado democrático de direito. Esta **patologia** aponta para duas doenças distintas, mas que se intercomunicam. Primeiro, para a privatização dos espaços públicos. (...) A segunda doença apontada por esta **patologia** dos documentos secretos é a auto-suficiência da burocracia. (*Privatização é isso! O Senado é deles!*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/06/09)

Com efeito, em (B.D.44), o vocábulo **doenças** referencia anaforicamente duas das formas mais exemplares de corrupção, a saber, o nepotismo e o peculato (desvio de verbas públicas para fins privados), imputáveis ao então presidente do Senado, José Sarney. De modo similar, em (B.D.54), a expressão linguística **patologia** designa, por seu turno, o já citado escândalo de corrupção dos Atos Secretos.

Outras expressões atualizadoras da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA que igualmente designam, em caráter genérico, um quadro de morbidade se fazem presentes no *corpus* em estudo. A título de ilustração, observem-se os recortes de *blog* abaixo:

(B.D.9) Se o Congresso Nacional não estivesse às voltas com suas próprias **chagas**, sentado no banco dos réus, estaria certamente discutindo um dos mais palpitantes (e preocupantes) temas da atualidade política brasileira: a ideologização do Judiciário. (*Populismo contamina Judiciário*, BLOG DO NOBLAT, 09/05/09)

(B.D.3) Reunido nesta quarta (8), um grupo de nove senadores decidiu protocolar no Ministério Público um pedido de investigação contra as **mazelas** do Senado. (*Grupo antiSarney decide recorrer a Ministério Público*, BLOG DO JOSIAS, 08/07/09)

A designação, via metáfora, de problemas atinentes à corrupção através dos vocábulos **chaga** e **mazela** revela-se particularmente significativa. Note-se que ambas as formas designativas referenciam, no domínio-fonte, uma lesão externa, caracteristicamente manifesta sob a forma de um ferimento ou ulceração no tecido cutâneo, decorrente de um processo de morte celular. Tal quadro patológico é mapeado, agora, no plano metafórico, de modo a atribuir um caráter ambivalente à corrupção/doença. Assim, a corrupção será dotada de uma

faceta exterior, superficializada sob a forma de escândalos e percepção de vantagens ilícitas que lesam o erário, mas também ocultará um processo de deterioração interno (desintegração moral) ainda mais grave, do qual tal exteriorização constitui apenas um indício.

A representação da corrupção como uma doença que se externaliza por uma espécie de “estigma”, indicativo de um processo patológico interno mais severo, evidencia-se de forma especialmente elucidativa na charge de Angeli reproduzida abaixo:

(C.D.T3)



ANGELI, FOLHA DE S. PAULO, 05/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

Neste texto, o conjunto de vantagens concedidas a políticos em razão de sua investidura no cargo de parlamentar (tais como salários adicionais, auxílio-moradia, auxílio-paletó, ajuda de custo, dentre outros) são visualmente metaforizadas sob a forma de vesículas purulentas (**pústulas**) que infestam a face de um parlamentar. Uma vez mais identificamos aqui a ocorrência de uma manifestação patológica externa como índice de uma enfermidade interna. Vale lembrar, nesse sentido, que o pus (contido no interior das vesículas) é composto de células mortas, resultantes da ação deletéria de organismos patogênicos (bactérias, por exemplo), constituindo indício de um processo infeccioso ativo, de uma patologia interna, portanto.

Assim, a partir da metáfora, implícita-se que toda essa gama de benesses consiste, na verdade, em regalias abusivas (ou “excrescências”, como sugere a própria estrutura saliente das bolhas) que não se prestam senão a fomentar a malversação dos recursos públicos, e embutem, de maneira insidiosa, uma visão patrimonialista do Estado, que motiva e culmina por naturalizar a conduta corrupta. Os privilégios concedidos a parlamentares representariam, portanto, sob tal ótica, o germe da corrupção nascente, a ponta de um *iceberg*, por assim dizer.

Por outro lado, convém acrescentar que, ao incidirem sobre o rosto, as pústulas adquirem um *status* particular enquanto doença. Em razão de imprimirem uma deformidade sobre o rosto, elas conferem a este um aspecto repulsivo, o que acarreta significados metafóricos particularizados.

Ao investigar os usos da doença como metáfora, Sontag (2007) reflete que as doenças que infundem maior terror, consoante o imaginário popular, são “as consideradas não apenas letais, mas também desumanizadoras – no sentido literal do termo.” (Id., *ibid.*, p. 108). Dentre estas, a autora elenca doenças que exibem sintomas degradantes ou repulsivos, tais como deformidades desfiguradoras do corpo humano (*e.g.* lepra) ou decomposição orgânica (a exemplo da sífilis).

Sontag (*ibid.*) acrescenta ainda que o rosto, por constituir um ícone importante para a avaliação estética da beleza, reveste-se de um *status* diferenciado, de forma que doenças que desfiguram a face são as que “provocam o terror mais profundo” (*ibid.*, p. 109). Por último, considera a filósofa que “mais importante do que a intensidade do desfiguramento é ele refletir um processo subjacente e progressivo de dissolução da pessoa.” (SONTAG, 2007, p. 109-110).

Do ponto de vista da representação metafórica, as “pústulas parlamentares” representariam, agora, na charge sob análise, um comportamento moralmente repugnante ou vergonhoso (o desperdício ou uso indevido da *res publica*). Assim, em última análise, a degradação externa, física (configurada através das pústulas), refletiria, metaforicamente, uma podridão interna, moral.

A identificação da corrupção a enfermidades específicas, através do processo metafórico, irá conferir uma maior intensidade à aplicação da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, como também proverá de uma maior riqueza a virtual rede de mapeamentos instituída a partir da metáfora. Passemos, assim, ao exame de ocorrências de *blog* e textos de charge em que a corrupção é identificada a uma patologia particularizada.

(B.D.1) Nesta terça (23), o Senado reúne sua mesa diretora. Não será uma reunião banal. Vai-se discutir, uma vez mais, o que fazer com a **esclerose** que toma conta do Senado. (*Virgílio para Sarney: ‘V. Exa. não precisa sobreviver’*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.D.19) A corrupção é um **câncer** que se impregnou no corpo da política e precisa ser extirpado. Não dá para extirpar de uma vez, mas é preciso começar a encarar o problema. (*GRANDE JARBAS!*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/02/2009)

Constatamos nos excertos acima que a corrupção é precisamente mapeada como enfermidades de elevada gravidade como a **esclerose** e o **câncer**. Cumpre notar que ambas as doenças partilham alguns traços que se revestem de um caráter significativo para a conceptualização metafórica do alvo CORRUPÇÃO, a saber, apresentam causa desconhecida ou misteriosa, manifestam sua evolução através de um quadro de degenerescência progressiva, podem virtualmente afetar todo o organismo e não possuem ainda uma cura estabelecida³⁹. Empreenderemos a seguir reflexões acerca dos usos do câncer como metáfora, embora algumas delas possam também ser extensivas à esclerose, sobretudo, à sua forma mais grave e temida, qual seja, a esclerose múltipla.

Em ensaio em que discute os usos figurativos de doenças como a tuberculose e o câncer ao longo da história, Sontag (2007) reflete que “as doenças tidas como determinadas por múltiplas causas (ou seja, doenças misteriosas) são aquelas com mais largas possibilidades de uso como metáforas para o que é visto como moral e socialmente errado.” (SONTAG, *ibid.*, p. 55-56).

Sontag pondera também que o câncer se define metaforicamente como uma “patologia de espaço”, dado que se espalha ou prolifera (através de metástases), de modo que sua “área de alcance abrange o corpo inteiro” (Id., *ibid.*, p. 17). Esse traço particular da enfermidade se presta à caracterização da corrupção como algo que se dissemina, ao transpor os limites do “órgão” atingido (indivíduo corrupto) e se estender a outras estruturas, adjacentes ou remotas (partidos políticos, instituições sociais etc.).

Por último, a despeito de todo o avanço científico e tecnológico a que assistimos atualmente no que condiz às pesquisas visando à descoberta de uma cura para o câncer, tal doença ainda, “no imaginário popular, equivale à morte” (SONTAG, 2007, p. 13), sendo vista, por extensão, como uma verdadeira prefiguração do mal. Nesse sentido, Sontag (*ibid.*) acrescenta que “nos dois últimos séculos, as doenças usadas com mais frequência como metáforas para o mal foram a sífilis, a tuberculose e o câncer.” (Id., *ibid.*, p. 54).

Especificamente no *corpus* de charges, identificamos que a corrupção é metaforizada, sobretudo, como uma espécie de **gripe**, recebendo, por vezes, uma nomenclatura especial, que demarca o *status* diferenciado de seu hospedeiro, *i.e.*, o político corrupto: **gripe corruptuína**

³⁹ Vale ressaltar, nesse ponto, que não ignoramos o fato de que, dados os atuais avanços médico-científicos na pesquisa sobre o câncer, essa possibilidade de cura é passível de existir em alguns casos. Queremos enfatizar, contudo, que, em razão da mitologia que ainda vigora em torno da doença no imaginário popular, tal traço é preferencialmente selecionado, conforme Sontag (2007), quando se emprega o **câncer** para metaforizar o que é moralmente reprovável (a exemplo da corrupção).

((C.D.T10)), **gripe Sarney** ((C.D.T19)), **gripe sarnyna** ((C.D.T11)), **gripe mamífera** ((C.D.T5)), **gripe parlamentar** ((C.D.T7)).

Embora a gripe, de um modo geral, seja clinicamente caracterizada como uma patologia de baixa gravidade (salvos os casos em que evolui para um quadro de complicações como a pneumonia), julgamos que a seleção dessa enfermidade para conceptualizar metaforicamente a corrupção permite mapear alguns traços concernentes a essa doença, de modo a fazê-los ecoar no domínio-alvo, de ordem moral.

Nesse sentido, um dos principais traços decalcados da ontologia da gripe, no processo de metaforização, é a alta taxa de transmissão que lhe é associada. Com efeito, a gripe, enquanto doença viral, caracteriza-se por sua facilidade de disseminação ou contágio, podendo, inclusive, assumir um caráter epidêmico e ocorrer em forma de surtos ou ondas. Esse traço concernente à gripe, mapeado sobre a corrupção através da metáfora, é precisamente focalizado no texto de charge seguinte:

(C.D.T2)



THIAGO RECCHIA, GAZETA DO POVO (PR), 13/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Na charge supra-apresentada, dois transeuntes, tendo ao fundo o prédio do Congresso Nacional, travam um diálogo em que um deles comenta uma notícia de jornal anunciando um quadro de pandemia. O interlocutor, por seu turno, indaga se a notícia se refere à gripe suína ou à corrupção no Congresso Nacional. O contexto que emoldura esta charge é o surto da chamada gripe suína (gripe A ou H1N1), já aludida anteriormente, que teve lugar no primeiro semestre de 2009.

Através da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, instanciada a partir do item linguístico **pandemia**, o chargista equipara o *status* do avanço da gripe suína no mundo à

corrupção no Congresso Nacional, de forma a sugerir que esta, tal como aquela, também assume proporções alarmantes, está igualmente fora de controle, e se dissemina com a mesma rapidez. Além disso, o mapeamento metafórico implícita ainda a ideia de que, assim como uma tal epidemia vitima gravemente a população e demanda uma ação emergencial por parte das autoridades em saúde pública, a escalada da corrupção também acarretaria consequências danosas ao “tecido” social, e mereceria uma atenção especial das autoridades políticas do país. A corrupção é ainda linguisticamente referida através de vocábulo designativo de surto em larga escala de uma moléstia infecciosa em outros textos chargísticos do *corpus* (*vide* **pandemia** em (C.D.T13) e **epidemia** em (C.D.T19) e (C.D.T22)).

Convém reiterar que, segundo a metáfora da Saúde Moral, a imoralidade, bem como condutas alinhadas a sua esfera, a exemplo das práticas de corrupção, são passíveis de transmissão, podendo se difundir através do contato, ao modo de uma doença contagiosa. Com efeito, segundo Lakoff e Johnson (1999), “a imoralidade, como doença moral, é uma praga que, se deixada fora de controle, pode se espalhar através da sociedade, infectando a todos.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 309, tradução nossa).

A metaforização da corrupção como uma enfermidade transmissível, que se propaga pelo contato, é tematizada, de modo explícito, na charge do artista gráfico Nani, reproduzida a seguir:

(C.D.T18)



NANI, NANIHUMOR, 04/05/09. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/>>.

No texto acima, Fernando Gabeira, deputado do PV-RJ, conhecido por sua atuante militância de esquerda, é caricaturado pelo chargista. Gabeira declara que políticos com postura ética no Congresso Nacional sucumbem fatalmente ante a influência dos políticos

corruptos já instalados ali. A charge ecoa, assim, o episódio em que o suprarreferido deputado acabou tendo de admitir que incorreu no mesmo erro que seus colegas parlamentares ao repassar passagens aéreas, custeadas pelo Legislativo, a uma de suas filhas, no primeiro semestre de 2009. O repasse indevido e abusivo de bilhetes aéreos da cota parlamentar a terceiros (parentes e até mesmo atrizes e apresentadoras televisivas) ficou conhecido como “farra das passagens áreas” e também se encontra linguisticamente metaforizado no *corpus* de charges como **febre área** ((C.D.T6)), ou ainda, **gripe aviária** ((C.D.T20)).

Atendo-nos especificamente à charge ora em foco, cabe ressaltar a atualização particular da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, empreendida através de itens linguísticos presentes na fala do personagem representado no texto. O parlamentar Gabeira imputa a responsabilidade pela adesão ao comportamento corrupto à **influenza** (palavra de origem italiana empregada alternativamente para designar a gripe) que culmina por **contaminar** virtuais políticos éticos, convertendo-os em antiéticos. Note-se, portanto, que a corrupção é caracterizada como uma espécie de doença (gripe) que se caracteriza, sobretudo, por seu caráter contagioso.

A caracterização da corrupção como uma patologia extremamente contagiosa, e que, como tal, representa um risco em potencial para indivíduos, partidos políticos e mesmo instituições sociais também se evidenciará, igualmente, no *corpus* coletado junto aos *blogs*:

(B.D.31) Até a semana passada, Arruda era cogitado até para vice na chapa tucana. Hoje, o tucanato quer distância dele. Receia o **contágio**. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrenca do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.35) O DEM evitou a expulsão imediata de José Roberto Arruda. Ainda que um prazo regulamentar devesse ter sido respeitado, a decisão política já poderia ter sido tomada. [...] Mais ainda: o cadáver adiado procriou. O próprio partido ajudou a consolidar o apelido “mensalão do DEM”, embora não haja, até agora, sinais de que a direção nacional do partido tenha sido **contaminada**. (*Fora, Arruda! E o óbvio*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 07/12/09)

(B.D.7) A corrupção é vista como uma **epidemia** que macula os três Poderes. As leis processuais favorecem os que dispõem de dinheiro para pagar bons advogados, servindo-se do cipoal de recursos que elas oferecem. (*Cruzada de Jarbas pauta 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/03/09)

(B.D.25) A prática de corruptos e corruptores na esfera do poder se **dissemina** pela sociedade, como exemplo negativo que vem de cima. O compromisso em erradicá-la não pode se limitar a uma prática de denúncias eventuais e, muito menos, servir a fins eleitorais ou políticos imediatos. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

No recorte (B.D.31) acima, observamos que, ao protagonizar o escândalo de corrupção conhecido como “mensalão do DEM”, o então governador do Distrito Federal converte-se em um portador de mal contagioso, cujo contato precisa ser evitado por políticos de outro partido (PSDB, no excerto em causa) sob pena de se “contrair” a moléstia. O próprio partido de José Arruda (DEM) teme, igualmente, a “contaminação” de seus demais afiliados (*vide* (B.D.35)) e irá procurar formas de dissociar a legenda do seu membro “doente”. A corrupção, enquanto doença transmissível, é capaz de inocular seu germe letal não apenas em indivíduos isolados ou representações políticas, mas pode mesmo difundir-se de forma massiva (*vide epidemia* em (B.D.7)) entre os pilares dos poderes instituídos pela democracia, vitimando, assim, com sua ação, a própria sociedade ((B.D.25)).

4.2.3. Uma terapêutica para uma enfermidade: profilaxia e tratamento para a corrupção

Uma vez que a corrupção é categorizada, através da metáfora CORRUPÇÃO É DOENÇA, como uma enfermidade que é potencialmente passível de “infectar” indivíduos, instituições, ou a sociedade como um todo, impõe-se a necessidade de se adotar procedimentos a fim de se evitar esse “contágio moral”, ou mesmo combater o seu efeito deletério. Desse modo, segundo a lógica da metáfora da Saúde Moral, medidas de combate à corrupção são mapeadas como formas de profilaxia ou tratamento de um quadro patológico. Podemos visualizar, inicialmente, a instanciamento desse aspecto da metáfora através do exame dos excertos de blog transcritos abaixo:

(B.D.17) O financiamento público de campanha, como **antídoto** ao caixa dois e outras aberrações do processo eleitoral vigente, é consenso improdutivo. Ninguém, em tese, a ele se opõe, mas ninguém acredita que irá resolver a corrupção eleitoral. (*Reforma política, biombo da crise*, BLOG DO NOBLAT, 28/02/09)

(B.D.29) Lula aproveitou os microfones para **receitar** a reforma política como único **remédio** contra os crimes eleitorais. Tolice. (*Para Lula, vídeos do ‘Panetonegate’ são peças mudas*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.4) O Senado, tal como está organizado hoje, é uma instituição política, jurídica e administrativamente doente. Não pode ser **curada** à base de receitas simplórias. (*A receita de Lula para acabar com a crise do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.D.19) A corrupção é um câncer que se impregnou no corpo da política e precisa ser **extirpado**. Não dá para **extirpar** de uma vez, mas é preciso começar a encarar o problema. (*GRANDE JARBAS!*,BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/02/2009)

Nos excertos acima, a corrupção é divisada como um problema que pode ser medicamente tratado, ao modo de uma afecção orgânica, para a qual se podem estipular uma profilaxia e/ou tratamentos curativos. Assim é que, em (B.D.17), o financiamento público de campanha é conceptualizado metaforicamente como um **antídoto**, (isto é, uma espécie de soro medicamentoso capaz de anular a ação de uma toxina ou veneno sobre o organismo), cuja administração é aventada como uma **medida profilática** para se evitar a ocorrência da estratégia do caixa dois, prática que se configura como um crime de corrupção eleitoral.

De igual modo, enquanto doença, a corrupção é passível, ainda, de **tratamento**, que pode assumir formas variadas. A corrupção pode, assim, ser tratada simplesmente através da prescrição de medicamentos (*vide* **receitar** e **remédio** em (B.D.29)), mas também pode requerer uma abordagem radical a fim de extingui-la definitivamente (cf. **curar** em (B.D.4)), recorrendo-se, para tanto, até mesmo à ablação cirúrgica do (s) “**órgão**” (s) afetado (s) (*vide* **extirpar** em (B.D.19)).

A adoção de **medidas profiláticas** para se evitar o contágio pela corrupção também será metaforizada, igualmente, nos textos de charges coletados. Veja-se, a propósito, o texto do chargista Duke, inserido a seguir:

(C.D.T1)



DUKE, O TEMPO (MG), 02/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Na charge acima, um enfermeiro tenta administrar uma vacina contra o vírus da corrupção a um parlamentar, que, enfaticamente, recusa-se a tomá-la. Aqui, a partir dos próprios itens linguísticos, o chargista categoriza a corrupção como doença, ao atribuir-lhe um agente etiológico (**vírus**) e apontar uma medida profilática (**vacina**). O hospedeiro preferencial da doença/corrupção, não por acaso, é um integrante do Congresso Nacional, haja

vista a avalanche de escândalos de corrupção protagonizados por parlamentares que foram publicizados à época de publicação da charge. O caráter humorístico do texto deriva, sobretudo, da atitude expressa pelo parlamentar ao declinar da imunização propiciada pela suposta vacina contra a corrupção, manifestando, assim, seu consequente desejo por se manter doente, ou seja, corrupto.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a metáfora da Saúde Moral preceitua que o “contágio moral” precisa ser evitado mediante expedientes que assegurem o isolamento do (s) agente (s) difusor (es) da imoralidade, ao modo de uma quarentena. Esse acarretamento da metáfora ganha expressão quase literal na representação chargística a seguir:

(C.D.T10)



RONALDO, JORNAL DO COMMERCIO, 14/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

No texto suprarreproduzido, intitulado **Isolamento**, o espaço do entorno do prédio do Congresso Nacional é interditado por um personagem trajando indumentária especial, própria para frequentar ambientes classificados como de alto risco biológico, em que circulam micro-organismos patológicos de alta virulência, passíveis de deflagrar um quadro epidêmico. Dois transeuntes observam o isolamento da área e um deles, aterrorizado com a cena, indaga se a realização de tal procedimento deve-se ao registro de infecção por gripe suína no local. O interlocutor, responde, por seu turno, que não se trata de gripe suína, mas antes de **gripe corupsuína**.

A corrupção é, portanto, equiparada mais uma vez aqui a uma enfermidade de alta gravidade e de caráter extremamente contagioso, que requer medidas drásticas para a contenção do seu avanço iminente, tais como isolar os focos de sua ocorrência (quarentena). Os parlamentares corruptos, metonimicamente representados pelo espaço do Congresso (O

LUGAR PELAS PESSOAS), tal como doentes infectados por uma moléstia infecciosa grave, precisam, assim, ser mantidos isolados a fim de evitar a disseminação da corrupção/doença para toda a sociedade.

Além disso, é interessante notar, nesta charge, que o neologismo **corruptsuína**, criado por meio de cruzamento vocabular, encerra uma forte densidade semântica e cognitiva ao fundir domínio-fonte (DOENÇA) e domínio-alvo (CORRUPÇÃO) em um mesmo vocábulo.

Como assinalamos acima, a gripe, e, em especial a gripe suína, é empregada preferencialmente por chargistas para figurativizar a corrupção como doença, seleção possivelmente justificada pelo destaque midiático conferido a essa enfermidade à época da decretação da pandemia mundial, e da consequente acessibilidade cognitiva dessa temática na memória dos leitores. Em razão disso, no *corpus* de charges, as medidas profiláticas para evitar a contaminação pela corrupção frequentemente serão equiparadas, via metáfora, às recomendações expressas pela OMS para se prevenir a contaminação pela referida gripe, a exemplo do uso de máscaras cirúrgicas e da higienização das mãos com solução antisséptica. É o que constatamos na charge abaixo:

(C.D.T4)



THIAGO RECCHIA, GAZETA DO POVO (PR), 29/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

No texto acima, um homem indaga outro se ele está usando uma máscara cirúrgica em razão de ter ido ao México, país em que foram registrados os primeiros casos de gripe suína. A personagem de máscara responde, por seu turno, que, na verdade, visitara Brasília. Constatamos, pois, que um procedimento preconizado como profilaxia para a gripe suína (o uso de máscara) é apresentado como medida protetiva para se evitar o contágio pela

corrupção, metonimicamente expressa pela expressão linguística **Brasília** (O LUGAR PELAS PESSOAS).

O domínio-fonte está, pois, visualmente expresso na charge através da imagem da máscara e o domínio-alvo, em contrapartida, é ativado linguisticamente pela menção a Brasília na fala da personagem com máscara. Instauram-se, a partir daí, uma série de correspondências metafóricas, a saber, a corrupção é uma doença contagiosa, Brasília, por abrigar uma grande concentração de “pacientes” contaminados é um dos focos desta infecção, e, por último, os parlamentares corruptos são os doentes acometidos pelo mal em causa.

4.3. Corrupção, uma fonte de desequilíbrio: a metáfora da Força Moral

Conforme expusemos por ocasião da seção 2 deste trabalho, a **força** figura como um elemento experiencial de destacada importância na conceptualização metafórica da moralidade, proposta por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002). Com efeito, a força é alinhada como um dos fatores que corroboram a nossa concepção ordinária de bem-estar, sobre a qual se funda o sistema de metáforas morais formulado pelos autores.

Interessa-nos, particularmente, nesta subseção, rastrear de que modo a metáfora complexa da **Força Moral**, integrante do **sistema metafórico da moralidade**, intervém na conceptualização metafórica da corrupção nos gêneros textuais em estudo (*blog* jornalístico e charge).

Cumprе salientar que, nesse passo, adotaremos uma estratégia um tanto diversa da que empregamos quando da análise das metáforas precedentes CORRUPÇÃO É SUJEIRA e CORRUPÇÃO É DOENÇA – postuladas a partir das metáforas da **Pureza/Limpeza Moral** e **Saúde Moral**, respectivamente – em que adotamos como ponto de referência o levantamento prévio dos elementos ontológicos concernentes ao domínio-fonte que embasava cada um desses mapeamentos.

Uma vez que é categorizada como uma metáfora complexa, para proceder à análise dos dados do *corpus* relativos à metáfora da Força Moral, ser-nos-á agora necessário perscrutar como se dá a atualização das principais metáforas que lhe são subsumidas, a saber, MORALIDADE É RETIDÃO, MORALIDADE É FORÇA e MORALIDADE É EQUILÍBRIO. Convém reiterar, contudo, que, como focalizamos os atos de corrupção, enquanto uma subespécie da **ação imoral**, empreenderemos um rastreamento centrado em torno das metáforas circunscritas ao eixo da **imoralidade**, correlatas àquelas postuladas para a moralidade.

Desse modo, iremos observar que, diferentemente do que registramos para as demais metáforas analisadas até aqui, não é possível estipular uma metáfora única, central, para conceptualizar a corrupção (ao modo de CORRUPÇÃO É SUJEIRA ou CORRUPÇÃO É DOENÇA, já examinadas). Ao contrário, uma vez que o complexo da Força Moral integra vários mapeamentos, intimamente imbricados, o exame dos dados de nossa pesquisa, atinentes à corrupção política, facultará a apreensão de um conjunto de mapeamentos, também intrinsecamente articulados.

4.3.1. Força, (i)moralidade e orientação espacial: o aspecto da verticalidade na representação metafórica da corrupção

De acordo com o sistema metafórico da moralidade, a Força Moral pode ser compreendida a partir da ideia de **retidão moral**, acepção em que equivale ao esforço dispendido para manter uma postura moral reta e equilibrada. A metáfora complexa da Força Moral encerraria, assim, em seu bojo, o mapeamento MORALIDADE É RETIDÃO.

Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002) consideram que, nesse mapeamento metafórico, a retidão moral encontra-se embasada experiencialmente no aspecto da verticalidade física, ou seja, na capacidade de exibir uma postura corporal (e)reta, voltada para cima. Essa base experiencial repousa sobre o fato de que a retidão (física) figuraria entre os fatores comumente associados ao bem-estar humano, dado que, sob a ótica popular, *É melhor estar reto e equilibrado do que incapaz de se manter de pé*. Nesse sentido, é mister lembrar que, ao discorrer sobre as metáforas do tipo orientacional, Lakoff e Johnson (1980) já postulavam que a postura corporal elevada (PARA CIMA) está metaforicamente associada ainda a fatores como controle, poder, racionalidade, saúde e felicidade.

O mapeamento MORALIDADE É RETIDÃO, previsto na metáfora da Força Moral, autoriza, segundo os autores, os seguintes submapeamentos:

SER MORAL É SER RETO (PARA CIMA)

SER IMORAL É SER BAIXO

Encontra-se delineada aqui, portanto, uma oposição de ordem espacial (PARA CIMA/PARA BAIXO) que é mapeada sobre o domínio moral. Isto implica dizer que tal metáfora institui uma topologia particular, segundo a qual condutas atinentes à esfera da moralidade são figurativizadas a partir da posição de superioridade espacial, ao passo que a imoralidade é habitualmente conceptualizada como algo concernente ao domínio da inferioridade espacial. Nesse contexto, a metáfora da retidão moral poderia ser, alternativamente, descrita através dos mapeamentos:

MORALIDADE É PARA CIMA

IMORALIDADE É PARA BAIXO

Ao longo do *corpus* coletado, identificamos a atualização dessa dicotomia e verificamos que ações e agentes corruptos são frequentemente caracterizados por ocupar uma posição de inferioridade em relação a uma superfície, adotada como referencial. É o que podemos observar, inicialmente, nos excertos de *blog* infracitados:

(B.F.2) Nesta sexta (17), começa oficialmente o recesso que a maior parte dos congressistas inaugurou na quarta (15). **Soterrado** por 15 denúncias e acossado por cinco representações no Conselho de (a)Ética, o pseudopresidente José Sarney deu “graças a Deus”. (*José Sarney dá ‘graças a Deus’ por início do recesso*, BLOG DO JOSIAS, 17/07/09)

(B.F.44) Sob Agaciel Maia, o Senado foi gerido **por baixo da mesa**. Editaram-se um sem-número de atos administrativos secretos. (*Alto lá, Sarney não tem nada a ver com José Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 11/07/09)

(B.F.38) Diz Agaciel sobre as decisões tomadas **por debaixo da mesa**: “Não fui eu quem assinou nenhuma delas; não fui eu quem publicou, e eu sou responsável? Não vou aceitar!”. (*Agaciel diz que senadores sabiam de ‘atos secretos’*, BLOG DO JOSIAS, 13/06/09)

(B.F.55) Disse ter recebido da Camargo Corrêa, na campanha de 2006, uma doação de R\$ 50 mil. Coisa feita **por cima da mesa** e registrada na escrituração eleitoral (*Citado em lista de empreiteira, Temer grita: ‘Infâmia’*, BLOG DO JOSIAS, 03/12/09)

(B.F.54) Durval contou à PF que Machado chegou mesmo a repassar parte do dinheiro amealhado **por baixo do pano** a políticos apoiadores de Arruda. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrência do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.F.60) Não quero entrar no mérito das tramóias feitas **por baixo dos panos** – ou seria mesmo às claras? – venda, troca, escambo de passagens aéreas. Disso, os jornais de ontem, hoje e amanhã estão cheios. (*E a poeira?*, BLOG DO NOBLAT, 24/04/09)

Em razão do conjunto de denúncias de corrupção, imputadas ao então presidente do Senado, José Sarney, este é descrito pelo blogueiro como **soterrado** ((B.F.2)), ou seja, alguém situado em nível abaixo da superfície (**terra**, no excerto em foco). Vale salientar que tal ideia, inclusive, encontra-se já expressa por meio do próprio prefixo que integra a formação do vocábulo em causa (**sob**, do latim *sub*, abaixo). A imoralidade, e a corrupção, por conseguinte, estão sendo, pois, conceptualizadas a partir da orientação espacial PARA BAIXO.

De igual modo, podemos notar que nos demais recortes transcritos, o domínio da moralidade é figurativizado através da posição de superioridade espacial, em contraposição ao âmbito da imoralidade (e da ilicitude), que coincide com a posição de inferioridade espacial, oposição linguisticamente expressa através das locuções prepositivas **por baixo/debaixo de / por cima de**.

Assim, são caracterizados, por exemplo, como medidas empreendidas **por baixo/debaixo da mesa** ((B.F.44) e (B.F.38), respectivamente) os já citados **Atos secretos do Senado**. Através de deliberações não publicadas oficialmente, tais atos fomentaram toda uma sorte de favorecimentos indevidos, ferindo, desse modo, princípios da ética parlamentar, tais como a transparência pública.

Também é qualificado como recurso obtido **por baixo do pano** ((B.F.54)) o dinheiro proveniente de propina, extorquida de empresas que prestavam serviços ao Governo do Distrito Federal⁴⁰, com vistas ao financiamento eleitoral, prática tipificada como uma modalidade de corrupção. Em contrapartida, note-se que a captação de recursos eleitorais por meios lícitos é, por sua vez, descrita como uma atividade praticada **por cima da mesa** (*vide* (B.F.55)).

Por último, são ainda rotulados como ações levadas a efeito **por baixo dos panos** ((B.F.60)) os abusos cometidos na utilização de bilhetes aéreos da cota parlamentar, outro caso de corrupção envolvendo o legislativo em 2009, denominado pela mídia de “farra das passagens áreas”.

A conceptualização da imoralidade (e, por extensão, da corrupção) a partir da orientação PARA BAIXO evidencia-se de maneira mais contundente através do emprego de itens lexicais ou representações pictóricas que referenciam espaços caracteristicamente definidos por sua condição de inferioridade espacial. Vejam-se, a princípio, as expressões em grifo nos excertos de *blog* a seguir:

(B.F.46) O Senado, ficará demonstrado, é feito de uma maçaroca em que se misturam a convivência e o compadrio. Não há culpados no prédio. Só inocentes e cúmplices. No **fundo do poço**, o Senado decidiu continuar cavando. (*Teatro do Senado mostra do que é feito um senador*, BLOG DO JOSIAS, 19/08/09)

(B.F.53) Nesses dois casos [Jader Barbalho, Renan Calheiros], vendeu-se a falsa impressão de que com a partida dos indivíduos purgavam-se os pecados de todos e, como corolário dela, vingou a ideia de que, tendo a Casa chegado ao **fundo do poço** da ética, seria inevitável que dali em diante as coisas comesçassem a melhorar. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.F.58) Ladino, Andrei instou os Zoghbi a revelar um escândalo maior que o deles. O casal mordeu a isca. E pôs-se a discorrer sobre os **subterrâneos** do Senado. Contaram que a corrupção viceja nos contratos firmados pela Casa. (*Pilhado, o casal Zoghbi expõe as mazela\$ do Senado*, BLOG DO JOSIAS, 02/05/2009)

(B.F.43) É ensurdecador o silêncio da banda boa do Senado diante da abertura do **porão** de malfetorias praticadas na Casa. (*Banda muda*, BLOG DO NOBLAT, 21/06/09)

Os itens lexicais **subterrâneos** ((B.F.58)) e **porão** ((B.F.43)) atualizam linguisticamente a correlação metafórica entre orientação espacial e imoralidade, uma vez que ambos referenciam lugares caracterizados por sua posição de inferioridade espacial. Referidas à atuação dos parlamentares do Senado Federal, tais expressões linguísticas são mapeadas

⁴⁰ Tal verba era repassada clandestinamente ao Governador do DF, José Roberto Arruda, e seus colaboradores para o financiamento de campanha, caso conhecido como mensalão do DEM, que veio a público através de denúncia do próprio operador do esquema de corrupção, o secretário de governo Durval Barbosa.

sobre o domínio moral, e passam a designar toda uma gama de operações feitas às escondidas (a exemplo dos Atos secretos), à margem da lei, visando ao enriquecimento ilícito, em suma, ações contrárias aos preceitos da moralidade.

Em (B.F.46) e (B.F.53), por seu turno, o sintagma nominal **fundo do poço** evoca a orientação espacial PARA BAIXO, a fim de figurativizar o grave estado de degradação moral em que se encontrava o Senado ante os sucessivos escândalos de corrupção registrados à época. Nesse caso, o próprio substantivo **poço** imprime essa conotação, uma vez que designa uma estrutura arquitetônica que se configura como uma cavidade ou involução voltada para uma porção inferior da superfície terrestre. Além disso, ao integrar o sintagma **fundo do poço**, tal elemento lexical institui uma correlação direta entre um domínio de ordem física, a VERTICALIDADE, e um domínio de cunho abstrato, a (I)MORALIDADE, de modo que ao ponto mais inferior da gradação espacial (eixo da verticalidade) se faz corresponder, a partir do mapeamento metafórico, o nível mais crítico da imoralidade.

A representação imagética do **poço** também encontra expressão no *corpus* de charges, como podemos visualizar no texto seguinte:

(C.F.T6)



FAUSTO, JORNAL OLHO VIVO, 25/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

No texto supra-apresentado, o chargista representa visualmente a Praça dos Três Poderes em Brasília com uma enorme cratera ao centro, no interior da qual se encontra o prédio-símbolo do Congresso Nacional. Acima, no espaço que circunda a abertura formada na superfície, voltadas para baixo, pessoas observam e especulam se a instituição atingiu o **fundo do poço**.

Ao representar, em posição abaixo do nível da superfície (PARA BAIXO), a sede do poder legislativo, cuja idoneidade moral encontra-se posta em xeque em razão dos sucessivos casos de corrupção que lhe são imputados, a charge empreende a conceptualização da (i)moralidade (e por extensão, da corrupção) a partir do domínio da verticalidade. Além disso, como expusemos acima, a partir da expressão verbal **fundo do poço**, também presente na charge, instaura-se um efeito de gradação ou escalonamento dessa relação metafórica. Em outras palavras, a posição de profunda inferioridade espacial, evocada (verbo-visualmente) pela carga semântica inerente ao conceito de “fundo do poço”, metaforizaria, na charge em foco, a gravidade da crise ética vivenciada pelo Congresso à época de publicação do referido texto.

Logo, a utilização da imagem do **poço** promove, por assim dizer, uma espécie de intensificação da metáfora IMORALIDADE É PARA BAIXO (e por decorrência, uma virtual metáfora CORRUPÇÃO É PARA BAIXO). Nesse sentido, julgamos oportuno lembrar que a expressão verbal **fundo do poço** é habitualmente empregada na linguagem ordinária para se referir a uma situação-limite, de agravamento máximo de um problema, para o qual não se consegue mais divisar uma solução.

A representação metafórica da imoralidade (e da corrupção) como um conjunto de condutas espacialmente situadas em posição de inferioridade em relação à superfície também é atualizada através da imagem do **iceberg**, visualmente esboçada na charge abaixo:

(C.F.T4)



SIMON TAYLOR, CHARGE ONLINE, 14/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

A charge supracitada, intitulada **A ponta do iceberg**, estabelece uma relação analógica entre um *iceberg* e o Congresso Nacional. Este, ao modo daquela estrutura geológica,

apresentaria uma conformação dupla, composta por uma porção visível, situada em nível superior à superfície, e outra porção maior, invisível, que se caracterizaria como uma continuidade da primeira, mas que estaria oculta, em nível abaixo da superfície.

Comparada ao Congresso Nacional, a configuração do *iceberg* se coaduna exemplarmente com a conceptualização da dicotomia moralidade/imoralidade a partir da orientação espacial PARA CIMA/PARA BAIXO. A face superior ou visível dessa estrutura figurativizaria, assim, os atos praticados de maneira moral, lícita, ao passo que sua porção inferior ou oculta metaforizaria todas as práticas empreendidas à margem da lei e da moralidade. Observe-se, nesse sentido, que a “face oculta” do Congresso/*iceberg*, que constitui, inclusive, a maior parte dessa estrutura, coincide aqui com uma cavidade subterrânea, repleta de dinheiro, oriundo da percepção ilícita de vantagens por parte de parlamentares, empreendendo, assim, a atualização de uma possível metáfora CORRUPÇÃO É PARA BAIXO. Tal interpretação é, sobremaneira, reforçada pelo fato de que a charge sob análise foi publicada quando da divulgação do escândalo dos chamados Atos secretos do Senado. Assim, o chargista implícita em seu texto, via metáfora, que a atividade parlamentar no Brasil, na verdade, dá guarida a um amplo espectro de práticas ilícitas insuspeitas, visando ao favorecimento privado indevido daqueles que não são senão servidores públicos.

Julgamos pertinente ainda notar que a imagem do *iceberg* se presta, em última análise, a metaforizar o risco ou periculosidade atrelada à corrupção, enquanto subespécie da imoralidade. Assim como o *iceberg* representa um índice de perigo iminente dado que, de maneira insidiosa, pode levar ao naufrágio até mesmo embarcações de grande porte que entram em rota de colisão com aquela estrutura, também a imoralidade, configurada através da conduta corrupta (metaforizada através da parte inferior do *iceberg*), pode igualmente, por assim dizer, “tragar”, ou seja, conduzir à destruição as instituições e a própria sociedade.

4.3.2. A imoralidade como força desestabilizante: corrupção, uma trajetória descendente

Além do aspecto da retidão moral, supraexaminado, a noção de Força Moral compreende ainda o esforço empreendido para fazer face às forças do mal, representado pela imoralidade, consoante explicita Lakoff (2002). O mal (imoralidade) é, portanto, reificado como uma força desestabilizante, a qual se deve opor uma força de resistência (moralidade) a fim de superá-lo.

Logo, a metáfora da Força Moral encerra também os seguintes mapeamentos:

O MAL É UMA FORÇA DESESTABILIZANTE

MORALIDADE É FORÇA (DE RESISTÊNCIA)

A **fraqueza moral** será divisada, nesse contexto, como uma forma de imoralidade. Por outro lado, a metáfora MORALIDADE É FORÇA está intimamente articulada ao mapeamento MORALIDADE É RETIDÃO, segundo o qual a moralidade é compreendida a partir da verticalidade física, uma vez que a força do mal/imoralidade pode levar o indivíduo a não ser mais capaz de se manter de pé e, por conseguinte, cair, ou seja, metaforicamente, cometer atos imorais. Isto implica dizer, portanto, que a ação imoral é caracteristicamente conceptualizada como uma trajetória descendente, isto é, como uma passagem de uma posição espacial superior para outra inferior. Assim, conforme a lógica da metáfora da Força Moral:

FAZER O MAL É CAIR

Além disso, uma vez que a imoralidade figura nesse complexo metafórico como um fator de **desequilíbrio**, a metáfora da Força Moral encerra ainda uma relação entre os domínios da MORALIDADE e do EQUILÍBRIO (*vide 2.2.2.*) Com efeito, reiterando Lakoff e Johnson (1999), “alguém que não pode controlar a si mesmo o suficiente para se manter equilibrado é passível de cair, isto é, de cometer atos imorais a qualquer momento” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 299, tradução nossa).

Dessa forma, no interior da metáfora da Força Moral, avultam ainda os seguintes mapeamentos:

MORALIDADE É EQUILÍBRIO

SER MORAL É SER EQUILIBRADO.

Donde, por decorrência, podemos estipular:

IMORALIDADE É DESEQUILÍBRIO

SER IMORAL É SER DESEQUILIBRADO.

Ao longo dessa subseção, pretendemos avaliar de que modo os mapeamentos metafóricos supracitados concorrem para a figurativização de ações atinentes à esfera da imoralidade quando a corrupção é tematizada. Mais precisamente, tentaremos rastrear como os atos de corrupção são metaforizados no *corpus*, através de recursos linguísticos e/ou visuais, enquanto uma forma de **fraqueza ou desequilíbrio** e, de igual modo, como tomar parte em ações corruptas é metaforicamente representado como um **movimento de queda ou declínio**.

Podemos vislumbrar no *corpus*, em princípio, que a **fraqueza moral** é um traço empregado na caracterização de personagens ou instituições envolvidas ou afetadas por atos de corrupção.

(B.F.1) **Fraco** e acuado, o tri-presidente do Senado, verá suas boas intenções perderem-se no mesmo abismo que sorveu as biografias de ACM, Jader Barbalho e Renan Calheiros. (*Sarney 'combate' a crise com a cara da impotência*, BLOG DO JOSIAS, 19/06/2009)

(B.F.13) Senhor Presidente, a corrupção é um fator de desagregação política e social. Ela conduz ao desgaste e **enfraquece** profundamente a legitimidade do poder constituído. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

(B.F.22) O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), começou o dia de ontem **enfraquecido**, disposto a renunciar. Chegou a dizer a aliados que não tinha mais condições políticas de governar a Casa. (*Operação segura-Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

(B.F.10) Mesmo **fragilizado** com a divulgação de conversas de família revelando sua interferência pessoal para a nomeação do namorado de uma neta em cargo de confiança no Senado – o que se deu por meio de ato secreto -, o senador José Sarney tem dito aos aliados que não vai tomar a iniciativa de pedir licença da presidência do Senado como pedem seus críticos. (*Sarney diz que fica*, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 23/07/09)

(B.F.16) Lula deve a Sarney o apoio que ele lhe deu durante a crise do mensalão. Quer zerar a conta. E levar de troco um presidente de Senado **combalido**. (*Ação entre amigos*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

Com efeito, verificamos que os itens linguísticos em grifo nas ocorrências de *blog* acima não referenciam o domínio da FORÇA em seu sentido físico, mas antes estão sendo mapeados sobre o domínio moral. Assim, a prática de ações moralmente reprováveis, a exemplo do nepotismo ((B.F.10)), protagonizadas por agentes políticos como o presidente do Senado José Sarney, confere a estes um caráter débil (*vide*, ainda, **fraco**, **enfraquecido**, **fragilizado**, **combalido**, respectivamente).

A ação da força desestabilizante da imoralidade pode atuar sobre indivíduos e/ou instituições de modo a conduzi-los a uma condição de desequilíbrio, conforme podemos observar a partir dos itens linguísticos presentes nos fragmentos de *blog* abaixo elencados:

(B.F.28) O mais recente escândalo a **abalar** o Legislativo e a minar a confiança dos cidadãos nas instituições chega na forma de cerca de 500 documentos sigilosos, encontrados por uma auditoria interna do Senado. (*O senado é deles!*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/06/09)

(B.F.8) Sem conseguir o apoio fechado do PT ao presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), o governo quer agora que o partido se comprometa a não dar o tiro de misericórdia no aliado **cambaleante**. (*Lula quer compromisso do PT de não dar 'tiro' em Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/08/09)

(B.F.5) Pouco se lhe dá que Sarney esteja coberto de lama da cabeça aos pés. E que caso sobreviva passe a funcionar como um **pato manco** na presidência do Senado. Melhor para Lula governar com um presidente do Senado **fraco** e credor de sua ajuda. (*Sarney perdeu*, BLOG DO NOBLAT, 03/08/09)

(B.F.19) Sarney entrou **puxando por uma perna** para despachar com Lula na última sexta-feira. Saiu **amparado em um par de muletas**. (*Ação entre amigos*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

(B.F.14) Mas essa tática só terá efeito se o presidente Lula conseguir segurar o **apoio** da bancada de senadores do PT. Caso contrário, os peemedebistas reconhecem que a situação ficará muito **difícil de sustentar**. (*Tropa de choque de Sarney e Renan foi para a guerra*, BLOG DO NOBLAT, 04/08/09)

(B.F.24) Ontem à noite, ministros e líderes comemoravam o resultado da **operação segura-Sarney**. Principalmente, o fato de a bancada petista ter seguido à risca as regras ditadas por Lula. No início do dia, o líder Aloizio Mercadante (PT-SP) chegou a declarar que pediria ao peemedebista que se licenciasse do cargo durante investigações sobre as irregularidades da Casa. (*Operação segura-Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

Comportamentos imorais, tais como escândalos de corrupção envolvendo instituições como o Senado, divulgados pela mídia, levam estas a oscilar em seu eixo (*vide abalar* em (B.F.28)), o que demanda estratégias de “sustentação” (*vide* (B.F.14) e (B.F.24)) a fim de garantir a “estabilidade” política no momento de crise. De igual modo, agentes políticos acusados de atos corruptos, a exemplo do senador José Sarney, são referenciados através de itens linguísticos que indiciam ausência de firmeza e a consequente incapacidade de se manter de pé (*vide cambaleante, manco e puxando por uma perna* acima). Nos excertos suprarrelacionados, a (i)moralidade está sendo conceptualizada, pois, a partir do domínio experiencial do (DES)EQUILÍBRIO e, segundo a lógica desse mapeamento, pessoas imorais são, por conseguinte, caracterizadas por sua instabilidade física (SER IMORAL É SER DESEQUILIBRADO).

O desequilíbrio que representa metaforicamente o comportamento imoral é, por vezes, figurativizado através de um **movimento pendular ou de balanço**, realizado por agentes corruptos ou entidades afetadas por estes. A charge a seguir ilustra precisamente esse aspecto motivado pelo mapeamento IMORALIDADE É DESEQUILÍBRIO:

(C.F.T2)



BESSINHA, CHARGE ONLINE, 26/03/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

No texto acima, o chargista representa o prédio-símbolo do Congresso Nacional como uma estrutura prestes a desmoronar e que necessita, como tal, de escoras para garantir sua sustentação. O domínio-fonte (DESEQUILÍBRIO) é visualmente evocado pelas estruturas que servem de suporte à edificação, bem como pelas marcas gráficas (linhas tracejadas) ao redor do prédio, indicativas de seu movimento de oscilação. Por outro lado, o domínio experiencial do desequilíbrio é ainda linguisticamente instanciado pelo adjetivo **bambo** (i.e., mole, instável, desequilibrado), que integra a citação da frase de Fernando Henrique Cardoso, mencionada no título do texto (*O Congresso brasileiro está bambo*).

Ao retratar o prédio do Congresso Nacional como uma estrutura vacilante (ou que, literalmente, “balança”), a charge em foco atualiza a metáfora conceptual IMORALIDADE É DESEQUILÍBRIO ou, mais precisamente, o mapeamento SER IMORAL É SER DESEQUILIBRADO. Aplicadas à conceptualização de atos corruptos, as metáforas citadas, previstas no sistema metafórico da moralidade, autorizariam, por conseguinte, os possíveis mapeamentos CORRUPÇÃO É DESEQUILÍBRIO e SER CORRUPTO É SER DESEQUILIBRADO.

Vale acrescentar ainda que, nesse texto chargístico, a atualização da metáfora ocorre através de uma relação metonímica (O LUGAR PELAS PESSOAS), de modo que, ao referenciar o espaço que funciona como palco da ação imoral (corrupção), focalizam-se os indivíduos (parlamentares) que ali desempenham a atividade política sem observância aos princípios da moralidade.

A representação metafórica do Congresso como uma estrutura instável (ou sem firmeza) e que exhibe um movimento de oscilação em torno de seu eixo também será

tematizada na charge (C.F.T17) (*vide* anexos), em que as estruturas-símbolo das duas casas constitutivas do Legislativo (Senado e Câmara) são caracterizadas como parafusos “frouxos” (desequilibrados, portanto) que necessitam de regulagem ou “aperto” (retorno ao equilíbrio, ou seja, à moralidade).

Como afirmamos acima, os agentes políticos corruptos também figuram no *corpus* de charges exibindo uma postura de desequilíbrio, o que conota a sujeição daqueles à ação da força desestabilizante da imoralidade. Veja-se, a título de ilustração, o texto seguinte:

(C.F.T8)



PELICANO, BOM DIA (SP), 25/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

Nesta charge, vemos o presidente do Senado José Sarney executar uma performance típica de um artista circense (equilibrista) ao se exhibir sobre uma corda bamba equilibrando, com seu corpo, quatro objetos. Estes, por seu turno, apresentam formato similar às duas torres e às duas estruturas curvas que formam o prédio-símbolo do Congresso Nacional.

No texto gráfico em causa, Sarney, político acusado de várias denúncias de corrupção, experimenta grande dificuldade para se sustentar de pé, descrevendo, em consequência de tal esforço, um movimento de balanço, indicativo de desequilíbrio. A oscilação do personagem caricaturado é visualmente marcada pela posição de seu corpo, bem como por índices gráficos (linhas tracejadas ao redor dos objetos que este segura). Logo, flagramos na charge acima a conceptualização da (i)**moralidade** a partir do domínio do (des)**equilíbrio**, através do mapeamento SER IMORAL É SER DESEQUILIBRADO e, por extensão, SER CORRUPTO É SER DESEQUILIBRADO.

Uma vez que os objetos manipulados pelo acrobata amador simbolizam justamente o poder legislativo, a condição de instabilidade física exibida pelo agente

corrupto/desequilibrado se presta, em última análise, a metaforizar o risco que representa a corrupção para as instituições públicas. Como sabemos, o equilíbrio oferecido pela **corda bamba** é tênue, e, por conseguinte, facilmente passível de ser rompido. Na charge, as duas casas integrantes do Legislativo estão prestes a se precipitar ao chão a qualquer instante. Logo, a conduta corrupta, através do viés metafórico, revela-se algo temerário.

Atente-se, além disso, para a presença, no quadrante superior esquerdo da charge, de uma flâmula com a inscrição **Le cirque du Sarney**, numa clara alusão parodística ao nome da mundialmente famosa companhia circense **Cirque du soleil**. Julgamos que este índice empreenderia a atualização, nesse texto, de uma outra metáfora conceptual, a saber, **POLÍTICA É ESPETÁCULO** (ou, ainda, **POLÍTICA É SHOW**⁴¹). Tal efeito metafórico é produzido ao se equiparar, via metáfora, uma atividade inerente ao domínio das artes (o circo) e, portanto, da ordem do **entretenimento**, a outra esfera totalmente díspar, ou mesmo incompatível (em princípio) com a primeira, qual seja, a **política**. A atividade circense é, por excelência, o espaço do **riso**, atitude bastante diversa daquela requerida (ou pelo menos esperada) para o exercício da atividade política, supostamente pautada pela gravidade ou **seriedade**. Dessa forma, o chargista culmina por sugerir que, no Brasil, a classe política (cujo protótipo é a figura de Sarney) encontra-se pautada na ausência de seriedade e compromisso no trato com a coisa pública.

Reificada enquanto uma força física, a imoralidade pode agir sobre corpos ou objetos de modo não apenas a desequilibrá-los, mas determinar, efetivamente, sua queda. Com efeito, segundo a metáfora da Força Moral, cometer atos imorais equivale metaforicamente a descrever uma trajetória descendente (**FAZER O MAL É CAIR**). A conceptualização da ação imoral (e, por conseguinte, de atos de corrupção) como um **movimento de queda ou declínio** exibe uma recorrência bastante expressiva no *corpus*, sobretudo nos textos de charge. Observemos, primeiramente, os excertos de *blog* destacados a seguir:

(B.F.3) Longe de ser uma reputação merecedora de proteção, é uma mácula digna de investigação. Em cinco meses de presidência, Sarney produziu sua própria **ruína**. Fez isso com extraordinário desembaraço. Parece viver noutro mundo. (*Sarney se mexe e governistas decidem instalar a CPI*, BLOG DO JOSIAS, 09/07/09)

(B.F.36) Quando se refere ao risco de Brasília retornar ao seu pior passado, Arruda está sugerindo que sua **queda** significará a volta de Roriz. O que só poderia ocorrer nas próximas eleições, às quais o atual governador não poderá mais concorrer. (*A volta do “rouba, mas faz”*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 14/12/09)

⁴¹ Essa metáfora já foi descrita em Kovecses (2005) ao estudar a influência da denominada *entertainment metaphor* na cultura americana.

(B.F.17) Em quase quatro horas de interrogatório, Agaciel se defendeu das acusações e, numa demonstração de que não está disposto a **cair** sozinho, fez novas denúncias de irregularidades no Senado. (*Agaciel depõe e faz novas denúncias*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

(B.F.51) Até mesmo o presidente Lula teria ouvido de Sarney que não seria candidato. Depois, docemente constrangido, mudou de idéia. Ganhou e **mergulhou** o Senado em uma das mais graves crises de sua história, (*A crise não comove a sociedade*, BLOG DO NOBLAT, 25/06/09)

(B.F.52) Não é surpresa nem novidade a crise em que **afundou** o Senado brasileiro. Escândalos, ali, são parte do cenário, e se sucedem há anos. A novidade é o formato que tomou o episódio atual, dos atos secretos. (*Chantagem no Senado*, BLOG POLIS, 23/06/09)

Em decorrência da prática de atos corruptos, políticos como José Sarney e José Roberto Arruda, além do ex-diretor do Senado, Agaciel Maia, são caracterizados como indivíduos que experimentam um percurso de queda, isto é, a passagem de uma posição espacial superior de moralidade para outra inferior, de imoralidade, segundo a lógica da metáfora FAZER O MAL É CAIR. Vejam-se, a propósito, nos recortes citados, os substantivos **ruína** ((B.F.3)) e **queda** ((B.F.36)), bem como o verbo **cair** em (B.F.17).

Vivenciando um momento de crise em razão de numerosos casos de corrupção envolvendo, inclusive, seu presidente, o Senado brasileiro, de igual modo, exibe uma trajetória de declínio (*vide mergulhou* em (B.F.51) e *afundou* em B.F.52)), que indica metaforicamente o seu ingresso no domínio da imoralidade, conceptualizado a partir da posição de inferioridade espacial (PARA BAIXO).

A utilização da trajetória descendente para metaforizar a prática de atos de corrupção também se evidencia no *corpus* de charges. No mais das vezes, tal trajetória é visualmente identificada ao ato de **imergir** ou **afundar**. A título de ilustração, veja-se, abaixo, a charge do artista gráfico Ique:

(C.F.T13)



IQUE, BLIQUE, 14/09/09. Disponível em: <<http://blique-oblogdoiue.blogspot.com/>>.

No texto reproduzido acima, o presidente do Senado, José Sarney, figura como um personagem prestes a afundar, enquanto o senador Paulo Duque, no comando de um pequeno barco, também em vias de imergir, empreende uma tentativa de resgate do náufrago (Sarney) ao lançar-lhe uma boia em formato de pizza.

Para a compreensão dessa charge, faz-se mister acrescentar que o senador “altruísta” Paulo Duque, na condição de presidente do Conselho de Ética, esteve à frente das investigações de denúncias de corrupção contra José Sarney, processo que culminou com o arquivamento de todas as acusações. Logo, a embarcação presente na charge, não por acaso, é (ironicamente) denominada de **Ética**, e a boia, ou instrumento empregado no salvamento do “afogado”, é uma **pizza**, imagem que simboliza popularmente, no Brasil, a impunidade diante da prática de ilícitos.

Constatamos no texto sob análise a atualização do mapeamento FAZER O MAL É CAIR, constitutivo da metáfora da Força Moral. Tal instanciação ocorre precisamente à medida que um agente corrupto é figurativizado como alguém que descreve um percurso de queda, representado na charge através do ato de **imergir**. Ou seja, ao afundar, o agente imoral (Sarney) empreende a passagem de uma posição de superioridade espacial (domínio da moralidade) para um nível de inferioridade espacial (domínio da imoralidade). Logo, observamos que há uma associação intrínseca entre os mapeamentos MORALIDADE É RETIDÃO e FAZER O MAL É CAIR.

Reificada como uma embarcação na iminência de um naufrágio, também a **ética**, alvo da conduta corrupta, descreve uma trajetória de declínio, indiciada visualmente pela inclinação, voltada para baixo, exibida pelo barco presente na charge. Relativamente a esse aspecto, julgamos que a atualização da metáfora ocorre aqui de modo indireto, através de um processo metonímico (EFEITO PELA CAUSA). Nesse caso, a própria corrupção, em verdade, é o agente que determina a “submersão” da ética, o que corresponde, na prática, ao término de sua jurisdição, a partir do momento em que ocorre a passagem ao domínio da imoralidade, espacialmente situado PARA BAIXO.

A conceptualização da ação imoral como um movimento descendente, visualmente representado através do ato de **imergir** ou **afundar**, que afeta quer pessoas ou objetos, pode igualmente ser vislumbrada em diversos outros textos chargísticos integrantes do *corpus*. Vejam-se, nesse sentido, as charges (C.F.T1), (C.F.T3), (C.F.T7), (C.F.T9) e (C.F.T15), presentes no corpo de anexos deste trabalho.

Por vezes, a ação de **cair** é mesmo literalmente retratada na charge a fim de metaforizar o envolvimento de agentes políticos em práticas de corrupção. É o que podemos visualizar no texto abaixo:

(C.F.T11)



SIMON TAYLOR, CHARGE ONLINE, 01/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

A charge acima, intitulada **A queda de Arruda**, tematiza o escândalo de corrupção no qual o ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda foi acusado de chefiar um esquema de recebimento de propinas de empresas do DF, verba ilícita fartamente distribuída entre seus aliados e colaboradores. Denominado “mensalão do DEM”, tal escândalo culminou com a perda do mandato político de Arruda e provocou profundo impacto na opinião pública, em razão de ser publicizado através de registros audiovisuais em que os protagonistas enfunavam dinheiro em meias, bolsas, cuecas etc., sem esboçar qualquer constrangimento.

No texto em causa, José Arruda, trajando meias cheias de dinheiro, precipita-se ao chão brusca e violentamente, e, em razão do impacto, lança ao seu redor um jato de um líquido escuro, semelhante à lama. Tal cena causa terror aos transeuntes presentes, que apressadamente correm na tentativa de se afastar, ao máximo, do personagem “acidentado”.

A ação de **cair**, expressa no texto por meio de recursos verbais e visuais, referencia aqui não apenas a perda do cargo eletivo por parte do ex-governador Arruda. Ao ser mapeada, via metáfora, sobre o domínio moral, a trajetória de queda de Arruda marca a sua inscrição no domínio da imoralidade, à medida que promove a atualização da metáfora FAZER O MAL É CAIR. Por outro lado, julgamos que a presença na charge do líquido similar à lama atualiza, adicionalmente, a metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, já examinada neste trabalho (*vide*, particularmente, 4.1.1.).

Enquanto o movimento descendente (ou de declínio) se presta a metaforizar os atos de corrupção, circunscritos ao domínio da imoralidade, o movimento ascendente (ou de elevação) é, em contrapartida, empregado para figurativizar ações ou tentativas de resgatar a moralidade. Dessa forma, identificamos, no interior do *corpus*, a presença dessa trajetória ascendente quando se tematiza a possibilidade de elucidação de crimes de corrupção ou a adoção de medidas visando à investigação/punição de atos corruptos. Vejam-se, a propósito, os excertos de *blog* transcritos abaixo:

(B.F.61) O "mensalão do DEM" **veio à tona** com a Operação Caixa de Pandora, da Polícia Federal, há dez dias. (*Arruda lança operação-abafa para controlar CPI*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.F.57) Numa atmosfera assim, desalentadora, o contribuinte tende a usar a memória como ferramenta para esquecer o que lhe dói no bolso. Num esforço para **trazer à tona** os malfeitos que o brasileiro conhece de olvido, o "Diário do Comércio" patrocinou uma iniciativa auspiciosa. Levou à rede um Museu da Corrupção. (*Jornal brasileiro leva à web o 'Museu da Corrupção'*, BLOG DO JOSIAS, 03/05/2009)

(B.F.39) Uma comissão constituída pelo primeiro-secretário Heráclito Fortes (DEM-PI) **desencavou** cerca de três centenas de documentos sigilosos. (*Agaciel mentiu a senadores sobre os 'atos secretos'*, BLOG DO JOSIAS, 11/06/09)

(B.F.49) Escondida nas dobras da folha de pagamentos do Senado, a filha de FHC foi **desencavada** pela coluna da repórter Mônica Bergamo. (*Procurador pede a TCU apuração sobre a filha de FHC*, BLOG DO JOSIAS, 30/03/2009)

(B.F.48) Uma palavra permeou quase todas as manifestações: "reconstrução". Deseja-se **reerguer** o Senado do caos. (*Tasso pede 'desculpas' pelo destempero verbal de 5ª*, BLOG DO JOSIAS, 13/08/09)

Os itens linguísticos supradestacados instituem uma correlação metafórica entre movimento de ascensão e retorno à moralidade. De fato, tais expressões, cujo significado referencia uma trajetória ascendente, prestam-se a conceptualizar, nos respectivos fragmentos textuais, iniciativas empreendidas contra a corrupção por instâncias como a polícia ((B.F.61)), a mídia ((B.F.57) e (B.F.49)) ou o próprio poder legislativo ((B.F.39) e (B.F.48)).

As expressões em foco acionam, portanto, uma lógica inversa àquela instaurada pelo esquema metafórico previsto em FAZER O MAL É CAIR. Esse efeito metafórico é produzido à medida que tais itens linguísticos designam o ato de reconduzir algo ao nível da superfície (cf. acima **trazer à tona**, **desencavar**, **reerguer**), o que equivale ao abandono de uma posição espacial inferior (PARA BAIXO), metaforicamente associada ao domínio da IMORALIDADE, e a consequente retomada de uma posição espacial superior, ou de moralidade (PARA CIMA).

4.3.3. **Metáfora da Força Moral e corrupção política: alguns mapeamentos possíveis**

Consoante assentamos ao início desta análise, não nos será possível, quando adotamos por referência a metáfora da Força Moral, postular uma metáfora única para conceptualizar a corrupção política. Contudo, a partir do exame das manifestações dos três principais mapeamentos integrantes da metáfora da Força Moral empreendido, no âmbito limitado de nosso *corpus*, ao longo das duas subseções precedentes, podemos estipular, a título de hipótese, alguns mapeamentos específicos aplicáveis à noção de corrupção política.

A partir do mapeamento MORALIDADE É RETIDÃO, verificamos que a correlação entre verticalidade e moralidade também se evidencia quando a corrupção é tematizada, em especial, através da orientação espacial PARA BAIXO. Como vimos, a atualização dessa relação metafórica ocorre à medida que pessoas ou entidades envolvidas em atos de corrupção são representadas ocupando uma posição de inferioridade espacial (PARA BAIXO) relativamente a um ponto de referência. Desse modo, poderíamos virtualmente postular uma metáfora específica tal como:

CORRUPÇÃO É PARA BAIXO

O rastreamento dos textos constitutivos do *corpus* sob a ótica da metáfora MORALIDADE É FORÇA corroborou, por sua vez, a conceptualização da conduta corrupta como uma trajetória descendente, que se configura como uma passagem de uma posição de moralidade, espacialmente superior (PARA CIMA), para uma posição de imoralidade, espacialmente inferior (PARA BAIXO). Nos textos enfocando a temática da corrupção, essa trajetória evidenciou-se, particularmente, através de ações como **cair**, **imergir** ou **afundar**. Logo, somos levados a crer que, sob esse aspecto, a metáfora da **Força Moral** sancionaria também os mapeamentos:

CORRUPÇÃO É MOVIMENTO DESCENDENTE

CORROMPER-SE É CAIR

Por último, pautando-nos no mapeamento MORALIDADE É EQUILÍBRIO, constatamos que protagonistas de atos corrupção, bem como seus virtuais alvos (a exemplo de instituições) são metaforizados exibindo uma condição fisicamente instável ou desequilibrada, o que indicia a conceptualização da corrupção a partir do domínio-fonte DESEQUILÍBRIO. O exame de nosso *corpus* nos permitiria, assim, entrever os seguintes mapeamentos:

CORRUPÇÃO É DESEQUILÍBRIO

SER CORRUPTO É SER DESEQUILIBRADO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após empreendermos o percurso de análise aqui esboçado, julgamos ser possível tecer algumas considerações, à guisa de conclusão, em torno dos resultados obtidos com a pesquisa.

De um modo geral, podemos afirmar que a análise dos dados relativos a ambos os gêneros textuais investigados corroboram o fato de que a conceptualização da noção corrupção política se dá a partir de metáforas para a moralidade postuladas por Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002). Isso foi particularmente evidenciado, na análise apresentada, através das metáforas CORRUPÇÃO É SUJEIRA, CORRUPÇÃO É DOENÇA e do conjunto de mapeamentos subsumidos à metáfora da **Força Moral**. O quadro teórico selecionado para a descrição do fenômeno sob análise revelou-se, portanto, adequado e eficaz para a consecução dos objetivos propostos para a pesquisa.

Em segundo lugar, cumpre ressaltar que os dados analisados confirmam de modo particularmente contundente a tese do experiencialismo lakoffiano acerca da corporificação do pensamento. Com efeito, tal postulado cognitivista torna-se patente, sobremaneira, ao investigarmos conceitos circunscritos à esfera moral, a exemplo da noção de corrupção política, dado que, conforme Lakoff e Johnson (1999) e Lakoff (2002), nossas ideias relativas à moralidade são estruturadas a partir de metáforas fundadas em experiências elementares do bem-estar humano. Logo, tais metáforas se revelam “baseadas na natureza de nossos corpos e interações sociais” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 290, tradução nossa). É o que podemos constatar, por exemplo, a propósito da metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA, por meio da qual a conceptualização do alvo (CORRUPÇÃO) se dá a partir de experiências sensoriais que entretemos com elementos do domínio experiencial SUJEIRA, e das reações por estes suscitadas, a exemplo da sensação físico-psicológica do nojo. Tais resultados demonstram, de resto, a validade dos postulados da Linguística Cognitiva, segundo a qual o significado tem caráter dinâmico e enciclopédico, ou seja, é continuamente construído a partir de nossas experiências com o mundo e fundado na interface de todas as nossas capacidades cognitivas.

Como expusemos em seções anteriores, a metáfora, enquanto mapeamento transdomínio, correlaciona padrões de inferência atinentes a domínios de conhecimento com estruturas díspares – a exemplo dos domínios experienciais SUJEIRA e CORRUPÇÃO, em princípio, estanques. E é precisamente através das correspondências instituídas a partir dos mapeamentos metafóricos que uma série de acarretamentos, sob a forma de um conjunto de sentidos implícitos, é produzida, desempenhando um papel crucial na construção dos sentidos dos textos dos gêneros *blog* jornalístico e charge.

As expressões linguísticas e pictóricas metafóricas empregadas por blogueiros e chargistas concorreram para a construção de uma caracterização particularizada das práticas de corrupção na esfera política, e, por extensão, de uma imagem da política e do político brasileiro. Vale ressaltar que tal representação metafórica revelou-se eminentemente ancorada em metáforas integrantes do sistema metafórico da moralidade prioritárias no modelo moral característico da denominada, segundo Lakoff (2002), **Família do Pai Severo**, o que implicou na atribuição de uma maior relevância a fatores como **força** e **pureza** moral, bem como ideias consequentes a esta última, como a de **contaminação**.

Com efeito, constatamos que uma imagem fortemente pejorativa dos atos de corrupção e dos agentes corruptores emerge da atualização linguística e visual das metáforas examinadas. Através do mapeamento **CORRUPÇÃO É SUJEIRA**, a corrupção é conceptualizada, através da representação metafórica da sujeira, como uma prática potencialmente perigosa e contaminante para as instituições sociais, e o político corrupto é, por seu turno, caracterizado como um ser dotado de uma essência moral inerentemente impura e um caráter eminentemente baixo ou inferior, sendo, por vezes, equiparável a animais ou mesmo parasitas. A metáfora **CORRUPÇÃO É DOENÇA**, por sua vez, confere à corrupção o *status* de um quadro afeccioso temível e/ou grave, cuja periculosidade deriva, sobretudo, de seu caráter extremamente contagioso, e atribui ao corrupto a condição de doente. Por último, a partir dos mapeamentos inscritos na metáfora da **Força Moral**, a conduta corrupta é conceptualizada sob a lógica dos domínios experienciais da FORÇA e EQUILÍBRIO, o que implica na percepção do corrupto como alguém fraco e desequilibrado, propenso a “cair”, ou seja, metaforicamente, cometer atos imorais. A corrupção é, além disso, correlacionada ao domínio da verticalidade, instaurando uma topologia metafórica segundo a qual a imoralidade (e, por extensão, a corrupção) é figurada a partir da posição de inferioridade espacial (PARA BAIXO).

Desse modo, verificamos que, ao permitir compreender um tipo de experiência em termos de outro, conforme sublinham Lakoff e Johnson, “as metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.257). Por outro lado, sob o enfoque cognitivo, o pensamento, e aqui se inscrevem igualmente nossos raciocínios de ordem moral, exibe um caráter fundamentalmente imaginativo (LAKOFF; JOHNSON, 1999). A percepção que elaboramos da corrupção é, pois, filtrada pelo conjunto de metáforas que estrutura a sua conceptualização e que, em última análise, condicionará os nossos modos de se relacionar com esse fenômeno, de forma que, como ponderam Lakoff e Johnson (ibid.), “uma metáfora pode assim ser um guia para ações futuras” (Id., ibid, p.257).

Nesse sentido, a conceptualização da CORRUPÇÃO COMO DOENÇA pode, por exemplo, tanto fomentar uma atitude de alerta e a adoção de medidas preventivas para impedir sua instalação nas instituições públicas, como pode, igualmente, motivar uma reação estéril de medo, que paralisa e impede a realização efetiva de ações programadas para desarticular os mecanismos da corrupção através de meios legais. Cremos, contudo, que a investigação acerca do modo pelo qual as metáforas conceptuais podem ser ideologicamente utilizadas na esfera do discurso excede os limites e objetivos traçados para este trabalho. A despeito disso, esperamos que esta pesquisa tenha contribuído, ainda que modestamente, para descortinar a face metafórica da corrupção.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aucione. **A charge**. 1993. 330f. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: mapeando um objeto. In: _____ (org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 27-53.

AMUNDSEN, Inge. **Corruption: definitions and concepts**. Draft: Chr. Michelsen Institute Development Studies and Human Rights, 2000. Disponível em: <<http://www.u4.no/document/showdoc.cfm?id=23>>. Acesso em 09 nov. 2010.

ARISTÓTELES. **Poética**. In: BRANDÃO, Roberto de O. (org.). **A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino**. 7. ed. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997. 114 p.

AZEVEDO, Reinaldo. **Blog Reinaldo Azevedo**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/reinaldo/>>. Acesso em jan.- ago. 2009.

BARCELONA, Antônio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: _____ (ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003a, p. 1-28.

_____. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: _____ (ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003b, p. 31-58.

BORGES, André. Blog: uma ferramenta para o jornalismo. In: FERRARI, Pollyana (org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 41-52.

BOSCO, J. **Lápis de memória**. Disponível em: <<http://jboscocartuns.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

BRUNO. **Charges do Bruno**. Disponível em: <<http://chargesbruno.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

CARVALHO, José Murilo de. Passado, presente e futuro da corrupção brasileira. In: AVRITZER, Leonardo *et al.* (org.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 237-242.

CHAPMAN, H. A. *et.al.*. In bad taste: evidence for the oral origins of moral disgust. **Science**, v. 323, n. 5918, 27 feb. 2009, p. 1222-1226. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/323/5918/1222.full>>. Acesso em: 05 de jul. 2011.

CHARGE online diário: jornal de charges. Disponível em: <<http://acharge.com.br/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

EL RAFAIE, Elisabeth. Understanding visual metaphor: the example of newspaper cartoons. **Visual communication**. London, v.2, n.1, p. 75-95, 2003.

ESCOBAR, Juliana. Blogs como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 217-235.

ESPÍNDOLA, Lucienne. A charge no ensino de língua portuguesa. **Letr@ viv@**, João Pessoa, v.1, n.3, p. 107-116, 2001.

_____. A metáfora ontológica, publicidade e leitura. In: ESPÍNDOLA, Lucienne; SOUSA, Maria Ester V. de (org.). **O texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007, p. 47-64.

EVANS, Vyvyan. **A glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002. 440 p.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRAZ, Eliane Botelho. **O sistema metafórico da moralidade: uma abordagem cognitivista**. 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FIGUEIREDO, Luciano R. A corrupção no Brasil Colônia. In: AVRITZER, Leonardo *et al.* (org.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 209-218.

FORCEVILLE, Charles J. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles J.; URIOS-APARISI, Eduardo (ed.). **Multimodal metaphor**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, p. 19-42.

_____; URIOS-APARISI, Eduardo (ed.). **Multimodal metaphor**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. 470 p.

FRANK. **Xarjincasa**. Disponível em: <<http://www.xarjincasa.com.br/>>. Acesso em: jan.-dez. 2009.

FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Campinas: Papirus, 1992. 308 p.

GEERAERTS, Dirk. Cognitive linguistics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (ed.). **Handbook of pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Co, 1995, p. 111-116.

_____. **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. 485 p.

GIBBS, Raymond W. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.22, n. especial, 2006 (versão em pdf).

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22nspe/a03v22s.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2007.

GILMAR. **Gilmar online**. Disponível em: <<http://gilmaronline.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

GRADY, Joseph. E. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. 1997. 299f. Dissertation (PhD. in Linguistics), University of California, Berkeley.

_____; OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Blending and metaphor. In: STEEN, Gerard; GIBBS, Raymond (ed.). **Metaphor in cognitive linguistics**: selected papers from the 5th International Cognitive Linguistics Conference. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

HIPPOLITO, Lucia. **Blog da Lucia Hippolito**: a política trocada em miúdos. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/luciahippolito/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

JEAN. **Jean blog**. Disponível em: <<http://jeangalvao.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

JOHNSON, Mark. **Moral imagination**: implications of cognitive science for ethics. Chicago: University of Chicago Press, 1993. 287 p.

IQUE. **Blique**: o blog do Ique. Disponível em: <<http://blique-oblogdoique.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 110-119.

KÖVECSES, Zóltan. **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2002. 285 p.

_____. **Metaphor in culture**: universality and variation. New York: Cambridge University Press, 2005. 314 p.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987. 632 p.

_____. **Moral politics**: how liberals and conservatives think. 2nd. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2002. 471 p.

_____. Contemporary theory of metaphor. In: GEERAERTS, Dirk. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 185-238.

_____. **The political mind**: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics. New York: Penguin Books, 2009. 292 p.

_____; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. 242 p.

_____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999. 624 p.

_____. **Metáforas da Vida Cotidiana**. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercados de Letras; São Paulo: EDUC, 2002. 360 p.

_____. Afterword. In: **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003, p. 243-276.

_____. TURNER, Mark. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. 230 p.

LE GOFF, Jacques (org.). **As doenças têm história**. Trad. Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1985.

LEMOS, André. Prefácio. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 7-19.

LÔBO, Cristiana. **Cristiana Lôbo**: os bastidores da política. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/cristianalobo>>. Acesso em jan.-dez. 2009.

LUTE. **Blog do Lute**. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

MARENCO, André. Financiamento de campanhas eleitorais. In: AVRITZER, Leonardo *et al.* (org.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 381-387.

MARINGONI, Gilberto. Humor da charge política no jornal. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.3, n.7, p. 85-91, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4316/4046>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 208 p.

MIANI, Rozinaldo Antônio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, XXIV, 2001, Campo Grande. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/5090/1/NP16MIANI.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto S. Corrupção no Brasil republicano – 1954-1964. In: AVRITZER, Leonardo *et al.* (org.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 243-249.

MONTENEGRO, Sérgio. **Polis: política e cotidiano.** Disponível em: <<http://polislivre.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

NANI. **Nanihumor.** Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

NOBLAT, Ricardo. **Blog do Noblat.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

OLIVEIRA, Neide Aparecida A.; ALMEIDA, Lara Monique O. Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges. **Janus**, Lorena, ano 3, n.4, p. 77-91, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/38/41>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

PELICANO. **Movimento das artes.** Disponível em: <<http://www.movimentodasartes.com.br/pelicano/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978. 792 p.

RABELLO, João Bosco. **João Bosco Rabello: política direto de Brasília.** Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/joao-bosco/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

RADDEN, Gunter. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, Antônio. **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003a, p. 93-108.

_____; KÖVECSES, Zóltan. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus Uwe; RADDEN, Gunter (ed.). **Metonymy in language and thought.** Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 17-59.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos.** Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

RICO. **Rico cartum.** Disponível em: <<http://ricostudio.blogspot.com/>>. Acesso em: jan.-dez. 2009.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva.** Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000. 500 p.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo.** Maringá: EDUEM, 2000. 205 p.

SAKATE, Marcelo; BARRUCHO Luís G. 5 desafios de Mantega. **VEJA**, São Paulo, ed. 2192, ano 43, n.47, p. 124-126, 24 de novembro de 2010.

SALVADOR, Son. **Charges do Son.** Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>. Acesso em: jan.-dez. 2009.

SANTAYANA, Mauro; CORRÊA, Villas-Bôas; FIGUEIREDO, Wilson. **Coisas da política**. Disponível em: <<http://jblog.com.br/politica.php>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41, 2007.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio C. O conceito de saúde. **Saúde Pública**, v.31, n.5, p. 538-542, 1997.

SHAKESPEARE, William. Macbeth. In: **William Shakespeare: obra completa**, v.1. Trad. Fernando C. A. Cunha Medeiros. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1989, p. 475-528.

SOARES, Luiz Eduardo. Crime organizado. In: AVRITZER, Leonardo *et al.* (org.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 405-412.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. Trad. Rubens Figueiredo/Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Josias de. **JOSIAS DE SOUZA nos bastidores do poder**. Disponível em: <<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: jan.- dez. 2009.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. 247 p.

ZHONG, Chen-Bo; LILJENQUIST, Kate. Whashing way your sins: threatened morality and physical cleansing. **Science**, v. 313, n. 5792, 8 sept. 2006, p. 1451-52. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/313/5792/1451>>. Acesso em: 04 nov. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – *Corpus 1*: Recortes textuais do gênero *blog*

METÁFORA: CORRUPÇÃO É SUJEIRA

(B.S.1) Entre os senadores que agregaram servidores às respectivas equipes por meio de atos **tisnados** pelo sigilo há quatro titulares do "Conselho de Ética". Pelas contas do Senado, foram pendurados na folha do Senado, secretamente, algo como 200 funcionários. Gente que entrou pela janela, sem concurso. (*Senador não devolverá verba elevada em 'segredo'*, BLOG DO JOSIAS, 17/07/09)

(B.S.2) É forte, muito forte, fortíssimo o **cheiro de estrume** que **exala** do Conselho de (a)Ética de um Senado que, por inqualificável, é cada vez mais fácil de qualificar. (*Miliciano de Renan virou chefe do clube de (a)Ética*, BLOG DO JOSIAS, 15/07/09)

(B.S.3) Sarney respondeu à **aparência malcheirosa** da gestão de sua fundação do mesmo modo como vem reagindo a todas as más notícias que o assediam. Virou o nariz. Disse, em nota e em rápida manifestação no plenário, que não participa da administração da fundação. (*Firma varejista dá 'aula de arte' na Fundação Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 12/07/09)

(B.S.4) Para a imprensa e para as ruas, Sarney ganha gradativamente o semblante de um político comum. Aos pouquinhos, Sarney vira Sarney. Longe de ser uma reputação merecedora de proteção, é uma **mácula** digna de investigação. (*Sarney se mexe e governistas decidem instalar a CPI*, BLOG DO JOSIAS, 09/07/2009)

(B.S.5) Desde fevereiro, o Senado frequenta o noticiário como uma espécie de tapete metafórico. Esconde um impressionante **monturo de sujeira** não investigada. O tapete é enorme. Mas tornou-se pequeno. A **sujeira** vaza pelas bordas. No último final de semana, novos **detritos** ganharam as manchetes. (*Senado decide unificar 'contas' geridas sem controle*, BLOG DO JOSIAS, 06/07/09)

(B.S.6) Nesta segunda (6), o primeiro-secretário Heráclito Fortes, escalado para o papel de **lixeiro**, informou que a trinca de contas será unificada numa só. Disse que conselho de fiscalização será "reativado". Terá 11 integrantes. São providências complementares a uma outra, anunciada no domingo (5). Indicado por Heráclito, o novo diretor-geral do Senado, Haroldo Tajra, prometera contratar uma auditoria externa saber o que Agaciel fez com as tais contas. (*Senado decide unificar 'contas' geridas sem controle*, BLOG DO JOSIAS, 06/07/09)

(B.S.7) O que mais incomoda na gestão do **lixo** é a sensação de que o Senado faz por pressão aquilo que deixou de fazer por obrigação. (*Senado decide unificar 'contas' geridas sem controle*, BLOG DO JOSIAS, 06/07/09)

(B.S.8) Nos últimos dias, a cuia do Senado, emborcada para baixo, em formato de quindim, passou a ser assediada por aves catartidiformes, cabeças peladas, penas pretas. São urubus. Flagrados pelas lentes do repórter Lula Marques, pareciam farejar os **odores da decomposição** do Senado. O olfato do urubu, por aguçado, não falha. (*Senado detecta sobrepreço de R\$ 46 mi em contratos*, BLOG DO JOSIAS, 05/07/09)

(B.S.9) Dentro do prédio, um grupo de técnicos levou ao **monturo de lixo tóxico** que infesta o Senado um novo e vistoso **detrito**. Os técnicos foram escalados para esquadrihar com lupa um lote de 34 contratos assinados com empresas fornecedoras de mão-de-obra. Por meio deles, empregaram-se no Senado 3.516 servidores. São chamados de "terceirizados". Custam à Viúva R\$ 155 milhões por ano. Constatou-se, segundo apurou o *blog*, que há nesse valor um sobrepreço de pelo menos R\$ 46 milhões. Coisa de 30%. (*Senado detecta sobrepreço de R\$ 46 mi em contratos*, BLOG DO JOSIAS, 05/07/09)

(B.S.10) O Senado estima que, para organizar uma nova licitação, precisa de pelo menos 90 dias. Restam duas alternativas: ou os terceirizados são mandados ao olho da rua ou renovam-se

temporariamente os **contratos malcheirosos**. (*Senado detecta sobrepreço de R\$ 46 mi em contratos*, BLOG DO JOSIAS, 05/07/09)

(B.S.11) Para livrar sua “presidência” das aspas que a **conspurcam**, Sarney tramou uma ressurreição “nos braços do PT”. (*História secreta da simulação da renúncia de Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 04/07/09)

(B.S.12) A PF informou ontem que está realizando um **pente fino** nos contratos com as instituições financeiras que operavam o crédito consignado do Senado para verificar indícios de crimes e estabelecer a cadeia de responsabilidades. (*Sarney e neto vão depor à PF sobre crédito consignado*, BLOG DO REINALDO AZEVEDO, 01/07/09)

(B.S.13) De resto, o Senado está sem presidente. Sarney hoje apenas se esforça para livrar dos **escombros** o que resta de sua biografia. (*Dem retira apoio a sarney. “cada um com os seus problemas”*, BLOG DO REINALDO AZEVEDO, 30/06/09)

(B.S.14) Não haverá **limpeza** no Senado se os **podres** ficarem escondidos. Por outro lado, a quem cobramos que **limpe** o Senado? Aos mais **enlameados**? . (*Renan ameaça acusar Virgílio de quebra de decoro*, BLOG DO NOBLAT, 28/07/09)

(B.S.15) O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa, acatou na íntegra a denúncia do Ministério Público (MP) e aceitou a abertura de processo penal contra o senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG) por **lavagem de dinheiro**. (*Barbosa acata na íntegra denúncia do MP contra Azeredo*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.16) Os investigadores da Operação Castelo de Areia identificaram "grande volume" de recibos correspondentes a doações eleitorais realizadas pela construtora Camargo Corrêa - alvo maior de investigação sobre suposto esquema de evasão de divisas, **lavagem de dinheiro** e formação de quadrilha. (*PF vê corrida de políticos para "lavar" doações*, BLOG DO NOBLAT, 30/07/09)

(B.S.17) Sem os votos do PT, Sarney permanecerá onde está. Essa é uma situação cômoda para a oposição. Ela jogará a culpa no PT. E incômoda para quem cobra uma **limpeza** no Senado. (*Põe na conta do PT*, BLOG DO NOBLAT, 13/08/09)

(B.S.18) A tentativa de aplacar a crise política que ameaça até o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), a direção da Casa iniciou uma **limpeza** em cargos administrativos estratégicos. (*Senado anuncia exoneração de quatro nomes*, BLOG DO NOBLAT, 29/06/09)

(B.S.19) Que os otimistas me desculpem, mas até agora a única boa nova para a **lavagem geral** das entranhas do Senado da república é a solicitação de auditoria externa a ser executada pelo Tribunal de Contas da União (TCU). (*Auditoria no Senado é pouco*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.S.20) Ou seja, se for para fazer uma **limpeza** no modo de funcionamento do Senado, a auditoria é só o começo. (*Auditoria no Senado é pouco*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.S.21) A **limpeza** de uma casa depende menos do número de vezes que é **varrida** ao longo do dia que do empenho de seus habitantes de conservá-la em boas condições de **higiene**. Quem joga **lixo** nas salas e nos corredores deve ser convencido de que tal conduta é inaceitável para os demais ocupantes. E, se insistir em seus hábitos contrários a **higiene**, colocado na rua por decisão deles ou do eleitorado. (*Ditadura por plebiscito*, BLOG DO NOBLAT, 09/04/09)

(B.S.22) Fechar a casa em nada contribui para **higienizá-la**, mas sim para que o **pó** e o **mofo** se acumulem, nela mesmo e nos demais poderes que ao Congresso incumbe fiscalizar. (*Ditadura por plebiscito*, BLOG DO NOBLAT, 09/04/09)

(B.S.23) Todos, no âmbito parlamentar, têm algum viés com as anomalias presentemente em pauta: nepotismo, farra das passagens aéreas, empreguismo, tráfico de influências. Alguns, como o próprio Sarney, incidem em todas. É estratégico começar com o cabeça da principal instituição, o Senado, pois, a partir dele (e por causa dele), virão outros, como num jogo de dominó. Para o eleitor, nada melhor. Abre-se a oportunidade de uma **faxina** em regra, que, no entanto, pode ser interrompida pelo pacto do “**lixo embaixo do tapete**”, que prevaleceu em outras ocasiões. (*Crise vira guerra de extermínio*, BLOG DO NOBLAT, 01/08/09)

(B.S.24) A pesquisa mostra que a maioria das pessoas consultadas (89%) afirma, com base nas medidas anunciadas, que a “**faxina**” da Casa dependerá da reforma administrativa, do corte de 10% dos gastos do Senado (88%), da redução do número de diretores (84%) e da limitação no uso de passagens pelos senadores (86%). (*Crise atingiu imagem da instituição, diz pesquisa*, BLOG DO NOBLAT, 15/07/09)

(B.S.25) A **faxina** que pede o Senado vai muito além de uma mera mudança de normas para contratação de pessoas. Ou simplesmente mudança de normas - por mais abrangentes que elas possam ser. (*A receita de Lula para acabar com a crise do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.S.26) Ficou apertado o cronograma do Senado para concretizar a anunciada **faxina** nos contratos que a Casa mantém com prestadoras de serviço. (*As empresas intocáveis*, BLOG DO NOBLAT, 27/05/09)

(B.S.27) O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), usou a tribuna da Casa nesta terça-feira para defender uma “**faxina**” na Infraero, mas também criticou a forma como foram realizadas as demissões de apadrinhados políticos na estatal. (*Jucá nega pressão contra demissões na Infraero*, BLOG DO NOBLAT, 13/05/09)

(B.S.28) Considerando que existem os justos, mas os pecadores são maioria, o que fazer? Seguindo a lógica cristã, perdoar e exigir uma nova conduta. Por exemplo, José Sarney – que tanto fez para o seu grupo político – poderia, no final de sua carreira política, realizar uma **faxina ética** e burocrática no Senado. (*Justos e Pecadores*, BLOG DO NOBLAT, 07/05/09)

(B.S.29) Além de identificar 203 cargos de confiança na diretoria-geral do Senado, a **faxina** que está sendo feita na Casa descobriu que o ex-diretor Agaciel Maia reservou 150 dessas vagas para os senadores preencherem. (*Ex-diretor reservava 150 vagas para ratear entre senadores*, BLOG DO NOBLAT, 25/03/09)

(B.S.30) Na verdade, Lula só quer ser deixado livre para tentar salvar o aliado. Pouco se lhe dá que Sarney esteja **coberto de lama da cabeça aos pés**. E que caso sobreviva passe a funcionar como um pato manco na presidência do Senado. (*Sarney perdeu*, BLOG DO NOBLAT, 03/08/09)

(B.S.31) A corrupção não é uma **nódoa** que **manche** a biografia de alguns governos e de outros não. Todos os governos são corruptos — uns mais, outros menos, aqui e em qualquer parte. O exercício do poder, especialmente no âmbito da administração pública, facilita e estimula as falcaturas. (*A Lama do Brejal*, BLOG DO NOBLAT, 29/07/09)

(B.S.32) Nem o governo, nem parlamentares atingidos por denúncias, se preocupam primeiro em provar sua inocência. Chantageiam com a ameaça de provar a culpa dos adversários. Essa tem sido a marca dos dois mandatos de Lula. Se necessário, **emporcalhe-se** tudo. Na medida em que todos fiquem **enlameados**, todos se salvam. (*Lama em todos para que todos se salvem*, BLOG DO NOBLAT, 24/07/09)

(B.S.33) À medida em que se ilumina os porões do Senado mais **lama** se encontra ali acumulada. Lembram do mar de lama que os adversários do presidente Getúlio Vargas apontavam como prestes a engolir o governo dele? Não passava de um tímido brejal se comparado com o **mar de lama** que

ameaça engolir o Senado. (*O mar de lama que ameaça tragar o Senado*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(B.S.34) Por cumplicidade, conivência, omissão ou mesmo descaso, todos os senadores e senadoras estão envolvidos na **lama** que escorre por todos os poros do Senado Federal. (*No Senado não há inocentes*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(B.S.35) Nunca antes na história deste país um Congresso **chafurdou** tão fundo na **lama**. O crescimento, ali, do número de bandidos tem a ver diretamente com a crescente influência do dinheiro no resultado das eleições. (*Um cara feliz*, BLOG DO NOBLAT, 20/04/09)

(B.S.36) Garibaldi autorizou pagamento de verba de passagens a viúva de Jefferson Péres. Ex-presidente do Senado diz que não vai pedir a restituição do dinheiro. Viúva de Péres diz ter direito à verba e que o Senado é 'um **mar de lama**'. (*Viúva de Jefferson diz que Senado é "um mar de lama"*, BLOG DO NOBLAT, 17/04/09)

(B.S.37) Cada vez que se divulga algum fato que deixa mal um senador, a maioria dos outros corre atrás do atingido para implorar pelo amor de Deus que desista de qualquer reação capaz de fazer transbordar mais **lama**. (*Crise no Senado - Tião permanece na berlinda*, BLOG DO NOBLAT, 19/03/09)

(B.S.38) Ele, que pretendia com o atual mandato, que diz ser o último, coroar sua vitoriosa biografia, corre agora o risco de **borrá-la**, em meio a denúncias de favorecimentos fisiológicos, que não poupam sua filha e herdeira política, Roseana Sarney (PMDB-MA). (*Crise estimula discurso moralista*, BLOG DO NOBLAT, 21/03/09)

(B.S.39) O PMDB reage e joga **lama** no ventilador do PT. Viana foi acusado de ceder à filha um telefone celular do Senado, sem limites de gastos, para uma viagem de férias ao México. Foi também denunciado por supostas despesas médicas milionárias. (*Crise estimula discurso moralista*, BLOG DO NOBLAT, 21/03/09)

(B.S.40) O Congresso **cheira mal**. Mas direita e esquerda, governo e oposição, só se preocupam em reduzir os estragos provocados pelos escândalos que pipocam a cada dia. (*Vamos assumir: a culpa é nossa!*, BLOG DO NOBLAT, 20/03/09)

(B.S.41) O senador José Sarney (PMDB-AP) diz que é um homem sem futuro - só tem passado. Nada mais teria a perder. Com isso insinua sua disposição para **varrer o lixo** que se acumula nos gabinetes e corredores do Senado. (*Vamos assumir: a culpa é nossa!*, BLOG DO NOBLAT, 20/03/09)

(B.S.42) O senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) contestou, nesta quinta-feira (2), reportagem do jornal Folha de S. Paulo segundo a qual ele teria utilizado sua cota de passagens aéreas disponibilizada pelo Senado para fretar jatos particulares e até comprar combustível para seu próprio avião. Ele classificou as acusações como "insinuações falsas" que visam **manchar** a sua biografia e disse que se for comprovado ter havido alguma ilegalidade no uso da cota, ou se gastou pelo menos o equivalente à sua cota anual, devolverá esse valor em dobro ao erário. (*Jereissati explica suas viagens de jatinho*, BLOG DO NOBLAT, 02/04/09)

(B.S.43) Por outro lado, tenho a impressão de que a gente se cansa de, o tempo inteiro, discutir os mesmos escândalos, a mesma corrupção, a mesma falta de moral e princípios éticos, a mesma **sujeira** na política, com os mesmos protagonistas de sempre. (*Necessidade e luxo*, BLOG DO NOBLAT, 24/08/09)

(B.S.44) O presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), vai propor um pacto para tentar encerrar a crise no Senado. Presidente licenciado do PMDB, ele está articulando uma reunião para segunda ou terça-feira entre os líderes dos partidos na Casa e os presidentes das legendas. O objetivo,

disse, não é colocar **sujeira embaixo do tapete**, mas "pacificar" o Senado. (*Temer vai propor pacto para liquidar crise*, BLOG DO NOBLAT, 08/08/09)

(B.S.45) Ganharemos todos se a **lavagem pública de roupa** livrar o Senado de parte da **sujeira** que se acumula ali. Perderemos se firmarem qualquer pacto de silêncio para salvar reputações. Ainda não terminou a eleição para presidência do Senado travada entre Sarney e Tião, e ganha pelo primeiro. (*O segundo turno da eleição para presidente do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 18/03/09)

(B.S.46) O que é o caixa dois? Dinheiro **porco**. Sai **emporcalhado** das arcas da empresa que dá, entra **imundo** na escrituração do candidato que recebe...

...E desce **sujo** ao bolso do marqueteiro e outros prestadores de serviços de campanha. (*No Brasil, as leis só alcançam o caixa dois do camelo*, BLOG DO JOSIAS, 29/03/09)

(B.S.47) A reforma administrativa encomendada pelo presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), à Fundação Getúlio Vargas (FGV) traz a expectativa de a instituição **se passar a limpo**, diante dos escândalos em série protagonizados nos últimos dois meses. (*Senado se divide entre o ceticismo e a mudança*, BLOG DO NOBLAT, 12/4/2009)

(B.S.48) Heráclito explicou que a **limpeza** terá sequência. Bom, muito bom, ótimo. Sobreviveram aos cortes 131 diretores. Ainda um acinte. (*Senado destitui 50 diretores e economiza R\$ 400 mil*, BLOG DO JOSIAS, 20/03/2009)

(B.S.49) Líder de Lula no Senado, Jucá subiu à tribuna para comentar o **expurgo** dos parentes de políticos que se alojavam na estatal que gere os aeroportos. (*Jucá: 'O Jobim precisa informar quem suja Infraero'*, BLOG DO JOSIAS, 12/05/2009)

(B.S.50) De há muito que o Congresso **cheira mal** – mais precisamente desde que voltou a funcionar em sua plenitude com o fim da ditadura militar de 21 anos inaugurada em abril de 1964. (*A crise fica*, BLOG DO NOBLAT, 22/6/2009)

(B.S.51) Não há dúvida, de resto, que o Senado é feito de **podridão** e de política. Do mesmo modo, pode-se afirmar que, ao fechar as narinas para **o podre**, Dilma não está senão movendo-se por “interesse político”. Só fareja 2010. (*Dilma: 'demonizar' Sarney é o caminho para a 'pizza'*, BLOG DO JOSIAS, 10/07/09)

(B.S.52) Eduardo Suplicy (PT-SP) é um deles. Nesta terça (25), o petista levou à tribuna, de novo, **o lixo** que escapa pelas bordas do tapete. Empilhou as denúncias que **enodoam** a biografia de Sarney e que o Conselho de (a)Ética esquivou-se de apurar. (*Suplicy afirma que Sarney merece o cartão vermelho*, BLOG DO JOSIAS, 25/08/2009)

(B.S.53) Como que decidido a fustigar o colega de partido, Jucá disse que “ministro da Defesa tem que entender de defesa”. O senador está ligado por parentesco e afinidade a dois dos demitidos na “**limpeza**” da Infraero (...) (*Jucá: 'O Jobim precisa informar quem suja Infraero'*, BLOG DO JOSIAS, 12/05/2009)

(B.S.54) No seu discurso, Jucá questionou os vocábulos que permeiam o noticiário sobre a remodelagem da Infraero. “O termo usado é **faxina, limpeza** na Infraero. O Jobim tem obrigação de dizer os nomes...”

“Quem está **limpando** e **faxinando** sem dizer quem está **sujando** comete atos que geram leviandades”. (*Jucá: 'O Jobim precisa informar quem suja Infraero'*, BLOG DO JOSIAS, 12/05/2009)

(B.S.55) No Senado dos dias que correm, a cafajestice tem cara de cafajestice. O **repugnante** tem cara de **repugnante**. A **imundície** tem cara de **lama**. Diante de um cenário assim, tão claramente **sujo**, só

há duas alternativas: ou o senador empunha o frasco de **detergente** ou se associa à conivência. (*Virgílio para Sarney: 'V. Exa. não precisa sobreviver'*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.S.56) Deve-se a revelação da malfeitoria aos repórteres Leandro Cólón e Rosa Costa. O **odor** chamou a atenção do representante do Ministério Público no TCU. Chama-se Marinus Marsico. Nos próximos dias, o procurador Marsico endereçará à presidência do Senado ofício requisitando os papéis secretos já desencavados. (*Agaciel mentiu a senadores sobre os 'atos secretos'*, BLOG DO JOSIAS, 11/06/09)

(B.S.57) Chama-se Pietro Francesco Giavina Bianchi o executivo que guardava em casa o papelório **malcheiroso**. (*'Castelo de Areia': PF apura nova pista de corrupção*, BLOG DO JOSIAS, 13/06/09)

(B.S.58) Súbito, saltou do **monturo** a mutreta dos atos secretos. Sarney ligou o piloto automático. Negou. Apareceu um neto. Disse que não sabia. (*Sarney 'combate' a crise com a cara da impotência*, BLOG DO JOSIAS, 19/06/2009)

(B.S.59) Há uma fome de **limpeza** no ar. A reiteração da indecência, um caso se sucedendo ao outro, expôs no Senado a cara de um monstro medonho: a impunidade. (*Virgílio para Sarney: 'V. Exa. não precisa sobreviver'*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.S.60) No Senado, o dinheiro ganhou um formato ideal, que mãe nenhuma foi capaz de prever. Ali, as notas viraram “atos secretos”. Nada mais **anti-séptico** do que o dinheiro convertido em papéis que não podem ser tocados nem pelo olho de estranhos. (*Atos secretos do Senado elevaram salário de Agaciel*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.S.61) Deve-se ao repórter Leonardo Souza a penúltima descoberta sobre as serventias dos atos **higienizados** do Senado. (*Atos secretos do Senado elevaram salário de Agaciel*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.S.62) Os números, que se baseiam em levantamento do Tribunal Superior Eleitoral, serão apresentados hoje ao Congresso Nacional pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE), que tem agora o objetivo de sensibilizar os parlamentares para uma nova causa: a proposta de iniciativa popular que tenta barrar os chamados candidatos **fichas-sujas**. (*Depois da compra de votos, movimento ataca fichas-sujas*, BLOG DO NOBLAT, 29/09/09)

(B.S.63) Lula perguntou à platéia: “Vocês sabem por que tem tanta coisa de corrupção na televisão e nos jornais?” Respondeu: “É porque a corrupção só aparece nos jornais quando você está investigando”. Louve-se a esperteza de Lula. Graças a ela, o país dá de cara com a política real de um Brasil gelatinoso. Um país feito de inércia, de bigodes **viscosos**, da grandeza da vista curta, da sofreguidão dos interesses mesquinhos. (*Teatro do Senado mostra do que é feito um senador*, BLOG DO JOSIAS, 19/08/09)

(B.S.64) Antes, o Senado expunha os seus contornos **apodrecidos**. Agora, mostra as vísceras. (*Embora no fundo do poço, Senado não para de cavar*, BLOG DO JOSIAS, 06/08/09)

(B.S.65) Por comisseração, ninguém disse em voz alta, mas o Sarney virou um cadáver político. Refugiara-se nas brumas do recesso certo de que a fornalha da crise esfriaria. A encrenca não tirou férias, contudo. Continuou crepitando nas manchetes. A presidência de Sarney, que já **não cheirava bem**, entrou **em estado de putrefação**. (*Agenda de um senador em estágio de decomposição*, BLOG DO JOSIAS, 03/08/09)

(B.S.66) O senador trocou, nesta quinta (19), a atmosfera **conspurcada** de Brasília pelo ambiente festivo do Amapá. (*Fustigado em Brasília, Sarney vira um 'rei' no Amapá*, BLOG DO JOSIAS, 20/03/09)

(B.S.67) Assim como fizera o Lula do mensalão, o FHC do “camargão” serve-se de uma velha artimanha. Truque tosco, manjado. Funciona assim: Como o dinheiro **sujo** é telhado de vidro comum a todas as legendas, a punição de uma arrastaria as demais. (*No Brasil, as leis só alcançam o caixa dois do camelo*, BLOG DO JOSIAS, 29/03/09)

(B.S.68) Ninguém jamais se igualou ao ex-governador paulista em escândalos de desvio e **lavagem de dinheiro público**. (*Maluf, um clássico*, BLOG DO NOBLAT, 04/04/09)

(B.S.69) "Hoje, posso afirmar que ao menos 93 milhões de dólares foram furtados da prefeitura de São Paulo por Paulo Maluf. O dinheiro deu a volta ao mundo para ser **lavado**, mas descobrimos seu paradeiro: voltou ao Brasil, como se fosse um investimento feito a partir do Deutsche Bank da Ilha de Jersey em debêntures da Eucatex, a empresa de Maluf", explica o promotor. (*Maluf, um clássico*, BLOG DO NOBLAT, 04/04/09)

(B.S.70) A delegada da PF Karina Murakami Souza relacionou e lacrou todos os itens recolhidos na casa de Bianchi, apontado como um dos integrantes de suposta organização criminosa para **lavagem de dinheiro**, evasão de divisas e crimes financeiros. (*Dossiê pode comprovar doações "por fora"*, BLOG DO NOBLAT, 05/04/09)

(B.S.71) Reportagem de **Maria Lima**, publicada na edição deste domingo de O GLOBO, mostra que o senador é investigado por participação em esquema de **lavagem de dinheiro**, superfaturamento, pagamento de propina e desvio de R\$ 25 milhões de recursos, principalmente de emendas parlamentares, destinados à construção de, justamente, moradias populares, em Tocantins. (*Quintanilha tem inquéritos no STF*, BLOG DO NOBLAT, 12/04/09)

(B.S.72) Joaquim deu razão ao Ministério Público. E votou a favor da conversão desse naco da denúncia em ação penal contra Azeredo. O senador é acusado também de **lavagem de dinheiro**. (*Relator vota pela abertura de ação no tucanoduto-MG*, BLOG DO JOSIAS, 04/11/2009)

(B.S.73) Ricardo Caldas afirma acreditar que somente uma reforma política poderia aprofundar o controle de gastos do Legislativo e renovar o Congresso."Mas a mudança não pode ser cosmética. Caso contrário, será apenas uma reforma eleitoral. Com as devidas exceções, acho que essa legislatura está **contaminada**", afirmou o cientista político. (*Para especialistas, medidas ainda são insuficientes*, BLOG DO NOBLAT, 23/04/09)

(B.S.74) Lula conseguiu contornar a crise, reeleger-se e tornar-se o presidente mais popular da história. Agora, quer aproveitar a onda para **limpar** também a **mancha** na biografia. Em entrevista a um programa político da RedeTV!, o presidente disse que o mensalão foi uma tentativa de golpe: "Foi a maior armação já feita contra o governo". (*Teoria da conspiração*, BLOG DO NOBLAT, 14/11/09)

(B.S.75) Antonio Fernando não trata de escrituração eleitoral paralela em sua denúncia. Acusa Azeredo de dois crimes: peculato e **lavagem de dinheiro**. (*STF inicia nesta 4ª julgamento do tucanoduto de MG*, BLOG DO JOSIAS, 04/11/2009)

(B.S.76) Como fez com o peculato, Barbosa também deve pedir a abertura de processo por **lavagem de dinheiro**. Para que Azeredo vire réu é preciso que a maioria dos ministros sigam Barbosa e aceitem a abertura de processo penal contra o senador. (*Supremo retoma julgamento do mensalão mineiro*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.77) Ontem, o relator, ministro Joaquim Barbosa, pediu a abertura de processo pelos crimes de peculato. Hoje deve aceitar pelo crime de **lavagem de dinheiro**. Para virar réu, a maioria dos 11 ministros precisa votar pela abertura do processo. (*Azeredo evoca o 'não sabia' de Lula no caso do mensalão*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.78) O deputado José Genoíno (PT-SP), réu no processo do mensalão que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), subiu à tribuna nesta quarta-feira para criticar o projeto de iniciativa popular que tenta barrar a candidatura dos que respondem a processos na Justiça, os chamados **fichas-sujas**. (*Genoíno defende candidatura dos 'fichas-sujas'*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.79) - Os senhores sabem como se constituiu o autoritarismo nos regimes de terror, no mundo. Começa com a ideia de que há um maniqueísmo dos **puros** e dos **impuros**. Começa com a ideia de que tem que hostilizar, de que tem que criminalizar. Se este projeto tramitar na Câmara, centenas de prefeitos, alguns governadores e até presidente da República que, por ação de improbidade recebida pelo juiz em primeira instância, estariam impedidos de se candidatar. (*Genoíno defende candidatura dos 'fichas-sujas'*, BLOG DO NOBLAT, 05/11/09)

(B.S.80) O líder do PT, deputado Candido Vaccarezza (SP), afirma que o projeto não é prioritário. Como, assim?! Exigir que os candidatos tenham **ficha limpa** não é prioritário?! (*O mundo nos ombros do eleitor*, BLOG DE LÚCIA HIPOLITO, 21/11/09)

(B.S.81) A Câmara não cassa o mandato de mensaleiros confessos, sanguessugas, aloprados e corruptos de todos os matizes e existentes em todos os partidos. Estes, os partidos políticos, por sua vez, não negam legenda a candidatos com prontuário no lugar do currículo. Fichas **sujíssimas** beneficiam-se dos votos de candidatos honestos. (*O mundo nos ombros do eleitor*, BLOG DE LÚCIA HIPOLITO, 21/11/09)

(B.S.82) Como se sabe, o Senado **empurrou para baixo de um tapete metafórico** os **detritos** que se acumularam defronte da porta do seu presidente. (...) Mas a **sujidade**, por abundante, continua **vazando pelas bordas**. Em sua edição desta quinta (17), a *Folha* veicula novos **detritos**. (*Grampo derruba a versão de Sarney sobre fundação*, BLOG DO JOSIAS, 17/10/2009)

(B.S.83) No caso de Sarney, porém, já não parece haver quem se disponha a revolver o **monturo** que jaz **sob o tapete**. Ficou combinado que tudo não passa de “campanha da mídia”. (*Grampo derruba a versão de Sarney sobre fundação*, BLOG DO JOSIAS, 17/10/2009)

(B.S.84) O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP) decidiu fazer mais uma derradeira tentativa de afastar de sua biografia as **nódoas**. (*Sarney prepara cartilha contra os 'ataques da mídia'*, BLOG DO JOSIAS, 17/10/2009)

(B.S.85) A corrupção é vista como uma epidemia que **macula** os três Poderes. As leis processuais favorecem os que dispõem de dinheiro para pagar bons advogados, servindo-se do cipoal de recursos que elas oferecem. (*Cruzada de Jarbas pauta 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/03/09)

(B.S.86) Não é surpresa nem novidade a crise em que afundou o Senado brasileiro. Escândalos, ali, são parte do cenário, e se sucedem há anos. A novidade é o formato que tomou o episódio atual, dos atos secretos. Quanto mais se revolve a **lama**, mais **sujeira** aparece, e envolve mais e mais senadores. (*Chantagem no Senado*, BLOG POLIS, 23/06/09)

(B.S.87) Nos dias recentes, porém, choveu **esterco** sobre Sarney. Novas denúncias indicam que ele manteria uma conta bancária no exterior, atualmente com 870 mil dólares, aberta e gerenciada por seu amigo pessoal, Edemar Cid Ferreira. (*Pior é roubar galinha*, BLOG POLIS, 14/07/09)

(B.S.88) Mais **esterco**: a Fundação José Sarney – entidade privada instituída por ele no Maranhão para manter um museu com o acervo do período em que foi presidente da República – teria desviado para empresas do clã Sarney dinheiro repassado pela Petrobrás a título de patrocínio para um projeto cultural que nunca saiu do papel. (*Pior é roubar galinha*, BLOG POLIS, 14/07/09)

(B.S.89) Está ficando chato ler, todos os dias, tanta **sujeira saindo debaixo do tapete** do chefe da Câmara Alta, como é chamado o Senado pela excelência da sua função. (*Pior é roubar galinha*, BLOG POLIS, 14/07/09)

(B.S.90) Jornais e telejornais têm se tornado mais e mais chatos e cansativos para o eleitor. Não fossem os humoristas – para quem as crises são iguarias sempre deliciosas – ninguém mais agüentaria de tanta **lama, sujeira** e enganação. (*A vida só é filme em Brasília*, BLOG POLIS, 19/08/09)

(B.S.91) Agora chegou a vez da **faxina** na Infraero, a estatal que, no governo Lula, se transformou na meca da corrupção em Brasília, merecendo uma CPI no Congresso e uma série de investigações da Polícia Federal e do Ministério Público. A ordem para a **faxina** partiu do ministro da Defesa, Nelson Jobim. (*Faxina na infraero*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 09/05/09)

(B.S.92) A **limpeza** é para valer. De 109 cargos de confiança, sobrarão apenas doze. Somente esses cortes resultarão numa economia de 19,5 milhões de reais por ano. (*Faxina na infraero*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 09/05/09)

(B.S.93) A Infraero vinha sofrendo desvios de dinheiro nos últimos anos, sangria que só aumentava o apetite dos políticos por cargos na estatal. A **faxina** deve ter como objetivo final o repasse da gestão dos principais aeroportos do país à iniciativa privada. (*Faxina na infraero*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 09/05/09)

(B.S.94) Cristovam defendeu a idéia de uma “**limpeza**”. “Nós temos de entender que, se o povo quer que ele [o parlamento] fique aberto, quer que ele fique **limpo** também. E hoje o que nós passamos não é a ideia de **limpeza**, o que nós passamos é a ideia de mordomias, de pouco trabalho, do divórcio entre nós e as necessidades do povo.”. (*Cadê a camisa-de-força? Senador sugere plebiscito para defender fechamento do Congresso*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 06/04/09)

(B.S.95) O líder do DEM, José Agripino Maia (RN), afirmou que o arquivamento dos processos pelos governistas **mancha** a postura ética da Casa. (*Oposição culpa Lula por arquivamento de ações contra Sarney e estuda recorrer*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 19/08/09)

(B.S.96) “O Senado não pode ser confundido com os que **mancham** o seu nome. Precisa ser preservado, pois é o pilar do equilíbrio federativo. Diante, porém, do que assistimos, a sociedade já impôs à presente representação o recall moral”. (*OAB defende renúncia coletiva de senadores como solução para a crise*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 07/08/09)

(B.S.97) Nesses dois casos [Jader Barbalho, Renan Calheiros], vendeu-se a falsa impressão de que com a partida dos indivíduos **purgavam-se** os pecados de todos e, como corolário dela, vingou a ideia de que, tendo a Casa chegado ao fundo do poço da ética, seria inevitável que dali em diante as coisas comesçassem a melhorar. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.S.98) Mas algumas medidas precisam e podem ser tomadas já: [...] **Varrer** dos conselhos de ética os integrantes que sejam eles próprios alvo de inquéritos, acusações de nepotismo ou réus de ações penais. Hoje, 70% deles o são. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.S.99) Talvez seja impossível, no curso de uma geração, fazer com que práticas fisiológicas e coronelistas seculares passem a ser vistas com o estranhamento mental e a **repulsa** moral necessários à boa política. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.S.100) Para Simon, Sarney já dá sinais de que também quer se afastar. “Se Sarney quis errar, nem tempo teve”, afirmou. De acordo com o senador, se alguns fatos que vieram a público **manchando** a história da Casa, vieram por meio da atual Mesa Diretora. (*Heráclito defende a atuação da empresa do neto de Sarney*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 25/06/09)

(B.S.101) Segundo informações da colunista Mônica Bergamo, a investigação da Polícia Federal vai **respingar** em alguns dos principais partidos do país. A operação foi deflagrada para desarticular uma

suposta quadrilha inserida na construtora. (*PPS e DEM negam ter recebido dinheiro irregular da Camargo Corrêa*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 25/03/09)

(B.S.102) E, assim, ficou a idéia de que **manchas** no currículo seriam relevadas e não eram obstáculo para passos mais largos na política. Foi o que pensou Edmar Moreira ao se apresentar para concorrer a um cargo na Mesa Diretora. (*Enredo conhecido*, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 08/02/09)

(B.S.103) É bom que os postulantes a cargos públicos e de direção saibam: a sociedade não vai transigir e quem quiser posto de destaque que tenha segurança de que sua ficha é **limpa**. (*Enredo conhecido*, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 08/02/09)

(B.S.104) As distorções começam na elaboração do Orçamento, permanecem na sua aprovação e atingem o auge na hora da liberação dos recursos e quando o dinheiro, que deveria ir para obras prioritárias nos municípios, escorre pelos **esgotos** da corrupção e dos desvios, muitas vezes com a participação dos ordenadores de despesas do Poder Executivo, indicados pelos partidos. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

(B.S.105) Num instante em que a **lama** roçava-lhe a plumagem, os tucanos decidiram tomar distância do governo 'demo' de José Roberto Arruda. (*Tucanato decide abandonar a nau errante de Arruda*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.S.106) O diabo é que surge, nesta terça (1º) um elo que liga as arcas **apodrecidas** de Arruda ao diretório do PSDB no Distrito Federal. Deve-se a novidade aos repórteres Hudson Corrêa e Fernanda Odilla. A dupla levou às páginas da *Folha* notícia que informa o seguinte: **1.** Durval Barbosa, o ex-secretário de Arruda que se tornou delator do ex-chefe, envolveu um tucano no esquema de coleta de verbas **sujas**. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrenca do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.S.107) O Senado convive com uma rotina suicida. Adota tática de alto risco. Lida com as denúncias **empurrando-as pra baixo do tapete**. A estratégia está fazendo água. Já sobra **sujeira** em volta. (*Pilhado, o casal Zoghbi expõe as mazelas do Senado*, BLOG DO JOSIAS, 02/05/2009)

(B.S.108) O que está escorrendo e tem um **cheirinho** bem característico, que entra pelas narinas e vai bater fundo no coração e na mente do povo (dos eleitores!, senhores congressistas), o que vai ficar é a farra das passagens. (*E a poeira?*, BLOG DO NOBLAT, 24/04/09)

(B.S.109) As cenas que o Brasil acompanha há dias pela TV, ora um estoca dinheiro nas meias, ora outro estufa as cuecas, merecem o repúdio da cidadania, prega Lewandowski [...] O ministro se diz **enojado** (*Uma "tomada da Bastilha" à brasileira*, BLOG DO NOBLAT, 05/12/09)

(B.S.110) A leitura dos três volumes e dos três apensos do inquérito sobre o mensalão do DEM é um mergulho de perder o fôlego em um denso **mar de lama**. Está exposto ali em detalhes, e amparado em farta quantidade de provas, o funcionamento da organização criminosa que ascendeu ao poder no Distrito Federal em janeiro de 2007. Espanta pela simplicidade. (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.111) Segunda descoberta: os meios exaustivamente empregados para desviar recursos públicos, fraudar licitações e obter dinheiro **sujo** em nada distinguem as duas administrações. São primitivos, toscos, amadores, mas eficientes. (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.112) No momento, há uma Brasília indignada e outra à beira de um ataque de nervos. A indignada quer ver Arruda no chão. Como ele seguirá governando **enlameado da cabeça aos pés**? (*Uma cidade partida*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.S.113) Instado a comentar o **mar de lama** que envolve o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), Lula desconversara, afirmando que "as imagens não falam por si só". Pegou mal. (*A culpa não é do sistema*, BLOG COISAS DA POLÍTICA, 06/12/09)

(B.S.114) O argumento é o de que, com os recursos fornecidos aos partidos exclusivamente pelo Estado, as campanhas eleitorais seriam mais econômicas e **limpas**. Os políticos não precisariam criar, individualmente, máquinas de arrecadação que quase sempre se convertem em esquemas de corrupção e de enriquecimento ilícito. Mas quem garante que propinas e caixa 2 deixariam de existir? (*A culpa não é do sistema*, BLOG COISAS DA POLÍTICA, 06/12/09)

(B.S.115) A culpa da corrupção no Brasil não é do sistema eleitoral. Está na cultura política. Está em algumas regras, que precisam ser aperfeiçoadas, como a criação de barreiras aos **fichas-suja**s, proposta que está no Congresso. (*A culpa não é do sistema*, BLOG COISAS DA POLÍTICA, 06/12/09)

(B.S.116) Brasília é hoje uma cidade à deriva, a espera de ajuda para **varrer** a corrupção das instituições. Se ninguém ajudá-la, ainda resta uma esperança que poderá vir das urnas no próximo ano. (*Brasília pede socorro*, BLOG DO NOBLAT, 10/12/09)

(B.S.117) Mais do que qualquer coisa, o **monturo** dos atos secretos escancara a debilidade individual e partidária de quem vive o autêntico outono do patriarca. (*O outono do patriarca*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 17/06/09)

(B.S.118) Quem assistiu não vai esquecer. O instante mais dramático foi uma altercação de duas estrelas. De um lado, Renan Calheiros. Do outro Tasso Jereissati. Numa TV comercial, o espetáculo não teria sido exibido em horário vespertino. A alturas tantas, Tasso pediu a Renan que não lhe apontasse “o dedo **sujo**”. Renan respondeu que **sujo** era o dedo de Tasso. “Dedos do jatinho pago pelo Senado”. (*Embora no fundo do poço, Senado não para de cavar*, BLOG DO JOSIAS, 06/08/09)

(B.S.119) Num esforço para trazer à tona os malfeitos que o brasileiro conhece de olvido, o “Diário do Comércio” patrocinou uma iniciativa auspiciosa. Levou à rede um Museu da Corrupção. Deve-se a pesquisa inicial à repórter Kássia Caldeira. Recuou até a década de 70. A idéia é aprofundar a pesquisa. Pretende-se entrar numa máquina do tempo que leve à **lama** do Brasil colônia. (*Jornal brasileiro leva à web o ‘Museu da Corrupção’*, BLOG DO JOSIAS, 03/05/2009)

(B.S.120) O Senado convive com uma rotina suicida. Adota tática de alto risco. Lida com as denúncias empurrando-as pra baixo do tapete. A estratégia está fazendo água. Já sobra **sujeira** em volta. (*Pilhado, o casal Zoghbi expõe as mazela\$ do Senado*, BLOG DO JOSIAS, 02/05/2009)

(B.S.121) A coletivização da responsabilidade é o melhor caminho para se garantir a impunidade. Lembra quando Lula desqualificou o mensalão chamando-o de caixa 2? Em seguida, afirmou que o PT se limitara a proceder como os demais partidos que se valem de dinheiro **sujo** para pagar despesas de campanhas. (*A crise fica*, BLOG DO NOBLAT, 22/06/09)

METÁFORA: CORRUPÇÃO É DOENÇA

(B.D.1) Nesta terça (23), o Senado reúne sua mesa diretora. Não será uma reunião banal. Vai-se discutir, uma vez mais, o que fazer com a **esclerose** que toma conta do Senado. (*Virgílio para Sarney: 'V. Exa. não precisa sobreviver'*, BLOG DO JOSIAS, 22/06/09)

(B.D.2) Britto compara o malfeito do Senado a uma **chaga** que infelicitas as prefeituras: a contratação de servidores sem concurso. (OAB: *Não basta anular ato secreto, tem de 'ressarcir'*, BLOG DO JOSIAS, 13/07/2009)

(B.D.3) Reunido nesta quarta (8), um grupo de nove senadores decidiu protocolar no Ministério Público um pedido de investigação contra as **mazelas** do Senado. (*Grupo antiSarney decide recorrer a Ministério Público*, BLOG DO JOSIAS, 08/07/09)

(B.D.4) O Senado, tal como está organizado hoje, é uma instituição política, jurídica e administrativamente **doente**. Não pode ser **curada** à base de receitas simplórias. (*A receita de Lula para acabar com a crise do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 24/06/09)

(B.D.5) Em sua defesa, Sarney disse que a **crise** era do Senado, não dele. A afirmação ainda fazia algum sentido na época em que foi feita. Não faz mais. No princípio, o que se viu foi a exposição das **mazelas** do Senado. Há outras escondidas. (*Sarney perdeu*, BLOG DO NOBLAT, 03/08/09)

(B.D.6) A nova denúncia contra Sarney, de mau uso de patrocínio da Petrobras à fundação que leva seu nome, reabriu as **feridas** com intensidade ainda mais cruenta. (*Crise do Senado abala alicerces do caciquismo*, BLOG DO NOBLAT, 11/07/09)

(B.D.7) A corrupção é vista como uma **epidemia** que macula os três Poderes. As leis processuais favorecem os que dispõem de dinheiro para pagar bons advogados, servindo-se do cipoal de recursos que elas oferecem. (*Cruzada de Jarbas pauta 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/03/09)

(B.D.8) O PT coleciona **cicatrizes** dolorosas desde que subiu a rampa do Palácio do Planalto. A pior delas tem a ver com seu papel de protagonista em alguns dos mais rumorosos escândalos políticos recentes. Foi pelo ralo a imagem construída pelo PT de partido campeão da ética, aferrado a sólidos valores compartilhados pela maioria dos seus militantes. (*Pai patrão*, BLOG DO NOBLAT, 27/07/09)

(B.D.9) Se o Congresso Nacional não estivesse às voltas com suas próprias **chagas**, sentado no banco dos réus, estaria certamente discutindo um dos mais palpitantes (e preocupantes) temas da atualidade política brasileira: a ideologização do Judiciário. (*Populismo contamina Judiciário*, BLOG DO NOBLAT, 09/05/09)

(B.D.10) Diante da multiplicidade de desacertos, diariamente noticiados pela mídia, mostra-se efetivo o **diagnóstico** do senador Pedro Simon (PMDB-RS), que considera que todos, sem exceção, pecaram: uns pela ação, outros pela omissão. Ele estaria no segundo caso. (*Guerra de extermínio prossegue*, BLOG DO NOBLAT, 08/08/09)

(B.D.11) Lula avalia que o PT está sendo "ingênuo" ao cobrar a licença de Sarney, alvo de denúncias de nepotismo, desvio de recursos de uma fundação que leva seu sobrenome e uso de atos secretos para nomeação de amigos. No **diagnóstico** do Planalto, uma derrota de Sarney com o empurrão petista porá em risco a governabilidade. (*Lula quer compromisso do PT de não dar ' tiro' em Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/08/09)

(B.D.12) Em um intervalo da reunião do Gabinete do presidente Lula, na segunda-feira, o coordenador político do Planalto, ministro José Múcio Monteiro, transmitiu à imprensa o que seria o **diagnóstico**

do governo sobre a **crise** do Senado - "instalada, mas em processo de superação". (*Da crise ao caos no Senado*, BLOG DO NOBLAT, 15/07/09)

(B.D.13) Não se pense que o que ocorre no Legislativo federal é uma anomalia localizada. Nada disso. Se a investigação se estender aos legislativos estaduais e municipais e aos outros poderes, Judiciário e Executivo, o quadro não será diferente. O **diagnóstico** é de **metástase** generalizada. (*A tradição dos escândalos*, BLOG DO NOBLAT, 20/06/09)

(B.D.14) Somente diante de um quadro de pressão insuportável, como o atual, os parlamentares se dispõem a mudanças. A tendência natural é a acomodação. Há, porém, a clara percepção, entre as lideranças mais influentes, de que jamais as **vísceras** da instituição estiveram tão **expostas**. (*Reforma política volta à pauta*, BLOG DO NOBLAT, 25/04/09)

(B.D.15) Tanto o presidente do Senado, José Sarney, quanto o da Câmara, Michel Temer, já concordaram em acelerar o processo, na certeza de que é o único **antídoto** contra as denúncias. É a sobrevivência da instituição parlamentar que está em jogo, concordam todos, governistas e oposicionistas. (*Reforma política volta à pauta*, BLOG DO NOBLAT, 25/04/09)

(B.D.16) Lula, que aparentemente não foi **contaminado** em sua popularidade pelo imbróglio, confia em que servirá de **antídoto** ao problema. O tempo dirá. (*PT vive inferno zodiacal*, BLOG DO NOBLAT, 22/08/09)

(B.D.17) O financiamento público de campanha, como **antídoto** ao caixa dois e outras aberrações do processo eleitoral vigente, é consenso improdutivo. Ninguém, em tese, a ele se opõe, mas ninguém acredita que irá resolver a corrupção eleitoral. (*Reforma política, biombo da crise*, BLOG DO NOBLAT, 28/02/09)

(B.D.18) Além das centenas de diretorias, a maioria "de fachada" - como foram batizadas pelo primeiro-secretário Heráclito Fortes (DEM-PI) -, do uso indevido das verbas de gabinete e das horas extras pagas em pleno recesso, o Senado padece de outra **doença** administrativa: a **proliferação** de conselhos que não aconselham nada e de "comissões especiais" com a finalidade de engordar os salários dos funcionários - um deles virou até doador de campanha do filho do senador. (*Senado cria comissões e servidor leva jetom*, BLOG DO NOBLAT, 04/04/09)

(B.D.19) A corrupção é um **câncer** que se impregnou no **corpo** da política e precisa ser **extirpado**. Não dá para **extirpar** de uma vez, mas é preciso começar a encarar o problema. (*GRANDE JARBAS!*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/02/2009)

(B.D.20) Não há CPI nem pressão da opinião pública que, sozinhos, possam dar início à correção dessa **patologia**. Isto tem que nascer como decisão dos próprios parlamentares de iniciar um tratamento de **desintoxicação**. Não fazer isto é colocar a própria democracia em sério risco de **overdose**. **Overdose** de corrupção. Pequena e grande (*Corrupção e overdose*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 22/03/2009)

(B.D.21) Eleito em fevereiro passado para ser uma espécie de superpresidente do Congresso, a reboque da biografia de ex-presidente da República (1985-1989), o senador José Sarney (PMDB-AP) chegou ao final da semana passada na condição de um chefe com poder pela metade. O **sintoma** mais claro da **desidratação** política, mesmo dizendo que não se afastará do cargo, é que o senador já não age como presidente de fato do Senado. (*Sarney partilha poder e briga para salvar cargo*, BLOG DO NOBLAT, 28/06/09)

(B.D.22) A verdade é que Sarney está comprometido até o talo com as irregularidades administrativas ora descobertas. Seu jogo será o de ganhar tempo até que a imprensa enjoe do tema. É a tendência predominante, já que não interessa ao governo a **morte política** de Sarney. Ruim com ele, pior sem ele. (*A crise não comove a sociedade*, BLOG DO NOBLAT, 25/06/09)

(B.D.23) O discurso de defesa do governo, no entanto, está vencido: é o de que as **mazelas** do Senado não são de responsabilidade exclusiva de um senador, José Sarney. (**Sarney diz que fica**, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 23/07/09)

(B.D.24) Tião Viana passa, assim, a integrar aquele grupo de pessoas que dizem as coisas como devem ser ditas, dão às evidências seus nomes reais, mas acabam tratadas como **pústulas** a expulsas de um **organismo** que, não obstante a podridão explícita, inverte os papéis e faz pose de **saudável**. Acusam-no de chorar o pranto dos derrotados. Ou de tentar ocultar as próprias **mazelas** expondo as **doenças** do vizinho. (*Honra ao demérito*, BLOG DO NOBLAT, 07/07/09)

(B.D.25) A prática de corruptos e corruptores na esfera do poder se **dissemina** pela sociedade, como exemplo negativo que vem de cima. O compromisso em **erradicá-la** não pode se limitar a uma prática de denúncias eventuais e, muito menos, servir a fins eleitorais ou políticos imediatos. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

(B.D.26) Assim, o DEM, que **sangra** ao lado do **cadáver político** de Arruda desde a última sexta (27), mantém-se nas proximidades do esquife por pelo menos mais dez dias. (*DEM opta por sangrar ao lado de Arruda por dez dias*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.27) Adeptos da expulsão relâmpago, o senador Demóstenes Torres e os líderes Agripino Maia (Senado) e Ronaldo Caiado (Câmara) foram batidos pela maioria. Para Demóstenes, a expulsão sumária está prevista nos estatutos do DEM como **antídoto** para transgressões graves. (*DEM opta por sangrar ao lado de Arruda por dez dias*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.28) Alega que a expulsão em velocidade de raio, por inconstitucional, poderia ser questionada na Justiça. É de perguntar: se a **vacina** é inconstitucional, por que diabos o DEM a conserva na prateleira do estatuto? (*DEM opta por sangrar ao lado de Arruda por dez dias*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.29) Lula aproveitou os microfones para **receitar** a reforma política como único **remédio** contra os crimes eleitorais. Tolice. (*Para Lula, vídeos do ‘Panetonegate’ são peças mudas*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.30) Tome-se o exemplo de José Roberto Arruda. A PF e o MP passaram por cima dele faz cinco dias. O **sangue** respingou na web. Dali, foi às rádios e às tevês. O governador virou um **cadáver** instantâneo. Seu velório é acompanhado, com estupefação, pelo país inteiro. (*Para Lula, vídeos do ‘Panetonegate’ são peças mudas*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.31) Até a semana passada, Arruda era cogitado até para vice na chapa tucana. Hoje, o tucanato quer distância dele. Receia o **contágio**. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrenca do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.32) Deve-se a escolha do nome de Nonô ao presidente do DEM, Rodrigo Maia (RJ). Por que um ex-deputado? Para Rodrigo, uma pessoa distanciada da cena **envenenada** de Brasília terá mais “isenção” para julgar o processo contra Arruda. (*Político sem mandato relatará processo contra Arruda*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.D.33) A corrupção é como um **vício**: uma vez experimentados os seus efeitos, a compulsão se alimenta de si própria, não conhece limites, muito menos permite aos **viciados** enxergar as consequências de seus atos. (*Duas faces da mesma moeda*, BLOG DO NOBLAT, 02/12/09)

(B.D.34) A corrupção, por **disseminada**, converteu-se em tema obrigatório das rodas sociais brasileiras. Uma vez iniciada a conversa, é difícil mudar de assunto. Pode-se, no máximo, mudar de corrupto. (*Jornal brasileiro leva à web o ‘Museu da Corrupção’*, BLOG DO JOSIAS, 03/05/2009)

(B.D.35) O DEM evitou a expulsão imediata de José Roberto Arruda. Ainda que um prazo regulamentar devesse ter sido respeitado, a decisão política já poderia ter sido tomada. [...] Mais ainda: o cadáver adiado procriou. O próprio partido ajudou a consolidar o apelido “mensalão do DEM”, embora não haja, até agora, sinais de que a direção nacional do partido tenha sido **contaminada**. (*Fora, Arruda! E o óbvio*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 07/12/09)

(B.D.36) Um **efeito colateral** inevitável do escândalo do governo Arruda é a volta do debate sobre a revisão da autonomia política do Distrito Federal. O tema já freqüenta as mesas dos principais *points* políticos da cidade, mas ainda **contaminado** pela indignação geral com a **overdose** de cenas explícitas de corrupção. (*A autonomia de Brasília em xeque*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 03/12/09)

(B.D.37) Se os agentes políticos ainda **imunes** a esse escândalo e as autoridades constituídas igualmente isentas não tiverem capacidade de construir uma saída institucional aceitável para a **crise**, Brasília caminha para um impasse cujas proporções poderão impor a intervenção. (*Brasília à deriva*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 07/12/09)

(B.D.38) A se levar a sério a estratégia do governador José Roberto Arruda de manter-se no cargo com o apoio numérico de uma base aliada **contaminada** pelo escândalo e, portanto, sem isenção para votar o pedido de *impeachment*, Brasília estaria obrigada a conviver com um governo sem a autoridade moral mínima para se impor. (*Brasília à deriva*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 07/12/09)

(B.D.39) A corrupção na política é simétrica ao comportamento do brasileiro no seu cotidiano. O **remédio** não se restringe às reformas institucionais, há anos prometidas, e inclui uma mudança radical no imaginário social sobre a corrupção e o espaço público. (*Imaginário popular tem 'sangue corrupto'*, diz psicóloga, BLOG DO NOBLAT, 02/12/09)

(B.D.40) Essa ideia do **sangue corrupto**, da natureza corrupta -que a antropologia chama de "mal de origem" e que a psicologia social investiga como representação no cotidiano- está arraigada no imaginário brasileiro. (*Imaginário popular tem 'sangue corrupto'*, diz psicóloga, BLOG DO NOBLAT, 02/12/09)

(B.D.41) A corrupção no Brasil é um problema **sistêmico**. Ela se alicerça em avatares muito profundos da nossa cultura, o que explica a recorrência dos escândalos e a nossa incapacidade histórica em lidar institucionalmente com eles. Isso está vinculado a uma autointerpretação do brasileiro de que nós somos um povo corrupto, de que a corrupção está na constituição do nosso **corpo político e social**. (*Imaginário popular tem 'sangue corrupto'*, diz psicóloga, BLOG DO NOBLAT, 02/12/09)

(B.D.42) Por trás da proposta, a ideia de que na raiz da corrupção **endêmica** estão regras e leis equivocadas. E não os próprios políticos e suas ambições desmedidas. (*A culpa não é do sistema*, BLOG DO NOBLAT, 06/12/09)

(B.D.43) Arruda entregou os anéis (a candidatura à reeleição), para ficar com os dedos (a tolerância para exercer até o fim o atual mandato). Tanta corrupção explícita tem uma taxa de **intoxicação** capaz de produzir aquela desesperança que faz com que o cidadão comum se desinteresse de acompanhar o desdobramento da **crise**. (*A volta do “rouba, mas faz”*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 14/12/09)

(B.D.44) Se o presidente do Senado, José Sarney, cometeu no mínimo um erro de julgamento ao tentar jogar sobre a instituição o peso da **crise**, peca por exagero quem creditar todos os problemas às indiscutíveis práticas de nepotismo e aos desvios patrimonialistas do clã maranhense. Há fatos concretos que relacionam o senador a essas duas das mais deletérias **doenças** da vida pública brasileira. (*Além do limite*, BLOG DO NOBLAT, 27/06/09)

(B.D.45) Há inegável semelhança entre a corrupção, como a que retratou o senador Jarbas Vasconcelos, e a proliferação do mosquito da dengue que hoje infesta grande parte dos nossos centros urbanos, ameaçando a saúde e a vida dos brasileiros (...) O Congresso, o Ministério Público e a

sociedade civil devem agir de modo semelhante em relação aos **focos** de corrupção. **Positivada** a ocorrência de apropriação ilegal de dinheiro público na administração direta, em empresas controladas pelo Estado ou diretorias de fundos de pensões bancados pelo poder público, os suspeitos devem ser afastados temporariamente e investigados com rigor exemplar. Ao mesmo tempo, deve-se mapear os **focos** de corrupção formados ou em formação, ao redor do núcleo principal, e extingui-los. (*Lidando com a corrupção*, BLOG DO NOBLAT, 06/03/09)

(B.D.46) Novo lance para alimentar a **crise** que se instalou no Senado com a denúncia de irregularidades: vazou o volume de gastos com a própria saúde do senador Tião Viana (PT-AC), candidato derrotado por José Sarney (PMDB-AP) na recente eleição para presidente da Casa. (*Crise no Senado - Tião permanece na berlinda*, BLOG DO NOBLAT, 19/03/09)

(B.D.47) A ministra-candidata Dilma Rousseff já disse que não acompanha a **crise** do Senado. O que não a impede de levar a mão ao fogo por Sarney. Voltou a prestar-lhe socorro verbal. Disse que sua “demonização” não passa de tática para converter as **mazelas** do Senado em “pizza”. (*Dilma: ‘demonizar’ Sarney é o caminho para a ‘pizza’*, BLOG DO JOSIAS, 10/07/2009)

(B.D.48) O senador trocou, nesta quinta (19), a atmosfera conspurcada de Brasília pelo ambiente festivo do Amapá. Na capital federal, Sarney é açoitado pela **crise** que carcome as **entranhas** do Senado desde que foi eleito presidente da Casa, em fevereiro. (*Fustigado em Brasília, Sarney vira um ‘rei’ no Amapá*, BLOG DO JOSIAS, 20/03/2009)

(B.D.49) Os senadores iniciam a sua oitava semana de “trabalho” do ano legislativo de 2009 ainda sob **crise**. Uma encrenca que evoluiu do campo político –a disputa PMDB X PT— para a seara das **mazelas** administrativas –de horas extras indevidas ao excesso de diretorias. (*Sob crise, Senado só aprovou um projeto em 50 dias*, BLOG DO JOSIAS, 23/03/2009)

(B.D.50) O morubixaba José Sarney não tem nada a ver com a **crise** que carcome as **entranhas** do Senado. A **crise**, como Sarney já esclareceu, não é dele. A **crise** é do Senado. (*Alto lá, Sarney não tem nada a ver com José Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 11/07/2009)

(B.D.51) A onda de denúncias que desabou sobre o Congresso Nacional recoloca a reforma política no topo da agenda parlamentar. É o **diagnóstico** repetido por quantos avaliam o desgaste da instituição, há três meses submetida a bombardeio implacável da mídia, em face de escândalos administrativos em série. (*Reforma política volta à pauta*, BLOG DO NOBLAT, 25/04/09)

(B.D.52) No ano passado, Garibaldi Alves estava na presidência do Senado quando disse que a Casa **estava “na UTI”**. Ou seja, era **doente terminal**. “Ninguém no mundo político percebe que esse desapeço pelo Poder Legislativo está minando suas bases de sustentação e que a qualquer hora poderá haver um momento de maior tensão, de crise entre os Poderes.” (*Honra ao demérito*, BLOG DO NOBLAT, 07/07/09)

(B.D.53) Está em andamento uma evidente operação de chantagem e de atemorização engendrada nos porões do funcionalismo da Casa contra alguns senadores. Sarney, um deles. Constatar o fato não significa deixar de criticar o senador e família por causa de demonstrações explícitas da até agora incurável **doença** do patrimonialismo, o mal que afeta a capacidade de julgamento dos políticos e lhes provoca a **compulsão** de usufruir dinheiro e patrimônio públicos como se fossem de sua propriedade. (*Abrir os arquivos*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(B.D.54) Tais documentos sigilosos dizem respeito a nomeações, exonerações, pagamentos de horas extras, pagamentos de planos de saúde odontológicos e clínicos para familiares de ex-parlamentares, entre outras aberrações inadmissíveis num estado democrático de direito. Esta **patologia** aponta para duas **doenças** distintas, mas que se intercomunicam. Primeiro, para a privatização dos espaços públicos. (...) A segunda **doença** apontada por esta **patologia** dos documentos secretos é a auto-

suficiência da burocracia. (*Privatização é isso! O Senado é deles!*, BLOG DE LUCIA HIPPOLITO, 14/06/09)

(B.D.55) De todos os nus, o mais espantoso é o do presidente José Sarney (PMDB-AP). O senador foi pendurado nas manchetes em posições constrangedoras. Primeiro, descobrira-se que um neto de Sarney, Fernando Michels Gonçalves Sarney, empregara-se no gabinete do aliado Eptácio Cafeteira (PTB-MA). Ali permanecera, recebendo R\$ 7,2 mil mensais à sombra, até que o STF decidiu dar um basta no **flagelo** do nepotismo. (*Além do neto, vem à luz a sobrinha secreta de Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 15/05/2009)

METÁFORA DA FORÇA MORAL

(B.F.1) **Fraco** e acuado, o tri-presidente do Senado, verá suas boas intenções perderem-se no mesmo abismo que sorveu as biografias de ACM, Jader Barbalho e Renan Calheiros. (*Sarney 'combate' a crise com a cara da impotência*, BLOG DO JOSIAS, 19/06/2009)

(B.F.2) Nesta sexta (17), começa oficialmente o recesso que a maior parte dos congressistas inaugurou na quarta (15). **Soterrado** por 15 denúncias e acossado por cinco representações no Conselho de (a)Ética, o pseudopresidente José Sarney deu “graças a Deus”. (*José Sarney dá 'graças a Deus' por início do recesso*, BLOG DO JOSIAS, 17/07/09)

(B.F.3) Longe de ser uma reputação merecedora de proteção, é uma mácula digna de investigação. Em cinco meses de presidência, Sarney produziu sua própria **ruína**. Fez isso com extraordinário desembaraço. Parece viver noutro mundo. (*Sarney se mexe e governistas decidem instalar a CPI*, BLOG DO JOSIAS, 09/07/09)

(B.F.4) Num instante em que Lula cobra do petismo o apoio à presidência **cambaleante** de José Sarney (PMDB-AP), Tião Viana (PT-AC) aponta o dedo na direção do Planalto. (*'Lula nada fez para evitar perda moral do Congresso'*, BLOG DO JOSIAS, 05/07/09)

(B.F.5) Pouco se lhe dá que Sarney esteja coberto de lama da cabeça aos pés. E que caso sobreviva passe a funcionar como um **pato manco** na presidência do Senado. Melhor para Lula governar com um presidente do Senado **fraco** e credor de sua ajuda. (*Sarney perdeu*, BLOG DO NOBLAT, 03/08/09)

(B.F.6) Os mais próximos de Sarney debitam a Tião e à turma dele a série de denúncias feitas pela imprensa que atingem o Senado e que já **derrubaram** dois diretores. (*O segundo turno da eleição para presidente do Senado*, BLOG DO NOBLAT, 18/03/09)

(B.F.7) De resto, Sarney não se gabou, ontem, de ter sido ele que mandou investigar o que existe de podre no Senado? A imprensa, pois, está a reboque de sua iniciativa. A verdade é: sempre que alguém, ou um grupo de pessoas, ou uma instituição de preferência, se vê alvo da imprensa, tenta desacreditá-la. Faz parte do jogo. Foi assim por ocasião de todos os escândalos que **abalaram** o atual governo e os governos passados.) (*Cala a boca, Lula!*, BLOG DO NOBLAT, 17/06/09)

(B.F.8) Sem conseguir o apoio fechado do PT ao presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), o governo quer agora que o partido se comprometa a não dar o tiro de misericórdia no aliado **cambaleante**. (*Lula quer compromisso do PT de não dar 'tiro' em Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/08/09)

(B.F.9) A **queda** de Sarney é um **terremoto** para o caciquismo político, rota escolhida por Lula e PT para exercer sua hegemonia política, que ambiciona manter pelas próximas décadas. (*Crise do Senado abala alicerces do caciquismo*, BLOG DO NOBLAT, 11/07/09)

(B.F.10) Mesmo **fragilizado** com a divulgação de conversas de família revelando sua interferência pessoal para a nomeação do namorado de uma neta em cargo de confiança no Senado – o que se deu por meio de ato secreto –, o senador José Sarney tem dito aos aliados que não vai tomar a iniciativa de pedir licença da presidência do Senado como pedem seus críticos. (*Sarney diz que fica*, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 23/07/09)

(B.F.11) Com tudo isso, não se pode dizer que Sarney esteja **balançando** no cargo de presidente do Senado. Os aliados, particularmente, do PMDB e do DEM, podem **garantir sua sustentação** no cargo. (*Ruim para Sarney*, BLOG DE CRISTIANA LOBO, 21/06/09)

(B.F.12) Inclusive porque, até o senador Tião Viana falar umas verdades na edição da revista Veja desta semana, o partido não só havia se associado à indiferença geral diante de alertas de que o Senado **caía de podre**, como nunca impusera reparos ao modo do governo petista de sacramentar os velhos vícios do Parlamento. (*Honra ao demérito*, BLOG DO NOBLAT, 07/07/09)

(B.F.13) Senhor Presidente, a corrupção é um fator de desagregação política e social. Ela conduz ao desgaste e **enfraquece** profundamente a legitimidade do poder constituído. (*A impunidade (...) é um cancro que precisa ser extirpado*, BLOG DO NOBLAT, 03/03/09)

(B.F.14) Mas essa tática só terá efeito se o presidente Lula conseguir segurar o apoio da bancada de senadores do PT. Caso contrário, os peemedebistas reconhecem que a situação ficará muito **difícil de sustentar**. (*Tropa de choque de Sarney e Renan foi para a guerra*, BLOG DO NOBLAT, 04/08/09)

(B.F.15) Nessas conversas com aliados, Sarney reconheceu que a tentativa de entendimento com a oposição não dera resultado. Concluíram, então, que o senador não poderia mais ficar acuado. E a ordem é: se **cair**, **cair** atirando. (*Tropa de choque de Sarney e Renan foi para a guerra*, BLOG DO NOBLAT, 04/08/09)

(B.F.16) Lula deve a Sarney o apoio que ele lhe deu durante a crise do mensalão. Quer zerar a conta. E levar de troco um presidente de Senado **combalido**. (*Ação entre amigos*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

(B.F.17) Em quase quatro horas de interrogatório, Agaciel se defendeu das acusações e, numa demonstração de que não está disposto a **cair** sozinho, fez novas denúncias de irregularidades no Senado. (*Agaciel depõe e faz novas denúncias*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)BLOGNOV094

(B.F.18) Sabe por que Sarney ainda **se segura** na presidência do Senado? Porque Lula quer. E obriga o PT a querer também. Do contrário ele **cairia** como uma fruta que apodreceu. (*O avalista de Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 22/07/09)

(B.F.19) Sarney entrou **puxando por uma perna** para despachar com Lula na última sexta-feira. Saiu **amparado em um par de muletas**. (*Ação entre amigos*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

(B.F.20) Da série de mentiras para atarraxar Sarney na cadeira de presidente do Senado: se ele **cair**, a oposição herdará o lugar. (*Ação entre amigos*, BLOG DO NOBLAT, 06/07/09)

(B.F.21) Um homem de confiança, em sendo leal ao seu padrinho político, vai **cair** sozinho e em silêncio. Em geral, estas atitudes costumam ser bem recompensadas pelos que manipulam recursos públicos para fins privados. (*Auditoria no Senado é pouco*, BLOG DO NOBLAT, 24.6.2009)

(B.F.22) O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), começou o dia de ontem **enfraquecido**, disposto a renunciar. Chegou a dizer a aliados que não tinha mais condições políticas de governar a Casa. (*Operação segura-Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

(B.F.23) Já os líderes do PMDB e do PTB no Senado — respectivamente, Renan Calheiros (AL) e Gim Argello (DF) — jogam uma cartada para se manter no controle da Casa. Os dois têm consciência de que, se Sarney **cair**, eles voltarão à planície também. (*Operação segura-Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

(B.F.24) Ontem à noite, ministros e líderes comemoravam o resultado da operação **segura-Sarney**. Principalmente, o fato de a bancada petista ter seguido à risca as regras ditadas por Lula. No início do dia, o líder Aloizio Mercadante (PT-SP) chegou a declarar que pediria ao peemedebista que se licenciasse do cargo durante investigações sobre as irregularidades da Casa. (*Operação segura-Sarney*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

(B.F.25) O PSDB reunirá na tarde desta terça (1º) sua Executiva nacional. O objetivo é avaliar as consequências eleitorais do “Panetonegate”. Há um primeiro efeito óbvio e imediato: **ruiu** o palanque da oposição no DF. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrência do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.F.26) A Operação Aquarela **derrubou** praticamente toda a diretoria do BRB e acabou por forçar a renúncia do ex-governador Roriz do Senado Federal. A atitude do então peemedebista foi tomada para se livrar de um processo por quebra de decoro parlamentar. (*Governo Roriz será investigado*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.F.27) Acuado pela denúncia do Ministério Público Federal, Yeda Crusius disse à cúpula do PSDB, no fim de semana, que seu eventual afastamento inviabilizará aliança com o PMDB contra o PT de Tarso Genro em 2010. "Não vou **cair** sozinha", avisou a governadora gaúcha, cuja administração é suspeita de desviar recursos públicos. "Se existem irregularidades, começaram no governo do PMDB. As pessoas vão saber." (*Não vou cair sozinha*, BLOG DO NOBLAT, 10/08/09)

(B.F.28) O mais recente escândalo a **abalar** o Legislativo e a minar a confiança dos cidadãos nas instituições chega na forma de cerca de 500 documentos sigilosos, encontrados por uma auditoria interna do Senado. (*Privatização é isso! O senado é deles!*, BLOG DE LUCIA HIPOLITO, 14/06/09)

(B.F.29) Mais um show de hipocrisia em cartaz. Quem é culpado pela crise que **abala** o Senado? José Sarney (PMDB-AP), presidente do Senado pela terceira vez de 1995 para cá, nega que a culpa seja dele. (*A crise fica*, BLOG DO NOBLAT, 22/06/09)

(B.F.30) Pressionado pelos 10 mil funcionários de carreira, comissionados e terceirizados, Sarney - isolado e **enfraquecido** politicamente após a onda de denúncias contra ele - deixou de lado os discursos de moralização do Senado. (*Sarney empurra reforma do Senado para 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/12/09)

(B.F.31) O escândalo que **abala** o Senado transcende partidos e períodos de governo. O distinto público tem o direito de saber como se comportam seus representantes. (*O direito à informação*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

(B.F.32) Mais um show de hipocrisia em cartaz. Quem é culpado pela crise que **abala** o Senado? José Sarney (PMDB-AP), presidente do Senado pela terceira vez de 1995 para cá, nega que a culpa seja dele. “A crise não é minha, é do Senado”, proclamou no terceiro pronunciamento que foi obrigado a fazer para reafirmar sua inocência. Simplesmente patético! (*A crise fica*, BLOG DO NOBLAT, 22/06/09)

(B.F.33) Estudo elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a pedido do Senado, revela o que desde março - quando teve início a crise institucional na Casa com a **queda** do então diretor-geral Agaciel Maia - vem sendo dito: a máquina administrativa está inchada. (*Estudo da FGV propõe corte de diretorias no Senado*, BLOG DO NOBLAT, 09/05/09)

(B.F.34) O que desqualifica o governo não é a publicação dos fatos, mas a existência deles. Há dúvidas quanto à honradez e correção da governadora, não dos gaúchos. De resto, a imagem do Estado não é **enfraquecida** senão pela ação de uma gestora que considera aceitável o inadmissível. (*Verbas públicas pagaram compras para casa de Yeda*, BLOG DO JOSIAS, 08/10/09)

(B.F.35) Peço desculpas públicas ao presidente da República por ter criticado seu comportamento diante da crise que **abala** o Senado e ameaça o mandato do senador José Sarney. (*Perdão, presidente! (Ou: Ensaio sobre a cegueira)*, BLOG DO NOBLAT, 30/07/09)

(B.F.36) Quando se refere ao risco de Brasília retornar ao seu pior passado, Arruda está sugerindo que sua **queda** significará a volta de Roriz. O que só poderia ocorrer nas próximas eleições, às quais o atual governador não poderá mais concorrer. (*A volta do “rouba, mas faz”*, BLOG DO JOÃO BOSCO, 14/12/09)

(B.F.37) Mais do que qualquer coisa, o monturo dos atos secretos escancara a **debilidade** individual e partidária de quem vive o autêntico outono do patriarca. (*O outono do patriarca*, BLOG DO NOBLAT, 17/06/09)

(B.F.38) Diz Agaciel sobre as decisões tomadas **por debaixo da mesa**: “Não fui eu quem assinou nenhuma delas; não fui eu quem publicou, e eu sou responsável? Não vou aceitar!”. (*Agaciel diz que senadores sabiam de ‘atos secretos’*, BLOG DO JOSIAS, 13/06/09)

(B.F.39) Uma comissão constituída pelo primeiro-secretário Heráclito Fortes (DEM-PI) **desencavou** cerca de três centenas de documentos sigilosos. (*Agaciel mentiu a senadores sobre os ‘atos secretos’*, BLOG DO JOSIAS, 11/06/09)

(B.F.40) Chama-se Marinus Marsico. Nos próximos dias, o procurador Marsico endereçará à presidência do Senado ofício requisitando os papéis secretos já **desencavados**. (*Agaciel mentiu a senadores sobre os ‘atos secretos’*, BLOG DO JOSIAS, 11/06/09)

(B.F.41) **Desencaravaram-se**, por ora, cerca de 280 atos administrativos secretos. Dois deles serviram para contratar um par de parentes de Zoghbi. (*Poder longo fez de Agaciel um temido ‘Papai Noel’*, BLOG DO JOSIAS, 12/06/09)

(B.F.42) A assessoria de Sarney atribui a nomeação **por baixo da mesa** a “um erro técnico”. Informa que a sobrinha é funcionária de carreira do Ministério da Agricultura. (*Além do neto, vem à luz a sobrinha secreta de Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 15/05/09)

(B.F.43) É ensurdecedor o silêncio da banda boa do Senado diante da abertura do **porão** de malfetorias praticadas na Casa. (*Banda muda*, BLOG DO NOBLAT, 21/06/09)

(B.F.44) Sob Agaciel Maia, o Senado foi gerido **por baixo da mesa**. Editaram-se um sem-número de atos administrativos secretos. (*Alto lá, Sarney não tem nada a ver com José Sarney*, BLOG DO JOSIAS, 11/07/09)

(B.F.45) Só haverá uma explicação para o DEM não expulsar sumariamente dos seus quadros o governador José Roberto Arruda, do Distrito Federal: o medo de que ele **afunde** atirando. (*Por que o DEM hesita em expulsar Arruda*, BLOG DO NOBLAT, 01/12/09)

(B.F.46) O Senado, ficará demonstrado, é feito de uma maçaroca em que se misturam a conivência e o compadrio. Não há culpados no prédio. Só inocentes e cúmplices. No **fundo do poço**, o Senado decidiu continuar cavando. (*Teatro do Senado mostra do que é feito um senador*, BLOG DO JOSIAS, 19/08/09)

(B.F.47) Os “novos” papéis, a maioria editada **por baixo da mesa** entre 1998 e 1999, foram lançados na rede interna de computadores do Senado em 29 de maio passado; (*Senado detecta existência de mais 468 atos secretos*, BLOG DO JOSIAS, 13/08/09)

(B.F.48) Uma palavra permeou quase todas as manifestações: “reconstrução”. Deseja-se **reerguer** o Senado do caos. (*Tasso pede ‘desculpas’ pelo destempero verbal de 5ª*, BLOG DO JOSIAS, 13/08/09)

(B.F.49) Escondida nas dobras da folha de pagamentos do Senado, a filha de FHC foi **desencavada** pela coluna da repórter Mônica Bergamo. (*Procurador pede a TCU apuração sobre a filha de FHC*, BLOG DO JOSIAS, 30/03/2009)

(B.F.50) Sarney não é um caso isolado, mas é emblemático. Por ele, estão **vindo à tona**, como numa caixa de lenços de papel, as relações incestuosas entre o público e o privado, que vigem no país desde as caravelas de Cabral. Puxa-se um caso e outro já se apresenta, numa sucessão que parece inesgotável. (*Crise do Senado abala alicerces do caciquismo*, BLOG DO NOBLAT, 11/07/09)

(B.F.51) Até mesmo o presidente Lula teria ouvido de Sarney que não seria candidato. Depois, docemente constrangido, mudou de idéia. Ganhou e **mergulhou** o Senado em uma das mais graves crises de sua história, (*A crise não comove a sociedade*, BLOG DO NOBLAT, 25/06/09)

(B.F.52) Não é surpresa nem novidade a crise em que **afundou** o Senado brasileiro. Escândalos, ali, são parte do cenário, e se sucedem há anos. A novidade é o formato que tomou o episódio atual, dos atos secretos. (*Chantagem no Senado*, BLOG POLIS, 23/06/09)

(B.F.53) Nesses dois casos [Jader Barbalho, Renan Calheiros], vendeu-se a falsa impressão de que com a partida dos indivíduos purgavam-se os pecados de todos e, como corolário dela, vingou a ideia de que, tendo a Casa chegado ao **fundo do poço** da ética, seria inevitável que dali em diante as coisas comesçassem a melhorar. (*VEJA 1 - Carta ao Leitor: O fim que deveria ser o começo*, BLOG DE REINALDO AZEVEDO, 01/08/09)

(B.F.54) Durval contou à PF que Machado chegou mesmo a repassar parte do dinheiro amealhado **por baixo do pano** a políticos apoiadores de Arruda. (*PSDB reúne Executiva para analisar encrência do DF*, BLOG DO JOSIAS, 01/12/09)

(B.F.55) Disse ter recebido da Camargo Corrêa, na campanha de 2006, uma doação de R\$ 50 mil. Coisa feita **por cima da mesa** e registrada na escrituração eleitoral (*Citado em lista de empreiteira, Temer grita: 'Infâmia'*, BLOG DO JOSIAS, 03/12/09)

(B.F.56) Para manter sua administração em funcionamento, o governador José Roberto Arruda (DEM) terá de buscar novos aliados. Grande parte de sua equipe no primeiro escalão deixou o cargo por conta das denúncias da suposta existência de um esquema de corrupção e pagamento de propina a aliados que **vieram à tona** com a Operação Caixa de Pandora. (*Mensalão do DEM - Mais três baixas no governo Arruda*, BLOG DO NOBLAT, 03/12/09)

(B.F.57) Numa atmosfera assim, desalentadora, o contribuinte tende a usar a memória como ferramenta para esquecer o que lhe dói no bolso. Num esforço para **trazer à tona** os malfeitos que o brasileiro conhece de olvido, o "Diário do Comércio" patrocinou uma iniciativa auspiciosa. Levou à rede um Museu da Corrupção. (*Jornal brasileiro leva à web o 'Museu da Corrupção'*, BLOG DO JOSIAS, 03/05/2009)

(B.F.58) Ladino, Andrei instou os Zoghbi a revelar um escândalo maior que o deles. O casal mordeu a isca. E pôs-se a discorrer sobre os **subterrâneos** do Senado. Contaram que a corrupção viceja nos contratos firmados pela Casa. (*Pilhado, o casal Zoghbi expõe as mazelas do Senado*, BLOG DO JOSIAS, 02/05/2009)

(B.F.59) Ao lado de João Carlos Zohbi, diretor de pessoal do Senado, [Agaciel] exercitou, também como cúmplice de parlamentares, o nepotismo e o clientelismo, práticas nefastas entranhadas na vida política do país. Fez de tudo, até empréstimos **por baixo do pano** a senadores, como ao tucano Artur Virgílio, a fim, é certo, de mantê-los sob controle. (*Única saída*, BLOG DO NOBLAT, 02/07/09)

(B.F.60) Não quero entrar no mérito das tramóias feitas **por baixo dos panos** – ou seria mesmo às claras? – venda, troca, escambo de passagens aéreas. Disso, os jornais de ontem, hoje e amanhã estão cheios. (*E a poeira?*, BLOG DO NOBLAT, 24/04/09)

(B.F.61) O "mensalão do DEM" **veio à tona** com a Operação Caixa de Pandora, da Polícia Federal, há dez dias. (*Arruda lança operação-abafa para controlar CPI*, BLOG DO NOBLAT, 07/12/09)

(B.F.62) Depois de um ano **mergulhado** em escândalos, com o ápice na revelação dos atos secretos, o Senado não tirou do papel suas promessas de mudanças. A reforma administrativa prometida pelo presidente José Sarney (PMDB-AP) fracassou. (*Sarney empurra reforma do Senado para 2010*, BLOG DO NOBLAT, 14/12/09)

(B.F.63) Por que os podres do Senado estão **emergindo**? Porque a mais recente eleição para presidente do Senado deixou sequelas e começou a provocar vazamento de informações capazes de causar embaraços a uns e outros. (*O direito à informação*, BLOG DO NOBLAT, 23/06/09)

ANEXO B – *Corpus 2*: Textos de charge

METÁFORA: CORRUPÇÃO É SUJEIRA

(C.S.T1)



BESSINHA, CHARGE ON LINE, 27/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T2)

MAU CHEIRO

JUNIÃO



JUNIÃO, DIÁRIO DO POVO (SP), 19/09/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T3)



JUNIÃO, DIÁRIO DO POVO, 01/08/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T4)

SPONHOLZ, CHARGE ONLINE, 18/04/09. Disponível em: < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T5)

SON SALVADOR, CHARGES DO SON, 14/07/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>.

(C.S.T6)

SPONHOLZ, CHARGE ONLINE, 18/04/09. Disponível em: < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T7)

SUPLENTE "FICHA-SUJA" ASSUME VAGA DE SENADOR CASSADO

SINFRÔNIO, DIÁRIO DO NORDESTE (CE), 07/11/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T8)

JEAN, JEAN BLOG, 11/07/09. Disponível em: <<http://jeangalvao.blogspot.com/>>.

(C.S.T9)

GILMAR, GILMAR ONLINE, 17/04/09. Disponível em: <<http://gilmaronline.blogspot.com/>>.

(C.S.T10)



LUTE, BLOG DO LUTE, 10/12/09. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

(C.S.T11)



SON SALVADOR, CHARGES DO SON, 20/08/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>.

(C.S.T12)

Parlamentar chegando em sua casa, depois de um produtivo dia de trabalho...



RONALDO, CHARGE ONLINE, 23/06/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T13)

BRUNO, VALE PARAIBANO, 29/07/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T14)

SON SALVADOR, CHARGES DO SON, 18/08/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>.

(C.S.T15)

LUTE, BLOG DO LUTE, 21/03/09. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

(C.S.T16)

TACHO, JORNAL NH (RS), 24/03/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

(C.S.T17)

PELICANO, MOVIMENTO DAS ARTES, 15/07/09. Disponível em: <<http://www.movimentodasartes.com.br/pelicano/>>.

(C.S.T18)

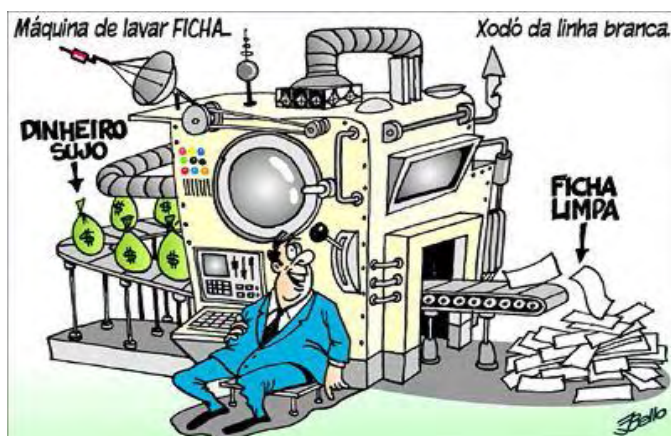
AMARILDO, A GAZETA (ES), 12/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

(C.S.T19)



PIQUE, BLIQUE, 11/02/09. Disponível em: <<http://blique-oblogdoiue.blogspot.com/>>.

(C.S.T20)



BELLO, TRIBUNA DE MINAS, 08/11/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T21)



LUTE, HOJE EM DIA (MG), 01/10/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T22)



DUKE, O TEMPO (MG), 15/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T23)



LILA, JORNAL DA PARAÍBA, 07/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T24)



ALECRIM, CHARGE ONLINE, 30/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T25)



LEANDRO FRANCO, JORNAL OLHO VIVO, 01/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T26)



NANI, NANIUMOR, 08/12/09 Disponível em: < <http://www.nanihumor.com/>>.

(C.S.T27)



SOLDA, O ESTADO DO PARANÁ, 15/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T28)

FLÁVIO, CHARGE ONLINE, 02/08/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.S.T29)

PELICANO, MOVIMENTO DAS ARTES, 17/06/09. Disponível em: <<http://www.movimentodasartes.com.br/pelicano/>>.

(C.S.T30)

DUKE, O TEMPO (MG), 13/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

METÁFORA: CORRUPÇÃO É DOENÇA

(C.D.T1)



DUKE, O TEMPO (MG), 02/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T2)



THIAGO RECCHIA, GAZETA DO POVO (PR), 13/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T3)



ANGELI, FOLHA DE S. PAULO, 05/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T4)



THIAGO RECCHIA, GAZETA DO POVO (PR), 29/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T5)



CLÁUDIO, AGORA S. PAULO, 29/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T6)



LUTE, HOJE EM DIA (MG), 29/04/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T7)

DUKE, SUPER NOTÍCIA (MG), 01/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T8)

PELICANO, BOM DIA (SP), 03/05/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T9)

BRUNO, VALE PARAIBANO, 29/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T10)

RONALDO, JORNAL DO COMMERCIO, 14/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T11)

GRIPE SARNYNAREGI, CORREIO AMAZONENSE, 23/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T12)

NANI, NANIUMOR, 02/12/09. Disponível em: < <http://www.nanihumor.com/>>.

(C.D.T13)

RICO, RICO CARTUM, 07/12/09. Disponível em < <http://ricostudio.blogspot.com/>>.

(C.D.T14)

BRUNO, CHARGES DO BRUNO, 29/06/09. Disponível em < <http://chargesbruno.blogspot.com/>>.

(C.D.T15)

J BOSCO, LÁPIS DE MEMÓRIA, 30/06/09. Disponível em < <http://jboscocartuns.blogspot.com/>>.

(C.D.T16)



SON SALVADOR, CHARGES DO SON , 18/08/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalvador:A>>.

(C.D.T17)



NANI, NANIHUMOR, 16/03/09. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/>>.

(C.D.T18)



NANI, NANIHUMOR, 04/05/09. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/>>.

(C.D.T19)



PELICANO, MOVIMENTO DAS ARTES, 18/06/09. Disponível em: <<http://www.movimentodasartes.com.br/pelicano/>>.

(C.D.T20)



PELICANO, MOVIMENTO DAS ARTES, 06/05/09. Disponível em: <<http://www.movimentodasartes.com.br/pelicano/>>.

(C.D.T21)



FRANK, XARJINCASA, 05/08/09. Disponível em: <<http://www.xarjincasa.com.br/>>.

(C.D.T22)

FRANK, XARJINCASA, 30/04/09. Disponível em: <<http://www.xarjincasa.com.br/>>.

(C.D.T23)

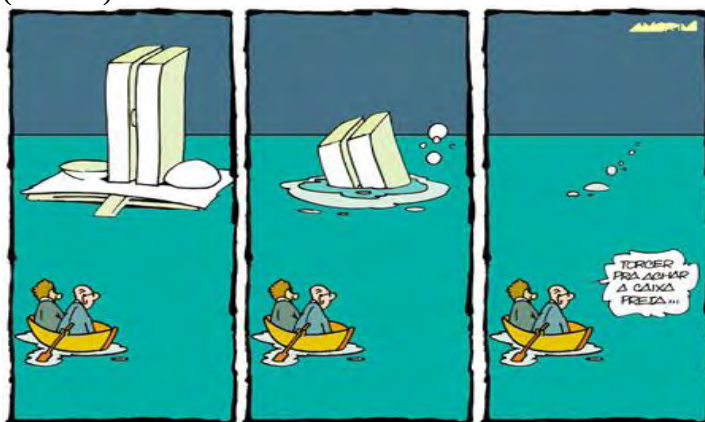
DUKE, O TEMPO (MG), 02/11/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

(C.D.T24)

JACOBSEN, A CHARGE ONLINE, 27/08/09. Disponível em <<http://www.acharge.com.br/>>.

METÁFORA DA FORÇA MORAL

(C.F.T1)



AMORIM, CORREIO DO POVO (RS), 12/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

(C.F.T2)



BESSINHA, CHARGE ONLINE, 26/03/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/> >.

(C.F.T3)



LUTE, BLOG DO LUTE, 10/12/09. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

(C.F.T4)



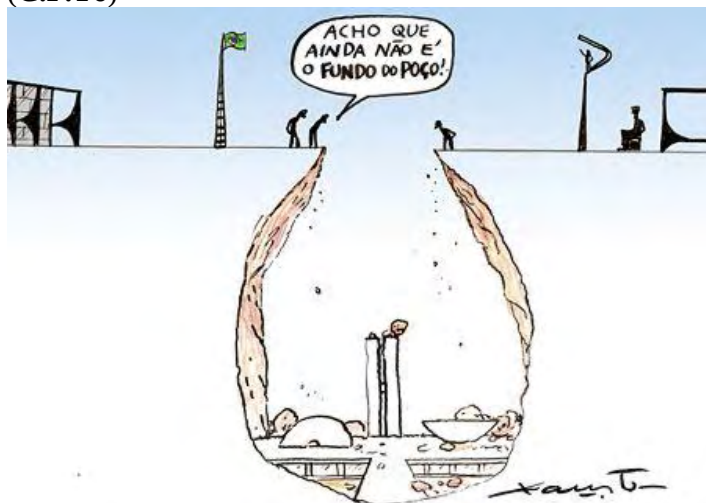
SIMON TAYLOR, CHARGE ONLINE, 14/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T5)



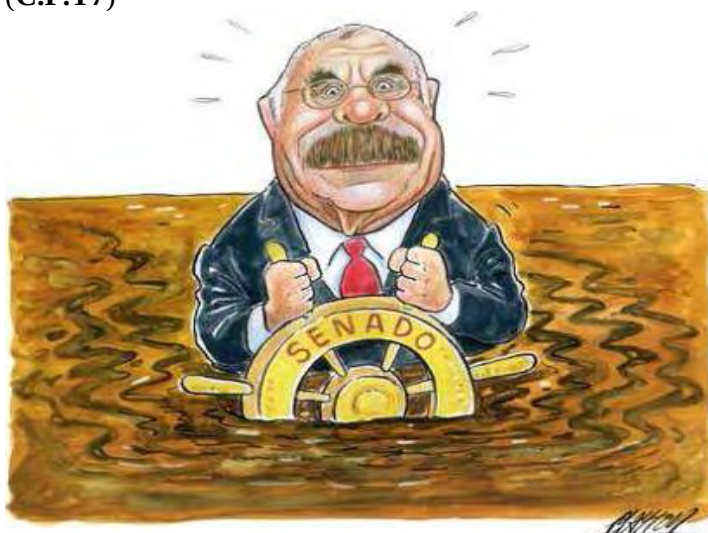
LUTE, HOJE EM DIA (MG), 08/07/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T6)



FAUSTO, JORNAL OLHO VIVO, 25/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T7)



CLAYTON, O POVO (CE), 30/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T8)



PELICANO, BOM DIA (SP), 25/06/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T9)



BIRA, CHARGE ONLINE, 04/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T10)



SAMUCA, DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T11)



SIMON TAYLOR, CHARGE ONLINE, 01/12/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T12)



FRANK, A NOTÍCIA (SC), 28/10/09. Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.

(C.F.T13)



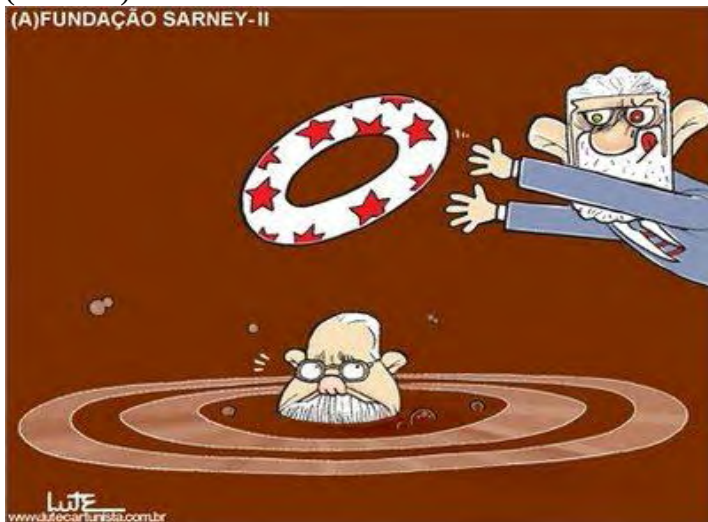
LIQUE, BLIQUE, 14/09/09. Disponível em: <<http://blique-oblogdoiique.blogspot.com/>>.

(C.F.T14)



SON SALVADOR, CHARGES DO SON, 20/08/09. Disponível em: <<http://fotolog.terra.com.br/sonsalsvador:A>>.

(C.F.T15)



LUTE, BLOG DO LUTE, 12/07/09. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

(C.F.T16)



LUTE, BLOG DO LUTE, 03/07/09. Disponível em: <<http://www.blogdolute.blogspot.com/>>.

(C.F.T17)

ESTÃO MESMO PRECISANDO DE UM APERTO...



AROEIRA, O DIA ONLINE, 23/06/09 . Disponível em < <http://www.acharge.com.br/>>.